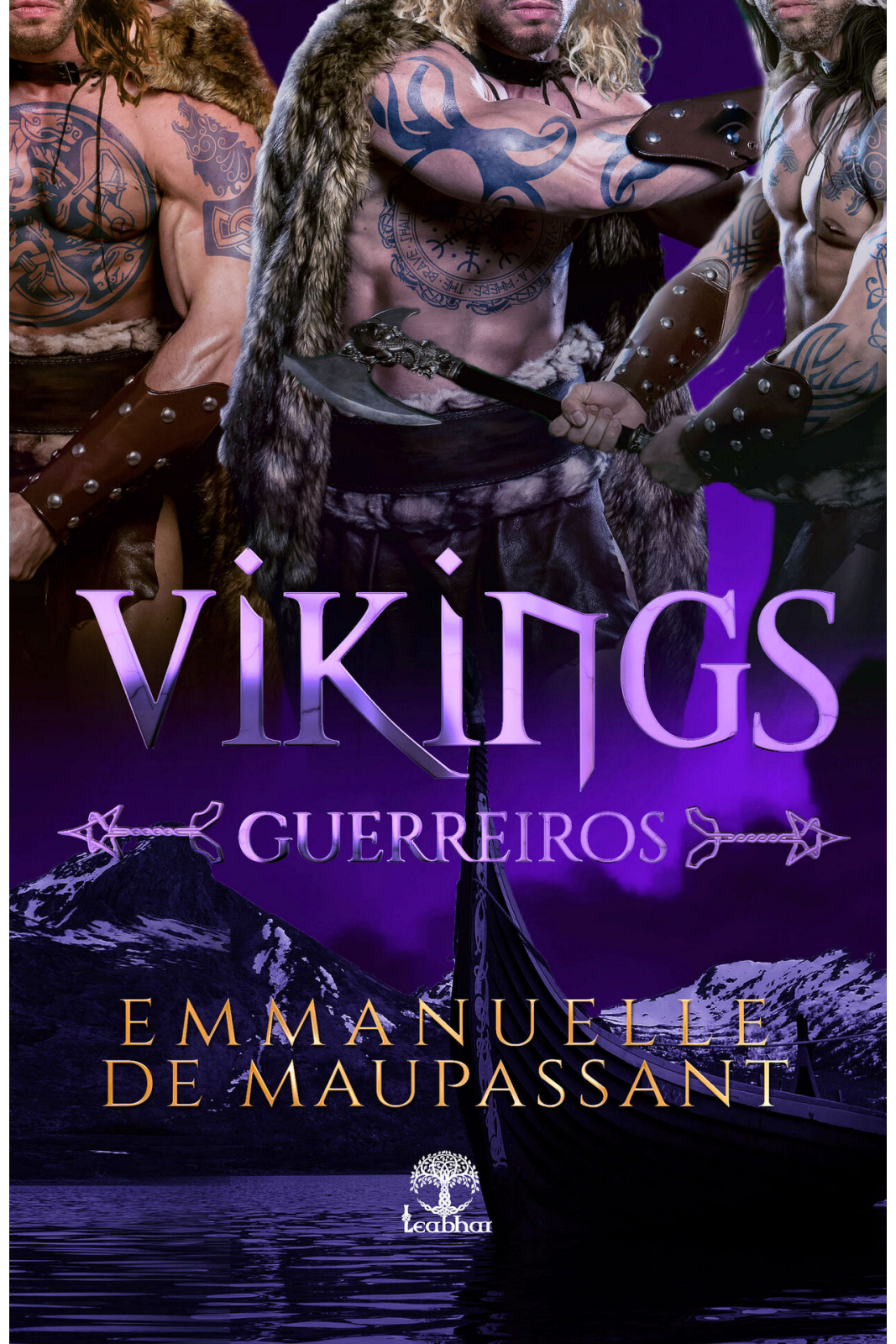


A full-page background image featuring three Vikings in a longship. The central figure is a blonde-haired man with a large blue tattoo of a dragon on his right arm and a circular tattoo on his chest. He wears a fur-trimmed tunic and holds a battle-axe. He is flanked by two other Vikings, one with a blue circular tattoo on his chest and another with a blue dragon tattoo on his arm. They are all wearing leather arm guards. The ship is on a body of water with snow-capped mountains in the background under a purple sky.

VIKINGS

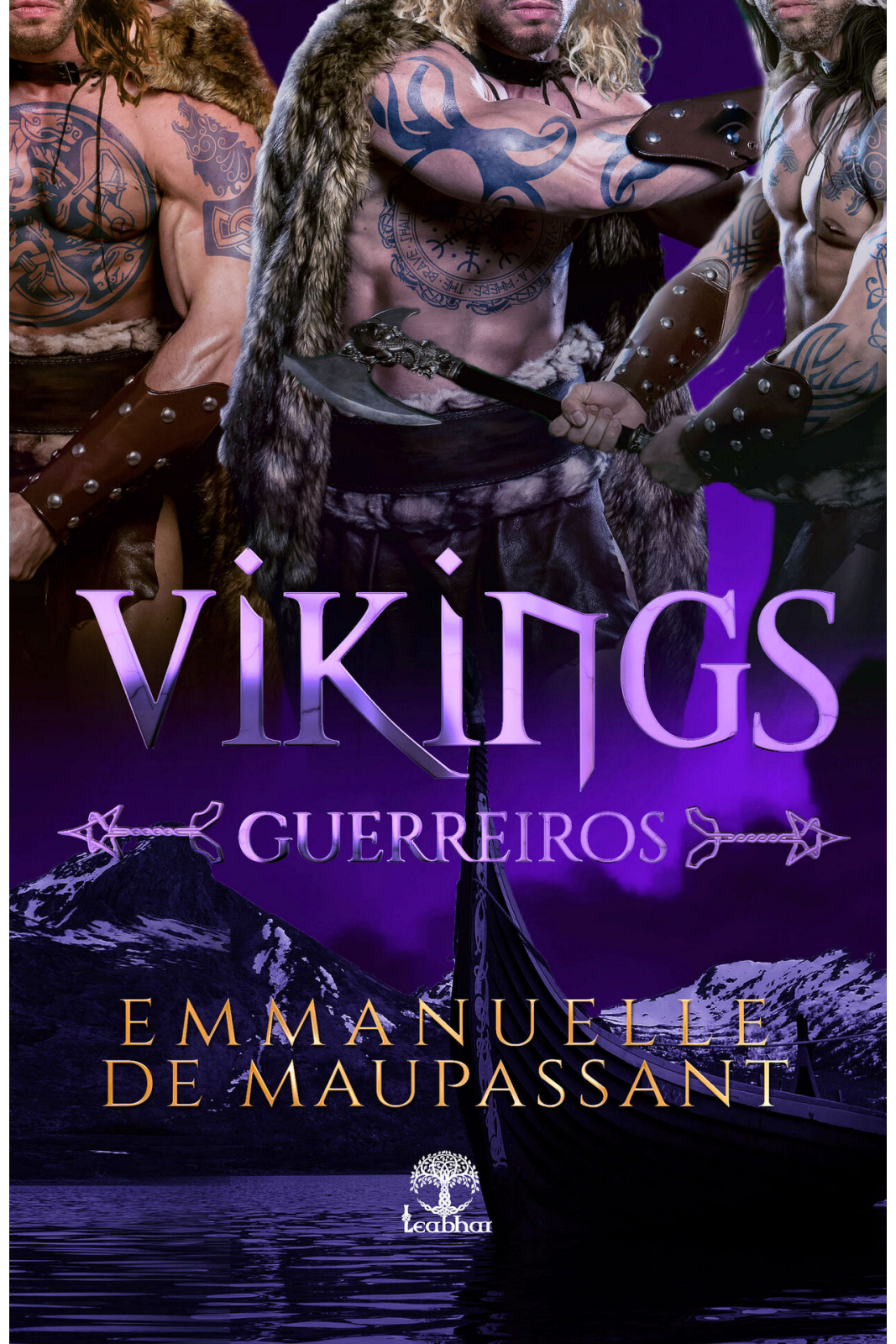
✠ GUERREIROS ✠

EMMANUELLE
DE MAUPASSANT



VISIT...

LANZAROTE
Caliente.COM

A full-page background image featuring three Vikings in a longship. The central figure is a blonde-haired man with a large blue tattoo of a dragon on his right arm and a circular tattoo on his chest. He wears a fur-trimmed tunic and holds a battle-axe. He is flanked by two other Vikings, one with a blue circular tattoo on his chest and another with a blue tribal tattoo on his arm. They are all wearing leather arm guards. The ship is on a dark sea with snow-capped mountains in the background under a purple sky.

VIKINGS

✠ GUERREIROS ✠

EMMANUELLE
DE MAUPASSANT



VISIT...

LANZAROTE
Caliente.COM

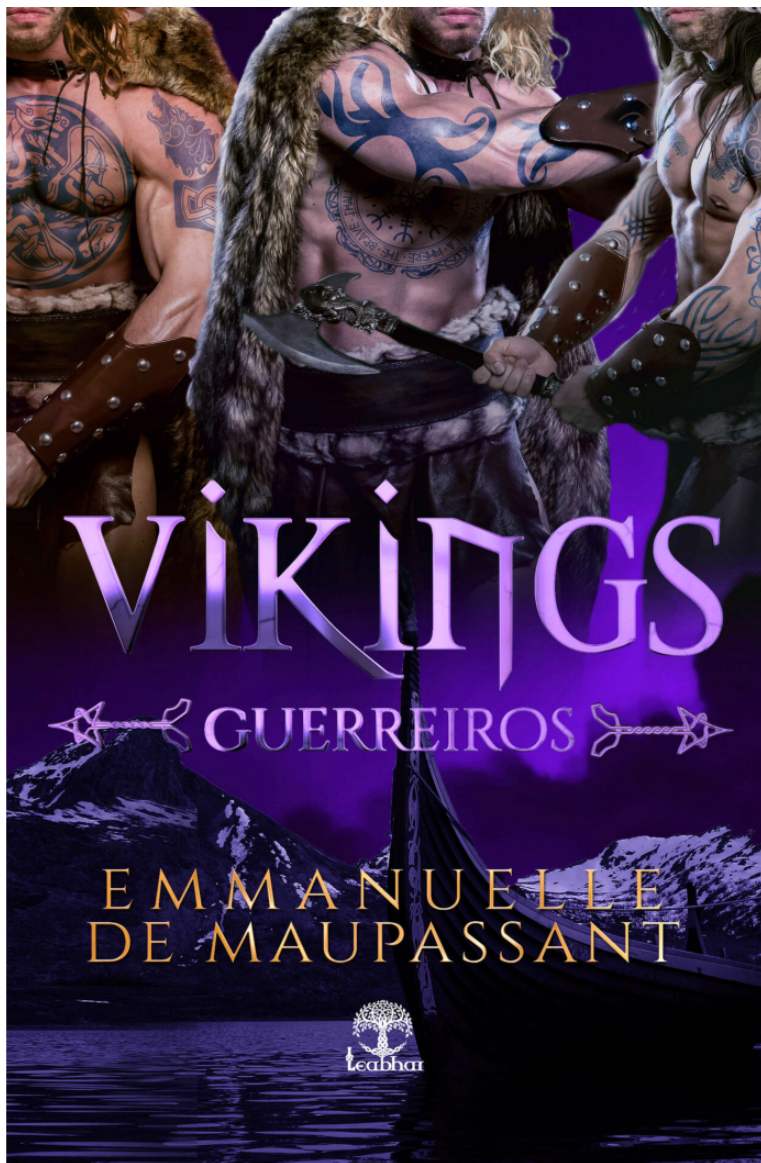


Table of contents

1. [Guerreiros Vikings](#)
2. [Direitos Autorais](#)
3. [Nota da Autora](#)
4. [PERSONAGENS](#)
5. [Viking Trovão](#)
 1. [Glossário](#)
 2. [Prólogo](#)
 3. [Capítulo 1](#)
 4. [Capítulo 2](#)
 5. [Capítulo 3](#)
 6. [Capítulo 4](#)
 7. [Capítulo 5](#)
 8. [Capítulo 6](#)
 9. [Capítulo 7](#)
 10. [Capítulo 8](#)
 11. [Capítulo 9](#)
 12. [Capítulo 10](#)
 13. [Capítulo 11](#)
 14. [Capítulo 12](#)
 15. [Capítulo 13](#)
 16. [Capítulo 14](#)
 17. [Epílogo](#)
6. [Viking Lobo](#)
 1. [Glossário](#)
 2. [Capítulo 1](#)
 3. [Capítulo 2](#)
 4. [Capítulo 3](#)
 5. [Capítulo 4](#)
 6. [Capítulo 5](#)
 7. [Capítulo 6](#)
 8. [Capítulo 7](#)
 9. [Capítulo 8](#)
 10. [Capítulo 9](#)
 11. [Capítulo 10](#)
 12. [Capítulo 11](#)
 13. [Capítulo 12](#)
 14. [Capítulo 13](#)
 15. [Capítulo 14](#)
 16. [Capítulo 15](#)
 17. [Capítulo 16](#)

18. Capítulo 17
19. Capítulo 18
20. Capítulo 19
21. Capítulo 20
22. Capítulo 21
23. Capítulo 22
24. Capítulo 23
25. Capítulo 24
26. Capítulo 25
27. Capítulo 26
28. Capítulo 27
29. Capítulo 28
30. Capítulo 29
31. Capítulo 30
32. Capítulo 31
33. Epílogo
7. Viking Besta
 1. Glossário
 2. Capítulo 1
 3. Capítulo 2
 4. Capítulo 3
 5. Capítulo 4
 6. Capítulo 5
 7. Capítulo 6
 8. Capítulo 7
 9. Capítulo 8
 10. Capítulo 9
 11. Capítulo 10
 12. Capítulo 11
 13. Capítulo 12
 14. Capítulo 13
 15. Capítulo 14
 16. Capítulo 15
 17. Capítulo 16
 18. Capítulo 17
 19. Capítulo 18
 20. Capítulo 19
 21. Capítulo 20
 22. Capítulo 21
 23. Capítulo 22
 24. Epílogo
8. Sobre o autora
9. Informações Leabhar Books®

VIKINGS

GUERREIROS

1ª Edição



EMMANUELLE
DE MAUPASSANT


teabhar
Ribeirão Preto/SP
2021

Direitos Autorais



Título Original: Box Viking Warriors
Copyright© 2017 por Emmanuelle de Maupassant
Copyright da tradução© 2021 Leabhar Books Editora Ltda.

Tradução: Vanessa Thiago Rodrigues
Revisão: R Cappucci
Diagramação: Jaime Silveira

Todos os direitos reservados.
Nenhuma parte deste livro pode ser utilizada ou reproduzida sob quaisquer meios existentes sem autorização por escrito do proprietário dos direitos autorais.

DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO (CIP)

FICHA CATALOGRÁFICA

EM54

Maupassant, Emmanuelle de
Título: Guerreiros Vikings (recurso eletrônico) Leabhar Books
Editora Ltda. 2021 – Ribeirão Preto - SP
Série Guerreiros Vikings
Tradução de: Viking Warriors 2017
Formato: ePub
Veiculação: Digital
ISBN 978-65-88382-39-4

1. Romance Mundo Antigo. 2.Histórico I. Thiago, Vanessa R. II. Título

80754

**CDD 82-32
CDU 134-3**

Todos os direitos reservados, no Brasil e língua portuguesa, por Leabhar Books Editora Ltda.

CP: 5008 CEP: 14026-970 - RP/SP - Brasil

E-mail: leabharbooksbr@gmail.com

www.leabharbooks.com

Nota da Autora

Bem-vindo a minha série de romances “Guerreiros Vikings”

Svolvaen e Skálavik são fictícios, assim como os meus personagens.

Quanto às superstições e rituais citados na série, são baseados em crenças nórdicas verdadeiras, mas tomei liberdades em suas descrições. Vai reconhecer os mitos Nórdicos, mas com muitas omissões e recontados com minhas próprias ênfases.

A vida e hábitos cotidianos são baseados em minha pesquisa, alguns extraídos do site on-line 'Hurstwic'.

Descrevi a casa principal da maneira que acreditamos que teria sido, com bancos largos ao longo de cada parede interna (usada para sentar e dormir).

As fogueiras centrais forneciam calor e um meio de cozinhar, com fumaça saindo por meio de um buraco no telhado.

Embora se acredite que a maioria dessas casas não tenha janelas, as sagas de Brennu-Njáls e Grettis mencionam aberturas semelhantes a isso (sem vidro, mas usando peles que poderiam ser retiradas).

Eu usei esse recurso de maneira mais destacada em Viking Lobo, pois serviu ao meu enredo.

Uma ótima leitura

Emmanuelle

PERSONAGENS

Trazida da Nortúmbria, por Eirik

Elswyth



Residentes em Svolvaen

Eirik (“governante eterno”) - irmão de Gunnolf

Helka - irmã de Eirik e Gunnolf

Guðrún e Sylvi - criados de Gunnolf (escravos que realizam tarefas domésticas)

Astrid - uma mulher da aldeia que faz amizade com Elswyth

Ylva - filha de Astrid

Torhilde - vizinha de Astrid

Bodil - uma ex-amante de Eirik

Anders - o ferreiro

Halbert — o filho do ferreiro

Olaf - amigo de Eirik



Residentes de Svolvaen (falecidos)

Hallgerd - o jarl anterior (tio de Eirik, Helka e Gunnolf)

Wyborn (“urso de guerra”) - pai de Eirik, Helka e Gunnolf Wybornsson

Agnetha - irmã de Hallgerd, casada com Wyborn

Gunnolf (“lobo lutador”) - irmão mais velho de Eirik

Asta - esposa de Gunnolf

Vigrid - o primeiro marido de Helka

Faline - a enteada de Elswyth



Residentes em Bjorgyn

Jarl Ósvífur

Leif Ósvífursson - filho mais velho de Jarl Ósvífur

Freydís Ósvífursdóttir - irmã de Leif



Residentes em Skálavík

Jarl Eldberg (a besta)

Sigríð - irmã do velho Jarl Beornwold

Sweyn, Thoryn, Fiske, Hakon, Ivar, Rangvald (homens de espada de Eldberg)

Ragerta e Thirka - as escravas da casa de Eldberg



Moradores de Skálavík (falecidos)

Bretta - esposa de Eldberg

Beornwold (o pai de Bretta - o antigo jarl)



VÍKING



TROVÃO



1ª Edição



EMMANUELLE
DE MAUPASSANT





Glossário

Fylgja - ser ou espírito de animal que acompanhava as pessoas e que era ligado a seu destino e sua sorte.

Ir 'um-viking' — invadir, saquear

jarl — o líder da comunidade

Jörmungandr — a serpente que circula a Terra e, com um movimento de sua cauda, começará os eventos do *Ragnarok*

Ragnarok — eventos que trarão o final do mundo como é conhecido

skald — um bardo/contador de histórias viajante

thrall — um escravo (frequentemente capturado durante ataques)

Valknut — O símbolo de Odin — três triângulos interligados com poder da vida sobre a morte



Prólogo

Sonhei que o musgo estava úmido sob meus pés e que as árvores brilhavam. Um urso se aproximou rugindo e eu fiquei aterrorizado, esperando o peso da grande pata no meu pescoço.

Em vez disso, uma mão macia e pálida me ergueu. Uma mulher falou o meu nome e seus olhos serviram de espelho para mim. Ela me deu a pele do urso e eu subi sobre ela, sentindo o seu calor sob mim.



Capítulo 1

Junho, 959 DC

Eu me lembrei do que minha avó me contou.

Se eles vierem me buscar, eu os matarei, ou a mim mesma.

Vilas eram queimadas ao longo da costa, homens assassinados, mulheres estupradas e levadas para os navios. Essas histórias viajavam rápido. Porém, há anos os nórdicos não abordavam tão ao sul.

Eles chegaram antes do amanhecer, logo após uma noite de vento e trovão. O galo ainda não havia cantado e a maioria de nós dormia tranquilamente.

Não havia quem lutasse por nós. Mas que tempo havia para pegar machados ou facas? Os que se levantaram primeiro foram massacrados. Tudo acabou antes mesmo de começar.

Meu marido grunhiu e rolou do colchão. O barulho de seu corpo no chão me trouxe de volta dos meus sonhos com a floresta. Meu sangue sabia, antes mesmo de escutar qualquer choro de medo, que aqueles monstros invasores estavam sobre nós, os homens que estavam de guarda tinham sido mortos.

Nosso valente líder tentou se esconder embaixo da cama. Eles o puxaram de lá, assim como a mim de debaixo dos cobertores, para me deixar ali, descalça e de camisa de dormir.

— Peguem-na! — ele falou, aquele meu marido — Elswyth é jovem e

forte. Vocês verão.

Ele rastejava como um verme.

— Peguem o que quiserem.

Os olhos deles já tinham visto a taça e os broches de pedras que usava para prender meus cabelos e meu manto.

— Qualquer coisa — ele implorou, erguendo o rosto trêmulo.

Eles calaram sua voz com uma espada na garganta. O jato carmesim salpicou a bainha de minha roupa, e seus olhos perderam o foco, a boca aberta como se estivesse surpreso. O seu sangue escorria pelo chão, grosso e pegajoso, tocando os dedos dos meus pés.

Eu não tinha voz para lamentar por ele, e nem por mim mesma.



Capítulo 2

Por que eu não nasci um menino? Suas vidas não são como a das irmãs.

Quando eu era jovem, esperava até minha avó cair no sono e corria para desfrutar das brincadeiras junto com eles. Eu capturava coelhos na floresta e pescava trutas no lago. Eu podia escalar tão alto quanto um garoto. Ou ainda mais. Eu preferia cair e quebrar o pescoço a demonstrar o meu medo. Nós acendíamos fogueiras e contávamos histórias.

O que as mulheres faziam?

Sabe a resposta.

Elas fiavam, teciam, costuravam, ordenhavam cabras, faziam queijos, cuidavam de bebês, cultivavam legumes, cozinhavam.

Eu podia fazer essas coisas. Minha avó via isso. Eu podia fiar e tecer, mas meu coração não estava nessas atividades. Os fios sempre ficavam emaranhados. Eles não queriam seguir o caminho mais fácil.

Mas ela me ensinou outras habilidades: a acender o fogo, não importava o quanto a madeira estivesse úmida; e a encontrar e identificar qualquer planta. Ela fazia medicamentos, minha avó, tinturas para curar o corpo.

Eu nunca fui como as outras moças. Nunca fui convidada a dividir seus segredos.

— Elas são invejosas. — Minha avó dizia, apertando minhas bochechas.

Que estranho que isso fosse verdade, já que eu raramente agradava a mim mesma.



O s meninos podiam nadar no lago. Devia tê-los visto, chutando a luz do Sol enquanto pulavam. Eles desapareciam na água e mergulhavam renascidos, cabelos pingando, olhos brilhando de excitação. Tudo o que sabiam era ir para o próximo salto. Era a mesma coisa todos os dias, seus corpos cantavam pelo prazer de estarem vivos.

Eu queria tirar minha túnica e pular junto com eles, o ar frio em minha pele, a água gelada ainda mais eletrizante.

Eu desejava fazer o mesmo. O que importava se eu não tivesse um pênis? Eu sempre achei que eram umas coisinhas tão pequena. Embora eles fossem orgulhosos o bastante dos deles: suas lanças, arados ou furadores de pudim. Muitos nomes para aquilo que descansava entre suas pernas.

Quanto a mim, não tinha nome. *Seu lugar secreto*, minha avó dizia. O que tinha dentro? Nada que eu pudesse ver. Era como uma outra boca, rosa e macia, com sulcos e lisa, como o interior de minhas bochechas, e capaz de segurar meus dedos. Eu deixava minha mão ali, quando eu me deitava em meu catre. Isso me dava algum conforto, embora eu não entendesse para qual propósito servia.

Até meu corpo começar a mudar e eu sentir uma fisgada dentro de mim. Quando toquei entre minhas pernas, meus dedos surgiram sangrentos.

— É uma mulher agora. — Minha avó estava tão satisfeita como eu nunca havia visto antes. Talvez agora ela tivesse esperança de que eu deixasse minhas brincadeiras com os meninos na floresta e voltasse minha atenção aos assuntos femininos.



E u vi uma vez dois meninos, peito com peito, quadril com quadril, pernas entrelaçadas. Eles pensavam que estavam ocultos, mas eu estava olhando, oculta pelos galhos de uma árvore.

Eu os olhava.

As mãos estavam em seus membros, como se não tivessem apenas um, mas dois, aproveitando as carícias.

Eu me toquei e desejei que eu também tivesse uma lança. Como era fácil de olhar, de esfregar em outro corpo e ter prazer.



Minha avó me contou que meu pai morreu quando os nórdicos vieram. Eles o abriram como fazemos com os porcos, ela disse. Monstros. Estriparam um homem e deixaram suas entranhas fumegando.

Ela se escondeu embaixo da cama com minha mãe, mas não era esse o primeiro lugar que olhavam?

Eles riram quando as encontraram. Fizeram que minha avó servisse um caldo e quando terminaram cada um pegou um turno com minha mãe.

Ela não chorou, minha avó disse. Ela ergueu as saias e se submeteu. Corajosa, alguns poderiam falar. Isso a manteve viva.

Eu nasci quando as neves de janeiro caíam, e não poderia saber qual dos nórdicos seria meu pai. Mas o que isso importava? Eu era meio-monstro. Meio-assassina. Meio-alguma coisa que não pertencia àquele lugar. Porque tinha aquela cor de cabelo e aqueles olhos azuis pálidos. Essas coisas tornam uma pessoa bonita ou feia? Eu cortaria fácil o dourado da minha cabeça.

Quando eu era pequena demais para me lembrar dela, minha mãe teve uma febre e morreu. Minha avó é forte. Foi sua mão que me criou. Sua mão e o olhar atento de minha tia; ela era casada com o chefe de nossa tribo e teve uma filha, Faline, tão escura quanto eu era clara. Eu era velha o suficiente quando minha tia morreu, para que os olhos do viúvo passassem por mim e cobiçassem o que havia sob meu vestido. Homens não podem esconder sua fome, assim como lobos ou ursos.

— Aceite-o como seu marido, — pediu minha avó — você ficará a salvo e terá tudo o que desejar.

Eu aceitei o seu conselho. Ele me pediu que usasse roupas elegantes, para ser admirada. Meu marido era velho o suficiente para ser meu pai, e tinha algo naquilo que me atiçava a curiosidade. Ele devia saber muito mais do que eu. O que eu aprenderia na cama?

Meus dias de escalar árvores e caçar coelhos acabaram, mas havia novas habilidades para aprender, não é? Novos prazeres?

Em nossa primeira noite, eu ri quando vi seu pênis enrugado, minúsculo descansando sobre sua barriga. Ele não me chamou de esposa quando me empurrou. Eu era a prostituta provocadora, a boceta fedorenta. Ele enrolou

meus longos cabelos em seu pulso. Uma vez ele tinha admirado o dourado daqueles cachos, chamando-os de fios de girassol. Ele os puxou enquanto jorrava dentro de mim.

Eu não disse nada, e entendi, finalmente, por que minha mãe não tinha chorado.



Capítulo 3

Eu jurei que os mataria, ou a mim mesma, mas não tive chance. O que pode fazer foi suportar, e esperar viver mais um dia. Eu conhecia aquele olhar, de quando tiraram minha roupa.

O primeiro tinha molhado suas mãos no sangue fresco de meu marido, espalhando-o, vermelho, sobre minha barriga e seios. Eles riram ao ver isso. Ele passou sua língua por minha pele, saboreando morte e vida. Isso o excitou, o seu pau não precisou de ajuda para encontrar o caminho.

Eu deitei na cama enquanto eles se revezavam. Que bem teria me feito lutar? Melhor erguer minhas pernas e deixar o caminho fácil para seus prazeres. Aquilo não era mais do que fazia um carneiro ao cobrir as ovelhas, ou um touro o montar numa vaca. Já tinha deitado o suficiente com um homem para saber levá-lo, mas eles eram três.

Eu era nada para eles, e eles, nada para mim. Foram mais vigorosos do que meu marido, com estocadas fortes, rápidas. Eles eram jovens e fortes, claro. Fora isso, vi pouca diferença no ato sexual. Eu era apenas uma bacia para sua espada, um buraco para se esfregarem e conseguirem o seu prazer.

Pensei em minha mãe enquanto estávamos na cama.

Se eles fossem mais velhos, aqueles nórdicos, eu poderia pensar que um deles fosse o meu pai. O destino não fazia essas piadas? Mandar o meu próprio pai para me estuprar seria uma dessas brincadeiras. Eram essas as divagações que passavam em minha mente enquanto eles continuavam com seus atos.

Quando o último derramou sua semente, os outros bateram em suas costas, o cumprimentando.

Foi então que ela entrou. Não um nórdico, mas uma mulher, falando tão diretamente quanto uma mãe com seus filhos levados. Eles ficaram um pouco mais retos, aqueles homens, e ao seu comando, saíram.

Ela se aproximou e estendeu a mão para tocar minha bochecha. Seu rosto era mais velho que o meu, mas era como me olhar em um lago, para o meu próprio reflexo. Seu cabelo, seus olhos, o formato de seu nariz e alguma coisa em seus lábios. Eu via outra parte de mim mesma, outra eu, nascida em outra pele.

E então ela falou, e embora suas palavras fossem estranhas, eu entendi.

— Eu sou Helka, — ela me disse — Eu vou te ajudar agora, e você me ajudará.



Capítulo 4

O que eu posso dizer sobre aquele dia, quando tudo em mim chorava, por maridos, irmãos e filhos mortos? Toda família, ao que parecia, tinha perdido alguém querido. Derramei minhas próprias lágrimas, assumindo a aparência de uma viúva em luto, embora meus soluços não fossem por meu marido.

Eu não o amava. Ele era menos que um porco ou um bode para mim: indigno de ser chamado de homem, muito menos de chefe de nossa aldeia.

Minhas lágrimas eram mais para os meninos com quem passei a minha infância. Alguns sofreram ferimentos, outros foram enviados para a próxima vida: Daegal, Nerian e Algar.

E quantas mulheres foram dobradas sobre suas mesas ou presas a sua cama, enquanto aqueles convidados indesejáveis se colocavam à vontade? Elas pediram que suas crianças escondessem seu rosto, ou se virassem para o muro, para que não vissem?

Antes que os nórdicos chegassem minha avó tinha ficado de cama, com dor em suas pernas, e graças ao Senhor, eles a deixaram lá. Foi uma benção, ela permaneceu ignorante de muito do que aconteceu.

Os estranhos partiriam com certeza, assim que tivessem o que precisavam. Não tinham razão para ficar.

— Nós queremos ir. — Helka virou seus olhos tão meus para mim — Estávamos no mar quando a tempestade chegou. Os outros barcos tentaram continuar, mas o vento nos jogou aqui e rasgou nossas velas. Nossos remos também, alguns estão quebrados.

Se nós os ajudássemos, eles partiriam.

Eu era a viúva do chefe. O que eu poderia fazer além de pedir que consertassem aqueles navios? Fazer com que eles se apressassem e mandá-los seguir seu caminho. Eles eram fortes demais para lutarmos.

Os nórdicos, depois de se assegurarem que nenhum homem ou mulher, estaria inclinado a qualquer coisa que não se submeter, comeram, dormiram e pilharam tudo o que tivesse valor. Eu os achei brutais, seu linguajar áspero em meu ouvido.

Os cabelos da maioria eram longos, trançados como os de uma mulher, mas os seus corpos eram de homens, altos, largos e fortes. Não temia perfurar você com os olhos.

Eu me peguei olhando, os músculos sob seus casacos e peles, o tamanho de suas mãos. Aquelas mãos que tinham deslizado sob minhas nádegas para me segurar nas estocadas de luxúria.

Havia um, mais alto do que os outros, quase um gigante, com uma longa cicatriz na bochecha, usando as pinturas verdes e azuis na pele de seus braços e pescoço. Eirik, eu escutei quando o chamaram. Ele pegou o filho do ferreiro pelo pescoço e o sacudiu como a uma boneca. Parou só quando Helka discutiu com ele.

Ele riu, mas parou de atormentar o pobre Grindan.

Assim como os outros, ele a respeitava.

Seriam eles casados? Eu pensei. Esse seria um relacionamento como nenhum que eu tivesse visto.



Capítulo 5

—V

enha, Elswyth — disse Helka.

Nossas mulheres estenderam as velas do barco e começaram a preparar tripas de ovelhas para repará-las. Os nórdicos fariam seus próprios remos.

— Nos levará para sua floresta? — ela pediu. — Mostre-me onde encontrar a madeira mais dura.

Eles precisavam de carvalho, que era mais forte, e eu os conduzi, a Helka e dez de seus homens do Norte. Eu conhecia os segredos da floresta melhor do que a maioria.

Levei-os pela campina, enquanto os olhos das mulheres da aldeia estavam nas minhas costas. Elas tinham inveja de mim, sem dúvida, por ser a esposa do chefe. Sempre pensei em me destacar, tendo satisfação em me fazer diferente. Agora, suspeitavam de mim. Eu era muito prestativa, apaziguadora demais; os nórdicos eram nossos inimigos, afinal.

— Como você fala nossa língua? — perguntei assim que entramos na primeira sombra das árvores. Minha curiosidade era grande demais para manter silêncio.

— Nosso pai veio aqui, muitos anos atrás, quando Eirik e eu éramos pequenos. Ele levou escravos, que viviam conosco.

Ela falava em escravidão tão facilmente. Era como se fizesse uma

observação sobre a gordura de uma porca, ou o amadurecimento da cevada.

— Eirik e eu ríamos de suas palavras estranhas. Nós queríamos aprender. Era um jogo. Quando conversávamos em segredo, sem querer que nossa mãe soubesse o que falávamos, usávamos essas outras palavras.

— Então ele é seu irmão, o Eirik? — eu perguntei. — E não o seu marido?

— Ha! — ela riu daquilo, me batendo com tanta força nas costas que eu quase cai pela pancada.

— Como se eu fosse me casar com ele! Ele me leva a loucura o tempo todo.

Nós andamos em silêncio por um momento, eu os guiando para evitar os lugares onde os espinhos eram mais grossos. Era cedo demais para frutas. Só os espinhos eram abundantes.

Quando ela falou novamente, a voz era baixa.

— Eu era casada, meu marido está em Valhala agora. Casarei novamente, quando meu corpo e mente desejarem.

Ela parou de andar, tocou o meu braço e então disse: — Eu sinto muito, por seu marido, por sua morte. Eu entendo um pouco sobre o que deve estar sentindo.

Minha réplica saiu de minha boca antes que eu pudesse segurar. Todo o ressentimento que eu sentia sobre ele.

— Eu não sinto. Eu temia a cama dele. Ele não era um homem. Era como os vermes do celeiro. Eu estou feliz que esteja morto.

Cuspi as palavras, eu as vomitei como se fossem veneno. O suor formigou em minha testa. Eu mantive esse ódio dentro de mim por tempo demais.

Olhei nervosamente, como se esperasse que os nórdicos se voltassem contra mim com raiva. Que tipo de esposa era eu, para falar assim de meu marido?

O primeiro apoiou a mão no machado. Claro, ele pensou que minha fúria se dirigia à Helka.

Ela balançou a cabeça para ele, e colocou sua mão em meu ombro, como se quisesse me acalmar.

— Temos muitas qualidades de animais dentro de nós. Ser humano é ser animal, o que quer que isso signifique. Astuto como raposa, corajoso como uma águia ou confiável como um touro, cada homem tem seu espírito animal. Nossa *fylgja* acompanha-nos pela vida, é aquela parte de nós que é mais animal do que humana.

Esse era um pensamento que nunca havia me ocorrido. Nosso povo seguia a fé cristã, como os monges haviam ensinado. Eles diziam que estávamos acima dos animais, feitos à imagem de Deus. Era algo que eu tentava acreditar, mas não conseguia deixar de me sentir próxima aos animais dos campos, florestas e lagos, mais próxima a eles do que de qualquer homem que eu tenha conhecido.

— Quando um bebê nasce, seu espírito animal vem encontrá-lo, acompanhá-lo. Minha mãe me disse que, no dia do meu nascimento, uma coruja entrou no quarto voando e posou no pé da cama. Ela não deixava que ninguém a tirasse de lá. Ficou uma hora e depois voou para longe.

Uma história estranha, mas havia algo de coruja nela, de verdade. Eu me perguntei se havia uma coruja em algum lugar das árvores, nos observando naquele momento.

Helka pegou uma pedra e uma folha no chão.

— Até isso tem conhecimento e vida, porque os deuses estão nelas. Freya está no solo e nas árvores, assim como Thor está no trovão. Sabemos que Odin e seus irmãos moldaram o mundo, mas ele é remodelado todos os dias por nós. Todos desempenhamos nosso papel.

Isso é só uma pedra, eu pensei, é só uma folha. Eu sou uma cristã. Lembrei a mim mesma, acredito em um Deus único, que fez o mundo, o sol, a lua e as estrelas, e que vê a escuridão em seu coração, assim como o bem. Ou pelo menos, era o que eu tinha escutado.

— A árvore percebe o mundo como eu? Não sei, mas ela e eu compartilhamos esse mundo — disse Helka. — Talvez possamos não conhecer a nós mesmos, mas podemos imaginar como os outros seres nos veem, não apenas os homens, mas os animais, o solo, o mar e as montanhas.

Helka me falou mais, enquanto andávamos, sobre como seus deuses criaram o mundo. Como eles continuavam a viver como parte disso, desde o menor grão de areia ou uma gota de água. Ela me falou também de trolls e anões, gigantes de gelo e gigantes da tempestade, serpentes do mar e feiticeiros.

Minha avó tinha me entretido com contos sobre elfos e dragões quando eu era pequena, sobre o sacrifício dos velhos deuses e dos velhos costumes, da mesma forma que avó deles lhes contara. Mas eram apenas histórias. Eu sabia que não existiam gigantes na floresta, ou qualquer outra criatura mágica. Nem acreditava em mágica, ou que oferecer sangue humano faria crescer plantações melhores. Acredito, basicamente, somente no que os meus olhos podem ver.

De qualquer forma, como Helka era uma contadora de histórias, quase me arrependi quando finalmente chegamos a um lugar onde a tempestade

derrubara alguns galhos de carvalho.

Enquanto eles escolhiam os melhores em tamanho e circunferência para podermos voltar, me inclinei e colhi um Chapéu da Morte que crescia em uma casca podre.

Ninguém viu.



Capítulo 6

Os nórdicos tinham apetite, e não apenas por comida. Havia muita coisa por ali para colocarem os olhos, para seus estômagos e pênis. Eles nos faziam cozinhar para eles, e servir banquetes no salão principal. Os homens que sobreviveram eram mantidos em celeiros, vigiados, e as mulheres mais velhas eram enviadas para dormir em casa. Eram as mais jovens que eles queriam, para servir sua cerveja e garantir uma noite de diversão.

Alguns deles passaram a tarde esculpindo os novos remos, contando piadas uns para os outros enquanto trabalhavam. Isso parecia incongruente, todas aquelas risadas, considerando os eventos que deram início ao dia. Enquanto eu estava na floresta, acenderam uma fogueira e empilharam os cadáveres nela. Era verão, então não podiam ser deixados ali, e os nórdicos não tinham tempo, ou respeito, para qualquer ritual fúnebre.

Com as mãos ocupadas em suas tarefas, as crianças espiavam por entre os dedos os homens esculpirem animais da madeira que coletamos. Pequenas mãos se estendiam timidamente para recebê-los.

Eles eram hábeis, esses nórdicos. Era só olhar os seus barcos para entender isso. Eu me perguntei qual desses homens teria esculpido a cabeça de dragão que ficava a frente do barco, com olhos esbugalhados e dentes a mostra.

Helka me aconselhou a ficar em meu quarto. O corpo de meu marido havia sido removido, o seu sangue limpo de uma forma desajeitada. Eu esfreguei o resto com trapos, enquanto ouvia o rugido no salão, os gritos das mulheres conforme os nórdicos colocavam suas mãos sobre elas. Sua luxúria

foi acentuada pela cerveja e seu sangue aquecido sem qualquer razão. Uma mesa não era apenas para comer, mas também para foder, e para isso servia qualquer mulher ao alcance de um braço.

O pensamento era aterrorizante, embora essas imagens em minha mente mexeram comigo. Fiquei vermelha de vergonha, embora estivesse sozinha, sem ninguém que me condenasse.

Tateei o cogumelo em meu bolso. Como seria fácil colocar no cozido servido aos nórdicos. Um Chapéu da Morte tinha veneno suficiente para matar dez homens, para incapacitar todos.

Porém não fiz isso. Mantive aquilo escondido. O que eu estava pensando? Me arrependia agora.

A noite já havia começado a algum tempo quando ele veio atrás de mim, o nórdico Eirik, cambaleando por minha porta, com um ar embriagado.

Quando ele me segurou pelo braço, eu mordi o seu pulso, mas ele me jogou facilmente por cima do ombro, como se eu fosse um faisão, ou uma lebre.

Olhar para ele me encheu de ódio, mas de algo mais também. Uma fisgada estranha passava por meu corpo e acelerava o meu pulso; medo e emoção em igual medida.

— Junte-se a nós — declarou ele. — Beba conosco.

Não foi para a cama que ele me carregou, mas para o salão, parando no caminho para se aliviar, urinando na lama. Ele cantava enquanto a urina respingava, alguma canção de seu povo. Seu ombro se moveu desajeitadamente sob meu estômago e eu desejei que ele se apressasse, então ele poderia me deixar descer dali, apesar de estar cautelosa sobre o que poderia acontecer.

Houve gritos de cumprimento quando entramos, e Eirik desfilou comigo, ainda pendurada em seu ombro. Helka, em pé, ruborizou e me deu um sorriso de desculpas, e ele me colocou na cadeira que ela tinha ocupado. Aparentemente até a influência dela tinha seu limite. Sussurrou algo no ouvido do irmão e ele assentiu, antes que ela saísse. Lá se ia a amizade dela, se era isso que começávamos a partilhar. Ela era tão ruim quanto qualquer um deles.

Eirik me deu sua taça e gesticulou para que eu bebesse. Eu deveria jogar isso na cara dele, mas estava sedenta. Ele me olhou enquanto eu virava o conteúdo do copo, segurando a minha trança de cabelos dourados, acariciando o seu comprimento com aprovação.

Desatou o tecido que prendia sua extremidade e desenrolou os fios, deixando minha cabeleira livre.

— Levante — pediu Eirik — dance para nós.

Ele gesticulou, empurrando embaixo de meu cotovelo, mas me recusei a me mover. Eu não era uma boba da corte para entretê-los. Impaciente, ele me levantou pela cintura e me sentou onde antes repousava um prato. Eu lhe dei um tapa, um bom golpe na cara que deveria ter doído. Seus homens riram ainda mais ao ver isso, e ainda que estivesse com medo, fiquei emocionada com a minha própria coragem. O que quer que acontecesse, eu não ia simplesmente deitar e abrir minhas pernas dessa vez.

Seu olhar ficou duro por um momento, mas logo voltou a ser indulgente e divertido.

Ele mandou que a taça fosse reabastecida e a ergueu em um brinde, falando em sua própria língua, para o restante do salão. As palavras não tinham significado para mim, mas eram claramente a meu respeito, e sua declaração fez se erguer um coro poderoso e muitas batidas com os pés.

Com os olhos brilhando, ele se aproximou de onde eu estava sentada, na beira da mesa. Quando ele começou a abrir as calças, ergui o meu joelho, dando um belo golpe em suas partes sensíveis. Com isso houve mais aplausos, mas, dessa vez, eu sabia que eram para mim. Pulei da mesa e peguei a taça de Eirik, erguendo-a para que fosse reabastecida, reivindicando a minha própria vitória. Se eu me mostrasse uma pessoa destemida, não mereceria seu respeito?

Foi Faline quem se aproximou, minha própria prima, a única filha do meu recém falecido marido. Eu não a via desde aquela manhã e tinha notado que ela, entre todas as mulheres, era a mais calma. Ela não tinha lágrimas por seu pai e eu me perguntei se os rumores eram verdadeiros, sobre ele a visitar, antes que o meu corpo se tornasse dele. Eu ouvi minha tia e minha avó sussurrando sobre isso, há muito tempo.

O corpete de Faline estava desatado, seus seios meio expostos por cima dele, o tecido de sua camisa rasgado. Eu podia adivinhar como suas horas anteriores tinham sido gastas. Seus olhos estavam tão selvagens quanto seus cabelos, escuros e perigosos. Ela encheu minha taça e depois largou a jarra.

Subiu, com os pés descalços, sobre a mesa comprida do centro do salão e começou a balançar os quadris, o tempo todo encarando Eirik, que havia se recostado na cadeira, o rosto vermelho de irritação.

Faline nunca havia se casado. Ela foi prometida a alguém importante, de uma das aldeias de guarnição sob o comando de seu pai. Inconvenientemente, seu prometido teve uma queda fatal do cavalo uma semana antes do casamento. Seu pai, meu marido, foi obrigado a voltar ao planejamento, mas nenhum pretendente rico ou influente o suficiente foi encontrado para o acordo.

Ainda assim, Faline se movia como uma mulher familiarizada com o leito conjugal. Ela levantava a saia conforme dançava, aproximando-se cada vez mais de Eirik, até chegar a menos de um braço de onde estávamos sentados.

Ela se abaixou, dobrando os joelhos e sentando-se sobre as ancas, as saias jogadas para o lado para se expor. Seus pelos grossos e ondulados, e sua boceta vermelha, aberta e molhada. Ela a abriu com os dedos, convidando-a a olhar e ver a mancha salgada dos homens que já haviam entrado nela.

Eu nunca tinha visto o que havia dentro de outra mulher, nem mesmo no parto. Eram as mulheres mais velhas que ajudavam com esse tipo de coisas, não eu.

A expressão de Eirik dizia tudo. Que homem não teria caído no feitiço dela?

Ele se levantou, deixando as calças caírem no chão, exibindo o seu pênis, totalmente ereto, com a ponta brilhante. Combinava com o tamanho dele, gigante em estatura e com uma lança entre as pernas. Sem dúvida, ele estava orgulhoso disso, pois se empinou ainda mais, o que provocou mais uma onda de alegria entre os homens ao nosso redor. Houve muitas pancadas na mesa, e as serviçais foram chamadas a completar as taças, que estavam novamente secas.

Eirik liberou a mesa a sua frente e convidou Faline a se aproximar, com uma mão já em seu membro, se acariciando.

Recuei, empurrando minha cadeira para o mais longe que pude, horrorizada com a ousadia dela. Quando ela se inclinou, olhou diretamente para mim e eu percebi que era um olhar de triunfo. Era como se eu fosse sua rival e ela tivesse conquistado uma vitória sobre mim.

Eu sempre soube de sua antipatia, do seu ciúme pela atenção que eu recebia. Quando criança ela costumava se juntar a nós, na floresta, querendo compartilhar de nossa liberdade. Ela não era bem vinda. Era a filha do chefe e ninguém queria incorrer em sua ira. Sempre a mandavam de volta, para cuidar da roca e do tear.

Agora ela estava livre, ou talvez pensasse assim. Livre para receber a atenção que eu rejeitei.

Enquanto Eirik a segurava pela cintura, envolveu-o com suas pernas. Ele a puxou para frente, de modo que suas nádegas ficassem na beirada da mesa.

Mais uma vez me peguei olhando para onde deveria ter afastado o meu olhar. Eu assisti quando o nórdico empurrou o seu pênis avermelhado nela, com um movimento rápido. Ela gritou de dor, pensei, sacudida por aquele membro. Então, ele tirou lentamente e eu não consegui manter meus olhos

naquilo, aquela coisa roxa, cheia de veias e pegajosa que emergia do meio das pernas de Faline.

Ele mergulhou de novo e passou os braços mais apertados a seu redor, segurando-a com força pela virilha. Ela gritou e gemeu ao recebê-lo, mas qualquer desconforto que sentia parecia estar temperado pelo próprio prazer.

Quando ela arqueou as costas, seus seios foram libertados em toda sua plenitude do confinamento de seu corpete. Eirik soltou um uivo de lobo e sorriu para a sala, como se estivesse se apresentando para aqueles homens que os observavam. Ele mergulhou mais forte, e quando deu o impulso os seios dela tremeram perto dele. Ele baixou sua boca até sua carne, abrindo-se ao redor do mamilo, levantando-o primeiro entre os lábios e depois com os dentes, puxando-os enquanto fazia três movimentos bem rápidos, um após o outro.

Faline gritou mais uma vez, seus cabelos caindo em volta dela, sua garganta exposta.

Eirik riu, o som veio do fundo de seu peito, e fechou os lábios mais uma vez em seu mamilo, esfregando sua barba áspera na pele que eu sabia ser macia.

Faline pegou sua cabeça em suas mãos e o segurou ali, como um bebê sugando o seu peito, seus dedos enfiados em seus cabelos compridos.

Sua pélvis, inclinada para cima, se chocou contra a dele, como se ela estivesse atormentada e apenas com ele a fodendo, naquele ato animal, observado por todos os nórdicos presentes, se acalmaria.

Eirik examinou a sala, fazendo contato visual com os homens a seu redor, e então começou a levar a sério, suas nádegas se contraindo e relaxando enquanto ele travava uma guerra entre as pernas de Faline.

Os gritos eram ensurdecedores quando ele começou a acelerar, mais rápido agora, com a respiração presa. Ele a segurou, ele a empalou, deixando-a sentir toda a força de seu pênis.

Seus gritos se tornaram um lamento agudo, pontuado por suspiros, como o de uma criatura presa em uma armadilha, mas sem vontade de escapar. As mãos dela apertavam os seus braços musculosos, para se firmar.

Eirik deu um rugido em seu impulso final, e teve em troca um grito de Faline, que caiu para trás, flácida, sobre a mesa, quando ele a soltou.

Ele jogou a cabeça para trás e deu outro rugido, quando deslizou para fora dela. No chão havia um machado, que ele pegou e ergueu sobre a cabeça, soltando um grito de guerra que tomou o lugar, com os homens gritando com ele enquanto ele balançava a arma no ar.

Foi só então que ele se virou para mim, como se tivesse se esquecido

que eu estava lá. Senti horror, pensando se ele me atacaria com a lâmina em um movimento rápido sobre minha cabeça, por diversão ou algum tipo de fúria. Eu não conseguia ler a expressão de seu rosto. Era um desejo demente, como se a loucura tivesse tomado conta dele.

Olhar para mim deve tê-lo divertido, pois ele jogou a cabeça para trás, soltou um uivo de lobo novamente e riu.

Faline ainda estava sobre a mesa, ofegante pelo esforço e exaustão. Um oceano a havia inundado, e ela não tinha mais condições de combatê-lo do que uma pedra erguida contra as ondas da maré.



Capítulo 7

Eirik pegou sua taça e bebeu todo o conteúdo, limpando a boca com a manga de sua camisa.

Seu pênis tinha diminuído um pouco de tamanho, mas continuava em um estado de excitação, apontado para mim. Ele o agarrou pela base, onde os cabelos dourados se encontravam com aquele cabo, e o puxou duas vezes, em encorajamento.

Olhou para mim e o salão ficou mais silencioso. Sem olhar, eu sabia que todos estavam prestando atenção em nós, em mim.

— Na sua boca.

O sotaque de Eirik era rascante, com as vogais mais longas do que as de Helka, mas não tinha como não entender o significado.

Ele se aproximou, a ponta do pau quase descansando em meus lábios. Eu estava enojada, e ao mesmo tempo havia calor entre minhas pernas com o simples pensamento dele em mim, na minha boca, em minha boceta.

Ele se inclinou para frente, cutucando o meu lábio inferior, mas não se moveu mais, esperando. Abri minha boca um pouco, tirei minha língua para provar a umidade que ali estava.

Foi todo o incentivo que ele precisou. Fechei os olhos quando a cabeça lisa e molhada entrou. Ele se movia para frente e para trás, gentilmente, como se testasse qual era meu limite.

Eu me preparei, esperando que sua mão puxasse minha cabeça e seu

pênis entrasse com força em minha garganta. O que lhe importaria se eu engasgasse, se eu não conseguisse respirar?

Mas ele não o fez.

Ele soltou outro longo e ressoante uivo, como um lobo adorando a Lua que brilhava no céu, e se retirou.

Quando abri os olhos, vi que ele estava vestindo as calças.

Ele me pegou com uma mão e Faline com a outra, e nos levou pela multidão que zombava, aplaudia e se divertia. Seus homens, estimulados com o desempenho de Eirik, começaram novamente a atacar, agarrando as moças que serviam pelos quadris, levantando as saias, dobrando-as para receber o que estava vindo indo para elas.

Tentei puxar minha mão, mas seu aperto era forte. *Eu não sou sua rameira, pensei, não estou aqui para o seu prazer.*

A cada passo, meu coração batia mais rápido.



Capítulo 8

Quando saímos do salão, a lua estava alta, iluminando as nuvens escuras. Ouvimos um inconfundível trovão se aproximando, ainda à distância, e pequenos raios de luz.

De uma das cabanas vinha o lamento de um bebê. Sua mãe, eu supunha, estava servindo aos nórdicos. Os braços de outra pessoa confortariam o pequeno: os de uma mulher velha demais para despertar a luxúria daqueles homens.

Meu quarto estava como sempre, a cama confortável coberta por peles, mais algumas espalhadas pelo chão. Eirik fechou a porta atrás de nós e a trancou.

As brasas do fogo tinham diminuído sua intensidade. Inclinei-me para atiçá-las, soprando suavemente, mexendo com galhos e palha.

Minhas mãos tremiam enquanto eu trabalhava, sabendo o que certamente me esperava. Eu sabia que deveria desejar que tudo acabasse logo, que deveria pensar só em suportar, mas uma chama ardia dentro de mim tão quente quanto aquela que crescia na lareira.

Embora pudéssemos ouvir a folia dos nórdicos, aquele quarto parecia silencioso, exceto pelo estalar do fogo.

Ficamos em pé, Faline e eu, e ele nos olhou, sombrio. Então ele começou a tirar a roupa, primeiro o gibão de peles, o colete de couro, a camisa.

Eu vi o poder de seu corpo. Sua cabeça quase tocava o teto, seus ombros

tinham o dobro do tamanho da maioria dos homens. Seu abdômen era duro, musculoso. O mais impressionante de tudo era que a parte superior de seu corpo era repleta de padrões azuis-esverdeados escuros, entrelaçados, cobrindo inteiramente os braços, como se ele usasse uma camisa na pele. Os desenhos se estendiam pela parte superior do peito e continuavam até o pescoço.

Nunca vi uma coisa dessas, um homem desses.

Ele sorriu quando me viu olhar, o seu pau dando um pequeno impulso. Quando ele riu, não foi como antes, para pedir a aprovação da multidão, mas para sua própria diversão.

Faline não perdeu tempo. Com um movimento de cabeça, se despiu e subiu em minha cama, puxando as peles macias para o pescoço. Havia malícia e travessura em seu olhar.

Lá fora, o trovão soou mais próximo, e quando Eirik falou, era como se sua voz fosse uma continuação daquela ressonância.

— Aqui.

Fui atraída para ele, pela força de seu corpo e o poder que ele emanava.

Uma vez próxima o suficiente, seus dedos puxaram os laços de minha roupa, hábeis, apesar do tamanho. Uma a uma as peças caíram ou foram puxadas por minha cabeça.

Estremeci em minha nudez, sentindo o toque de seus olhos sobre mim, vagando por meu corpo e a proximidade do corpo dele.

Meu marido era um amante superficial, interessado apenas na própria satisfação e em não me fazer bater a cabeça enquanto entrava em mim. Além disso, seu desempenho era rápido, acabava logo que começava.

Minha avó dizia que eu tinha que ser paciente. O amor crescia com o tempo e, com ele, o prazer, mas isso não aconteceu.

Eu amava um cachorro que pegamos desde filhote, e as ovelhas das quais cuidara numa primavera, quando foram abandonadas pela mãe. Eu sentia mais por aqueles animais do que por qualquer homem.

Eu ouvia as meninas conversando sobre os garotos de quem mais gostavam, da urgência de seus beijos, de seu próprio desejo em corresponder. Não senti nada parecido com um homem, ou, com certeza, não por meu marido.

Quanto a esse nórdico, sua arrogância era insuportável. Mesmo assim, eu queimava por ele.

Ajoelhou-se, pressionando a boca primeiro em um seio e depois no outro, prendendo não apenas o mamilo, mas todo o orbe com sua boca. Sua

língua quente trabalhava com os dentes para puxar e provocar, enviando espasmos para a minha boceta. Suas mãos agarraram minhas nádegas e senti mais uma onda de desejo. Seus guerreiros tinham estuprado, roubado, e mesmo assim eu só podia pensar na minha necessidade de senti-lo dentro de mim.

E então ele me ergueu em seus braços para me levar até a cama, afastando minhas pernas. Seu pênis apontava para cima, suas bolas grandes, pesadas. Os músculos do meu sexo se contraíram em antecipação.

Eu nem me lembrei de Faline, mas agora sentia suas mãos em meus ombros, me puxando mais para cima. Eu lutei, indignada, mas ela me prendeu pela parte superior do braço, colocando o seu peso sobre mim.

Aa pernas de Faline estavam abertas atrás de minha cabeça, de modo que eu sentia o cheiro azedo dela.

Ela trocou um olhar com Eirik, de conhecimento, de encorajamento. Gostasse ou não, ela era a terceira em minha cama e aceitava o seu papel.

Eu esperava que Eirik metesse em mim, que começasse o que diabos ele queria. Eu conhecia o ato sexual bem o suficiente. Em vez disso, ele levou a sua boca ansiosa em direção ao meu quadril.

Eu nunca senti a língua de um homem dentro de mim. Eu tentei me afastar, mas ele me segurou forte. Sua risada zumbiu contra o meu sexo, e então ele passou a língua por todo o comprimento da fenda, encontrando o botão que eu pressionava quando me deitava, no silêncio da noite.

Suspirei com desejo, envolvendo sua cabeça com minhas pernas, puxando-o mais para baixo, mais próximo. Sua língua me deu mais prazer do que o membro do meu marido já havia feito.

Que coisa estranha para um homem fazer, pensei. Que prazer deve ter nisso para ele?

Deve ter algum prazer, pois sua boca me devorava com a voracidade que um lobo devora um ganso, com penas e tudo. E eu, a gansa, estava muito disposta a ser devorada.

Quando ele ergueu o rosto vi algo mais sombrio: o desejo de saciar sua luxúria.

Mantendo os meus quadris levantados no ar, ele alinhou o seu pau com a minha umidade, segurando firme sob minhas nádegas. Senti o primeiro empurrão de sua cabeça inchada e então ele entrou, suave e fácil como uma faca na manteiga fresca.

Olhei para cima e vi Faline observando Eirik, olhando as longas investidas, cada uma delas me arrancando um gemido em resposta, daquela nova voz que estava crescendo dentro de mim, atijada pelo corpo desse

homem.

Ela olhou para meu rosto e sua expressão parecia ao mesmo tempo divertida e cheia de desprezo, encantada por me ver reduzida, tomada, contrariada, mas ressentida por eu sentir prazer com aquilo, pensei.

Um relâmpago estalou diretamente acima de nós, tão brilhante que iluminou a área ao redor da porta. O estrondo profundo e ressoante dos trovões encheu a sala.

— Thor está nos observando — suspirou Eirik. Bateu seu martelo no céu para que todos ouvissem.

Ele enterrou o pau em mim mais uma vez.

— Ouça Thor! Ele aprova nossa união.

Eu me abri para ele, sua cintura me esticando docemente enquanto deslizava profundamente. Seus impulsos me tomavam, ele se movia e atingia todos os pontos, pressionando onde eu mais precisava. Seu abdômen era flexionado a cada golpe e ele estava quase urrando, enviando seu pau a um impulso final de uma pulsante vitória, me enchendo com sua semente.

Minha voz começou a se erguer quando eu me aproximei de um lugar de dor e prazeres abrasadores. Não pude me afastar do calor que vinha de seus ossos, irradiando por minha pele. E então, eu não estava mais na sala, mas sim fora de meu corpo, vendo uma luz branca.

Jogando a cabeça para trás, Eirik deu um uivo triplo de lobo e começou a rir.

Deitei-me ofegante, zonha, o mundo renascia.



Capítulo 9

Eu dormi bem, levantei muito cedo para urinar e beber água. Voltando à cama, olhei para eles, Eirik e Faline, com um braço cobrindo o rosto e os cabelos escuros caídos sobre o peito. Em repouso ela parecia mais jovem, o rosto sem a carranca habitual. Ambos dormiam tão pacificamente, como se nossas paixões tivessem sido apenas um sonho.

Descansei quando Faline cobrou sua vez, persuadindo Eirik a voltar à rigidez com a boca e com as mãos. Ela o cavalgou em pleno abandono. Os gemidos dele a estimularam, até que ela estava quase gritando de alegria e apertando suas nádegas sobre ele. Eu conseguia ler os ritmos de suas convulsões.

Já tinha visto muitas facetas dela, da fúria ao desprezo, ciúmes e irritação, mas esse lado dela, sua natureza sexual, não me era familiar. Gostaria de saber se minha própria expressão de êxtase fora igual.

Eirik ficou quieto entre nós, de frente para mim, com Faline enrolado em suas costas. Fiquei emocionada ao tocar o seu peito e os músculos tensos de seu abdômen. Eu acariciei o cabelo de sua virilha e preendi minha mão sobre a base de seu pênis, sentindo-o crescer novamente em minha mão, tão grosso que meus dedos mal conseguiam envolvê-lo.

Eu movi minha perna pela dele, abrindo-me novamente, tão escorregadia com o seu sêmen e o meu desejo, tocando a cabeça do pênis com meus grandes lábios. Eu aliviei minha agonia naquele comprimento, reivindicando meu próprio prazer. Meu corpo despertou para o conhecimento do desejo sexual, da realização.

Sua mão encontrou o meu peito, colocando-o em sua boca, chupando enquanto eu movia os quadris. Cada mordida suave e passada de sua língua faziam com que eu o apertasse mais dentro de mim, com a passagem estreita que o envolvia.

Eu lutei para controlar minha respiração e ouvi a mesma irregularidade na dele.

Enquanto isso, Faline me olhou por cima do ombro de Eirik, com os olhos brilhando sombriamente. As mãos dela pareciam trabalhar nas nádegas dele, amassando, acariciando. Eu achei que ela colocou os dedos entre elas quando ele se moveu dentro de mim. Ela mordeu o lábio ao ouvi-lo ofegar, e empurrou o dedo com mais força.

Estava frio para ficar sem roupa, o fogo já tinha se extinguido há muito tempo. Voltei para calor de nossos corpos, o cheiro forte de sexo sob as peles.

Minha mão se estendeu para tocar o corpo de Eirik mais uma vez.



Capítulo 10

Quando acordei, era Helka que estava em pé, me olhando. Faline e Eirik tinham sumido. Eu estava sozinha na cama.

Ela tocou o meu ombro e sua testa franziu de preocupação. — Sem dor?

Eu não tive, mesmo nos primeiros dias de casamento com meu marido, em um único dia, um volume tão grande de sexo. Havia uma sensação maçante entre minhas pernas, mas era mais desconforto que dor. Quando os três nórdicos me atacaram, tentei relaxar o corpo. Eu aprendi isso muito bem durante o meu casamento. Resistir, ter medo da dor, provavelmente a causaria.

Pensei em Eirik, em sua boca, seu pênis. Eu não sabia que poderia apreciar o ato, assim como um homem. Eu não tinha ilusões de amor. Foi o corpo de Eirik que me deu prazer, nada mais. Sem dúvida, ele teve muitas mulheres e estaria entre as pernas de outra pessoa hoje à noite.

Helka sentou-se a meu lado. — Eu disse a ele para não a machucar.

Eu lembrei dela sussurrando em seu ouvido. Seu sorriso de desculpas. Dei de ombros e desviei o olhar. Eu estava brava com ela

— E quanto as outras mulheres? Vá e fale com elas.

Ela suspirou. — Homens são homens. Eles gostam desse esporte. Eu não posso mudá-los.

Percebi então que ela tinha levado uma tina e que o fogo estava aceso.

— A água está quente. — Ela disse.



Meu corpo deu as boas-vindas ao calor. Eu encostei, deixando a água cobrir meus ombros. Helka sentou-se em um tapete, tentando me envolver em uma conversa.

Apesar de sua gentileza, eu não sentia mais que podia confiar nela. Qualquer que fosse o prazer que eu tivera com seu irmão, não vi nenhuma ação por parte dela para detê-lo. O comportamento de seus homens não era melhor do que o de animais, e ela não os impedia.

— Quantas vilas mais vocês saquearam? — perguntei — e quantos vocês mataram? Quantas mulheres foram tomadas contra sua vontade? Vocês nos colocarão nos barcos quando se forem para que sejamos seus escravos?

Eu sabia que os nórdicos pegariam o que quisessem quando suas velas fossem consertadas.

Helka baixou os olhos sem dar respostas.

— Eu não quero ir com vocês — eu disse, sentando e cuspidando as palavras. — Não quero ser escrava de ninguém.

Helka olhou para cima.

— E se você pertencer a Eirik? — ela perguntou.

Eu a encarei.

— Pertencer a ele não é pouca coisa — continuou ela. — Ele é... — Ela procurou a palavra certa — Ele é respeitado. Um guerreiro. Ele pode derrotar qualquer homem. Com ele você teria uma posição. Nunca seria apenas escrava. Seria sua companheira na cama, mas mais que isso. Você teria suas crianças.

— E quantas companheiras de cama ele tem? — eu respondi, ríspida — Estou surpresa que haja espaço para outra. Todos os homens são iguais? O sangue de meu marido mancha o chão de nosso quarto, eu não consigo derramar lágrimas por ele, e mesmo assim ele nunca trouxe outra mulher para nosso leito matrimonial enquanto ele ainda estava com o calor de meu corpo.

— Não é da natureza dos homens amar apenas uma. — disse Helka — Você sabe disso, tenho certeza... nós mulheres somos obrigadas a sermos firmes, a menos que nossos maridos nos permitam agir de outra maneira.

Seu rosto era impassível, o meu queimava com vergonha e ressentimento.

— Homens são bestas. Tudo o que conhecem é violência e foda. — Eu

deixei minha cabeça cair nos joelhos. Se Eirik entrasse agora, me levantasse da água para a cama e se metesse entre minhas pernas, eu protestaria? Ou o envolveria em meus braços e o puxaria para entrar em mim, ansiosa por me perder em seu calor novamente?

Esses homens, esses nórdicos, eram assassinos, estupradores, escravagistas. Eles pegavam o que queriam. Quantos filhos tiveram pelo caminho? Eu odiava que aquele sangue corresse em minhas veias, que meu verdadeiro pai tenha sido como os homens que mataram meu marido, como os três que me forçaram a suportar os seus pênis.

Eu olhei para Helka, para aquele rosto que era o meu próprio espelho. — Você vê o meu cabelo? Você vê meus olhos?

Ela assentiu. — Eu soube desde o primeiro momento que a vi. Eirik vê que você é uma de nós. Você nos pertence.

A amargura me tomou. — Eu não quero pertencer a ninguém, nem mesmo ao poderoso Eirik!

Minha cabeça estava quente com a fúria quando comecei a soluçar. — Nasci da violência, de um homem que tomara minha mãe à força, a estuprava, enquanto outros assassinavam o homem que eu deveria ter chamado de 'pai'. Eu devo me vingar por ambos, matando a cada um de vocês.

— Viver no passado não a ajudará. — A voz de Helka era calma, me confortando como se faz com uma criança birrenta.

Ela pegou um pano, torcendo a água em meus ombros.

— Como posso esquecer o passado? Há muitos erros nele.

— Você não irá nessa direção — insistiu Helka — Melhor olhar para o que tem a sua frente, onde os seus pés ainda têm a chance de pisar.

Eu funguei, enxugando os olhos no meu braço.

— Eirik vai se cansar de mim. — Eu conhecia o suficiente dos homens. — Ele me quer porque sou uma curiosidade. Ele não me ama. O que eu sou para ele? Outra mulher para ele foder.

Helka estava tentando encontrar as palavras que precisava. — Julgamos pelo que vemos, mas há mais coisas no mundo. Não podemos conhecer os segredos do coração. — Seu rosto se tornou mais sério. — Você tem mais do que sangue Viking; tem alma Viking. É daí que sua coragem vem.

Estreitei meus olhos. O que ela sabia sobre eu ser corajosa ou não?

— Eu a vi ontem à noite, no salão. — Helka falou suavemente. — Eu estava nas sombras, mas vi. Eu não deixaria nenhum mal acontecer a você.

Eu molhei o pano, vendo a água escorrer. — Eu não sei o que sou, não sou lebre, nem coelho.

Helka deu um breve sorriso.

— E não sei a que lugar pertença. Não aqui, possivelmente, nunca pertenci.

— Você se sente inquieta — indicou Helka.

— Sim. Às vezes sinto como se estivesse tão cheia de caos e desejo por algo que não posso nomear, que explodirei.

Helka se inclinou para frente — É isso que é ser humano. Nosso grito vem antes de nosso discurso, e ainda está dentro de nós. — Ela colocou a mão na minha, parando minha inquietação com o pano. — Deixe-me contar uma das nossas histórias. No centro de todas as coisas há uma árvore chamada Yggdrasil. Ela contém tudo o que conhecemos, e muito do que ainda não, em seus ramos. Ela extrai a água de um poço. Dentro dela moram três mulheres sábias. Elas esculpem na árvore a nossa... — ela fez uma pausa, procurando a palavra.

— Nosso destino? — eu sugeri — O que acontecerá amanhã e no dia seguinte?

— Sim, nossos destinos.

Eu balancei a cabeça. — Se isso fosse verdade, não teríamos poder para controlar nossas vidas. Eu não acredito nisso.

Ela desenhou o padrão de uma teia de aranha em minha palma. — A vida é como a tecelagem da aranha. — Ela beliscou os dedos, como se estivesse arrancando um fio da teia. — Se fizermos isso, toda a teia treme. Mude uma coisa e tudo pode mudar. As mulheres esculpem o nosso destino, mas o destino pode ser mudado.

Dei de ombros. — É uma história interessante, mas não é verdade. Eu não acredito na árvore ou nessas três mulheres.

Helka fechou minha mão. — As histórias mostram como pessoas são. Elas nos ajudam a lembrar que todos lutamos e todos desejamos. Nós lutamos pelo que importa para nós.

Eu me afastei dela, submergindo os ombros na água de novo.

— Eu não sei se alguma coisa me importa. — Parecia petulante, eu sabia. — Amo minha avó, mas não sei o que quero, ou pelo que vale a pena lutar.

Helka sorriu. — Leva tempo para saber. Nossos sentimentos mudam rapidamente, como o movimento das nuvens em frente ao Sol. Mas sempre haverá o Sol, o céu. Talvez, na natureza encontre sua resistência.

Isso fez sentido para mim. Eu me sentia melhor quando estava na floresta, ou nadando no lago. Eu queria ser livre, mas também queria saber

quem eu era. Eu ficava mais próxima de descobrir isso quando estava do lado de fora.

Eu também me senti mais segura quando Eirik estava deitado comigo. Fiquei melhor, de verdade. Fui parte dele, sentindo sua força dentro de mim. Era como se eu estivesse respirando com os seus pulmões.

Helka interrompeu minha reflexão. — Estou tomando uma decisão hoje. Nós não levaremos ninguém de sua aldeia, a menos que queiram vir conosco, e não faremos mal a ninguém. Pedimos apenas que vocês continuem a consertar nossas velas. Assim que pudermos, iremos embora.



Mal sai do banho quando a porta se abriu. Eirik entrou e algo ficou preso em minha garganta, embora parecesse que ele viera mais por Helka do que por mim. Ele foi direto para ela, falando rapidamente em sua língua do norte.

Helka assentiu e virou para mim. — Há homens se aproximando a cavalo. Nós lutaremos.

Ela parou na porta, olhando para trás. — Lembre-se do que eu disse.

Eirik me notou então, nua, com a pele arrepiada.

Dois machados pendiam em seu cinto. Um maior ainda estava preso às suas costas.

Eu esperei por seu sorriso, aquele de um jeito preguiçoso. Em vez disso, sua expressão era sombria, intensa.

Em um movimento rápido ele estava sobre mim, me levantando em seus braços. Ele me agarrou por baixo das nádegas e minhas pernas se prenderam em suas costas. Apertando o meu corpo contra sua veste de guerra, ele me beijou, meus mamilos se esfregando no couro cheio de nós. Tomei sua língua com minha boca, desejando devorá-lo, assim como ele me devorava, com força. Senti uma pontada violenta na boceta. Ele encontrou a área úmida entre minhas pernas e enfiou seus dedos nela.

Quando nossos lábios se separaram, eu vi que seus olhos estavam como o céu, repletos de uma tempestade que aguardava para despencar.

Seus homens estavam esperando por ele. Ele tinha que ir. Não havia tempo para a consumação, embora o seu pênis estivesse monstruoso. Meus pés tocaram o chão e descobri que não tinha forças para parar em pé.

Ele falou rapidamente.

— Eu não tenho medo da morte. Se eu morrer, meu machado estará em minhas mãos e eu estarei com Odin. Estarei ao seu lado quando chegar a hora do Ragnarok. Eu espero que esse dia não seja hoje, porque quero voltar para você, e mostrar como é ser amada por um nórdico.



Capítulo 11

A vila estava estranhamente silenciosa quando as pessoas saiam de suas casas, subjugadas, em tristeza e choque. Nós que permanecemos éramos uma visão lamentável. Nossos homens mais fortes foram derrubados. Nosso grupo tinha basicamente mulheres, crianças e idosos. Os olhos das meninas que estiveram no salão na noite anterior mostravam abatimento, estavam pálidas. Algumas mancavam, doloridas entre as pernas, eu supunha.

A mãe de Gridan encontrou um único sapato e o embalou com o que antes fora do marido. Gridan a confortou, a deixou chorar.

Fui primeiro encontrar minha avó, que continuava de cama. A cada vez que eu trazia comida e bebida eu falava pouco, embora ouvisse muito.

Acariciando o meu rosto, eu podia ver a ansiedade ali, para deduzir a causa.

— Estou bem, — eu a tranquilizei. — Não há por que se preocupar.

Ela olhou para mim mais atentamente.

— Há algo de novo em sua expressão, Elswyth. Em seus olhos.

Ofereci caldo em uma colher, mas ela a afastou.

— Há uma suavidade em você. Como se estivesse apaixonada.

Desviei o olhar, sem saber o que dizer. Eu não estava pronta para dizer aquela palavra por um homem com quem passei poucas horas. Um homem em cuja boca adormecida eu poderia ter colocado um pedaço do cogumelo Chapéu da morte. Ele ainda estava em meu bolso.

Sua testa franziu e ela mudou de posição na cama, estremecendo. Suas pernas haviam piorado muito ultimamente.

Apesar do sofrimento, ela sorriu.

— Esse olhar deveria estar aí há muito tempo.

Minhas bochechas coraram um pouco.

— Tenha cuidado — ela insistiu, colocando a mão na minha.

— Essa mudança não é por seu marido, não é?

Eu não tinha contado.

Seu nariz, velho como era, tinha reconhecido o cheiro de carne queimada no dia anterior, mas ela não sabia que nosso chefe, meu marido, estava entre os cadáveres oferecidos ao fogo.

Não havia agora nada além e ossos carbonizados, e pouco mais que isso para fazer distinção entre eles.

— Não, não é por ele — eu disse — mas não se preocupe comigo. Eu vou me cuidar.

Ela estava cansada de falar — Esfregue um pouco de óleo de linhaça nos meus joelhos antes de ir, Elswyth. E coloque algumas gotas de tintura de salgueiro branco em minha língua. Alivia a dor.

Ela se recostou no travesseiro — Eu sei que será cautelosa, mas lembre-se, também existe o tempo para correr riscos.



Capítulo 12

Osom do metal nos alcançou com o vento, os gritos da batalha e os lamentos dos feridos, dos moribundos.

A guarnição, ao que parecia, tinha recebido notícias de um desembarque viking e tinha enviado seus soldados. Nossas próprias crianças, brincando na colina acima da campina, os viram de longe e correram para avisar sobre os homens a cavalo. Havia ironia nisso, aquelas crianças tendo que avisar os guerreiros que mataram seus próprios pais.

As pessoas começaram a lenta retomada à rotina doméstica.

Aproximei-me dos que estavam trabalhando nas velas, pedi que pegassem as agulhas mais uma vez.

— Prostituta! — uma murmurou, cuspiendo em meu vestido.

Elas me deram as costas.

Havia pouco que eu pudesse dizer em minha defesa. Afinal de contas, não recebi Eirik como meu amante? No entanto, no meu coração, eu sabia que não era o meu comportamento recente que trouxera a punição. Elas sempre viram que eu era diferente e quiseram me condenar por isso.

Faline manteve distância, o rosto perturbado, como eu sabia que estava o meu. Pela mesma razão? Eu não poderia dizer. O que eu desejava? A morte dos nórdicos? Seria justiça.

No entanto, não o fiz.

Não poderia desejar mal a Eirik ou a Helka. Ela também, com o escudo

na mão, juntara-se ao grito de guerra, correndo pela grama longa do prado. Eu me perguntava o que as mulheres sábias dentro da árvore de Helka haviam entalhado para seu destino, pelo de seus homens, por Eirik.

Enviei novamente duas das crianças a seu posto de observação na colina, para voltarem com novidades assim que as tivessem.

Fui ver as galinhas, mas havia poucos ovos para coletar, a maioria delas foi capturada e comida.

O vento diminuiu quando o Sol se ergueu, os gritos que vinham até nós ficando mais silenciosos.

Eu procurei em meus sentimentos e não pude negar que todos os meus pensamentos eram para Eirik. Seu beijo permanecia dentro de mim. Me afastei e deitei em minha cama, procurando o cheiro dele.

Não pude evitar. Toquei meus seios, onde sua boca estivera, e depois entre minhas pernas. Se ele viesse a mim agora, eu não resistiria, mesmo que ele me dobrasse na mesa longa do salão e me fodesse diante dos olhos de todos os nórdicos. Eu faria o que ele quisesse. E eu faria isso de bom grado, como uma nova flor, abrindo-se para o Sol.



Capítulo 13

Os gritos das crianças me tiraram de meu devaneio. Os nórdicos tinham retornado, ensanguentados e manchados de lama, com a pele rasgada, os olhos vidrados de dor, apertando suas feridas. Não havia um sem ferimentos.

Eirik não estava entre eles.

Corri de um lado para o outro, repetindo o nome dele, minha voz aumentando com o medo, e então vi Helka, seu rosto cansado.

— Eirik? — perguntei.

— Ainda no campo.

Ouvi meu lamento, como se viesse da garganta de outra pessoa.

— Não, Elswyth — ela disse. — Ele não está no Valhalla.

E então eu o vi, cambaleando sob o peso de dois homens, carregando um em cada ombro. Atrás dele, outros também carregavam àqueles gravemente feridos, ou mortos.

Sua aparência era miserável, o rosto lavado de sangue, um olho vermelho, inchado e já quase se fechando. Ele deitou os homens que carregava com a ternura com a qual uma mãe colocaria um filho em sua cama.

Eu me segurei enquanto ele se inclinava sobre eles, tocando com a mão os seus corações e suas testas. Apesar de suas feridas, os seus rostos estavam em paz. Não havia mais sofrimento para eles.

Outros não tiveram a mesma sorte. Helka pediu ajuda para lavar os

ferimentos e tecido para protegê-los.

Eu queria apenas correr para o lado de Eirik, dizer a ele que estava feliz por ele estar vivo, que sua vida se tornara mais importante que a minha própria, mas também sabia que deveria ajudar Helka. Quaisquer que fossem os defeitos dos nórdicos, eles eram do sangue de Eirik — e do meu próprio.

— Nós devemos aplicar uma pasta de alho antes de envolver as feridas — eu disse a ela. — E espalhe pomada de calêndula e camomila para ajudar na cura.

Ela me puxou em um abraço e assentiu, agradecendo. Ela parecia intocada, a não ser pelo arranhão fundo em sua bochecha. Ela sentiria a dor na manhã seguinte.

Nós ficamos juntas, instruindo as crianças para que fossem buscar erva para lavar as feridas e também para beber. Adicionamos gotas de valeriana em todos os jarros, para dar sonolência aos homens enquanto trabalhávamos. Agulhas que tinham consertado velas foram lavadas em água fervente para que pudéssemos costurar a carne.

Nossas mulheres, mesmo furiosas como estavam, fizeram sua parte. Talvez existisse algo em ver um homem sofrer que tocava o coração de qualquer mulher não importa a circunstância. No rosto daquele homem ferido, elas vissem o rosto de quem amam e o seu instinto em aliviar a dor superava o seu desejo de infringi-la. Nossa natureza mais amável venceu. Nossa força é demonstrada quando não temos outra escolha, a não ser sermos fortes.

Por fim, apliquei mel e óleo de lavanda no rosto de Helka. Isso ajudaria a pele a se curar e evitaria uma cicatriz grande.

Eu não tinha falado com Eirik, nem o via há algumas horas, ou a não ser de relance. Ele se sentava com seus homens, parando em cada um deles, olhando suas feridas, falando em sua própria língua uma palavra para acalmar ou torcer. Eu o encontrei ao lado de um homem para quem eu sabia que não havia esperança. Seu estômago foi rasgado por uma lâmina, largo demais para ser costurado. Nós o atamos com firmeza e demos a ele uma dose forte de valeriana. Quando ele dormiu, não acordou mais. Seus olhos já estavam pesados. Ele logo partiria.

— Venha — eu disse a Eirik.

No meu quarto, preparei um banho para ele, para aliviar sua mente perturbada. Ele perdera quase um terço de seus guerreiros na batalha. Muitos dos que sobraram sofreram ferimentos. Eles lutaram até que os cavaleiros da guarnição fossem poucos para continuar. Alguns tinham galopado, sem dúvida para alertar os demais no forte, acima na costa. Com toda certeza, mais deles chegariam em breve.

Não tinha dúvida. Eirik e seus homens deveriam partir antes do

amanhecer.

Ajudei-o a se despir, de pé em um banquinho para poder tirar sua túnica pesada de couro. Fiquei aliviada ao descobrir que seus ferimentos eram apenas superficiais, embora eu suspeitasse que suas costelas estariam machucadas. Ele segurava as peças de roupa enquanto eu as removia.

Uma mancha escura rodeava o seu pescoço, embora ele tivesse limpado o sangue. Tentei não pensar no homem que ele trouxe.

Olhei de novamente para seu corpo, coberto de padrões, verdes e azuis escuros. Notei que aquelas duas mangas eram formadas por galhos de árvores com alguns nós. Sobre um ombro estava a cabeça de uma cobra, seu corpo estendendo-se pelas costas dele. Ela não parecia nenhuma serpente que eu conhecia. Seu corpo escamado descia em curvas sobre sua coluna, terminando em um desenho de flechas estranhas nas nádegas.

Ele entrou na água, colocou cautelosamente um pé, depois o outro. Eu a aqueci mais do que o normal.

— É Jörmungandr — disse Eirik ao ver o meu interesse na cobra. — Filho do deus Loki, irmão da deusa da morte, Hel, e do lobo Fenrir. Thor está destinado a combater a grande serpente, que se agita no fundo do mar, rodeando o mundo.

— Mas essa serpente está esticada.

— É Jörmungandr no final dos dias, quando solta o rabo da boca e começa o Ragnarök.

Eu não pude deixar de tremer. A solenidade em sua voz, sua crença nessa história, me assustava.

— Até esse dia, não temerei nenhum homem, pois os deuses dentro de mim são fortes. — disse Eirik. — Embora tenha sido um homem que me deu essa surra hoje, e eu não lhe agradeço por isso!

Peguei uma barra de sabão, mergulhei na água e esfreguei entre as mãos para fazer espuma.

Eu pensei então no Valhalla, como ouvi Helka mencionar. Era o nome que usavam para o céu, supus, que era para onde os monges diziam que deveríamos ir se fôssemos bons e honestos e honrássemos os mandamentos de Deus.

— E para onde vamos quando morremos?

— O salão dos caídos. — Ele respondeu. — Onde Odin abriga os guerreiros mortos que demonstraram sua coragem.

Eirik falou devagar, parando para encontrar as palavras corretas. — O teto é dourado, feito de escudos, com lanças como vigas. Seus portões são

guardados por lobos e as águias voam por cima.

Seus olhos brilhavam intensamente enquanto ele falava. Era uma história que imaginei que ele ouvia desde bem pequeno. Eu me perguntava quantos anos ele tinha quando um machado foi colocado em suas mãos para que ele fosse instruído a ser digno para se juntar a Odin.

— Todos os dias eles lutam entre si, e todas as noites os ferimentos são curados e se deleitam, servidos da melhor comida e bebida, direto das mãos das donzelas de Valkyrjur.

— Claro, — interrompi, esfregando a sujeira de suas costas. — Tinha que ter lindas donzelas.

Ele estreitou os olhos antes de decidir aceitar a brincadeira.

— E essas donzelas eram morenas ou loiras?

Eu não pude deixar de perguntar, embora não soubesse se estava pronta para ouvir a resposta dele.

— Ambas, é claro. — Ele respondeu com um sorriso lascivo. — Pois os homens não desejam variedade em todas as coisas? Você não gostaria que eu escolhesse entre javalis e veados? Minha boca deseja todos os sabores de carne.

Eu me recusei a comentar. Não era um jogo ao qual me sentia capaz de encorajar.

Em vez disso, voltei a direção de nossa conversa para algo que era sério.

— Você não deseja morrer? — perguntei.

— Todos nós morreremos. — disse ele. — Até as crianças sabem disso.

Eu assenti.

— Amigos morrem, você deve morrer, e eu também. Apenas nossa reputação permanece. — Continuou Eirik. — Vou fazer homens cantarem depois de minha morte.

Sua mandíbula pareceu endurecer mais com esse pensamento. — Temos um poema que chamamos de *Hávamál*.

— Conte. — Eu pedi. — Quero ouvir.

E eu ouvi.

Como Helka, Eirik falava sobre coisas que eu nunca ouvira. Eu sentia uma estranha emoção em saber que ainda havia muito a aprender sobre o mundo. Eu sabia muito, sobre caça, pesca, plantas e medicamentos, mas havia mais.

— O poema fala: *a riqueza passará, os homens passarão, você também passará. Uma coisa só que nunca vai passar: a fama de quem a mereceu.*

— E o que significa essa? — perguntei, indicando os três chifres interligados em seu braço.

— Esses são de Odin, que faz os homens sem esperança, ou lhes dá força para a batalha.

Eu coloquei minha mão no meio de seu peito, onde havia um círculo estranho de flechas pontiagudas.

Ele ergueu a mão para encontrar a minha e a segurou ali, contra sua pele. Eu podia sentir a batida de seu coração, e o seu calor. Uma falta de ar familiar começou a crescer em mim.

— Esse é Aegishjalmur, o que traz medo aos inimigos.

Sua pele era uma capa viva de crenças, dando-lhe poder. Falava sobre essas coisas que significavam muito para ele, e quando olhou em meus olhos eu pude entender que ele tinha poder sobre mim. Seu corpo irradiava força. Não tinha nada que eu não fizesse por ele.

— Essas marcas nos mostram quem somos e de onde viemos. — disse Eirik. — nossas raízes, nosso passado e nosso presente.

Eu hesitei, jogando água em seus cabelos. Eu tinha vergonha, mas precisava perguntar.

— E o futuro?

Com isso ele soltou uma risada verdadeira e balançou o dedo em minha direção.

— Somente os deuses o conhecem.

Eu me permiti um breve sorriso, enxugando o sangue que restava em seu rosto. Agi com ternura, pressionando o pano nos vincos, enxaguando a barba.

Toquei a velha cicatriz que corria por sua bochecha, da orelha até o queixo.

— Foi há muito tempo — ele murmurou, vendo uma sombra passar por meu rosto.

Ele pegou minha mão e beijou.

Quando olhou para mim novamente, seus olhos mantinham a intensidade que eu conhecia tão bem.

Deixei minha túnica e cinto caírem, me despindo deles e entrando no banho.

Ele guiou minha mão, escorregadia de espuma, até o seu pênis, e quando eu subi em seu colo, minha boceta o encontrou. Ele deslizou dentro de mim como uma enguia que entra em um poço, encontrando o seu verdadeiro

lar, seu lugar seguro.

Tirei seu cabelo do rosto, segurando-o para trás enquanto baixava minha boca em direção a dele, encontrando lábios macios e flexíveis. Ele tinha gosto do mel que as crianças levaram aos nórdicos, colocando com uma colher em suas bocas e fingindo pavor quando aqueles guerreiros veteranos fingiam devorá-las.

Eu balancei sobre ele, meu Eirik, agora subjugado. Meus seios roçavam seu peito enquanto eu subia e descia em seu colo, meus mamilos tensos de desejo. Suas mãos descansaram levemente sobre meus quadris, seus olhos observando o movimento de meu corpo.

Fui eu quem o beijou, eu quem escolheu o ritmo de nossa união. Minha voz se ergueu e soou em suspiros e gemidos, o prazer fluindo através de mim não apenas uma vez, mas seguidamente, em repetidas espirais de prazer que se uniam, uma após a outra, como ondas invadindo e recuando na praia.



Capítulo 14

Os nórdicos não tomaram mais coisas de nós, pedindo apenas comida para sua viagem, e para encher seus recipientes com uma cerveja fraca. Gudmund, Hagen, Ivar, Jerrik, Olaf, Sigurd. Eu sabia o nome deles agora.

Sentei-me com minha avó, segurando a mão dela, sussurrando tudo o que tinha acontecido. Seus olhos se arregalaram, mas ela não me interrompeu.

Como eu poderia deixa-la quando sabia que ela não demoraria muito nesse mundo? Se eu fosse embora, nunca mais a veria. Eu sabia que as mulheres de nossa aldeia cuidariam dela, ela era respeitada de uma forma que eu nunca seria. Meu coração doía, no entanto, ao me despedir, e fiquei envergonhada por renunciar ao meu dever para com ela.

Suas lágrimas vieram, mas ela insistiu que eu encontrasse minha felicidade com suas bênçãos, onde quer que estivesse.

— Você é uma boa moça, Elswyth. Ele terá sorte em tê-la. E Deus a manterá segura, onde quer que vá.

Eu me perguntei se ela estava certa, se Deus me acompanharia, já que eu ia para um povo que nem acreditava nele.

Helka veio me encontrar, procurando saber minha resposta. Reiterei que não seria escrava. Se eu fosse com eles, seria por vontade própria.

— Eu serei sua irmã, você nunca estará sozinha. — Sua promessa me confortou. No entanto, eu fiquei irritada com sua declaração seguinte.

— Só preciso olhar em seus olhos para saber a decisão de seu coração.

Parecia que eu era incapaz de esconder meus sentimentos. Embora eu soubesse que ela estava certa, me incomodou ouvi-la falar como se minha escolha já tivesse sido feita.

— E se eu escolher seguir com a minha vida — respondi — eu cresci aqui. Esse povo é o que conheço, não o seu.

Isso era uma meia verdade. Eu nunca me senti bem ali. Eu sempre procurei por algo a mais.

— Assim como o dia segue a noite e a primavera segue o inverno, nossas vidas mudam de um estado a outro, tirando o que é antigo, o que foi superado — disse Helka.

— E o que você vê quando olha para mim?

— Você é a água. Pode assumir a forma que desejar. Pode ser a chuva, o lago, ou o mar, ou pode ser um cálice com água, se você quiser isso.

Esperei, na escuridão que precede a alvorada, pelos barcos, vendo-os se aprontarem na lua minguante. Fiel a sua palavra, nenhuma mulher foi molestada desde que voltaram da luta e agora nenhum era levada contra vontade. Apenas uma outra se juntou a mim. Faline, se recusando a me dirigir um olhar, seus olhos nos homens que carregavam o navio. Se ela estava lá por Eirik eu não saberia dizer. Talvez outro homem a tivesse agradado. Havia muitos que eram bonitos e fortes, muitos que seriam bons maridos. Faline era uma beldade. Ela encontraria seu caminho.

Eu a observei mergulhar na água antes de ser puxada para o ventre do barco dragão.

O amanhecer estava próximo quando Eirik veio até mim. Meus pés ainda não haviam se comprometido com o resto do corpo. Ele falou com a mesma seriedade que usara ao explicar as marcas de sua pele.

— Meu nome, meu sangue, minha honra, darei a meus filhos e a todos que vierem depois. Assim como eu recebi essas coisas de meu pai e daqueles antes dele.

Ele pegou minhas mãos e eu sabia que ele falava o mais honestamente possível.

— Elswyth, eu já deitei com muitas mulheres, e eu vou deitar com mais, mas eu peço a você para estar em minha cama todas as noites, para me dar o seu corpo e gerar os meus filhos.

Não se podia dizer que sairia dali sem conhecer minha verdadeira posição.

— Só para ter filhos? — perguntei, erguendo o queixo rigidamente.

— Para isso e para o meu prazer.

Suas mãos deslizaram em minha cintura.

— E eu lhe darei um grande prazer em troca.

Ele me reuniu a ele, envolvendo-me. Em seus braços, senti aquele puxão físico, a compulsão que eu era incapaz de ignorar, por seu toque, por seu cheiro.

Ele me carregou para que eu não me molhasse.

Os ventos encheram as velas, e estávamos longe quando o sol apareceu por inteiro no horizonte.

Me perguntei o que estaria à frente, que aventuras. Eu já tinha descoberto tanto.



Epílogo

Navegamos durante o dia, mas naquela noite o vento diminuiu e os homens pegaram os remos. Eu dormi, ouvindo o avançar e puxar da madeira na água.

Sonhei que estava correndo por uma floresta, correndo para escapar de uma força malévola, Eirik ao meu lado. Corremos até as árvores se abrirem e ficamos um ao lado do outro, olhando para o precipício.

Com medo, virei-me para ver um grande lobo, preto, com olhos em chamas.

De repente, eu estava sozinha, e a fera estava em cima de mim, abaixando os dentes, para fechar na minha garganta.

VÍKING



LOBO



1ª Edição



EMMANUELLE
DE MAUPASSANT





Glossário

Ir ‘um-viking’ — invadir, saquear

blót — ritual de sacrifício

dagmal — refeição matutina

draug — os mortos que retornam, inquietos por algum ferimento sofrido em vida

jarl — o líder de uma comunidade

Jörmungandr — a serpente que circula a Terra e, com um movimento de sua cauda, começará os eventos do *Ragnarok*

Jul — o festival de Ano Novo

Lithasblot — o festival da colheita

nattmal — refeição feita no final da tarde, começo da noite

Ostara — o festival da Primavera

Ragnarök — eventos que trazem o final do mundo como nós o conhecemos

skald — um bardo/contador de histórias viajante

thrall — um escravo (frequentemente capturado durante ataques)

Valknut — O símbolo de Odin — três triângulos interligados com poder da vida sobre a morte



Capítulo 1

959 dC

Com o sol de meio do verão mergulhando na última porção do céu, vinte homens pegaram os remos e os puxaram contra a corrente.

Ficamos três dias em mar aberto, viajando para Svoldvaen. Alguns lugares nos bancos de remo estavam agora vazios, pois vários homens de Eirik haviam tombado na luta contra as tropas da guarnição, perto de nossa aldeia. Enquanto o navio batalhava contra ventos fortes e meu estômago se perturbava com a agitação das ondas, eu me perguntava se havia cometido um erro grave ao deixar tudo o que conhecia para me juntar a esses homens do norte. Meus pensamentos se voltaram repetidamente para minha avó doente, deitada na cama, deixada aos cuidados de nossos vizinhos. Minha decisão fora egoísta, carregada de desejo pela aventura e da oportunidade de recomeçar, do meu reconhecimento de parentesco com esses guerreiros; e também por meu desejo por Eirik, que me puxou para a proteção de seu corpo musculoso enquanto o navio enfrentava o vasto mar.

Por fim, avistamos as montanhas do norte. Chegando às águas mais calmas de sua costa, navegando entre ilhas dispersas. Os olhos dos homens percorreram o labirinto de enseadas, procurando pelos seus.

Gaivotas e albatrozes circulavam acima de nós, assim como outras pequenas aves, enquanto seguíamos o canal estreito do *ffjord*, como Eirik o chamava. Passamos por penhascos de ambos os lados, íngremes, cheios de cavernas.

A alegria da tripulação era fácil de perceber e eu participei, pois agora fazia parte deste mundo, embora tudo nele fosse novo para mim.

Os outros navios do grupo de ataque haviam retornado há alguns dias, sobreviventes da tempestade que levava Eirik e seus homens ao litoral da Nortúmbria e à praia rochosa na qual minha antiga vila se aninhava. Seu povo estava vigiando, chifres soando no crepúsculo enquanto nos aproximávamos dos cais de desembarque.

Quantos choques de corpos houve... Camaradagem entre homens, como amigos, dando tapas e se abraçando e recebendo beijos de suas esposas, abraços de mães, filhas e irmãs. Já não pensava naqueles homens como assassinos, mas como meus parentes. Eles derramaram sangue, mas agora eu sabia que meu sangue também era deles. Reconheci parte de sua brutalidade como minha, pois não era como as outras mulheres da vila em que vivi a vida toda. Eu era meio viking: alta e de cabelos dourados, como eram principalmente as mulheres de Svolvaen, e nascida com um espírito mais selvagem.

Em meio à confusão de vozes e ao barulho da multidão, Faline e eu recebemos pouca consideração. Não éramos mais do que posses, apenas do interesse de Eirik; curiosidades, brevemente observadas, depois ignoradas. Qualquer que fosse a acolhida que eu esperasse em meu coração, qualquer que fosse a tolice, eu a pressionei e mordi minha língua contra a decepção. Para ganhar meu lugar, levaria tempo.

A irmã de Eirik, Helka, nos guiou para longe da multidão, procurando alguém que não estava lá: alguém que não se dignara a ser empurrado entre a turba comum, que esperara, em vez disso, que Eirik fosse até ele.

Subimos a ladeira que se erguia do pequeno porto, passando por habitações modestas que pareciam pouco diferentes das de minha própria aldeia. A luz quase se apagava quando nos aproximamos do cume da colina, onde ficava uma casa comprida, bem grande, coberta de relva sobre muros baixos de pedra. Sentinelas guardavam os dois lados da porta, a quem Eirik cumprimentou com as mãos entrelaçadas antes de entrarmos.

O teto abobadado subia mais alto que o da casa que eu, até a pouco tempo, compartilhava com meu marido. As vigas subiam para a escuridão, acima de uma fogueira central, cujas chamas saltavam, lançando os trechos mais distantes do salão na sombra. O ar estava carregado com o cheiro de ensopado, um grande caldeirão pairando sobre o calor da cova, a fumaça ondulando para cima, até um buraco aberto no teto. Ao longo do corredor havia bancos largos, peles de ovelhas grossas sobre eles; com espaço suficiente para os habitantes da casa dormirem e muito mais.

Faline e eu estávamos atrás de Helka, que sussurrou um pouco do que foi dito, traduzindo o suficiente para entendermos. Também fiquei feliz que, durante nossa viagem marítima, Eirik tivesse começado a me ensinar algumas de suas palavras.

— Jarl Gunnolf! — gritou Eirik — E, minha Lady Asta, que se torna mais linda do que nunca. — Ele se curvou para a beleza pálida, sentada ao lado do homem ricamente vestido de preto como corvo. Ela era realmente linda, com um ar de delicado refinamento, os cabelos finos caindo até a cintura, uma capa prateada complementando seu vestido azul claro. Eirik certamente estava se dirigindo ao irmão, chefe da aldeia, ou jarl na própria língua, e à sua bela esposa.

Suas roupas, sua barba e a cabeleira eram tão escuras que eu não conseguia discernir completamente o homem sentado naquela penumbra. As sombras brincavam em seu rosto, escondendo e depois revelando. Eu o vi em pedaços que não se mostravam totalmente até que me aproximei, seguindo Eirik para nos aproximarmos do estrado.

— Voltou então, irmão.

Suas feições eram semelhantes, com lábios carnudos e mandíbulas fortes; Gunnolf tinha uma cicatriz lívida sobre uma sobrancelha, mais profunda do que aquela que cruzava a bochecha de Eirik. Apesar do branco rastejando por suas têmporas, eu ainda o imaginava em seu auge, com ombros largos e fortes e membros musculosos. Como Eirik, imaginei-o pegando a mulher que desejasse, independentemente de ela querer. No entanto, os dois eram diferentes. Meu amante era um garanhão, sua energia e paixão mal se continham, já Gunnolf, tinha uma intensidade concentrada nele. Percebi que estava olhando muito de perto e baixei os olhos.

— E Helka, minha querida irmã — Gunnolf levantou-se, cruzou o espaço entre nós e beijou sua mão — Trouxeram prêmios, eu vejo.

Segurando acima do meu cotovelo, ele me puxou para frente e olhou diretamente para mim. Seus olhos eram do mesmo azul gelado que os de Eirik e os meus. Sua análise era penetrante, como se entrasse em minha pele nua.

De repente, ele tirou minha capa, deixando-a cair. Fiquei tremendo no meu vestido de lã. Mas não foi pelo frio que o arrepio flutuou através de mim. Seus olhos me analisavam e permaneceram em avaliação cuidadosa.

Com um jogar de cabelo, Faline saltou para frente, empurrando a capa para trás para revelar as curvas de seu corpo jovem, desejando capturar a atenção do jarl para si mesma.

Minha raiva explodiu, como quando Eirik nos levou para a cama juntas. Faline era escura onde eu era clara, bonita por qualquer padrão, e minha rival por qualquer homem que me mostrasse interesse.

Ele a olhou com alguma diversão e um aceno de aprovação, antes de retomar seu exame para mim.

Eirik ficou ao meu lado, colocando a mão firmemente em meu ombro. — Elswyth é uma mulher de posição superior e com alguma proficiência em

cura — sua voz, embora nivelada, era firme — Ela é minha.

Os olhos de Gunnolf se estreitaram e eu o vi cerrar a mandíbula quando ele endireitou os ombros para Eirik. O punho dele se apertou e eu temi que ele pegasse a adaga no cinto. A veia na têmpora de Eirik ficou visível quando ele devolveu o olhar de seu irmão.

Os dois ficaram em silêncio por alguns momentos, antes que a tensão quebrasse, e a boca de Gunnolf se contorcesse em um meio sorriso.

O olhar de Gunnolf voltou a Faline — E essa aqui?

Eirik respondeu com toda cortesia

— É a enteada de Elswyth, filha de seu marido, agora falecido. Ofereço o trabalho de ambas a Asta, se nossa Lady, assim desejar. Elas vêm como mulheres livres, mas estão dispostas a servir.

Era tudo como combinado. Eu precisava de alguma ocupação além de ser companheira de cama do poderoso Eirik, e meus deveres seriam leves, ele assegurou.

— Por isso, minha Lady agradece — Gunnolf respondeu por sua esposa — sem dúvida elas se curvarão ao comando de seus conquistadores, mesmo que as chame de “*livres*”.

O que aconteceu em seguida eu nunca soube, mas Gunnolf puxou Eirik para perto e sussurrou em seu ouvido. Eles riram juntos e deram batidas nas costas em cumprimento, juntando-se em um abraço fraterno. Entretanto, enquanto Gunnolf pressionava sua bochecha no ombro de Eirik, sua expressão perdia a alegria. Se sentiu alegria no retorno do navio e alívio ao saber que seu irmão estava a salvo, sua expressão se mostrou sobriamente controlada.

Quando Eirik me levou, senti o olhar inescrutável do jarl sobre nós.



Capítulo 2

— C

hega de esperar.— Ele me levou para sua cama, que agora seria minha, a serviço de nosso prazer mútuo. Ele não se importava com os outros, que certamente nos ouviriam pela fina cortina daqueles pequenos quartos, e nem eu. Ele me recostou e afastou minhas saias, libertando sua ereção da lã áspera de suas calças.

Ficamos muito tempo sem essa consumação. Eirik teria me tomado na proa do barco, mas a violência das ondas mal o permitia. Quão assustada eu estava, doente de medo e do movimento do navio. Eu acreditava que nunca mais veria terra, mas ele me puxou para ele, murmurando palavras de conforto, e me pediu para deitar minha cabeça em seu colo. Fiquei grata por sua força, enquanto lutava com minha própria fragilidade.

Agora, eu assistia enquanto ele me erguia pelas nádegas, me levantando para seu pau, empurrando além do aperto do meu tremor inicial, pois seu tamanho era suficiente para deixar qualquer mulher assustada. Ele meteu pouco a pouco, deixando que eu me acostumassem com seu tamanho, expressando seu prazer no calor da minha boceta e sua constrição.

Eu abri mais minhas pernas, oferecendo-lhe uma entrada mais profunda. Ainda assim, preendi a respiração enquanto me preparava para tomar todo o seu comprimento. Ele deslizou para me encher de um gemido de satisfação, depois começou um movimento constante, para frente e para trás, os olhos brilhando de desejo, arrancando de mim um gemido.

Sua necessidade não lhe permitiria se segurar por muito tempo, seus impulsos ficaram mais fortes. Apenas as mãos dele embaixo de mim, me

puxando para cima para encontrar a estocada de seu pau, impedia que ele se afastasse. Com a força dele, meu gemido aumentou. Meus dedos amassaram o músculo de suas nádegas, incitando-o; eu sabia que sexo com ele seria feroz, e eu gostava disso.

Por fim, sua voz murmurou um juramento viking, e ele estremeceu, mergulhando num fervor final. Senti o fluxo de sua semente e ouvi meu próprio choro, parte de dor e parte de alegria, deixando-me sem fôlego.

Com uma risada baixa, ele abaixou a boca na minha, me beijando gentilmente. — Um bom começo, minha Elswyth.

Suas mãos se moveram para cima, primeiro para apertar minha cintura, depois para afastar o tecido que cobria meus seios. Ele pegou cada um em sua boca, cantarolando baixo enquanto chupava, esfregando a barba onde isso iria me afetar. Eu me contorcei e me apertei contra sua ereção que diminuía.

Não demoraria muito para que ele estivesse novamente pronto, isso era uma proeza que muitos homens invejariam. Ele tirou meu vestido e a roupa de baixo, para que eu ficasse nua diante dele. Recostada na cama, abri minhas pernas novamente, despertando para o desejo e para a certeza da satisfação. Não havia nada que eu não desse a ele.

Ele tirou suas próprias roupas e se ajoelhou sobre mim. Tremi ao vê-lo. Eu conhecia todas as cicatrizes e as marcas do seu corpo: os intrincados padrões de tinta nos braços, verde-escuro e preto-azulado, formando galhos de árvores entrelaçadas; *Jörmungandr*, a cobra curvando-se por sua espinha, cujas escamas ondulavam quando ele se movia, girando a cabeça sobre o ombro de Eirik, como se tentasse me observar. Eu conhecia o círculo de flechas pontiagudas em seu peito e as do alto de suas nádegas: uma capa de crenças que lhe dava poder.

Sua ereção estava novamente se erguendo. Eu queria senti-lo, estar nua sob o escrutínio de suas mãos e boca, abrigada pelo suor de seu corpo e do meu.

Ele olhou para mim com sua confiança habitual, traçando a curva da minha barriga, acariciando meus pelos macios. Eu fixei em seu olhar, desejando que ele me visse tão claramente quanto eu o via.

— Com apenas minha língua, passarinha, posso prendê-la e mantê-la, ou fazê-la voar — sua voz rosnou baixo, falando em minha própria língua, suas vogais prolongadas enquanto ele formava as palavras.

Ele ergueu o meu quadril de novo, abaixou seu rosto, arranhando minha pele delicada com sua barba, beijando a entrada que ficava entre minhas pernas. Eu senti que meu interior virava um creme, gotejando, na expectativa de recebê-lo. Ele passou a língua pela minha fenda, antes de encontrar meu ponto mais sensível, me fazendo ofegar antes de empurrar o dedo para dentro,

esfregando-se para frente e para trás, movendo-se habilmente, para pressionar onde eu desejava, embora nunca forte o suficiente.

— Por favor — implorei — Eirik ...

— Mais? — Ele sussurrou, sua respiração quente contra a minha coxa.

Mordi meu lábio quando ele penetrou mais profundamente, deslizando através de mim em movimentos longos e lentos.

Ele ergueu a cabeça e sorriu, emergindo de meu interior, sentando-se nos calcanhares. Os sulcos firmes e musculosos de seu abdômen levavam à virilha e àquela raiz espessa, novamente cheia, com veios escuros, cabeça dando saltos para frente, brilhando de excitação.

Tentei tocá-lo, ansiosa para puxá-lo para baixo e para dentro de mim, mas ele segurou minhas duas mãos e as moveu para a base de sua carne. — Sinta-me! — ele disse — Pegue, prove isso.

Agarrando a haste, rolei a pele para frente e para trás, antes de guiá-lo aos meus lábios, movendo o veludo da minha boca sobre sua suavidade, além do sulco e de algum modo descendo sua coluna, envolvendo-o firmemente. Eu amei a solidez dele na minha boca.

Ele se mexeu e gemeu, empurrando uma das minhas mãos para baixo para cobrir seu saco, fechando os dedos sobre os meus, esfregando-se entre as minhas mãos. Amassei o peso da palma da mão, trabalhando-o com mais força, estendendo meus dedos para acariciar a pele entre suas bolas e seu ânus.

— "*Völva!*" — ele gemeu, me chamando de feiticeira em sua própria língua, se contorcendo sob o prazer que eu lhe dava.

Eu sorri quando o tirei da minha boca, pois pretendia enfeitiçá-lo totalmente. Movendo-me rapidamente, sentei em seu colo. Eu estava pronta para me perder no calor do seu corpo, mas o demônio em mim desejava que ele também ansiasse, como eu esperava.

Eu estava aberta, lisa com seu sêmen e meu próprio desejo, mas me contive, esfregando apenas a ponta dele na minha dor.

— Agora! — Ele rosnou, com as mãos firmemente na minha cintura, me puxando para baixo e deslizando para dentro em um longo golpe.

Enterrando o rosto nos meus seios, ele pegou um mamilo na boca, puxando avidamente, roçando com os dentes.

— Mais rápido! — Eirik gemeu, envolvendo os braços firmemente na parte inferior das minhas costas.

Eu estava quase lá, rebolando meus quadris, moendo minha necessidade contra a base de seu pau, gritando quando me deixei levar.

Enquanto meu tumulto se abateu sobre mim, Eirik pressionou os dedos entre as minhas nádegas, me empurrando para levá-lo mais fundo e com o ritmo que ele tanto desejava, me levantando para cima e para baixo em seu eixo.

Mais três golpes e jogou sua cabeça para trás, com olhos arregalados e vítreos, boca aberta em falta de ar. Seu pênis pulou de dentro de mim, pulsando com seu impulso final e gemido, e meu próprio prazer me levou a um abismo escuro.



Deitei na curva das costas de Eirik, ouvindo o vento soprar. Uma vez eu disse a Helka que estava cheia de desejo de algo que eu não sabia o nome; que eu sentia que morreria por falta disso. Eu tinha encontrado o que estava procurando ou minha busca apenas começara?



Capítulo 3

A cevada amadureceu no calor, dançando nos ventos preguiçosos do final do verão. Eirik era um líder guerreiro de invasores vikings, mas também era um fazendeiro, trabalhando ao lado de seus homens para a colheita. Com seus braços musculosos e ombros largos, eles tinham a constituição físicas de bois: pescoços grossos e corpos acostumados a trabalhar.

Quando o sol da tarde se retirava, eu saía para encontrar Eirik nos campos. Entre o cheiro de feno, recém-embrulhado, empilhado sob um céu azul, eu provava do suor dele e da salmoura de seu pênis, e me entregava, da maneira que quisesse. Seus homens se acostumaram ao nosso hábito, dando-lhe um tapa nas costas diante da minha abordagem, fazendo comentários obscenos. Eles acenavam para mim, de maneira amigável, porque fazia Eirik feliz, e ele era muito amado entre seus homens.

Svolvaen era um lugar fértil, rico em pomares de maçã, peras e cerejas, cultivando vegetais em abundância e com boas pastagens para o gado. Seu povo parecia trabalhar para o bem de todos, sem os ciúmes e desentendimentos da minha antiga casa.

Os métodos de Gunnolf para manter a lei eram rigorosos e justos. Um homem que foi pego roubando um pedaço de porco do fumeiro foi obrigado a comer na cocheira durante uma semana e a dormir com os porcos. Os homens acharam muito engraçado, além de ter o efeito desejado sobre os malcriados. Ele foi devidamente humilhado: um castigo pior do que qualquer chicote.

O jarl tinha uma língua rápida e um temperamento condizente, que não fazia nenhum esforço para conter, como se desejasse que outros se curvassem e se encolhessem diante dele. Quanto aos que demonstraram medo, recebiam seu desprezo. Nas vezes em que nossos caminhos se cruzaram, eu mantive minha cabeça erguida, recusando-me a dar-lhe a satisfação de me dominar.

Qualquer que fosse a atração que sentisse, empurrei-a para um lado, pois não queria passar onde meus pés não deveriam pisar.

Minha natureza não se curvava facilmente ao serviço, apesar da submissão que eu sofri sob as mãos do pai de Faline. No entanto, ainda não sabia o que esperar de Lady Asta, que era toda gentileza. Ela estava grávida, mas com muitos meses pela frente, ela podia se cuidar na maioria dos assuntos. Faline e eu fazíamos pouco mais do que aquecer a água para o seu banho e cuidar de seu guarda-roupa. Faline se irritou com seu status diminuído, tendo sido criada com seus próprios servos. Não nascendo com luxos, fiquei mais contente, embora minha posição tenha mudado bastante desde que me sentei à esquerda do meu antigo marido, com outras pessoas dependendo de mim.

Asta desfrutava de nossa companhia animada e passávamos muitas horas trançando seus cabelos, sentadas sob o calor do sol. A esposa do jarl nos ensinava pacientemente tanto o idioma quanto os costumes que considerava mais úteis.

Não havia necessidade de sujar a bainha de meu vestido no chiqueiro ou queimar a pele fazendo o nosso ensopado. Eu sabia cuidar do gado e cozinhar, mas esses eram deveres de Guðrún e Sylvi. No entanto, ajudava em pequenas coisas, pois parecia errado me colocar acima delas.

Com a permissão de Asta, encontrei um conforto caseiro em ordenhar as cabras e vacas e em bater a manteiga. Eirik disse que os queijos que eu fazia eram os melhores que ele provou. Com Sylvi, desci à costa para colher dulse, uma espécie de alga vermelha. Isso trazia um sabor salgado ao ensopado de peixe que ela gostava de fazer. Aprendi a preservar a carne em tigelas de soro de leite azedo, para evitar que se estragasse, e pendurava arenque no fumeiro, ou ao ar livre, para secar ao vento frio do Norte. Eu recarregava as lamparinas todas as manhãs com óleo de peixe, adicionando um talo de capim longo o suficiente para ser o pavio.

Adotei a língua do meu novo lar, palavra por palavra, observando meus vizinhos, não apenas por suas expressões - que eram principalmente de curiosidade, às vezes de pena ou desprezo - mas pelas frases que comecei a desvendar. Eu me perguntava quantos anos levaria para que eles me aceitassem, olhassem nos meus olhos e não vissem uma estranha. Eu tinha sangue viking, concebida pela violência durante uma invasão dos nórdicos há mais de vinte anos, mas não fui criada como um deles. Seus rituais e hábitos ainda não eram meus, mas eu queria aprender. Por muito tempo, eu sofria com o sentimento de não pertencer, agora, mesmo com meu status diminuído, eu ansiava por ser aceita.

As mulheres de Svolvaen olhavam Faline e eu com inveja, eu poderia dizer, porque desfrutávamos de um bom tempo de lazer. Elas também nos trataram com certa reverência, pois Lady Asta era respeitada e amada e

desejava que outros nos fizessem sentir bem-vindas.

— O pai dela era um jarl — Helka me disse — e o dele antes. O casamento garantiu uma aliança com um assentamento mais ao norte. Ela veio com um rico dote, de vestidos e pulseiras e anéis de fio de ouro cravejados de pedras preciosas negociadas no Oriente.

Mesmo sem suas joias e suas belas roupas, ela era uma mulher acima de todas as outras: régia, autossuficiente e bela. Era um prazer servi-la, e minha sorte, dia após dia, eu a amava.

Apesar da condição de sua esposa ou, talvez, por causa disso, Gunnolf deixava Asta sozinha a maior parte do dia, embora ele fosse atento em suas visitas, perguntando por seu conforto, colocando a palma da mão na barriga dela. Não havia dúvida de que ele desejava o filho homem que acreditava que nasceria. Ele ria em sua companhia, enquanto contava, com sua voz doce, alguma história doméstica, ou cantava suavemente. Ele não costumava deitar a cabeça no colo dela, mas fechava os olhos enquanto ela acariciava seus cabelos. Com ela, buscava ser mais querido do que temido.

No entanto, ele era como os outros homens, com um olho que muitas vezes vagava para mulheres jovens de boa carne e aparência razoável. Ele parecia bem capaz de separar amor e desejo. Talvez sempre tenha sido assim, e Asta era capaz de aceitar sua natureza, sem pensar mal de Gunnolf, ou de si mesma. Ela nunca falou uma palavra contra ele.

Ele fazia pouco esforço para disfarçar seu olhar, me observando constantemente enquanto eu cumpria minhas tarefas mais simples. Eu não gostaria de ser vítima de sua lascívia. Embora ele raramente falasse comigo e não colocasse a mão em minha pessoa, lembrei-me de um lobo solitário que encontrei quando criança, há muito tempo, quando estava brincando na floresta. Eu subi rapidamente em uma árvore e ele me avaliou de baixo, como se decidisse se valia a pena se dar ao trabalho de atacar ou se esse prazer poderia esperar outro dia.

Eu encontrei o jarl regularmente com Guðrún ou Sylvi, pegando uma ou outra enquanto elas ficavam encostadas na parede ou do lado de fora, mal escondidos, enquanto sua esposa estava em outro lugar, levando seu filho na barriga.

Eu tinha certeza de que Faline estava adotando uma certa estratégia com o dono da casa, permitindo-se ser tomada, mas sob seus próprios termos. Enquanto servia o hidromel e a carne, Faline roçava o peito no braço dele e o cutucava com o quadril. Ela se afastava, observando-o friamente, ao lado de Asta, molhando os lábios enquanto ele a examinava, se contorcendo com o desejo reprimido.

Se Asta sabia, não mostrava. Em vez disso, ela prontamente saía em defesa de Faline. — Não fique com raiva dela — advertiu, me ouvindo falar

sobre as ausências de Faline e sua preguiça. Das minhas piores suspeitas, eu não disse nada. — É melhor deixar algumas coisas para trás, para que nossa amargura não nos consuma por dentro.

Eu não tinha a generosidade de espírito dela, embora a admirasse. Nos dias que se seguiram, pensei muitas vezes na serenidade de Asta e tentei imitá-la, diante do que eu era incapaz de mudar. No entanto, cobiçava o respeito dado a ela e ansiava pela dignidade que me daria ser a esposa de Eirik. Eu queria que todos soubessem que eu era mais do que um capricho passageiro em sua cama, que o amor dele por mim era verdadeiro e que ele me valorizava acima de qualquer outra mulher. Ele já tivera muitas, disse eu não tinha dúvida.

Embora eu não tenha falado nada sobre esses ressentimentos silenciosos, não resisti a perguntar a Asta sobre as cerimônias que acompanhavam a união de um homem a uma mulher em casamento. Ela sabia que eu tinha as minhas próprias esperanças, pois baixou os olhos e deu apenas uma breve descrição, sem nenhum dos detalhes que eu desejava, no meu desejo de imaginar meu próprio casamento com o homem que eu amava.



Sai para passear pela vila em uma tarde, observando as crianças mais novas brincando, aquelas que ainda não estavam ocupadas em ajudar suas mães. Elas eram as mesmas da minha própria aldeia — iguais a crianças de todos os lugares. Algumas tinham medo de mim; outras riam ao me ouvir falar. Eu me perguntava quando poderia ter meu próprio filho, para brincar ao lado deles, um filho para Eirik carregar em seus ombros, e que cresceria para me pertencer. Mas meu sangramento veio como sempre, e minha barriga permaneceu plana.

Conforme me levantei, um garoto de não mais que dois anos tombou e arranhou o joelho, soltando um uivo. Ele correu para a mãe, sentada ali perto, com um bebê no peito, e enterrou o rosto nas saias. Ela moveu o bebê para um lado quando a criança mais velha levantou os braços para solicitar o conforto de seu colo, mas não havia espaço para ambos e ela foi obrigada a sacudir a cabeça.

Eu dei um passo à frente, oferecendo meus próprios braços, pois o bebê havia terminado de mamar, mas ela se afastou e incitou o filho a correr. Talvez tenha sido o surgimento de seus gemidos mais uma vez ou a sombra de mágoa cruzando meu rosto, mas ela me chamou para sentar ao lado dela.

Com um aceno de cabeça, ela passou o bebê cochilando para a dobra do

meu cotovelo e levantou o garoto em seus próprios braços. Como o bebê era bonito, cílios claros repousando sobre as bochechas arredondadas. Eu o segurei firme, ansiosa por seu calor, imaginando como seria para aqueles lábios, franzidos no sono, mamarem meu próprio peito. Meu coração doía com a necessidade de segurar meu próprio filho.

— Eu sou Astrid. — Ela mudou o peso do garoto, que parou de chorar e agora estava olhando para mim, embora seus braços continuassem enrolados atrás da cabeça de sua mãe.

Eu sorri em troca e dei meu nome. Elogiei a saúde de seu bebê e de seu filhinho e caímos em uma conversa interminável. Ela era mais de dez anos mais velha que eu, e seu aspecto era cansado, mas continuava sendo uma mulher atraente. Recentemente tornou-se viúva, pois seu marido estava entre os membros do bando de Eirik que não havia retornado. As notícias me doeram, pois lembrei do dia em que cuidara das feridas daqueles homens e vi a dor de Eirik por seus camaradas perdidos. Também havia mulheres da minha antiga casa que perderam seus maridos e nas mãos do temido bando de Eirik. Quão infrutífero era, tanta violência e com que finalidade, pensei amargamente.

— Eirik tem sido bom para nós. Ele nos deu parte de seu próprio gado. — Astrid suspirou — Eu me casaria novamente, mas há poucos homens para a quantidade de mulheres desta vila. — Ela me olhou em silêncio por um tempo antes de fechar os olhos, balançando a criança contra seu ombro.

O bebê estava começando a se mexer quando uma menina apareceu atrás de Astrid, falando para sua mãe que iria para o prado mais baixo para recuperar suas cabras no pasto.

— É uma boa garota, Ylva. — Astrid acariciou o braço da filha — Fique com o xale, lembre-se, e volte depressa."

Eu não pude deixar de pensar nos tecidos que tinha enrolados em volta do pescoço, pois estava um dia bom e quente.

Astrid olhou para mim mais uma vez, e para a criança que eu segurava, agora fechando os punhos nos olhos e esticando-se em vigília. Ela escorregou o menino no chão, mandando-o brincar e estendeu a mão para pegar o bebê de mim.

O rosto dela estava pálido enquanto falava. Ela estava inquieta, mas senti seu desejo de desabafar, e falar às vezes é mais fácil com um estranho. Não havia ninguém por perto, mas ela abaixou a voz, no entanto.

— Minha filha tem uma chaga. Ela acordou com uma ferida feia no ombro há vários dias, mas agora tem mais duas no pescoço.

Eu ouvi com preocupação. Já tinha visto minha avó tratar várias doenças de pele. Inclinei-me para a frente, contando a Astrid minhas habilidades, e que

talvez eu pudesse ajudar. Ela parecia incrédula, porém, sem dúvida, desejava que minha afirmação fosse verdadeira.

— Fiz oferendas a Eir, lavei o pus com hidromel e apliquei mel. Parece que só piorou.

Eu a elogiei por suas ações, mas estava ansiosa, pois temia que a ferida espalhasse seu veneno pelo corpo da filha e que o contato pudesse espalhar a doença para outras pessoas da família.

— Ylva vai me deixar ver, amanhã, se eu voltar? — Eu já havia começado a pensar nos remédios que poderia tentar e quais combinações de plantas seriam mais eficazes — Trarei uma pomada e precisamos ter esperança em uma cura. Farei tudo o que puder. "

Astrid sorriu incerta — Ela fará o que eu pedir.

Levantei-me para me despedir, mas tinha mais uma pergunta a fazer. — Alguém mais na aldeia foi atingido de forma semelhante?

Astrid pegou minhas mãos enquanto respondia. As mães de duas outras jovens mulheres a procuraram na noite anterior, cada uma protegida pela escuridão, tendo ouvido falar da doença de Ylva e ansiosas para saber de que maneira Astrid havia tentado o tratamento. Não admitiram que suas filhas estavam sofrendo, mas ela sabia, por seus rostos, que carregavam o mesmo fardo.

Minha mente correu à frente, imaginando quantos poderiam estar escondendo sua condição, mesmo daqueles mais próximos.

Este era o meu povo agora, e eu faria o que pudesse para livrá-lo dessa angústia.



Capítulo 4

Na manhã seguinte, misturei uma pomada com partes iguais de casca de avelã e folhas de confrei, misturadas a uma pasta com mel.

Astrid estava me esperando na porta e sua angústia era clara. Ela me apressou para entrar, levando-me para onde Ylva estava tremendo em sua roupa de baixo. Seus olhos pareciam enormes no rosto pálido.

Vi imediatamente a causa do medo de Astrid: um vergão vermelho subia na bochecha de Ylva.

— Ela acordou com isso — Astra torceu as mãos — E há outro aparecendo nas suas costas.

O bebê resmungou no canto, mas Astrid não fez nenhum movimento para confortá-lo.

Ajudei a tirar as roupas de Ylva para revelar a ferida mais antiga: um vermelho vivo no ombro, a pele rachada nas bordas, escorrendo pus amarelo. As que estavam em seu pescoço eram um pouco melhores. Não perdi tempo, apliquei o remédio, alisando-o sobre a pele quebrada com uma espátula de madeira.

— Aplique duas vezes por dia, uma pequena quantidade. Amarre uma tira de linho por cima para manter o cataplasma no lugar — expliquei. Trouxe várias tiras de pano comigo, que eu coloquei ao lado, junto ao recipiente com o bálsamo.

Eu sorri para Ylva. — Vai melhorar logo. Seja corajosa.

Na verdade, a rápida disseminação das feridas da jovem me deixou ansiosa. Os campos eram abundantes em plantas e ervas com poderes curativos, e eu também comecei a cultivar as minhas, no lado sombreado da

casa, mas o aspecto de sua ferida me convenceu de que ela precisava de um remédio mais forte. Havia muitas plantas com propriedades calmantes para a pele e eu geralmente encontrava as mais potentes da floresta.

Escondido em uma bolsa de couro, eu ainda tinha o cogumelo da morte que eu peguei há muito tempo e guardei: seu veneno era um talismã para minha segurança. Eu poderia ter usado nos primeiros dias da chegada dos homens de Eirik, quando eles saquearam nossa vila, poderia ter matado todos eles, se eu quisesse. Algum senso de humanidade tinha ficado na minha mão. Meu papel era curar, não prejudicar. No entanto, eu o guardei.

Eu perguntei a Asta se poderia acompanhar Helka pelos bosques, era costume dela caçar. Ela me guiava mais longe do que eu poderia me aventurar sozinha.

Me despedi de Ylva e Astrid me acompanhou para fora. Eu estava relutante em ir conhecendo os problemas que ela apresentava.

— Evite tocar as feridas e as mantenha cobertas — insisti, beijando Astrid na bochecha — Venho visitá-las novamente, muito em breve.

Ela assentiu. Senti que havia muita coisa que ela queria dizer, mas não havia necessidade. Nós nos entendemos.

— Se alguém mais precisar de mim, eu estarei pronta. Peça que me procurem.

Eu tinha certeza de que Ylva não seria a única. Atrás de portas fechadas, haveria outros que se preocupavam e temiam. Se eu pudesse ajudá-los, eu o faria.

Abracei Astrid mais uma vez. Olhando por cima de seu ombro, vi uma mulher parada a não mais de vinte passos, observando com uma expressão feroz. Ela carregava um bebê robusto no quadril, de cabelos louros e olhos azuis mais claros. Os cabelos da mulher, trançados para um lado e caindo até a cintura, era um rico loiro avermelhado. Mesmo à distância, eu poderia dizer que a criança era um menino, seus traços mais pronunciados da maneira que raramente acontece entre meninas. Ele olhou para mim seriamente, mastigando algo duro em seu punho.

— Quem é aquela? — Eu perguntei a Astrid — Ela veio me procurar? Acha que ela sofre como Ylva?

Ela se virou para olhar, mas girou para trás rapidamente, movendo o corpo para bloquear minha visão do olhar da mulher. Os olhos de Astrid se afastaram, não desejando encontrar os meus, mas eu persisti.

— Ela quer falar comigo, não é?

Claramente, doía a Astrid me responder, mas meu aperto de mão a convenceu a ser franca.

— É Bodil, casada com Haldor. O filho mais velho dela estava entre os homens de Eirik quando eles saíram para os ataques. Era sua primeira viagem ao mar, seu primeiro ataque. — Astrid hesitou, pois era um assunto que a entristecia — Como meu marido, ele não voltou.

Senti uma pontada de tristeza em nome de Bodil. Não é de admirar que ela me olhasse com um olhar tão condenável, pois a morte de seu filho estava nas mãos do meu antigo povo.

Olhei novamente para a criança em cujo rosto havia algo familiar para mim. Astrid não tinha me contado tudo, eu tinha certeza.

— E aquele pequeno? — Eu perguntei.

Astrid mordeu o lábio. Eu senti muito por isso. Ela já tinha sofrido o suficiente, mas não pude deixar o assunto descansar.

— Eu sei o que está pensando — ela disse — Ele é um garoto forte. — Os olhos dela se afastaram novamente — Ele pode ser de Haldor... ou talvez não.

Eu podia ver com certeza agora. Aqueles olhos eram inconfundíveis, assim como formato arrojado de queixo.

— O marido dela sabia, eu acho, mas talvez não. — Astrid continuou — Ela tece e costura bem. Houve um tempo em que ela estava frequentemente na casa comprida, fazendo roupas para Gunnolf e Asta.

— E para Eirik também?

Os olhos de Astrid me disseram tudo.

Eu me mantive do outro lado do caminho enquanto passava apressada, mas, por mais que tentasse, não pude evitar o fogo de seu olhar. Quando eu passei por ela, cuspiu ferozmente no chão e sibilou uma maldição febril.

Eu não conhecia as palavras de seu juramento venenoso, mas o significado delas não poderia ter sido mais claro.



Quando Eirik me pegou nos braços naquela noite, pensei em Bodil. Ela deve ter deitado nesta mesma cama, o peso de Eirik acima dela quando ele soltava seu gemido profundo de prazer, estremecendo com a liberação dele dentro dela. Imaginei a marca de seus beijos, de suas mãos que acariciaram e exploraram seu corpo.

Ela deve ter procurado o navio dele ainda mais ansiosamente que as

outras — ansiosa pelo retorno de seu amante. Que ciúme ela deve sentir. Eu me perguntei com quais palavras Eirik se separou dela e se ele a visitara desde o seu regresso a casa. Seria cruel demais para ele não ter dito nada, permitindo que ela descobrisse de boca em boca que eu a substituí.

E o que seria da criança? Eirik o reconhecia como seu? Todas essas semanas eu esperei para sentir sua semente crescendo em mim. Eu me rendi ao amor dele inúmeras vezes, mas onde estava meu bebê?

Meu coração doía. Eu o teria socado, mas ele me apertou contra o peito e murmurou com seu ardor habitual. Eu era seu amor, sua deusa, sua feiticeira, mais preciosa que prata ou ouro, minha beleza superando todos os outros tesouros.

Seus lábios eram macios e gentis e seu corpo duro. Estremeci sob seu toque e chorei enquanto cavalgava nas ondas do meu êxtase.

Eu queria que não houvesse passado, para nenhum de nós.

Pouco bem me faria pensar em Bodil ou nas outras mulheres de Svolvaen que devem ter se contorcido no abraço de Eirik. Quantas, como Bodil, podem me seguir com maus pensamentos, carregados de rivalidade ressentida? Eu poderia ter falado, mas fiquei em silêncio. Falar dos meus medos seria torná-los reais.



Era tarde da noite quando acordei com uma corrente fria na pele e uma figura pairando acima. A princípio, pensei que fosse Bodil, vindo reivindicar Eirik e me arrancar da cama. Seu rosto se contorceu de malícia e, para o meu estado meio desperto, eu a vi como um espectro malévolo. O horror disso me sufocou. Somente quando ela falou eu percebi que não era um fantasma ao meu lado, mas o fantasma de outra, viva, amante: alguém que compartilhou a cama de Eirik ainda mais recentemente do que Bodil.

— Estou aqui por ele — ela disse — Se ele desejar.

Minha raiva superou qualquer medo que senti. Não haveria paz para mim, para nós!

— Eirik está dormindo, Faline, como pode ver. — Eu peguei as cobertas, que ela tirou de mim enquanto eu dormia — Volte para sua própria cama. Não é necessária aqui.

— Outra hora, então. — Ela não pediu desculpas. Se pude sentir algo, foi a sua diversão.

Quanto tempo ela teria ficado ali?



Capítulo 5

No dia seguinte, como Helka e eu partimos. Isso me lembrou os primeiros dias que convivemos, quando a levei para minhas próprias florestas, seus nórdicos querendo encontrar o melhor carvalho para fazer novos remos. Meu coração acelerou quando deixamos o sol brilhante no céu aberto, entrando na penumbra da floresta, coberta por uma folhagem exuberante. A estação estava mudando, mas apenas algumas árvores começaram a alterar a cor e a copa. A floresta estava viva, suas partes mais altas tocadas pelo vento e pelos pássaros, enquanto pequenas criaturas se moviam sob as folhas caídas.

Fazia algum tempo que Helka e eu não ficávamos sozinhas e fiquei feliz em tê-la comigo. Por trilhas menos usadas, caminhamos rapidamente, Helka me direcionando para onde avelãs escuras amadureceram nos arbustos e cresceram as garras mais densas de avelãs, para assar.

Estava quase confiando a ela sobre meu encontro com Astrid, procurando seus conselhos, mas guardei os acontecimentos do dia anterior para mim. Eu contaria a ela, talvez, quando encontrasse a cura, me traria mais prazer em detalhar o desafio e a resolução na mesma história. Resolvi não fazer menção a Bodil, pois não queria ouvir nenhuma confirmação do que estava me causando dor.

Nossas sacolas logo estavam cheias de folhas, urtigas e quartos de cordeiros, cardo de leite, erva-cidreira e coração da terra.

Eu sempre senti mais pertencimento na floresta. Era onde minhas aventuras de infância aconteceram, onde eu estava livre para escalar e enlamear minhas roupas, sem ninguém para me dizer como uma menina deveria se comportar. Com os meninos como meus companheiros de brincadeiras, aprendi a ser corajosa e a me deliciar com a liberdade de correr

solta. Minha avó deixou até eu começar o caminho da feminilidade. Com essa mudança, minha liberdade terminou. Com que rapidez minha avó me colocou na cama do meu tio, um homem com três vezes a minha idade. Amaldiçoei o dia em que minha tia seguiu minha mãe até o túmulo e me deixou em seu lugar.

— Ficou quieta, Elswyth. — Helka colocou um punhado de mirtilos em sua cesta — Está doente?

Coloquei uma baga na boca, estremecendo com o sabor agridoce da minha língua. — Apenas lembrando.

— Sente falta da sua aldeia?

Eu assisti os dedos dela colherem a fruta carmesim. — Apenas de minha avó. Não de muito mais que ela.

— Está se adaptando? — Ela perguntou.

Eu dei um pequeno encolher de ombros. — Ainda não sinto que pertenço a esse lugar, mas sei que vou. Preciso encontrar meu próprio caminho para ser aceita.

— E Eirik tem sido bom contigo?

Eu balancei a cabeça, apertando uma baga para que o suco escorresse pelos meus dedos. Como companheira de cama, estava satisfeita, suas proezas continuaram me deixando sem fôlego.

— Como deveria ser. — Helka sorriu — Vejo que o faz feliz.

Ela hesitou antes de continuar. — Sabe que outras compartilharam a cama dele.

Meu peito apertou. Claro, eu estava ciente, especialmente depois do meu recente encontro com Bodil. Também estava claro desde o nosso primeiro encontro, quando Eirik me carregou por cima do ombro para o Salão Principal de meu marido e me provocou diante dos seus homens. Eu pensei que ele iria tirar a roupa e me mostrar para todos verem enquanto ele me fodia. Em vez disso, ele escolheu outro caminho, levando-me para a casa que compartilhei com meu marido até aquela manhã, seu sangue ainda úmido no chão.

— Entre os escravos, há poucas com quem ele não dormiu, mas há outras também... embora seus maridos possam não saber.

Pensando na criança no quadril de Bodil e em como ela me olhou com tanta malícia, eu sabia talvez mais do que Helka pensava. Isso me fez pensar no objetivo da conversa dela, porque ela não costumava falar dessa maneira desmedida.

Helka indicou um tronco caído por perto e, afastando as folhas úmidas,

me convidou a sentar. — Vejo que deseja ser mais do que a companheira de Eirik. — Ela se virou para olhar para mim — Quer ser a única, sua esposa?

Arranquei um pouco de musgo macio que crescia na madeira podre e me sentei em silêncio. Com o passar das semanas, fiquei ciente dos meus sentimentos mais profundos por Eirik. Eu o vi não como meu senhor, nem captor, mas como o marido que eu ansiava, o homem que eu desejava que fosse o pai de meus filhos. Adormecia com o cheiro dele e acordava com o prazer de seus beijos e a insistência de seu desejo matinal.

Concordei em acompanhar Eirik a Svolvaen sem a promessa de casamento. Não pedi nada além do que ele já havia me dado. No entanto, era verdade, eu queria mais.

— Ninguém manteve o interesse dele como tem mantido, mas digo isso para prepará-la, Elswyth. — Helka se inclinou para frente, tocando meu braço — Pode nunca acontecer.

Por mais gentil que ela fosse ao dizer aquelas palavras, meu coração deu um pulo machucado. O vento aumentou naquele momento e passou através dos galhos, ondulando as folhas, fazendo parecer que eles respiravam com suspiros farfalhantes.

— O casamento dele está sendo adiado e, quando for feito, deve ser com uma mulher que traga não apenas um dote, mas a promessa de aliança. Svolvaen é próspera, mas precisamos nos fortalecer. Como família dominante, é nosso dever.

Pensei no noivado arranjado de Asta com Gunnolf. Já havia uma mulher de nascimento nobre prometida a Eirik? Meu estômago revirou com o pensamento.

Helka me puxou para mais perto — Vejo que entende e isso te machuca, pois sei o amor que nutre por ele. — Ela pegou minha mão. — É melhor afastar esses sentimentos. Eirik a deixará ir quando chegar a hora, mas ele se comportará com honra. É uma mulher forte, Elswyth e sobreviverá.

Parecia ficar mais silencioso, como se as árvores que cresciam perto estivessem nos ouvindo, e não apenas a nossa conversa, mas o turbilhão dos meus pensamentos.

— Quando chegar a hora, poderá continuar servindo Asta, mantendo-se na cama de Eirik quando ele desejar, ou ele encontrará outro homem para ser seu marido.

O rosto de Helka era preocupado. Pude ver que ela não gostou de me dizer isso. No entanto, uma onda de calor e raiva tomou conta de mim. — E quanto a sua aliança, Helka? Seu marido se foi e não tem filhos. Onde está o seu casamento por dever?

Sua expressão ficou fria, e ela recuou como se eu tivesse tentado golpeá-

la. Imediatamente, me arrependi da minha língua afiada. Eu sabia muito bem que ela lamentava Vigrid, embora ele tenha morrido dois anos antes.

Eu tentei tocá-la, desejando consertar minha crueldade, mas Helka se levantou e se afastou vários passos, virando suas costas para mim.

Meus olhos arderam com lágrimas frustradas.

— Perdoe-me, Helka — implorei. — Minha decepção me deixou cruel e estou com vergonha. Eu sei que estava só me avisando, para proteger meu coração.

Algun segundos depois ela se virou novamente. Seus cílios estavam molhados, mas havia aço em sua voz. — Diz isso porque não sabe...

De repente, eu era pequena e deslocada, sentada entre as samambaias escuras e as raízes entrelaçadas. Ficou mais frio, e eu me senti uma invasora indesejável neste lugar antigo. Esses não eram os carvalhos e olmos da minha floresta de infância, aqueles que eu havia escalado e sob os quais caçava bagas. Suas sombras caíam de maneira diferente. Até os gritos de pássaros distantes me pareciam estranhos.

Helka deu um sorriso triste — Vigrid se foi, mas ele fica ao meu lado à noite. Eu o sinto, embora não possa vê-lo. — Ela olhou para mim diretamente — Como, então, posso trazer outra para a minha cama?

Eu não sabia o que dizer. Embora eu tenha visto meu marido assassinado na minha frente, eu não sofri por ele. Eu pensei pouco nisso desde que deixei minha vila. A devoção de Helka era completamente diferente, mais parecida com a minha por Eirik. Se eu o perdesse, perderia parte de mim.

— É apenas uma sensação... — Helka limpou o rosto na manga — Há muitas coisas que podem ser sentidas, embora passem despercebidas.

— Não sente... maldade? — Eu perguntei, de repente com medo. Se meu próprio marido voltasse para mim, seria por vingança ou raiva, não por amor.

Ela balançou a cabeça — Não estou em perigo.

Continuamos sem falar por um tempo, nenhuma de nós querendo voltar ao assunto. O que quer que tenha acontecido entre nós, parecia ter sido deixado de lado.

Por fim, Helka sugeriu que voltássemos, pois estava ficando escuro. O outono estava completamente sobre nós, e a luz desaparecia cada dia mais cedo.

Eu concordei, mas tínhamos dado apenas alguns passos quando vi alguns fungos crescendo em uma árvore próxima e chamei Helka de volta para usar a faca na coleta.

Não sei se foi o fantasma da nossa conversa anterior que persistia ou se algo mais a fez falar, mas Helka voltou a ficar séria — De qualquer forma, sente afinidade com a floresta, eu sei, mas devo adverti-la para não se aventurar muito profundamente, e nunca sozinha, especialmente depois do anoitecer.

Por perto, uma coruja piou, e pensei nas criaturas selvagens que deviam viver aqui, como ursos e javalis. Eu sabia que havia veados e lobos. Helka havia trazido sua besta, embora não encontrássemos nada maior que um coelho.

Helka pegou meu braço, pedindo que eu continuasse andando. — Há partes da floresta em que eu nunca andaria, com medo do que poderia encontrar.

— Ou, o que pode te encontrar — arrisquei. Eu dei um meio sorriso, desejando mostrar que não tinha medo, mas seu jeito, tão fervoroso, me deu um calafrio. A floresta ficou muito mais escura, e parecia que as árvores se aproximaram mais do que antes, tombando em nossa direção em formas distorcidas. Onde havia barulho de pássaros, parecia estranhamente silencioso.

Helka deve ter percebido isso também, pois baixou a voz. — Dizem que existem luzes misteriosas na floresta; luzes que a atrairão para o perigo.

Meu próprio povo tinha uma história semelhante, mas nunca havia visto nada em nossa floresta que me assustasse. Eu me escondia entre as sombras das árvores desde que era muito pequena. — Não acredito nessas coisas — disse com firmeza.

— Se nós acreditamos nelas ou não, isso não significa que não sejam verdade — Helka puxou a capa com mais força — Nosso povo transmite histórias através das gerações, e os skalds as contam para aqueles que vão ouvir, enquanto viajam de um lugar para outro. Eles falam de atos corajosos e tolos, e da queda daqueles que se consideram invulneráveis.

Ela continuou a me apressar e, em pouco tempo, vimos a borda da floresta. Helka indicou que largássemos nossos sacos e cestas e descansássemos. A pálida luz do dia estava à vista e os estranhos terrores que se erguiam ao nosso redor retrocederam.

— Há algo mais que eu gostaria de dizer antes de voltarmos — disse Helka — Entre as coisas que vivem na floresta está uma criatura sedutora e secreta. Ela esconde sua verdadeira natureza, para atrair homens. Mostrando a eles apenas o que é belo e atraente, ela é a huldra, enganosa e vingativa.

— Muitas mulheres devem ser parte huldra, então — acrescentei ironicamente.

— Esta criatura não a lembra de alguém? — Helka perguntou.

Eu levantei minhas sobrancelhas em resposta e a convidei a falar.

— Há algo em Faline que causa conflitos. Não posso confiar nela, e gostaria que ela não estivesse sob nosso teto.

Eu não podia negar que muitas vezes eu pensava o mesmo, mas, por algum motivo, não quis condená-la. Afinal, ela estava apenas cuidando de seus próprios interesses. Eu não poderia culpá-la por isso.

Ela era filha do nosso chefe. Quão diferente a vida dela poderia ter sido se o seu noivo não tivesse caído do cavalo. Parecia muito tempo desde que eu fora casada e sofrera violência nas mãos do meu marido. Em Eirik, encontrei alguém para dar amor e receber o mesmo em troca, mesmo que eu não fosse sua esposa. Qual era a sorte de Faline sem o benefício da ternura ou do carinho?

Lembrei-me dela quando criança pedindo para se juntar a nós em nossas brincadeiras. Encontramos uma árvore que nos permitia subir mais alto do que nunca. Os meninos riram dela, subiu tão pouco que mal atingia a cintura, e disseram-lhe para ir para casa, para o pai. Eu também zombei dela e a enviei, chorosa, de volta à vila? Talvez eu tivesse feito isso.

Helka pegou sua cesta mais uma vez — Foi um erro trazê-la.



Capítulo 6

Sylvi observou enquanto eu esmagava a raiz de valeriana na mistura com pétalas de camomila, primula e verbena que eu colhi do prado. Mergulhei a mistura em água quente para criar uma pasta.

— É importante não usar valeriana demais — avisei, vendo o interesse dela — Jarl Gunnolf só quer dormir bem a noite toda, não parar de acordar para sempre.

Ela assentiu. Se Sylvi alguma vez quis se vingar do jarl pelas liberdades que ele tinha com ela, eu lhe mostrei o caminho. Eu esperava não me arrepender.

Gunnolf me chamou até ele quando voltei da floresta. Com os olhos escuros de exaustão, me pediu algo para trazer descanso sem sonhos. Sua necessidade parecia genuína. Eu sabia o que era ser atormentada por sonhos perturbadores.

Eirik também estava cansado, mas de trabalho físico e não de inquietação mental. Ele passava o dia todo nos campos, empilhando o último feno no celeiro. A colheita estava chegando ao fim, os campos cheios de poeira amarela e pedaços de palha quebrada, as árvores frutíferas despidas, quase nuas. O tempo parecia pronto para mudar. As forragens de inverno para nosso gado tiveram que ser colhidas antes que começassem a apodrecer.

Depois de comermos a refeição noturna, um ensopado grosso de carne de carneiro e raízes vegetais servidos com pão e hidromel, Lady Asta tomou seu banho no salão principal da casa longa, discretamente atrás de uma tela dobrável, Faline despejando água fumegante do caldeirão sobre a fogueira para dentro da banheira.

Quando me aproximei de Gunnolf, ele já tinha começado a se despir,

tendo se retirado para o aposento que compartilhava com minha senhora. Vendo Gunnolf em sua túnica, eu fiz o meu melhor para não olhar para suas coxas musculosas. Seu cabelo comprido, geralmente trançado, pendia solto nos ombros.

Ele bebeu a poção para o sono sem hesitar, inclinando a cabeça em agradecimento.

Quando peguei o copo dele, ele estendeu o dedo para acariciar o meu. Foi o mais leve dos toques, mas eu me afastei.

Seus olhos frios me examinaram. — Que criatura nervosa é, age como se esperasse que eu a atacasse.

Com isso, ele tirou a roupa restante e a jogou no chão, para ficar diante de mim nu.

Eu descobri que queria olhar. Como Eirik, ele tinha tinta em sua pele, tão trabalhadas de perto que eu mal conseguia identificá-los. Eu nunca vi um homem com pelos tão densos e escuros, cobrindo seus ombros, braços e costas. Ele crescia por toda a largura de seu peito e enrolava na dureza do estômago, juntando-se à virilha, tão abundante que teria coberto completamente sua masculinidade se estivesse em repouso.

Não havia dúvida de que Gunnolf pretendia que eu o admirasse.

— Se deseja ver meu pau totalmente alerta, precisará se dedicar com uma mão quente... ou boca. — Ele se sentou na beira da cama e abriu as coxas em um convite lânguido — Ou sente-se, se preferir.

Seus lábios se contraíram em diversão. Eu não podia negar que havia uma selvageria nele que era atraente. Sua boca era cheia e sensual, emoldurada por sua barba. Seus dentes, revelados enquanto ele sorria, eram afiados, dentes feitos para morder.

Senti calor na minha bochecha, embora não soubesse se era de meus próprios pensamentos ou da franqueza do jarl. Afastei meus olhos, dando um passo para trás. O que quer que eu estivesse pensando, seria um jogo perigoso de se jogar. Eirik me disse que havia compartilhado mulheres com seu irmão quando eram mais jovens. Eu acreditava que ele seria menos favorável agora, assim como Asta. Eu não gostaria de seguir esse caminho.

Gunnolf levantou-se e, por um momento, imaginei-o me erguendo e quebrando minhas costas em uma única torção. Não duvido que teria forças para fazê-lo.

Foi com algum alívio que eu ou vi esticar e pegar as peles de cabra, acomodando-se entre elas. Seu comportamento provocador se foi, e as linhas de sua boca endureceram. Vi algo que reconhecia, um certo peso no coração pelos papéis que era obrigado a representar. Eu não tinha o direito de falar, mas as palavras escaparam dos meus lábios antes que eu pensasse em

reincorporá-las.

— Tem sofrido muito com esses sonhos preocupantes?

Os olhos dele se estreitaram.

Era impertinente de minha parte falar com ele antes que me dirigisse a palavra. Eu não era mais que uma escrava aos seus olhos, que servia para ser comandada ou zombada. Tinha certeza de que era apenas o interesse de Eirik sobre mim, até agora, que impedia que Gunnolf me tratasse como fazia com outras mulheres que serviam em sua casa.

— Que moça presunçosa é. Meus sonhos não são da sua conta.

Ele pensou em erguer a mão para mim, mas o momento passou e rolou a cabeça sobre o travesseiro.

— Vá foder meu irmão — ele disse secamente — E me deixe descansar.



Eirik poderia dormir assim que seus olhos se fechassem, mas estava acordado, esperando. Uma lamparina queimava na prateleira dentro de seus aposentos, com sua chama revelando seu peito nu, sombra e luz e os sulcos de seu abdômen, levemente cobertos de suor.

Ele assistiu enquanto deixei cair o cinto e desabotoei os broches nos meus ombros. Eu me despi de cada peça de roupa até ficar tão nua quanto ele, tendo prazer com seu olhar nos meus seios e nos meus quadris redondos, descendo até os cabelos loiros do meu sexo.

Sorrindo preguiçosamente, Eirik afastou as peles, revelando mais do seu corpo para mim. Sua voz era baixa. — Preciso da sua companhia, Elswyth.

Ele me puxou para perto quando entrei na cama, segurando minhas costas e me puxando. Eu me curvei para ele, minha barriga com a dele. Dureza pressionada à suavidade, sua boca encontrou na minha. Suas mãos seguraram a carne das minhas nádegas e eu gemi quando alcançou mais baixo, seus dedos roçando minha boceta por trás, me convencendo a me abrir para ele. Eu dei um gemido de desejo quando seu pau cutucou entre as minhas pernas. Foi necessário apenas o menor deslocamento da minha coxa para empurrar e entrar.

Lentamente, ele começou, me abraçando com firmeza enquanto empurrava, uma mão rastejando entre as minhas nádegas, me incentivando a abrir mais, para permitir uma passagem mais profunda.

Eu me rendi ao ato de fazer amor, desejando que ele fizesse parte do meu próprio corpo. Nesse ato, ele era meu mestre em força, mas éramos iguais em nossa fome um pelo outro.

— Elswyth — ele murmurou, fazendo um caminho de beijos no meu pescoço. — Meu doce amor.

Minha respiração já estava acelerada. Eu arqueei contra seu ritmo constante, meus dedos se agarrando em seus cabelos, guiando-o para tomar meu peito, querendo que ele chupasse com força. Quando ele me puxou para seu fluxo quente de sementes, caí no meu próprio abismo de prazer. E quando me beijou novamente, foi com ternura.

— Thor estava nos observando? — Eu provoqueei.

— Ele está sempre assistindo. Demos a ele algo que vale a pena olhar.

Esvaziando seu pau de mim, ele rolou para longe, mas eu não tinha intenção de deixá-lo dormir. Aquecida pelo que ele me deu, eu queria mais.

Montando nele, descansei meu sexo na raiz de sua ereção rota. Eu sabia que ele gostava de me ver assim, com meu cabelo caindo devagar e meus seios acima dele, minha pele brilhando de suor. Ele descansou as mãos na minha cintura, avaliando através dos olhos semicerrados. Eu balancei levemente e vi seus lábios se separarem, molhados por sua língua.

Impossível que Eirik desejasse outra com essa paixão ardente. Ele nunca me abandonaria por um casamento de conveniência. Eu não acreditaria nisso. E, no entanto, lembrei do aviso de Helka para mim. Eu queria ouvir alguma promessa do amor de Eirik, alguma prova da profundidade de seu sentimento.

Toquei o cabelo em seu peito, acariciei seus mamilos.

— Quer me acender novamente, minha Valquíria.

Lambi onde toquei, deixando meus seios roçá-lo levemente. Entre minhas pernas, senti a base do seu pênis engrossar.

— Sempre seremos assim, Eirik? — Beijando seu abdômen, me movi para baixo, sentindo o gosto do suor de nossa união — Nunca me expulsará de sua cama?

Desci minha língua e fechei meus lábios sobre a cabeça de seu pau. Embora ainda não estivesse totalmente ereto, ele estava despertando. — Claro que não — ele murmurou — Me satisfaz melhor do que qualquer mulher.

Eu o envolvi em minha mão, apertando, movendo sua pele para frente e para trás, provocando o capacete protuberante de sua ereção, sugando o local sensível sob sua cabeça.

— Sempre me protegerá, sempre me amará?

— Aye, eu vou.

Abri minha boca, levando Eirik profundamente, passando por meus dentes, até a parte de trás da minha mandíbula, cantarolando contra sua crescente dureza e depois recuando, deixando minha língua trabalhar o seu comprimento.

— Valhalla de Odin! — Eirik ofegou, abrindo as pernas e segurando meu cabelo — Não pare!

Chupei-o novamente, sentindo o seu gosto salgado. Ele estava assistindo a minha boca se movendo sobre ele, minha língua lambendo o líquido que escorria de sua ponta, minha mão segurando por baixo.

— Eu quero seu gosto, Eirik.

Ele gemeu quando eu peguei suas bolas na minha boca, cantarolando novamente para que ele sentisse a vibração, deixando-o saber o quão delicioso ele era.

Em plena excitação, era mais difícil segurá-lo totalmente na boca, mas voltei a chupar seu comprimento até sentir seu tremor começar a subir. Rapidamente, desviei-o para o calor da minha boceta, bem a tempo, pois ele gritou e pulsou dentro de mim.

Quando apaguei a lamparina, deitei minha cabeça em seu peito. — Me ama, Eirik? — passei as pontas dos dedos sobre a cicatriz levantada em seu lado, uma ferida muito antiga.

— Aye, eu te amo.

Ele passou o braço em volta dos meus ombros e eu me senti segura. Ele era meu e eu era dele.

— Para sempre? — Eu sussurrei.

Em resposta, havia apenas a respiração suave e regular de um homem que sucumbira ao sono.



Um velho sonho voltou. Eu estava sozinha com um lobo que há muito tempo rondava meu sono. Rodeada pela fera, não gritei ou corri, mas deitei-me e ofereci meu pescoço. Eu descobri meu peito para suas garras, observando enquanto elas arrancavam a pele para revelar meu coração batendo. Ele abaixou a cabeça desgrehada, lambendo o sangue pulsante do meu corpo.

Ainda estava escuro quando acordei. Eu tremi, mas não apenas por

medo.



Capítulo 7

No final da manhã seguinte, Lady Asta me permitiu sair e eu desci para visitar Astrid. Eu tinha quase certeza de que Bodil estaria esperando, para bloquear meu caminho e colocar suas mãos vingativas sobre mim; até agora minha imaginação tinha sido construída sobre meu encontro anterior com ela. Embora tenha passado por vários de meus novos parentes, fiquei aliviado ao ver que ela não estava entre eles.

Na verdade, Svolvaen parecia extraordinariamente silenciosa. O tempo estava ficando mais frio, o céu nublado, mas bom o suficiente para trabalhar ao ar livre e aproveitar ao máximo a boa luz do dia. No entanto, a rua não tinha a agitação de sempre.

Eirik ficara satisfeito em fechar as portas do celeiro, sabendo que as rações para o inverno estavam armazenadas em segurança. Ele saiu com os pescadores logo após o amanhecer, ansioso pelo cheiro do mar. Os campos haviam reivindicado muito do seu tempo.

O empilhamento do feno encerrou a colheita e alguns dos homens mais velhos sentavam-se à vontade, pegando um cachimbo e um chifre de cerveja. Eles fizeram uma pausa em sua conversa enquanto eu passava, acenando com a cabeça em reconhecimento, que eu devolvi da mesma forma.

Era um gesto simples, mas me aqueceu, e fiquei encorajada a me dirigir a uma mulher sentada nas proximidades. Ela estava acompanhando meu progresso descendo a colina, eu tinha certeza, mas, ao me aproximar, desviei o olhar para o bordado em seu colo.

— Bom dia — eu disse, quebrando minha mente pelas palavras certas para elogiar seu bordado. Seus dedos eram ágeis com o fio, um vermelho vívido contra um pano branco.

— Isso está muito bom — decidi finalmente — Suas mãos são espertas.

Ela levantou a cabeça ao ouvir isso e me agradeceu.

— Veio ver Astrid? — Ela perguntou. — Eu a vi olhando da porta, te procurando, talvez.

O rosto dela era gentil, mas eu apenas assenti. Não podia revelar por que Astrid estaria me esperando. Eu manteria seus segredos.

— É uma boa moça. — A mulher voltou ao seu trabalho — Não dê ouvidos a quem disser o contrário, só desejam estar no seu lugar.

Eu pensei, ironicamente, que ninguém sabia realmente como era estar 'no meu lugar', mas as palavras gentis dela me tocaram, já que eu já tivera o suficiente das mulheres de Svolveen.

Mais abaixo na rua, duas mulheres estavam conversando, mas pararam abruptamente enquanto eu me aproximava, olhando para mim com um desgosto mal disfarçado. Ergui minha mão em saudação, mas elas se afastaram, entrando em casa sem olhar para trás. A porta bateu atrás delas.

Vai levar tempo, eu me lembrei.

A mulher gentil estava certa sobre Astrid me esperando. Ela apareceu em minha primeira batida.

— Graças aos deuses que veio. — Ela mudou o bebê para o quadril quando falou comigo. Ela estava chorando, com os olhos vermelhos.

— O que aconteceu, Astrid?

Ylva estava sentada de costas para nós, tecendo lã, seu irmão mais novo brincando a seus pés.

— Faz apenas dois dias. Não está pior, não é? Está usando a pomada que eu lhe dei?

Os olhos de Astrid me imploraram. — Melhor que olhe.

Assim que Ylva se virou, entendi o medo de Astrid. O que não passava de uma pequena elevação na bochecha da filha começou a empalar.

— Mostre seu ombro — Astrid pediu.

Ylva desenrolou o pano manchado de amarelo. A ferida abaixo estava molhada, o cheiro doentio.

— E aqueles em seu pescoço?

— Há uma pulsação nele. — O lábio de Ylva tremeu.

Era uma mulher jovem e bonita, com os olhos do mesmo delicado cinza que os da mãe, grandes e suplicantes, cabelos compridos e louros.

— Eu esperava que estivesse melhor — admiti — Mas trouxe algo mais

forte hoje.

Joguei a velha faixa de curativo no fogo — Não tente lavar isso. É melhor usar um pano novo a cada vez. Se acabarem, pelo menos, ferva os velhos em água e depois pendure-os para secar.

Tirei um pote do bolso do avental e espalhei uma espessa camada de unguento verde na ferida. — É casca de olmo e milefólio, misturado com sálvia. Deve reduzir o inchaço e extrair o veneno.

— Obrigada — sussurrou Ylva, com os olhos molhados.

Eu sorri, mas mantive minha voz firme. — Lave as mãos antes de trocar o curativo e depois.

— Vou ferver a água ao longo do dia — prometeu Astrid.

Quando tirei os curativos, um por um, Ylva estremeceu, o pano sujo puxando sua pele macia.

— Logo estará melhor — prometi, fazendo o meu melhor para não fazer caretas.

Astrid também estava tentando ser alegre, me observando atentamente e perguntando sobre a confecção do bálsamo. Apesar de seus esforços valentes, eu podia ver sua angústia. Quando tudo estava pronto, apertei a mão de Ylva e lhe disse que era corajosa.

— Sabe algo das mulheres que a procuraram antes? — perguntei a Astrid — Ylva pode não ser a única que sofre com isso.

Ocorreu-me que poderia ser a razão para o silêncio incomum da rua. Quantas famílias estavam abrigando um segredo?

— Não sei dizer — disse Astrid — Se elas compartilham do nosso problema, não me disseram, mas eu tenho certeza que tem razão. Se elas voltarem para aliviar seus corações, eu lhes direi sobre o seu tratamento. Elas precisarão da sua ajuda.

— E ficarei feliz em ajudar.

Coloquei o novo pote de pomada sobre a mesa. — Duas vezes por dia, lembre-se, e voltarei em breve para ver como Ylva está.

Astrid colocou o bebê no berço e me acompanhou até a porta, indicando para sairmos por um momento. Ela fechou a porta atrás dela e me puxou para perto, falando em voz baixa.

— Eu tive visitantes, mas não do tipo que está pensando. — Ela franziu com o lábio — Ylva estava prometida para se casar, mas os pais do rapaz quebraram o contrato.

— Eles sabem? — Era uma pergunta redundante. Claro, eles sabiam.

— Ontem, quando Ylva estava guardando as galinhas. Eu disse a ela para manter o rosto bem escondido, mas o rapaz a viu. Ela tentou detê-lo, mas sabe como são os homens quando jovens. Ele não aceitou o não como resposta. — Astrid deu um suspiro trêmulo. — Ele tirou o cachecol dela para beijá-la e viu os curativos sujos no pescoço, a bolha na bochecha.

Imaginei que todo o vilarejo já saberia.

Astrid afastou uma lágrima que caía. — Mal posso culpá-los, mas tenho medo por Ylva. Que futuro existe para ela? Mesmo se a curarmos disso, as pessoas não esquecem.

Meu coração doía pela moça. Sem dúvida, ela se considerava apaixonada. A quebra de seu noivado devia parecer o fim de tudo o que importava.

Coloquei meus braços em volta dos ombros de Astrid enquanto ela abafava um soluço.

Se eu não curasse a filha dela, seria o fim de mais do que as esperanças de Ylva em se casar.



Capítulo 8

Acolheita estava entre as melhores que Svolvaen já havia visto, uma primavera amena tinha incentivado as flores dos pomares, seguida pelo verão quente que amadureceu a cevada. Esta foi empilhada com segurança em um celeiro, com feno em outro. Não importava a profundidade da neve, o gado teria sua ração. Guardamos peras e maçãs para o inverno entre palhas, e ameixas em conserva em sua própria calda, embaladas firmemente em potes. Todas as casas dispunham de arenque defumado, raízes e mel, seu próprio estoque de hidromel e cerveja. Não importava as tempestades, Svolvaen não morreria de fome.

Quando tudo estava pronto, Jarl Gunnolf convidou Svolvaen para participar de um dia de festa, começando com um combate corpo a corpo, a ser seguido por falcoaria e depois festejos, noite adentro.

As nuvens estavam espessas no alto e o vento soprava forte, mas a chuva não veio. Os homens superavam em número as mulheres, talvez o esporte não estivesse ao seu gosto ou elas tivessem outros deveres a cumprir.

Ao me juntar a Helka, procurei no meio da multidão aqueles que usavam um capuz para cobrir o pescoço, minha imaginação sempre pensando na doença que eu acreditava estar entre eles. Astrid acenou para mim, com seu filho pequeno levantado em seus braços, para que ele pudesse ver melhor. O bebê, eu suponho, ela deixou com Ylva, em casa.

O jarl estava sentado em um estrado elevado, vestindo seu habitual traje preto, incluindo uma capa de brocado escuro, adornada com pelo prateado. Ao lado dele, Lady Asta estava radiante em um vestido branco pálido, bordado em ouro e amarelo, sorrindo para o povo, aplaudindo cada homem que se adiantava para indicar sua participação.

Ela descansou as mãos no bebê crescendo dentro dela, o tamanho da barriga visível. Gunnolf também parecia bem contente em mostrar a condição fértil de sua Lady.

— O jarl presidirá os pares de homens, em ataques sucessivos — explicou Helka — até que apenas um permaneça.

Eirik esperou até que todos os outros se apresentassem antes de mostrar sua própria vontade. Despido até a cintura, com os cabelos trançados em um nó, era mais alto que o resto. Eu já o vira empunhando sua espada e machado, e o tinha visto no retorno da batalha, manchado com o sangue de outros homens, mas nunca o tinha visto lutar, homem a homem.

— Odin e Thor e todos os deuses estão entre nós! — Gunnolf anunciou, cortando a garganta de um porco robusto. — Assim como o solo absorve essa força vital, nosso sangue também se derrama em combate. Que nossos atos sejam sempre corajosos e gloriosos, para que todos saibam da grandeza de Svolvaen.

Houve um grande aplauso quando o porco guinchou e o jorro de sangue vermelho ensopou os pés de Gunnolf. O animal passaria o resto do dia assando, pronto para o banquete da noite.

Quando o torneio começou, vi que a agilidade contava tanto quanto força. Cada um pegou o grande chifre de hidromel, bebendo sofregamente antes de começarem a lutar dentro de um lugar delimitado, com não mais de cinco passos de largura. O primeiro a prender seu rival no chão para contagem de dez levava a luta.

Os gritos eram ensurdecedores, aprovação estrondosa de cada triunfo. O resultado de alguns pares foi decidido quase imediatamente; outros deixaram seus oponentes sem fôlego, cambaleando pelo esforço, suor brilhando sobre seus corpos musculosos, tendões se esforçando em busca da conquista.

Eirik parecia vencer suas partidas com pouco esforço, tendo não apenas habilidade em vários golpes, mas também a força de levantar outro homem de seus pés. Ao ver sua postura na vitória, as linhas tensas de seu abdômen visíveis, fiquei emocionada com seu poder, tanto como meu amante quanto como um guerreiro.

Ninguém parecia se importar com sua ascensão. Ele deu a cada um uma chance justa de demonstrar suas proezas antes de mostrar as suas. Eirik os ajudou a permanecer em pé, dando tapinhas em seus ombros em congratulação por uma luta bem disputada.

Ficou claro que ele se deleitava com a conquista tanto quanto qualquer homem, mas valorizava a comunhão acima de tudo, e estes eram seus homens, a quem ele havia liderado através dos mares, para retornar com riquezas e renome.

Se Gunnolf ficou contrariado ao ver seu irmão mais novo sendo exaltado diante de si, dissimulou bem, dando sua própria aprovação.

Quando a luta final foi declarada, Eirik enfrentou seu velho amigo, Olaf, os dois homens enlameados dos muitos jogos que já haviam disputado. O que faltava em estatura a Olaf, sobrava de leveza dos pés, escapando sem parar das mãos de Eirik, para a alegria daqueles que os observavam. Eirik poderia ter levado Olaf ao chão a qualquer momento, mas optou por divertir-se com uma alegria festiva, aceitando as travessuras de Olaf para evitá-lo.

Gunnolf observava de perto, com os olhos iluminados. Se Eirik fosse finalmente derrotado, teria problemas para esconder sua satisfação, pensei. Havia outra também, cujos olhos eram todos para Eirik; Bodil abriu caminho para a frente, carregando a bela criança. Ela ficou de pé, nem torcendo nem aplaudindo, mas observando o desempenho vigoroso de seu ex-amante com intensidade silenciosa. Será que estava se lembrando do suor de sua própria luta na cama, seus dedos pressionados contra a carne das nádegas dele, seu corpo se submetendo sob a força dele?

Meu temperamento explodiu com a imaginação, pois Eirik era meu, e o ciúme na minha barriga ardeu.

Por fim, com um grito indomável, Eirik agarrou Olaf pelos tornozelos e pulsos, obrigando-o a dobrar-se de maneira acrobática, curvando-o para o chão. Quando a contagem se aproximou de dez, Eirik deu a seu rival um toque brincalhão no nariz e o levantou.

O clamor foi realmente grande, com todos gritando o nome de Eirik, e vi uma sombra passar pelo rosto de Gunnolf.

Eirik, no entanto, agiu mais como tolo, ajoelhando-se em frente ao jarl. — Minhas vitórias ou perdas estão nas mãos dos deuses. Se tenho força, irmão, é através da graça deles, e eu a ofereço a seu serviço. Envie-me para onde quiser, em qualquer missão, e trarei glória ao seu nome e ao de Svolvaen.

Foi um discurso proferido pelo coração. Quando Eirik levantou a cabeça, seus olhos brilhavam com fervor. Mais uma vez, os homens o receberam com estrondosa aprovação e precisou que a mão levantada do jarl ganhasse o silêncio que ele precisava para responder.

— Aceito seu serviço, que sei que é prestado de boa-fé. Que seja um exemplo para todos os homens, em sua lealdade ao seu jarl.

Gunnolf chamou Eirik e colocou seu próprio copo em suas mãos, mas havia uma tensão em sua mandíbula. Não queria ver o dia em que Gunnolf acreditasse que a lealdade de Eirik estivesse em questão.



Montamos mesas de cavalete feitas com madeiras do grande salão, para uma refeição do meio-dia de presunto defumado e queijos, frutas e pão achatado. A cerveja fluía e não havia homem ou mulher cuja barriga não estivesse cheia e cujo espírito não estivesse contente, pelo menos por aquelas horas.

Fui ajudar a carregar jarros de hidromel, mas Eirik me chamou para sentar ao seu lado. — Existem outras para servir — ele me assegurou. — Hoje, todos devem ver como a respeito e saberem que é minha.

Nunca antes ele havia me concedido tal reconhecimento público. Eu era sua consorte, e não sua esposa.

— É digna do respeito deles. — Eirik colocou a mão em volta da minha cintura.

Começamos a conversar sobre a luta livre e eu o elogiei por sua performance, pois foi tanto isso quanto uma demonstração de talento físico.

— Aye, eu não vou negar. — Ele me deu um sorriso. — Há pouca necessidade de me provar entre meus próprios homens. Eles já conhecem minha força.

— E quanto à força de Gunnolf? — Eu cortei uma maçã. Seu sabor combinava bem com os queijos das cabras diante de nós. — Ele tem medo de que seu rosto seja empurrado na terra se participar?

Eirik olhou para mim com desconfiança.

— Conversa ousada para um rato tão pequeno sob o teto do jarl. — Ele pegou um pedaço de maçã do meu prato. — Nós somos diferentes, ele e eu, mas nenhum homem tem um irmão mais verdadeiro. Ele daria a vida por mim, como eu faria por ele.

Abaixei os olhos, escolhendo não responder. Pareceu-me claro que Gunnolf poderia estar com ciúme da popularidade de Eirik e de suas proezas. Como Jarl, ele tinha autoridade, mas eu duvidava que ele tivesse o amor dos homens como seu irmão mais novo.

A refeição estava sendo feita, os cavalos foram trazidos, Gunnolf montou um elegante cinza manchado, que sacudiu sua crina branca quando ele se sentou. O de Eirik era um roan dourado, sólido de perna e circunferência, com um corpo rígido. Havia talvez vinte no total e Eirik levou uma égua para eu subir, de cor castanha com um brilho no nariz. Era de Asta, embora eu nunca a tivesse visto montar, sua condição a impedia de fazer esse

exercício.

— Gostaria de vir? — Ele perguntou. — Virá para nossa caçada?

Fazia muitos meses desde que montara e ainda mais desde que participei de falcoaria, mas tomei meu lugar sem dificuldade. Olhei para trás e vi Lady Asta acenando. Ela gostaria de ouvir sobre toda a emoção mais tarde, e eu não gostaria de decepcioná-la.

Claro, Helka estava entre os membros do grupo.

— Os homens vão cavalgar atrás dos pássaros — ela me disse. — Fique perto. Embora a melhor caçada seja nos campos ao sul da floresta, nosso passeio pode nos levar para perto das falésias, onde há fissuras escondidas na grama. Um passo errado e sua doce égua quebraria a perna ou cairia. Alguns abismos são grandes o suficiente para levar um cavalo inteiro e o infeliz cavaleiro.

Estremeci com o pensamento.

— Estará segura comigo — prometeu. — Fique a meu lado.

Gunnolf levou seu falcão com o ar de quem sabe que ele é o mestre, desamarrando e preparando o pássaro. Suas garras seguravam o couro do braço protegido.

— Está pronto, irmão? — ele chamou, olhando para Eirik, seus olhos tão selvagens e insondáveis quanto os do peregrino de plumas escuras.

— Aye, sempre — veio o grito de retorno de Eirik, pegando seu próprio pássaro, trazido a ele amarrado na corrente. — Seu caçador pode ser mais poderoso, mas a minha está comigo desde que ela era um filhote. — Ele acariciou seu peito macio e salpicado e inclinou a cabeça para o olhar âmbar do falcão. — Ela é a melhor treinada, apostou.

— E o que aposta? — Gunnolf respondeu.

— O que quiser. — Eirik sorriu. — Tudo o que é meu é seu, afinal. Não posso te negar nada.

Gunnolf jogou a cabeça para trás e riu ao ouvir. — Falou bem, irmão. Pensarei nisso...

Com isso, ele soltou seu peregrino e Eirik beijou a elegante cabeça de sua linda falcão, antes de jogá-la contra o vento. O jarl deu um chute rápido em sua montaria e partiu em direção à floresta, deixando o resto de nós para segui-lo.

Com o vento em nossos rostos, contornamos as árvores e saímos em direção aos prados abertos e aos campos esvaziados de palha.

Os pássaros voaram alto, pairando para vasculhar o chão, depois voando alto e perseguindo um ao outro. O peregrino se aproximava tão perto que, às

vezes, pensei que bateria no falcão de Eirik, mas eles voaram, velozes e ágeis.

O pássaro de Gunnolf foi o primeiro a avistar sua presa, e ele gritou de alegria ao vê-lo mergulhar, as garras estendidas no momento final. O peregrino estava sentado em cima do prêmio, rasgando pelos e carne com o bico da navalha antes que o apito agudo de Gunnolf convocasse seu retorno.

Helka e eu estávamos na parte de trás da festa, minha própria égua sendo menos rápida que as outras, mas logo nos aproximamos.

Nas garras do peregrino pendia uma lebre, flácida e sangrando, com o pescoço quebrado, os olhos vidrados em morte inesperada. Com um movimento de penas, o pássaro depositou seu prêmio, retomando seu lugar no antebraço de seu mestre.

— Mima seu pequeno falcão, irmão. — Gunnolf recompensou seu próprio pássaro com um pedaço de carne crua. — Ela não parece a poderosa caçadora que acredita que seja.

Eirik estendeu o punho, convidando o falcão a pousar lá.

— E o que deseja de mim, meu jarl?

— Apenas o prazer de uma iniciação.

Eirik franziu a testa, mas abaixou a cabeça e Gunnolf se virou, olhando em volta, até encontrar o que procurava.

O jarl trouxe seu cavalo tão perto que senti o calor do seu flanco. Minha égua jogou a cabeça para longe do focinho intrometido do cinza manchado, mas eu a segurei firme. Tudo o que fosse exigido de mim, deveria obedecer. Eu era hóspede de Svolvaen e da casa dos jarl. A promessa de Eirik era como se fosse minha. Eu não poderia quebrá-la sem envergonhá-lo.

Eu nunca estive tão perto de um falcão. Era uma criatura bonita, imponente e graciosa, mas eu me senti encolher pelo bico manchado de vermelho e pelo olhar sem piscar. Um dos homens jogou a lebre para Gunnolf, que a pegou na mão livre e pressionou o polegar na ferida. O sangue borbulhava da lágrima irregular em sua garganta, correndo espessa.

— Pode correr tão rapidamente quanto a lebre, mas não pode escapar.

Falando baixo o suficiente para que ninguém mais pudesse ouvir, ele tocou minha testa antes de deixar cair a ponta do polegar no meu lábio inferior, manchando sangue lá. A intimidade disso me assustou. Instintivamente, lambi a umidade, achando-a amarga em minha língua.

— A primeira vez é mais doce. — Os olhos de Gunnolf permaneceram nos meus lábios, seus próprios lábios separados, cheios e sensuais. Descobri, de alguma forma, que me mordi. Ele viu e riu, jogando a lebre de novo.

Gunnolf ergueu o braço e deu um assobio suave, enviando o peregrino

de volta ao céu. Eirik também soltou seu falcão, e os dois pegaram a brisa debaixo das asas, circulando e mergulhando, erguendo-se nas correntes selvagens do vento, desafiando-se no alto.

Os pássaros desapareceram nas nuvens enquanto, lá embaixo, esticávamos para vê-los. O falcão emergiu com o outro na cauda. Parecia um jogo de perseguição. No entanto, a busca do falcão foi implacável. O pássaro menor deslizou baixo sobre o campo enquanto seu rival pairava acima. Enquanto o falcão lutava para subir, o peregrino aproveitou sua chance. Mergulhou, erguendo as garras no momento final, batendo na caçadora de Eirik, fazendo-a cair.

O pássaro bateu na terra de costas e ficou imóvel, exceto pelo bater de uma asa. Eirik cavalgou até o local, desmontando para pegar o falcão nos braços.

Tremeu brevemente, depois ficou imóvel.



Capítulo 9

Há muito tempo guardara as roupas que trouxe comigo, pois me marcavam como alguém de fora. Helka costumava usar túnicas e calças, mas me dava alguns de seus aventais, tecidos de linho tingidos em tons de vermelho e verde. Eles me serviram o suficiente — broches de osso esculpidos prendiam as tiras sobre cada ombro.

Ela me repreendeu pela falta de habilidade em tecer. Até ela, cujo tempo era mais dedicado à caça, sabia como trabalhar um tear. Meus dedos eram ágeis, mas, quando tentava, tudo emaranhava. Sempre foi assim.

— É muito impaciente, Elswyth — falava, mostrando-me como usar as hastes para separar os fios do tear. Passava os fios pela trama. — Deseja ter tudo o que quer, sem se dedicar ao trabalho. Todas as coisas dignas de serem alcançadas exigem nossa perseverança.

Não neguei a reprimenda, conhecendo a mim mesma o suficiente para ver a verdade. Sempre fui imprudente, inclinada ao impulso e pressa. Desejava ação, não a monotonia de horas no tear. Minha costura era um pouco melhor, se minha agulha fosse de osso ou madeira. Preferia o tingimento do tecido, sabendo bem quais folhas e raízes produziam as cores mais brilhantes.

Claro, tinha uma habilidade que rivalizava com essas atividades femininas, como me foi ensinado por minha avó. Meu conhecimento curativo de plantas e ervas. No entanto, ainda não havia encontrado uma cura para as feridas que atormentavam Ylva.

A pomada que fiz da casca do olmo, com sálvia e milefólio, restringiu a propagação do veneno. As feridas se tornaram menos agressivas, mas a pele se recusava a se curar. Astrid me disse que ouviu Ylva chorando durante a noite pela perda de seu prometido. Embora meu tratamento tenha impedido

que a marca em sua bochecha se tornasse uma ferida aberta, a pele permanecia vermelha e inchada, a infecção persistindo sob a superfície. Temia drená-lo, ou poderia piorar.

Não pela primeira vez, desejei que minha avó estivesse comigo. Como desejava enterrar minha cabeça em seu colo e buscar sua orientação. Ela sempre parecia saber a resposta, mesmo nas situações mais difíceis. Provavelmente, já estava morta e sua casa livre de suas posses simples. Se eu voltasse, encontraria outra família morando lá, no lar que compartilhei com ela.

Tentei deixar de lado esses pensamentos, pois não ajudavam em nada e eu desejava manter o espírito justo, sendo o mais útil para mim e para os que estavam ao meu redor.

O tempo estava tumultuado com o vento norte e as primeiras rajadas de neve chegaram a Svolvaen. — Em breve estaremos dentro de casa. Se o inverno for difícil, o porto pode até congelar. Não devemos perder a chance — insistiu Helka. — Venha, vamos pescar.

Asta insistiu que aproveitasse a oportunidade. Sua barriga estava crescendo rapidamente, mas ela ainda desejava participar da maioria dos assuntos. Faline faria companhia na minha ausência.

Foi com alguma emoção que me sentei na parte de trás do barco de Helka. Não entrava na água desde a grande jornada que me levou a Svolvaen. Não pude evitar um certo grau de apreensão, mas Helka me garantiu que estaria segura a seus cuidados.

— Só se mova quando eu falar — ela ordenou — ou descobriremos o quão bem nada.

O ar estava fresco e o vento forte, e entendi imediatamente por que ela gostava de navegar. Havia uma imensa sensação de liberdade, e era lindo, a luz do sol tremendo na água. Ela nos levou entre os rochedos e olhei para cima, imaginando a altura da rocha pura.

— Os homens coletam ovos de pássaros marinhos na primavera, descendo do topo, presos a cordas.

Só em pensar isso me fez ficar tonta. Parecia íngreme demais para subir. Não pude ver pontos de apoio óbvios.

— Precisa ter estômago para altura. Não é para todos — admitiu Helka.

— E tem esse estômago, Helka?

— Prefiro não fazer isso. — Ela olhou para as aves marinhas girando. Um albatroz mergulhou não muito longe, emergindo com um peixe prateado no bico comprido. — A vida dos filhotes é precária o suficiente sem que nós comamos esses ovos.

A maré estava conosco, levando-nos para o mar aberto, embora o vento soprasse para o interior.

— Os barcos de pesca saem sempre, exceto no pior clima. O meu também, embora apenas até a boca do fiorde. Além disso, as ondas são fortes demais. — Ela deu uma palmadinha orgulhosamente no lado da embarcação e apontou para a rede dobrada aos nossos pés. — Jogue a rede e deixa o vento levar sua vela, depois é só puxar.

— Assim tão fácil?

— Verá. — Helka acenou para eu pegar a rede. Nós a prendemos na parte traseira do barco antes de jogá-la a uma boa distância de nós. Agora, movíamos o leme e girávamos o barco para que o vento estivesse atrás de nós. Nossa rede encheria à medida que avançávamos na água e o peixe ficaria preso dentro.

Passamos as próximas horas navegando de um lado para o outro, deixando o vento nos levar, a rede enchendo com quatro ou cinco peixes de cada vez, até que tínhamos uma boa pesca.

Quando Helka virou a embarcação, nos levou para perto dos penhascos, para que eu pudesse ver as cavernas. A abertura de uma era mais baixa que as demais e mais larga.

— Eu costumava me esconder ali quando era mais jovem. Há um espaço plano, onde é possível sentar ou deitar, e pode entrar com um pequeno barco nela se abaixar o mastro. Pode amarrá-lo lá, fora de vista.

Nós nos aproximamos ainda mais, tomando cuidado para evitar as pedras irregulares de ambos os lados da entrada, onde as ondas espirravam e se dividiam.

— Tinha motivos para se esconder com muita frequência?

— Não mais que meus irmãos. — Os lábios dela se contraíram em um sorriso. — Mas nem Eirik sabia para onde eu ia. Às vezes, é bom ter um lugar secreto.

Conjurei uma imagem deles três quando crianças, Helka brincando com seus irmãos como eu fazia com os meninos da minha própria aldeia. Suspeitei que a rivalidade entre eles tivesse incitado seu desejo de supremacia com arco e flecha, com espada e a cavalo. Lembrei-me de Gunnolf me marcar com sangue da lebre. Ele seria um irmão ganancioso, com fome de ascensão. Devia achar que merecia isso, como o mais velho.

Houve um aumento no vento, enviando as gaivotas que voavam das bordas do rochedo para deslizarem brancas pelo ar. — Tinha algo parecido — murmurei. — Parte da floresta onde as outras crianças não gostavam de ir e uma árvore em particular que eu escalava. Um dos galhos era grande o suficiente para escalar. Fiquei lá a noite toda uma vez. Esqueci de fechar as

galinhas, e a raposa veio e matou todas, exceto duas.

— Foi punida? — Perguntou Helka.

— Minha avó me deu um tapa e eu fugi.

— E quanto tempo ficou escondida?

— Somente até o dia seguinte. Cheguei em casa com uma fome voraz e ganhei três tigelas de sopa, havia outros problemas para minha avó se preocupar!

— Ah! — Helka declarou — Eu estava melhor preparada. Costumava guardar comida na caverna, em uma bolsa de couro e uma garrafa de hidromel.

Ergui minhas sobranceiras. Como teria sido maravilhoso conhecer Helka quando era criança.

— Era uma moça inteligente, não é? — Ela sorriu de satisfação e a cutuquei de brincadeira.

— Ainda guardo algumas coisas lá. Nunca sabemos o que pode acontecer... e um esconderijo sempre pode ser útil. — O rosto dela estava sério novamente — Embora eu esteja começando a pensar que devo parar de fugir do que me assusta.

Seus pensamentos evidentemente não eram mais sobre coisas infantis e me perguntava o que Helka temia. Ela me diria, supus, quando quisesse fazer isso.

— Se precisar me esconder, virei aqui.

— Exceto que vou saber onde encontrá-la. — Helka sorriu — Não é um bom esconderijo!

— Mas não me importo se me encontrar. — Eu apertei o braço dela. — Estarei esperando, sabendo que virá e fará tudo ficar bem novamente.

— Sempre, Elswyth, se estiver ao meu alcance — Helka prometeu.



Capítulo 10

A escuridão do inverno se aproximou até Svolvaen se afundar na neve, o mundo encolhendo em silêncio e o ruído branco sob os pés. Felizmente, nossas provisões foram armazenadas, defumadas e postas em conserva. Nossas fogueiras nos protegeriam do mundo geado do lado de fora.

Gunnolf e Olaf passavam muitas horas em um jogo em que peças se movimentavam pelo tabuleiro. Pedi a Helka para me ensinar, mas ela afirmou que era um passatempo para o qual nunca teve paciência. Ela andava pela sala mais do que Eirik, levantando as peles nas pequenas aberturas sob o teto, uma cativa frustrada olhando para a neve que caía.

Visitava Astrid quando podia, e a cada vez adaptava minha pomada, alterando as proporções dos meus ingredientes, adicionando uma pitada de algo novo. Sequei bastante do que achei útil para me ajudar em meus remédios. No entanto, embora tenha conseguido parar a propagação das feridas de Ylva, elas se recusaram a curar.

Quando sentia uma coceira em minha pele, me perguntava se a praga havia me atingido. À medida que as semanas passavam, agradecia aos deuses, novos e antigos, que minha pele continuava imaculada.

Era uma noite fria e clara quando enfrentei o vento para alcançar a cabana de Astrid. A neve havia coberto o chão com uma crosta grossa e fiquei grata por estar envolvida em minha capa de pele de cabra, e por minhas botas de pele de coelho, atadas ao joelho. A dureza do tempo mantinha os moradores de Svolvaen dentro de suas casas, e talvez fosse o melhor. Estava convencida de que outras pessoas estavam com aquelas feridas, mas não tinha como saber a extensão da doença oculta.

Assim que entrei, vi que meus medos não eram infundados. Havia

outras quatro pessoas diante da lareira de Astrid: três filhos e sua mãe, cada um marcado pela mesma ferida que Ylva tinha na bochecha. Eu me perguntava há quantas semanas as feridas estavam purulentas, pois as lesões brilhavam úmidas.

— Graças a Deus veio. — Astrid deixou o caldeirão que estava mexendo, me ajudando a remover minha capa — Estávamos aguardando, esperando que saísse hoje.

— Não há necessidade de explicar. Posso ver por que sou necessária. — Devolvi o abraço de boas-vindas de Astrid. — E Ylva?

— Está do mesmo jeito, não piorou.

Ylva apareceu por trás de uma cortina que separava a latrina. Olhando para a da mulher perto do fogo, deixando visível assim sua bochecha e vi até onde meu remédio havia ajudado. A beleza de Ylva foi manchada, mas ela não sofreu febre. A ferida estava vermelha, mas não rasgou a pele.

— E as outras. Como estão seu ombro, pescoço e costas?

Ylva abaixou os olhos, desconfortável ao falar delas. — Ainda me incomodam, mas a pomada é calmante. Ajuda, pelo menos por um tempo.

— Esta é Torhilde — disse Astrid, apresentando-me à mulher perto do fogo.

Assenti, dando a ela e aos pequenos um sorriso de encorajamento. — Fez a coisa certa, vindo aqui. Vou tentar ajudar.

Seu rosto estava pálido quando olhou para cima. — Meu marido não nos quer sob o teto dele. — Ela pegou a criança menor no colo e se virou de costas para mim, olhando para as chamas. — Assim não.

Coloquei minha mão na testa dela e senti a febre ali. As crianças também estavam apáticas, com a pele pegajosa.

— Podem ficar aqui, é claro — disse Astrid — Quando estiverem melhores, ele os receberá de volta. — Ela apoiou a mão no ombro da mulher.

Engoli o que queria dizer. Nenhum homem que abandonou sua esposa e filhos doentes merecia que eles voltassem. Não cabia a mim julgar como os outros viviam, e eu não tinha meu próprio casamento como exemplo. Apesar das minhas dúvidas sobre o marido, procurei tranquilizá-la.

— Tenho certeza que ele só tem medo de contágio. Se também adoecesse, como continuaria a sustentar sua família?

Eu me concentrei no assunto mais urgente. — Astrid, se lembra do que fizemos antes, por Ylva?

Ela assentiu — Estou com a água quente pronta e colocando as folhas do confrei em infusão.

Começamos a limpar cada ferida no corpo das crianças, aplicando a pomada que eu trouxe para Ylva. Doía-me ver as marcas feias que maculavam a pele jovem, mas me confortei porque logo teriam alguma melhora. Nós despimos Torhilde por último e fiquei horrorizada. Vendo a extensão de sua lesão, me surpreendeu menos que o marido a tivesse retirado de casa.

Por fim, tudo foi feito e prometi voltar em breve. Sabendo que Astrid não podia alimentar tantos sem se privar, resolvi trazer alguns alimentos de nosso próprio estoque. Pareceu-me que a casa comprida foi projetada para suportar três invernos, ninguém sentiria falta do que peguei. Eirik, em qualquer caso, não recusaria minha solicitação.

Me despedi e voltei, de noite, para aqueles que aguardavam meu retorno.



— C

ante para nós, meu amor.

Entrei para ver Gunnolf colocando o alaúde de Asta em seus braços. Ele levou os seus cabelos para trás dos ombros, para que seus dedos encontrassem as cordas do instrumento mais facilmente.

— O que quer que eu toque? — Ela perguntou, seus olhos iluminados pelo toque dele. — Temo que saiba tudo de cor.

— O que quiser, esposa. — Gunnolf deu um beijo na testa.

Apesar desses gestos de carinho, seu olhar se voltou para mim quando me juntei a eles. Ele deitou-se na pele de cabra em volta da fogueira, pegando seu chifre de cerveja, e eu o senti demorando-se sobre a curva do meu seio. Não prestei atenção, mas Faline captou seu olhar, com uma expressão amarga no rosto. Só esperava que Asta não notasse essas coisas.

Nós comemos bem e as chamas ardiam. Era mais fácil suportar o incessante gemido do vento quando estávamos confortáveis lá dentro. Fechei os olhos e deitei a cabeça no peito de Eirik. Éramos em poucos naquela noite, apenas Helka e Olaf conosco.

Eu pensei que Asta escolheria uma balada de amor. Em vez disso, sua voz encheu o grande espaço da casa comprida com uma história sinistra, do longo inverno que se aproximava, quando tudo congelava e murchava. Sua melodia assombrosa desenrolava os fios da destruição dos deuses e o horror que dominaria o mundo. O grande lobo Fenrir quebraria seus laços e suas

mandíbulas devastariam, até que o sol fosse arrastado para a barriga da fera. Com o último uivo da fera, a terra afundaria no fundo do mar, em perfeito silêncio.

Nós não nos mexemos nem falamos enquanto a melancólica música de Asta contava aquelas profecias sombrias de Ragnarök, mas parecia que uma sombra se movia pela sala, tocando cada um de nós.

As últimas notas do alaúde nos deixaram com o gemido do vento noturno além da segurança de nossas paredes, e levamos nossos pressentimentos para nossas camas.



Capítulo 11

Por um bom tempo, dormi contra o calor do corpo de Eirik e acordei com sua paixão ardente. Minha necessidade era tão grande quanto a dele e não apenas à noite. Eirik me procurava em qualquer tarefa em que estivesse envolvida. Envolvendo seus braços em volta da minha cintura, me derretia com seus beijos, sua barba, sua boca quente em meu pescoço, antes de me levar para sua cama.

Eu vigiava e esperava minha barriga crescer, desejando a maternidade como nunca quis com o marido que não amava, que fora morto pelos homens de Eirik. Lembrei-me de rastejar de minha cama enquanto ele roncava, lavando-o de mim para evitar a chegada de um bebê.

Eirik parecia cego aos olhares sedutores de Faline. Ela os lançava tanto para me irritar quanto para conquistá-lo para si mesma. Nisso, e em seu constante anseio pelo conforto do meu corpo, vi amor.

Helka comia conosco na maioria dos dias, apesar de preferir sua própria moradia com mais frequência. Costumava se retirar para a casa que dividia com o marido, Vigrid. Asta estava dormindo muito e eu apenas coloquei as cobertas sobre os seus ombros. Andando pelo grande salão, passei por Eirik, que afiava o aço de seu machado de lâmina dupla, sentado junto à lareira com Olaf, Gunnolf e vários outros homens. Não precisava olhar para trás para saber que seus olhos me seguiam, que já estava pensando em como me pegaria.

Mais tarde, naquela noite, enquanto me despia para dormir, ouvi vozes. Gargalhavam, batiam os punhos nas costas, em companheirismo. Esses nórdicos lutavam um ao lado do outro. Estavam relembando algumas batalhas e seus vários atos de coragem. Era o tipo de conversa que Eirik

amava, mas ele logo viria até mim, eu sabia.

Deitada nua sobre as peles, minha pele atormentada por sua suavidade, acariciei entre minhas pernas. Mergulhando na gruta molhada, pensei no vigor que surgia nas batalhas de Eirik, na dureza do corpo e na sua força de guerreiro.

Armas famintas de sangue enchiam a câmara: sua lança com cabeça de ferro, uma besta leve, flechas com penas tão longas quanto meu braço, o capacete de couro e aço que se adaptava bem à cabeça de Eirik, e sua túnica de cota de malha. Sua espada, forjada em aço e ferro retorcido, martelada em uma aresta inabalável, estava incólume. Mesmo sob a luz fraca, brilhava como se tivesse sua própria vitalidade, lembrando os muitos membros que havia cortado e as libações carmesim que havia reivindicado. Coração dos mortos ele a chamou, por seu poder sobre a vida e a morte.

Quando Eirik puxou a cortina, sorriu ao me ver pronta, meus dedos começando o que eu queria que ele continuasse.

— Eu não a quero em silêncio. — Ele soltou o cinto onde pendia sua adaga.

— Meu Lorde — eu respondi, provocando-o com uma visão do que estava dentro de mim.

Segurando minha cintura, ele me puxou para a beira da cama. — Cheia de doçura — murmurou, abaixando a cabeça para me provar, esfregando a língua na minha fenda.

Estremeci quando se aprofundou, gemendo com suas carícias crescentes.

— Quero que a ouçam. — Ele pressionou a ponta macia da língua onde eu mais desejava, me chupando entre os dentes, deixando sua barba esfregar contra a pele macia da minha coxa.

Gritei quando me puxou com mais firmeza em sua boca, devorando minha suavidade, me penetrando com todo o comprimento de sua língua.

— Mais alto, meu amor — ordenou — Ou eu os convido para entrar, para ouvi-la adequadamente.

Eu me contorci debaixo dele, no limite do meu êxtase. Não era a primeira vez que outras pessoas estavam próximas durante o ato sexual. Havia pouca privacidade, apesar do revestimento em madeira da nossa pequena divisória, e eu não tinha vergonha dos barulhos que fazia. Até me excitava pensar neles escutando, ouvindo a satisfação em nossa cama.

Soltando as calças de lã, Eirik rapidamente direcionou seu pau e soltei um gemido de desejo quando peguei a cabeça brilhante.

— Sim, minha querida. — Meu corpo recebeu todo o comprimento de

seu desejo, entregue com força em minha carne submissa. Ofeguei com a força de seus impulsos, levantando meus quadris para encontrá-lo até que minha voz deu seu final. Eirik gemeu alto e gozou, mantendo-se dentro de mim, fundo, me enchendo com sua semente.

Houve um grito de alegria e riso na sala ao lado, para o que Eirik sorriu, desmoronando ao meu lado.

— Não os traria aqui, não é? — Perguntei, embora a ideia não me horrorizasse como deveria.

— Não, eu não faria. — A mão de Eirik encontrou meu seio, apertando o mamilo. — Pois eles não gostariam de somente olhar. Qualquer homem assistindo como se contorce embaixo de mim gostaria de uma parte disso, e não desejo lutar no meu próprio quarto. É minha mulher, Elswyth. Ninguém mais a terá.

Sua resposta me agradou e fizemos amor novamente — desta vez lentamente, balançando languidamente até o fim, e com os beijos de Eirik gentis em meus lábios.

Cochilamos e estava totalmente escuro quando acordei. Tudo estava quieto, mas algo tinha me incomodado, e a Eirik também.

— Ouviu isso? — Perguntei. — Alguém chorando?

Coloquei minha túnica sobre a cabeça e olhei através do grande espaço do corredor, onde as brasas ainda brilhavam. Havia um choro do outro lado, onde Asta dormia.

Enquanto eu corria, vi Guðrún espreitando da alcova em que preparávamos comida, com Sylvi atrás dela.

Outra cortina se abriu e Gunnolf apareceu, de peito nu. Faline estava ao lado dele, os dedos enrolados em seu braço.

Ele inclinou a cabeça para mim, em reconhecimento, suponho, por ter me levantado para atender sua esposa. Meu aceno de volta foi breve antes de desviar o olhar.

O pavio da lâmpada ainda estava aceso na cabeceira da cama, embora quase completamente queimado, sua iluminação me mostrou a palidez de seu rosto quando ela se sentou na cama, seus olhos selvagens e escuros. Eu a abracei firme, pois ela tremia.

— O ouviu? — Ela se agarrou a mim, sua bochecha pegajosa contra a minha.

Eu pensei que ela se referia a Gunnolf e seu mal comportamento. Era um assunto que não era mencionado na presença de Asta.

— Não, minha Lady. Não ouvi nada. A casa está quieta. — Eu a

balancei gentilmente no meu ombro.

— Não consegui encontrá-lo, não importa onde eu olhasse.

— Apenas um pesadelo — a acalmei, incentivando-a a se deitar.

— Para onde vão? Os bebês que morrem? — Ela lambeu os lábios e vi que estavam rachados.

— Seu filho está bem, minha Lady, crescendo seguro dentro da senhora.

— Afastei uma mecha de cabelo da sua testa. — Não há nada a temer.

Ela embalou a curva de sua barriga, virando o rosto para o meu, seus olhos implorando por segurança.

— Não pude assistir quando o colocaram no fogo. — Os dedos dela tremeram, nervosos — A fumaça os leva para o próximo mundo, é o que dizem, mas não sei se acredito.

— Todos nós temos pensamentos sombrios, minha Lady, mas ninguém irá prejudicar seu bebê. Vou me certificar disso. — Segurando a mão dela na minha, eu sussurrei baixinho, dizendo o que podia para acalmá-la — Sempre estará segura quando eu estiver perto. Teve um pesadelo. É *draumskrok*, não mais que bobagem de sonho.

Em seu medo, parecia mais uma criança do que uma mulher adulta e me lembrei que ela tinha pouco mais que a minha idade.

— Vou misturar uma poção para fazê-la dormir novamente, profundamente, para que os sonhos não venham.

Tentei me levantar, mas ela não soltou minha mão. — Gunnolf prometeu não queimar meu corpo, vai me enterrar onde colocamos as cinzas.

— Cinzas?

— Do meu primeiro. — Asta se levantou do travesseiro, me puxando para mais perto, esmagando meus dedos nos dela — Ele está sozinho, sob a geada, na floresta.

Em todos os meses que cuidei dela, ela nunca havia mencionado outro nascimento. Que dor deve ser, amarrar ossos e carne dentro do próprio corpo, sentir a batida do coração de outro, só para ver que a criação não trouxe nada. Não era de admirar que sua mente se desviasse para esta criança perdida, apesar de que carregasse um novo bebê. Talvez a gravidez tivesse feito sua mente divagar, mas não faria bem nenhum em pensar no que se foi.

— Não podemos escolher nossa hora da morte — afirmou Asta, com a voz fraca, mas resolvida — Somente os Nornar podem fazer isso.

Lembrei-me de Helka me contando essa lenda: que as três mulheres do destino esculpiam cada vida em uma peça de madeira no momento em que entramos no mundo. Nada poderia mudar o que aconteceu. Era isso que

inspirava a bravura dos nórdicos, disse Helka, não há perdas quando o destino de um homem está escrito.

— É como *A Música de Skirnir*. — Asta suspirou. — O meu destino está traçado até ao último meio-dia, e toda a minha vida está determinada.

— Não pense nisso, minha Lady. Pense no novo bebê chegando, junto com a primavera. Quão feliz ficará então.

A tensão pareceu deixar seu corpo e ela soltou meus dedos, recostando-se mais uma vez.

— Acho que nunca vou vê-lo.

Ela falou baixinho, mas eu ouvi cada palavra, e um sentimento perturbador tomou conta de mim, sentada ali, envolta em sombras. Olhando para o rosto dela tão pálido, vi o crânio sob sua pele e estremeci.



Capítulo 12

O inverno continuou, na quietude adormecida na neve. À medida que os dias mais sombrios se aproximavam e o festival de *Jul* ficava mais próximo, alguns se aventuraram com a lua cheia para colher visco. As mesmas foices que colheram milho e cevada dos campos derrubavam a folhagem verde, rica em frutas brancas, pendendo em grandes cachos das árvores.

Amarrei os cachos com força, passando-os para Helka, que subiu nos ombros de Eirik para pendurá-los nas vigas. Mantendo-se firme contra a grande viga de madeira acima de sua cabeça, seus dedos trabalhavam agilmente para prender o fio enquanto dizia: — O deus da luz, Baldur, foi morto por uma flecha de visco e foi enviado para residir no submundo frio e enevoadado, na noite eterna. A deusa Hel o manteve, embora fosse um consorte relutante.

— E ele ficou lá para todo o sempre? — Nunca me cansava de ouvir essas histórias, embora nem sempre fizessem sentido para mim.

— Nada dura para sempre. Dizem que voltará quando Ragnarok terminar e o ciclo da vida recomeçar. Da morte, ele renascerá. Até lá, deve suportar, como nós, as garras do inverno, na Terra congelada.

— Na primeira noite de julho, quando a luz do dia é mais curta, mantemos vigília até o amanhecer — disse Eirik. — Não importa a rapidez com que *Sól* conduz sua carruagem, fugindo de Fenrir, o devorador lobo das trevas, está fadada a ser engolida por suas mandíbulas vorazes. Devemos esperar e assistir, para mostrar nossa necessidade de que se levante novamente.

Houve uma vez, há muito tempo, em que me escondi em uma árvore para escapar de um lobo. Lembrei-me da saliva em suas presas e do olhar

firme de seus olhos pálidos. Lobos eram criaturas bonitas, mas imprevisíveis e sempre famintas. Não eram confiáveis.

Helka se abaixou enquanto lhe passava mais visco.

— É a noite da caça selvagem de Odin — continuou Eirik. — Quando ele conduz as almas imortais de nossos ancestrais, carregando através do céu sobre Sleipnir, seu garanhão de oito patas

O pensamento me encheu de admiração. — Já viu isso, Eirik?

— Nenhum homem sábio jamais viu. — Eirik deu alguns passos para que sua irmã pudesse alcançar uma parte mais distante da viga. — Seria muito perigoso conhecer os cavaleiros de *Ásgardr*. A fronteira entre os mundos dos vivos e dos mortos nem sempre é rígida, especialmente quando nos dias de inverno a Terra se assemelha à escuridão e ao frio do submundo impiedoso de Hel.

— Deixamos comida e bebida como um presente, na neve — acrescentou Helka — Para que passem sem perigo.

Fui criada como cristã e sabia que meu próprio povo se prepararia para honrar o dia do nascimento do Salvador. No entanto, tínhamos histórias mais antigas, não muito diferentes dessas, das trevas do inverno e da luz que viria novamente. Decorávamos nossas casas com grinaldas verde e visco durante os meses de geada para nos lembrar da primavera que estava esperando. Tínhamos também nossos próprios rituais para deter os olhos de espíritos maliciosos que vagavam mais livremente quando a Terra se tornava um lugar selvagem e inóspito para o homem.

As histórias de Helka falavam com meu sangue, e eu sentia a verdade delas.

Com o pé, ela cutucou o ombro de Eirik para devolvê-la ao chão. Ele me deu uma piscadela, em seguida, fez uma oscilação proposital, fingindo deixar cair sua irmã, e foi recompensado por ela com um tapa na orelha.

— Não tenha medo, Elswyth. — Recuperando o chão sob seus pés, Helka olhou para cima para admirar sua obra. — As legiões de mortos inquietos não têm razão para discutir contigo.

— De fato, não — respondi, mas pensei em meu marido, a quem nunca lamentei, nunca amei e em minha avó, deixados para trás do outro lado do mar. Ela passou para o próximo mundo? Eu não tinha como saber.



O s homens cavaram na neve para permitir a subida da colina, e a casa logo ficou cheia de gargalhadas e esportes barulhentos. Havia alguns que não tinha visto antes e alguns rostos que conhecia bem. Torhilde estava ausente, mas Ylva veio com a mãe, embora se mantivesse no canto da sala e usasse seu capuz perto. A mancha em sua bochecha não era visível na penumbra, mas eu sabia que ela estaria consciente daquela marca.

Eirik me trouxe um vestido novo para usar, o tecido fiado em um tom de azul violeta, com o corpete bordado com amores-perfeitos. — Hoje, solte seu cabelo dourado, como Asta. — Ele deu um beijo em meu pescoço.

Sua própria túnica era do mesmo tecido, bordada com feixes de cevada na bainha.

Gunnolf vestiu a pele e a cabeça de uma cabra, sacrificando quatro dos animais robustos e um porco para o banquete de três dias que começaria. Várias mulheres ajudaram Guðrún e Sylvi a preparar os alimentos. Entendi, então, por que nossa despensa estava tão cheia.

Minha boca ficou cheia de água ao ver os abundantes potes de ensopado e a carne assada ricamente perfumada. Eirik cortou uma fatia do ombro do porco e me deu, quente e succulenta.

Um imenso tronco de carvalho ardia sob o espeto, com ramos de azevinho e galhos de abeto jogados sobre ele.

— Arrume as cinzas pela manhã e salve os pedaços maiores — disse-me Asta — Vamos pendurá-los para trazer boa sorte para o próximo ano.

Antes de fechar as grandes portas, rolaram uma roda gigante, esculpida em madeira mantida seca no celeiro. Gunnolf pôs fogo, e Olaf e Eirik o empurraram para descer a colina. Era um símbolo ardente do sol, cortando a escuridão, sua jornada terminando em algum lugar no prado.

Não demorou muito para que os jogos de bebida comesçassem, os homens competindo contra as mulheres, enquanto o jarl e sua Lady julgavam, decidindo quais rimas e insultos eram mais cheios de humor. Não foi surpresa que Helka brilhasse tecendo trocadilhos e enigmas, levando facilmente a melhor sobre os homens que a desafiaram. Eirik logo levantou as mãos e se rendeu diante de sua irmã, erguendo-a sobre seus ombros, como ele fez quando penduravam o visco, desfilando-a pelo salão como a vencedora em sua batalha.

Foi bom vê-la rindo, e Astrid também. Naquela atmosfera de folia, as mulheres me prenderam em seus braços, unidas em compartilhar sua dramatização às custas de seus homens. Meu coração inchou com um novo sentimento de aceitação e, mais do que nunca, fiquei feliz por ter feito minha jornada para me juntar a Eirik, para começar esta nova vida.

Um cabo de guerra se seguiu, esposas lutando contra os maridos, com as crianças assistindo de olhos arregalados enquanto suas mães plantavam os pés e puxavam com toda a força. As mulheres de Svoldvaen tinham braços fortes, e a disputa foi bem equilibrada, embora terminasse com as saias voando, quando foram levadas ao chão pela força superior de seus homens.

— Venham agora, mães, irmãs e filhas — declarou Asta. — Na misericórdia graciosa, encham novamente as taças e abracem esses homens amados. Regozije-se que a força deles no esporte também seja a força que nos protege em tempos de guerra.

Eirik foi o destinatário de mais beijos do que parecia ser necessário, mas eu estava contente em deixá-lo se deleitar com eles, pois era uma noite de festa e eu não gostaria de ser grosseira. A noite já estava bem adiantada quando os foliões começaram a dormir nos bancos que se estendiam de cada lado do grande salão, caindo pelo hidromel que consumiram.

O amanhecer foi tênue e cinza, mas sorri ao vê-lo. Se a terrível caçada de Odin tivesse passado por cima do nosso telhado, não teria ouvido nada. Durante o segundo dia de festa, sentamos novamente ao redor do fogo e ouvimos histórias de trolls devoradores de homens, gigantes e deuses, com suas esperanças e truques, ciúmes e enganos. Eu ri de como Odin se vestiu de noiva para recuperar seu poderoso martelo e estremei ao ouvir Helka contar a história completa da estadia do doce Baldur no mundo oculto dos mortos. Havia muita bebida e comida, as mulheres compartilhando suas fofocas enquanto preparavam a mesa.

Mais tarde, Gunnolf encorajou os homens aos jogos de azar e lançou um desafio. — Sua mão, irmão — proclamou, apoiando o cotovelo sobre a mesa — e testaremos suas proezas. — Ele arrastava as palavras pelo excesso de cerveja.

Eirik não estava melhor, e o resultado foi em parte cômico, pois cada um prometeu provar a superioridade de seus braços. No entanto, havia um toque áspero no esporte do jarl. Com as mangas empurradas para os cotovelos, desnudando os braços amarrados, ficou claro que o concurso era sério, pelo menos por parte de Gunnolf. Seus dentes cerraram em uma determinação sombria enquanto empurravam para frente e para trás. Trazendo o punho de Eirik para a madeira, Gunnolf deu um grito de triunfo e havia uma selvageria em seus olhos.

Enquanto seus homens aplaudiam sua conquista, achei que lhes faltava o fervor daqueles que Eirik tinha recebido durante o torneio de luta livre da colheita.

Asta beijou a testa do marido e pediu licença, alegando sua condição.

— Irmão, é melhor do que eu. — admitiu Eirik, elegante como sempre.

— Venha, Faline — Gunnolf chamou. Ele indicou o jarro que ela carregava. — Nossos chifres requerem atenção, e tem os meios para nos satisfazer.

Sua gracinha sexual inspirou risos, mas não tive prazer com sua lascívia, preocupando-me com o fato de Asta ter ouvido o comentário de seu marido enquanto saía.

Sabia que Faline gostava de atenção e parecia bem interessada em reivindicar o lugar de Asta ao lado do jarl, mesmo que fosse para brincar de prostituta e não de esposa. No entanto, era para mim que Gunnolf olhava quando deu um tapa em seu traseiro e secou a taça, puxando-a para ele enquanto a enchia mais uma vez. Meu rosto deve ter mostrado minha aversão, mas ele não se incomodou, me observando com olhos preguiçosos.

Com o consumo de mais cerveja, uma rodada de piadas obscenas começou e me senti inclinada a me despedir, mas Eirik pediu que eu ficasse e sentasse em seu joelho. Fiz isso, embora logo me arrependesse. Ele estava bêbado, mais do que o habitual, e tornou-se luxurioso diante de seus homens, puxando-me com força sobre seu colo e me tocando debaixo das minhas saias.

Agia quase como nos dias de nosso primeiro encontro, da maneira humilhante de um mestre comandando sua escrava. — Venha, mulher, não vai se negar. Gosta de mim o suficiente em nossa cama.

— E também nos campos — disse um dos homens, provocando as gargalhadas de seus vizinhos.

Eirik afastou o linho fino do meu corpete, pegando meu seio na mão, para que todos vissem.

— Não, Eirik — reclamei, tentando me libertar. No entanto, mesmo em sua embriagues, ele era muito forte, me agarrando com mais força enquanto eu lutava, pegando meu mamilo em sua boca e rindo da minha irritação.

Vendo os sorrisos de zombaria daqueles a meu redor, minha raiva irrompeu. Eu bati na cara de Eirik para escapar, puxando minhas roupas para me cobrir.

— Estou na cama e pode se juntar a mim, se desejar. Se preferir dormir em um banco com sua cerveja, fique onde está.

Helka sentou-se de lado, nunca interferindo nos gracejos dos homens, mas ela ficou ao meu lado, acrescentando sua voz para repreender sua falta de cuidado.

Gunnolf uivou de alegria, dando um tapa nas costas de Eirik, com um brilho perverso nos olhos. — É o melhor que pode fazer, irmãozinho, já que essas mulheres são suas mestras. — Ele balançou o dedo mindinho. — Talvez já tenha perdido o seu pênis e é melhor vestir um avental.

Com isso, Eirik ficou de pé e, três passos depois, agarrou o machado. Helka chegou para detê-lo, mas ele a afastou, os olhos brilhando de repente. Ao diminuir a masculinidade de Eirik, o insulto de Gunnolf foi o mais feroz que qualquer homem poderia sofrer.

— O que disse? — Eirik rugiu. — Eu sou homem o suficiente para qualquer mulher, e ninguém é meu mestre.

Gunnolf levantou-se.

— Ninguém, exceto eu — ele rosnou. — Lembre-se bem de que sou mestre de todos os de Svolvaen e sua lealdade é comigo.

O salão ficou em silêncio quando as palavras foram lançadas.

— E a menos que vá cortar madeira, é melhor deixar de lado o machado. — A voz de Gunnolf estava cheia com seu próprio aço.

Eirik abaixou o braço. Eu nunca o vi assim, parecendo não saber para onde olhar nem o que dizer. Ajoelhou-se, inclinando a cabeça.

— Perdoe-me, meu jarl. Na minha pressa, não vi a piada. A cerveja descontrolou meu temperamento, mas minha lealdade é sua, como sempre.

Gunnolf se abaixou e pegou o machado de Eirik.

— Cuidado, irmão. — Ele examinou os rostos de seus homens, como se estivesse falando não apenas para Eirik, mas a todos eles. — Não permita que esse temperamento seja sua ruína.

Ele passou o polegar pela ponta afiada da arma.

— Fazer isso será encontrar a lâmina em seu próprio pescoço.



Capítulo 13

Nos dias que se seguiram, Gunnolf não fez mais menção à explosão precipitada de seu irmão. Eirik retomou sua graciosidade habitual diante de seu jarl, mas a alegria foi azedada pelo conflito entre eles. Talvez alguns tivessem medo de provocar a ira de Gunnolf, e de serem humilhados como Eirik; outros, eu acreditava, não gostaram de ver Eirik irritado e eram empáticos com sua ira.

Minha raiva pelo tratamento grosseiro de Eirik comigo logo diminuiu, porque sabia que tinha sido a cerveja que mexeu com seus velhos hábitos. Ele tomou o cuidado de não repetir a indulgência e não me deu nada para reclamar. Eu não esqueci, no entanto.

No final de julho, o apetite de Asta estava fraco e ela ainda parecia perturbada.

— Deve comer, minha Lady — eu insistia, colocando os pedaços mais delicados em seu prato. Ela me agradecia, mas consumia pouco.

Enquanto isso, Faline parecia contente, muitas vezes sorrindo como se conhecesse algum segredo agradável, abraçando-o bem guardado.

Svolvaen também tinha seus segredos.

Quando o novo ano começou, o ferreiro chegou à nossa porta, tropeçando no frio. — Devo me reportar ao jarl.

— Fale — ordenou Gunnolf, de seu lugar junto ao fogo. — E pegue um hidromel quente para se aquecer.

O ferreiro, Anders era seu nome, aceitou de bom grado e bebeu. — Tenho duas mortes a relatar. — Ele limpou a espuma da boca. — O filho mais novo de meu irmão e a mãe idosa de sua esposa. Eles sofreram uma doença

nas últimas semanas e se mantiveram acamados. Morreram no meio da noite.

— Lamento ouvir isso. — Gunnolf bebeu de seu próprio chifre. — E que doença foi essa?

Ander mudou de pé para pé. — Eu não sei o que é, meu jarl, mas causou uma erupção feia na pele.

Meu coração deu um pulo.

Os olhos de Gunnolf se estreitaram e ele olhou para mim. — É bom que o clima os mantenha dentro de casa e longe dos outros, para que não se espalhe.

O ferreiro assentiu. — Ninguém na família parece afetado, mas os vigiarei.

Ele se curvou para se despedir, mas Gunnolf disse para ele ficar. — Os corpos?

— Nós os enterramos na neve, meu jarl, para formar a pira quando o tempo melhorar.

— Melhor não esperar. — Gunnolf acariciou sua barba. — Hoje, se puder. Pegue madeira do estoque para a pira.

— Vou ajudar. — Eirik levantou-se para vestir a capa. — Nós podemos fazer isso, Anders, com a ajuda do seu filho mais velho. Vamos aliviar o seu irmão desse fardo, alimentando o fogo alto, para levá-los adiante rapidamente.

A neve girou pela sala quando eles partiram, em uma rajada que quase extinguiu as chamas de nossa lareira. Levantei-me para varrer, colocando galhos frescos de pinheiro nas brasas, o mais fácil para aumentar as chamas.

Eu sabia o que havia matado a criança e a avó. Deixado sem tratamento, o veneno havia infeccionado.



Gunnolf, Helka e Eirik estavam conversando à tarde no fogo, como costumavam fazer. Asta foi para seus aposentos logo depois do *nattmal*, apesar de mal ter tocado no arenque defumado e na coalhada.

Passei a escova lentamente por seu cabelo, até aquela seda branca brilhar.

— Deite-se ao meu lado, Elswyth — ela ordenou. — Não quero ficar sozinha.

Apagando a lamparina, aninhei-me em suas costas e dormi até ser despertada com frio nos ossos. Eu estava deitada sobre as peles, em vez de debaixo delas, e a noite estava cruelmente gelada.

Vozes baixas murmuravam no grande salão, pontuadas às vezes pelo surgimento de alguma mais forte.

Pegando a capa de Asta, me arrastei para a frente para olhar através das sombras para as três costas curvadas ao redor do brilho do fogo.

— Com o primeiro degelo, devemos agir. — Foi Gunnolf quem falou. — Desejo vingar-me de Skálavík.

— E o pacto de Hallgerd com o velho jarl deles? — Eirik perguntou. — Mantiveram sua palavra. Quase trinta anos se passaram com a paz entre nós.

— O tempo não enfraquece uma briga de sangue — Gunnolf rosnou. — Nosso tio Hallgerd não tinha estômago para levar batalhas à porta deles, mas precisamos vingar nossa mãe.

A selvageria no tom de Gunnolf me arrepiou. Eu nunca o ouvi falar com tanta violência e me perguntei o que havia acontecido para gerar aquele nível de sentimento. Eirik me disse que sua mãe morreu quando ele tinha apenas três anos de idade, mas eu não sabia as circunstâncias.

— Podemos juntar nosso sangue ao de Skálavík. — Ouvi Eirik dizer. — Acabaria com a disputa. Jarl Eldberg pode aceitar Helka como noiva.

— Casar com Eldberg! — ela protestou. — Prefiro deitar com o porco no chiqueiro.

— Não — Gunnolf retrucou. — Hallgerd está morto há dois anos e esperei muito tempo para derrubar o pacto. Eu sou Jarl, agora, e terei minha vingança. Vou deixar os cachorros se deliciarem com aqueles que Eldberg ama e depois esmagá-lo sob o meu pé. — Gunnolf riu, mas não havia alegria. — Além do mais, os passarinhos que pago para me contar sobre nossos inimigos notaram que Eldberg tem uma nova esposa em sua cama. Então, essa aliança não é mais possível, irmão.

Imaginei o alívio de Helka com a notícia, enquanto observava seus ombros relaxarem.

Gunnolf tomou outro gole de cerveja. — Ele pagará pelas ações de seu pai, como todos os de Skálavík.

O silêncio ficou pesado antes que Eirik assentisse. — Aye irmão. Eu entendo seu desejo. — Ele deu um longo gole de sua taça — No entanto, não desejo nos levar à uma derrota certa. Os guerreiros de Jarl Eldberg superaram os nossos em quatro vezes.

— O clã de Asta prometeu sua ajuda — Helka acrescentou.

— Eles prometeram — admitiu Eirik — mas o acordo foi feito por nosso tio, com um olho no dote dela. Não confio em seus homens para lutar pelos portões de Valhalla. Eles prosperam apenas porque vivem em uma ilha de defesa fácil.

— Estou à sua frente, irmão, com uma aliança forte o suficiente para trazer vitória à nossa causa. Antes que a neve chegasse, enviei uma petição a Jarl Ósvífur de Bjorgyn, oferecendo a mão de Helka a seu filho, Leif. Viajarão assim que o caminho estiver livre.

A voz de Helka estava afiada. — E o que tenho a dizer não importa.

Gunnolf rosnou em desagrado e pensei, não pela primeira vez, na ousadia de Helka.

Ela não faria nada contra sua vontade, mas Eirik tentou influenciá-la. — Deixe de lado seu luto por Vigrid. Seu estado de solteira é um insulto a Freya e a todos os deuses, que criaram mulheres para o prazer que elas trazem para os homens e para gerar filhos.

Eu me encolhi ao ouvi-lo dizer isso. Se o fato de ter filhos era dever de uma mulher, eu também não falhara?

Eu não conseguia ver o rosto dela, mas imaginei seus olhos brilhando. — Eu nunca vou me casar novamente, a menos que possa fazer minha própria escolha.

— Basta! — A voz de Gunnolf se tornou uma maldição. Ele agarrou o braço dela. — Aceitará o homem que eu escolher.

— A decisão é sensata, Helka — Eirik insistiu. — Leif Ósvífursson é conhecido como um guerreiro e se tornará jarl no devido tempo. Será um bom marido.

Helka respondeu com frieza. — Posso direcioná-lo para o mesmo caminho, irmão. Ouvi dizer que a jovem Freydís Ósvífurssdóttir precisa de um marido. Por que não uma aliança forjada por seu casamento? Ela recentemente alcançou sua feminilidade, acredito, e de maneira agradável. Deveria ter uma esposa honrada. Passou muitos anos lançando sua semente em campos aleatórios. Se não se casar por amor, faça-o pelo nosso povo.

Eu sufoquei um impulso de dar um passo à frente, com raiva de Helka. Meu sangue se transformou em gelo com o pensamento de Eirik colocando essa Freyd na cama que compartilhamos, tocando seus cabelos, sua pele. Prendi a respiração, esperando ouvir como ele responderia.

Parecia prestes a falar, mas as palavras não saiam de seus lábios.

Helka sacudiu a cabeça em frustração. — Vejo que devo decidir por nós, irmão. Sua bravura só existe para a violência, e não para assuntos do coração. — Ela espetou o fogo, mas não havia mais chamas. As brasas haviam perdido

o calor. — Não prometo aceitar, mas assim que o tempo permitir, viajaremos para Bjorgyn. De uma forma ou de outra, retornaremos com uma aliança.

Gunnolf levantou o jarro e serviu a bebida. — Um brinde aos novos aliados, querida irmã, querido irmão — ele brindou. — Podem conhecê-los, como deseja. Se não fizer isso, sugiro que não retorne.



Capítulo 14

Helka vestiu a capa e partiu. Gunnolf também se levantou, dando alguns passos em direção ao quarto que dividia com Asta antes de mudar de ideia. Virando-se, se retirou para o local onde Faline dormia.

Sem dúvida, ela ouvira tudo o que havia passado, assim como eu. Que alegre estaria. Eirik não havia oferecido uma palavra para protestar por seu amor. Helka também me traiu. Ela corretamente me alertou contra acreditar que Eirik estava pronto para se casar, mas eu não esperava que ela insistisse em seu casamento com outra. Pensei que estivesse do meu lado, desejasse minha felicidade tanto quanto eu desejava a dela.

Poderia prever como seria. Uma vez em Bjorgyn, Helka convenceria Eirik a selar uma aliança de casamento, para que ela mesma fosse poupada do contrato. Se Helka o convencesse de seu repúdio ao noivo, o senso de dever de Eirik forçaria sua escolha.

Ele não saiu de perto do fogo, continuou a encarar as brasas. Eu o observei sem vontade de se mover ou falar. O que poderia dizer que valesse a pena?

Fizemos uma barganha e Eirik manteve sua parte. Não me faltava nada. Ele poderia ter me tomado contra a minha vontade, me tornando sua escrava. Em vez disso, tinha sido minha escolha aceitar a condição que encontrei sob seu teto, a de não ser sua esposa, mas sua consorte. Fiz minha escolha de bom grado, de deixar minha terra natal e viajar para Svolvaen. Estava ansiosa para entender minha herança, de um pai que nunca conheci, o viking que estuprou minha mãe e me concebeu. Eu tinha adotado esse caminho, ansiosa para aprender tudo o que moldava minha natureza, mas não estava pronta para entender que o homem que eu amava pensasse tão pouco em mim.

Se tivesse nascido na cama de casamento de meu pai, teria sido valiosa o suficiente para ter minha mão pedida por Eirik? Havia pouca chance disso agora, quando ele tinha o prazer do meu corpo e nenhuma obrigação além da minha guarda.

Assim, encontrei apenas outro lugar em que fui mais tolerada do que aceita. Se Eirik se cansasse de mim, minha posição estaria perdida. Eu me enfureci com a injustiça disso.

Nada de bom viria de meu descontentamento, mas não pude deixar de lado o verdadeiro desejo do meu coração.

Fui até onde ele estava sentado. Quando olhou para cima, vi uma angústia que não esperava, embora não pudesse dizer se estava simplesmente sofrendo por eu ter ouvido ou angustiado com a insistência de Gunnolf em um casamento aliado.

Levando-o ao nosso quarto, tirei a sua roupa e a minha, até que nossa pele nua se tocasse e meus seios roçassem o cabelo de seu peito. Ele guiou minha mão para onde queria, mas eu não estava pronta para me perder em fazer amor. Em vez disso, eu o deitei e enrolei meu corpo no dele.

— Caso se case, o que será de mim?

— Ficaré comigo. — A voz de Eirik era firme. — É minha.

— Não vai me mandar embora? Não vai me casar com outro homem?

— Nunca.

Eu lutei para conter minhas lágrimas. — Mas como pode ser? Não posso assistir como outra mulher toma o que eu desejo - se casando, quando não tenho esperança. E quanto a ela, essa Freydís? Como pode esperar nos manter sob o mesmo teto?

— Se eu a tomar como minha esposa, ela fará o que eu pedir.

— Mas não quer isso, Eirik? — Eu nunca implorei, mas não consegui mais me segurar — Quer que eu tenha seus filhos? Quer que eu esteja ao seu lado, sempre?

— Sim, meu amor, sim. — Sua boca macia encontrou a minha e seus dedos acariciaram meu cabelo. Senti a carícia em todo o meu corpo, senti-me me abrindo para ele, buscando a segurança de seu amor físico, desejando acreditar que fazer amor com ele conquistaria tudo o que eu queria.

Homem e mulher se juntaram, satisfazendo nossa necessidade. Eu me rendi como sempre. Havia um prazer insondável em seu toque, me separando até que o mundo estivesse caindo e eu, perdida.

— Vai se casar com ela. — Eu sussurrei.

— Quando chegar a hora de eu agir, saberei o que devo fazer. Também

saberá, Elswyth.

— E por que devemos obedecer ao seu irmão? Não podemos ir embora? Existem outras terras, certamente. Um lugar para onde possamos ir.

— Não sabe o que está dizendo. — Sua resposta foi resoluta. — Precisamos fazer o melhor para Svolvaen. Você e eu.

Ele colocou os dedos nos meus lábios, pedindo para que eu ouvisse.

— Quando minha mãe nos disse para nos escondermos, Gunnolf me carregou — Eirik começou. — Fomos para a floresta, agachados entre as árvores. Eu não queria ouvir ou ver, mas Gunnolf me fez olhar, e Helka também. Nós nos escondemos até não haver mais chamas. Meu tio, Jarl Hallgerd, derrotou os invasores de Skálavík, mas meu pai caiu lutando. Sua voz ficou presa na garganta. — Eles levaram várias de nossas mulheres, minha mãe entre elas. Svolvaen esvaziou seus estoques e cofres para sua libertação, e o pacto foi assinado.

Ele não disse nada por alguns momentos e eu me doía por ele. Eu causei dor, fazendo-o lembrar.

— Quando ela voltou para nós, estava mudada. Luto pelo meu pai, pensei, talvez outra coisa que eu era jovem demais para entender. Alguns meses depois, a encontraram no fiorde. — Sua respiração o deixou em um longo suspiro — Meu tio e tia não tiveram filhos, por isso nos tornamos deles e, na morte de Hallgerd, Gunnolf recebeu o manto do jarl.

Beijei os dedos de Eirik e os movi sobre o meu coração. — O serve porque é o que seu tio desejava.

— E o que meu pai teria passado a ele por seu direito. É meu dever servir Svolvaen e meu jarl, mesmo quando não concordo com a estratégia dele.

— Não importa que ele queira levar Svolvaen à guerra contra um inimigo que talvez não consiga derrotar?

Eirik me puxou para mais perto. — Se é meu destino lutar, eu irei.

— E se o seu destino for morrer, Eirik? — Lágrimas me tomaram. Havia tanta coisa que eu poderia dizer, mas sabia que nenhum argumento mudaria como Eirik se sentia, nem o resultado. Sua bravura conquistou meu coração. E seu poder físico. Como eu poderia mudar qualquer parte do que eu amava?

Seu senso de dever era tão real quanto os padrões de tinta em seu corpo. Aquelas marcas definiam quem ele era e de onde veio. Também era minha história, no entanto, metade de mim não pertencia a este lugar e eu não era sua esposa. Não era melhor que a escrava dele, embora disposta a isso.

Minha voz tremia. — Eu não posso te perder.

— Não chore. — Ele afastou meu cabelo de meu rosto. — Voltarei e teremos muitas noites, minha Elswyth.

Ele me beijou, murmurando suas promessas, mas as palavras eram vazias, pois que substância tinham? Devia aceitar o que me foi concedido, não tendo poder para exigir mais, mas temi o fim da minha felicidade.



Capítulo 15

Semanas se passaram e o degelo chegou, e não havia mais motivo para demoras. Na noite anterior à partida deles, sentamos em volta do fogo, como havíamos feito muitas noites antes. As chamas saltavam e as sombras com elas. Fomos subjugados em nossa conversa, cada um consumido pelos próprios pensamentos.

Eirik me deu um amuleto para usar, gravado com o martelo do poder. — Como Mjolnir, a arma mágica de Thor, voltarei. — Ele prendeu a tira de couro no meu pescoço. — Gunnolf a protegerá. — Eu sorri fracamente com isso, não tendo dúvidas de que os olhos do jarl estariam sobre mim.

Fiquei brava com Helka por um longo tempo, incapaz de deixar de lado minha crença de que seria Eirik quem retornaria com uma noiva, e não ela com um noivo. Mas ela era minha amiga, então me afastei dela com um beijo.

Na manhã seguinte, os vi ir embora. Enrolei minha capa sobre mim para evitar o frio da manhã, depois fui varrer os restos do fogo. Nada restava além de cinzas enegrecidas.



Houve outras mortes nos meses mais frios, cada uma acompanhada pelas mesmas bolhas desfigurantes, mas ninguém falou abertamente do surto estranho, que afetava a alguns. Os velhos e fracos pareciam sofrer mais, e também os muito jovens. Astrid me disse que havia rumores de magia negra,

de uma maldição sobre Svolveen, embora esses sussurros ocorressem atrás de portas fechadas. O confinamento do inverno provavelmente reduziu a propagação da doença, mas a primavera estava nos nossos calcanhares, com todas as mãos necessárias nos campos. Não havia mais como esconder.

— Mostre a eles sua cura — exigiu Gunnolf, oferecendo para que eu visitasse todas as casas. — Pegue o que precisar; faça o que deve ser feito.

Dei minha palavra e esperava com todo o meu coração encontrar uma cura. Com isso certamente viria o respeito que eu procurava. Ainda poderia ganhar meu lugar entre essas pessoas.

Com a autoridade do jarl às minhas costas, as portas de Svolveen se abriram para mim e levei meus remédios para todos que precisavam. Evitei que as feridas infeccionassem e aliviei o ardor de feridas abertas. Alguns me olhavam com desconfiança e relutavam em aceitar meu toque, outros ficaram gratos pelos meus cuidados. Dediquei meu tempo a todos, quer me desejassem lá ou não, pois a praga não era mais um assunto particular. Que força Svolveen teria se metade do seu povo fosse perdido com a doença?

Eu me recusava a perder a esperança. As flores estavam florescendo de novo nos prados e nas folhas das plantas, desenroladas em novo crescimento. A resposta, eu tinha certeza, estava bem próxima.

Apesar dessa sombra pairando sobre Svolveen, a vida continuava. Os campos precisavam ser arados, prontos para suas sementes, e Gunnolf ordenou que as defesas de nosso povoado fossem fortalecidas. Os homens foram encarregados de cortar galhos para afiar, e uma segunda fila de lanças viradas para fora foi adicionada ao nosso perímetro.

Um dia, por volta dessa época, percebi que não tinha mais o cogumelo seco que colhi há tanto tempo, em minha própria floresta, além do mar. Guardava em uma bolsa de couro, me convencendo de que nunca precisaria usá-lo. Parecia que uma era tinha passado desde que eu estivera tentada a colocar seu veneno em uso, na primeira noite em que os invasores viking festejaram em nosso salão, bebendo a cerveja do meu marido morto.

Tinha sido um capricho tolo trazê-lo comigo e mantê-lo escondido no meu bolso. Com o sol brilhante voltando, parecia melhor que tivesse caído e sumido em algum lugar, sem que eu tivesse notado. Imaginei que a bolsa estivesse em algum lugar da floresta, há muito coberta por folhas e musgo.

Enquanto isso, eu pensava muitas vezes em Eirik e Helka, atravessando as colinas, para as terras além. Cada dia que passava levava Eirik mais longe, mas as necessidades daqueles a meu redor exigiam minha força e eram uma distração para a decepção que tomava meu coração.

Gunnolf e Asta precisavam das minhas habilidades, pois éramos uma casa de sonhos perturbadores. Minha Lady acordou muitas vezes com um

grito triste, embora ela sacudisse a cabeça quando eu pedia que ela falasse sobre seus medos. Qualquer que fosse a escuridão que enchesse seus pensamentos, não queria mais me contar. Estava preocupada em dar a ela muito da minha bebida do sono, e que isso prejudicasse o crescimento de seu bebê. Enquanto isso, Gunnolf não tinha moderação, bebendo o que eu lhe dava para afastar seus próprios demônios.

Minhas próprias noites eram preenchidas com os rostos que via durante o dia. Naquelas horas de sono, eu vagava pela floresta, procurando a planta que nos traria a cura. O lobo do passado ainda rondava as sombras em meu mundo de sonhos, seu olhar sobre mim, embora não se aproximasse. Uma noite, Asta caminhou comigo no meu devaneio pela floresta, não ao meu lado, mas seguindo atrás, seus passos de acordo com os meus. Quando me virei, ela não deu o sorriso habitual. Com o rosto pálido, ela olhou com expressão de dor, apertando a barriga redonda, os olhos suplicando, embora eu não pudesse discernir o que ela desejava de mim.

Acordei com o coração disparado e corri para o seu quarto, temendo que ela sofresse mais alguma doença.

O jarl tinha acordado cedo, ao que parecia, porque ela estava sozinha. Embora pálida, de fato, ainda trazia sua própria personalidade doce, recusando-se a reclamar com qualquer desconforto provocado pelo bebê em crescimento. Ajudei-a em suas necessidades matinais e depois a deixei descansar.

— Está perto de sua hora, minha Lady. — Soltei a pele de cabra da pequena janela, colocada onde o telhado encontrava a pedra baixa do muro para deixar entrar a luz do sol e perfumar o ar com um aroma agradável.

Ela assentiu, recostando-se nos travesseiros.

— Trarei mingau com mel extra, pois precisa de sua força.

— Como é atenciosa, minha Elswyth. — Ela sorriu agradecendo. — Eu não sei onde Faline foi... — Ela deixou o pensamento escapar e não aceitei.

— É bom ouvir os pássaros e sentir o calor da nova estação. — Asta apoiou a mão na barriga e fechou os olhos novamente. Me perguntei se não havia um bebê, mas dois dentro, estava tão redonda. Isso me preocupou, pois ela era pequena e esses nascimentos raramente eram fáceis.

— Um momento oportuno para uma nova vida entrar no mundo — eu disse, afastando esse pensamento.

— Hora de fazer o *hörgr* com sacrifícios para Freya — respondeu ela. — Fiz os últimos com minhas próprias mãos, em Ostara, depositando-os na pedra sagrada da floresta.

— Minha Lady?

— O sacrifício da morte, para o renascimento — ela murmurou. — Um tempo para abandonar velhas ilusões e hábitos, reconhecer as mudanças no mundo diante de nós.

— E para dar boas-vindas à primavera? — Perguntei.

— Claro. — Ela bocejou e eu vi que logo estaria dormindo novamente.

— Vou trazer seu *dagmal* — eu disse. — Lembre-se de que deve comer, minha Lady.



Assisti com interesse enquanto Svolvaen se preparava para o festival. Ao contrário de Jul, senti que seria um assunto sombrio. Ninguém estava disposto a me dizer o que queria saber, como se isso devesse ser experimentado e não explicado.

Fazia minha ronda diária, trazendo mais da minha pomada para Astrid. Torhilde finalmente voltou para casa, afinal, seu marido viu que precisava dela. Ele se resignou às marcas na pele, sendo que chegou a desenvolver feridas em seu próprio corpo. As dela responderam bem, como o de Ylva. Não estava totalmente curada, mas não havia a bolha feia do começo.

Olhei para Ylva, que brincava com o bebê na cama. A criança estava crescendo bem, evidentemente de forte constituição. Não tinha uma única marca. A praga permanecia arbitrária na escolha de suas vítimas.

— Gunnolf disse que apenas aqueles que estão bem devem comparecer ao festival — Astrid me disse.

— Se importa? — Perguntei a Ylva, mas ela corou e se virou, deixando sua mãe responder.

— Estou aliviada, na verdade — Astrid sussurrou. — Ostara é uma noite de mistério, quando os deuses se aproximam e sussurram em nossos ouvidos. — Olhando para Ylva, ela me puxou para a porta e depois me levou para fora. — Seus rituais nos levam de volta à terra de onde viemos, à parte animal de nós mesmos. Não é para crianças ou para meninas que nunca se deitaram antes com um homem. Não há regras na noite de Ostara. Sem maridos e sem esposas, apenas homens e mulheres.

Adivinhei o significado disso e fiquei surpresa. Eirik não me disse nada sobre Ostara, não me deu nenhum aviso. Pensei no festival de julho e nos muitos beijos que ele recebeu. Recusei-me a ceder ao ciúme, mas tinham um significado diferente agora. Não pude deixar de me perguntar se havia alguma

mulher em Svolvaen que não tivessem desfrutado das atenções de meu amante guerreiro.

— A escolha é sua, é claro — acrescentou Astrid. — Os homens não a tocarão, a menos que os convide, mas tome cuidado quando fizer isso, pois a luxúria dos deuses está neles e sentirá isso em seu próprio sangue também.

— E irá, Astrid?

Ela deu um pequeno sorriso. — Eu irei, com certeza. Ostara traz energia ao solo e ao nosso próprio corpo também. Meu marido não vai voltar e minha cama está vazia. Quem sabe o que Ostara me trará...



— Fique parada, meu amor. — Gunnolf colocou a ponta da adaga na orelha. — Não pode comparecer, mas eu queimarei seu cabelo no altar sagrado, e Freya aceitará nossa oferta. — Ele deslizou a lâmina cuidadosamente através de seus cabelos sedosos, colocando os fios cortados em sua bolsa.

— Claro, marido. — Asta aceitou o beijo em sua testa.

— E ficarei, minha Lady — afirmei. — Está muito perto de sua hora para ficar sozinha.

Enquanto eu me ajoelhava, a mão de Gunnolf descansou em meu ombro. Aquele peso me impediu de levantar e sua voz me alertou contra discussões.

— Eu acho que não. — O jarl pressionou mais firmemente enquanto ele falava. — A cerimônia nos desperta para o pulsar de tudo o que vive. Isso nos revigora com a energia vital de Freya e de todos os deuses. Como pode curar os outros se não permite que essa energia desperte em si mesma?

Eu mantive meus olhos na bainha do vestido de Asta.

— Faline deve ficar e cuidar de suas necessidades, esposa. — O polegar de Gunnolf se estendeu sob meus cabelos e encontrou a pele nua na parte de trás do meu pescoço. — Sob meus olhos, Elswyth virá a entender melhor nossos costumes.



Capítulo 16

Quando o sol se pôs, Gunnolf nos levou para a floresta, com as rédeas de um cavalo soltas na mão. Eu andei atrás dele, observando o balanço da cauda do animal. Era um caminho que Helka nunca me mostrara, a luz brilhava através do dossel de copas, manchas de calor alternando com a sombra até as árvores ficarem mais escassas. Entrando na clareira, onde o calor total do sol da primavera nos alcançava, senti a impaciência daqueles que estavam a meu redor, olhos indo de um para o outro, acesos com excitação muda.

Com galhos cortados, afiados e levados ao solo, montamos nossas estruturas improvisadas, cobrindo-as com peles, sobre as agulhas de pinheiro secas e compridas. Meu olhar foi atraído para a *hörgr*. A enorme pedra do altar emitia energia, achatada em sua borda superior, banhada pela brilhante luz do céu sem nuvens.

Os homens acenderam uma fogueira, usando detritos do chão da floresta e rodeando com pedras, para conter as chamas. Trouxemos comida para o banquete, mas ninguém a tocou.

— Para depois. — Astrid me deu uma piscadela astuta. — É aí que vai sentir fome.

Ela soltou os cadarços das botas para deixar os pés descalços. — Tire a sua e fique perto — ela sugeriu, passando-me uma tigela de madeira. — Nenhum dano acontecerá se estiver comigo.

— Ajoelhem-se, mulheres de Svolvaen. — O jarl fez com que nos aproximássemos do *hörgr*, enquanto os homens ficavam atrás.

O aroma da fumaça era doce, como se tivesse queimando alecrim e urze, mas com um fundo amargo. Isso me levou a respirar fundo, atraindo a fumaça sedutora para dentro de meu corpo, deixando minha cabeça e o corpo leves. À

medida que o tempo passava, as árvores pareciam ficar mais altas e a luz do sol mais brilhante.

— Entreguem-se a Freya, neste dia de Ostara — continuou o jarl. — Celebrem em suas bênçãos, para que seus corpos possam amadurecer sob a vontade dela.

De sua bolsa, ele tirou os longos fios do cabelo de Asta, jogando-os nas chamas, onde desapareceram, como se nunca tivessem estado. — Este símbolo de feminilidade eu queimo, pedindo a Freya que aceite nosso *blót*.

A seu aceno de cabeça, os homens conduziram o cavalo adiante. — Este animal eu sacrifico, para que Freya traga prosperidade para nossas colheitas, nossos animais e nosso povo.

O animal parecia sentir o que estava por vir, os olhos revirando de medo, deslizando para longe do altar, obrigando os homens a um aperto mais firme na corda. Quando Gunnolf levantou o machado de lâminas duplas, eu me encolhi, desejando não testemunhar o golpe fatal, virando a cabeça.

— Deve ver — sussurrou Astrid, apertando meu braço com surpreendente firmeza, seus olhos arregalados e brilhantes. — Atraia a força da nossa deusa Freya.

Eu me obriguei a olhar. Outro homem deu um passo à frente, atordoando o garanhão logo abaixo da testa com um único golpe de seu bastão. Antes que o animal tivesse tempo de cair, Gunnolf balançou a lâmina para se conectar com o pescoço. O jorro carmesim parecia estar quase no ar, naquele momento entre a vida e a morte. Cambaleante, o cavalo soltou um suspiro e desmoronou, o sangue espumando até sua boca.

O arco lento do segundo golpe do jarl cortou o ar espesso, encontrando o pescoço mais uma vez e cortando a cabeça completamente. Eu balancei, batendo contra Astrid, que me segurou pela para me apoiar.

— Vida por vida, oferecemos esse sangue para nutrir o solo — declarou o jarl.

Faça o que eu faço. — Astrid deu um passo à frente, abaixando a tigela até o sangue emaranhado, pegando o líquido escarlate. Quando fiz o mesmo, o sangue acumulado no chão manchou meus pés, pegajoso entre os dedos.

Enquanto nós, mulheres, nos reuníamos atrás do altar, os homens de Svolvea estavam do outro lado. Nunca os vi tão imóveis no corpo, tão concentrados, seguindo tudo o que fazíamos, como se estivessem em transe.

— Essas mulheres se dedicam a ti, nesta época de Ostara, grande Freya. — Gunnolf levantou os braços para o céu. — Como servas voluntárias, preencha-as com o desejo que impulsiona todas as criaturas de nosso mundo e, a seu gosto, as torne frutíferas.

Ele veio até nós, mergulhando o polegar no líquido viscoso que carregávamos, lambuzando cada testa. Chegando a mim, ele colocou as mãos sobre a minha e segurou meus olhos em seu olhar firme, de olhos pálidos. Eu tremi quando ele abaixou o polegar no vermelho escuro, como naquele dia de falcoaria, quando ele me marcou com o sangue da lebre.

Baixei os olhos com a lembrança, esperando seu polegar pegar meu lábio, sua mão levantar meu queixo, para que ele pudesse me ver melhor. Esperei a pressão de sua boca na minha.

Quando ele seguiu em frente, fiquei com a sensação perturbadora de ter esperado mais de seu toque.

A última de nós era Bodil, e seus olhos não se abaixaram. Gunnolf levou a tigela aos lábios e bebeu, deixando uma mancha sobre eles, um corte vermelho em sua bochecha. Ele colocou as mãos em ambos os lados da cabeça e a levou a um beijo profundo e longo. Eu quase podia provar o sangue em seus lábios, como se ele estivesse acariciando minha boca, e não a dela.

Interrompendo o contato, ele a levou até o pé do altar, onde Bodil abriu o avental, deixando-o cair. Depois de tirar a túnica, ela ficou nua, cabelos ruivos soltos sobre um ombro, a pele pálida e sardenta. Ela era esbelta na cintura e no quadril, mas seus seios estavam grandes e inchados com o leite com o qual ainda alimentava o bebê.

Gunnolf a ajudou a subir, deitar-se na grande pedra. Ao seu aceno, as mulheres se aproximaram, conhecendo seu papel, familiarizadas com o ritual. A primeira levantou a tigela, deixando o sangue pingar no estômago de Bodil, depois inclinando-se ainda mais, correndo riachos escarlates. A segunda tigela espirrou em seus seios, escorrendo pela garganta, enquanto a terceira caiu em cascata pelo abdômen, ensanguentando o púbis. Bodil ofegou e arqueou a espinha como se estivesse em êxtase de desejo, ansiando por mais.

Minha boca ficou seca, observando sua liberdade devassa. Ela virou a cabeça quando eu esvaziei minha própria tigela no estômago, seus olhos cheios de mais segredos do que a floresta no crepúsculo, zombando de mim com sua feminilidade, sua fertilidade comprovada, com sua sedução do homem que eu costumava chamar de meu.

O que eu tinha? Uma barriga vazia e uma cama vazia. Eirik foi embora. Quando voltasse, seria para trazer sua nova noiva para casa.

Meu devaneio foi interrompido pela voz de Gunnolf, grossa, lenta e profunda de luxúria. — Amadureça nossa semente, Freya, no solo do útero desta mulher e dentro de todas as nossas mulheres.

Seu rosto estava transformado, os olhos semicerrados, enquanto a palma da mão acariciava sua ereção.

Bodil segurou o peito e deslizou a mão pelo vermelho escorregadio,

deixando um caminho pelo torso. Seus dedos ensanguentados alcançaram dentro de sua bacia de seda, abrindo seus lábios.

Um momento depois, Gunnolf agarrou seus joelhos levantados, puxando-a para a beira da pedra para encontrar sua penetração. Demorou apenas uma dúzia de golpes antes que ele gemesse sua libertação. Separando-se dela, seu comprimento estava molhado, a parte de baixo de seu tronco marcado com o sangue do corpo de Bodil.

Ela se esticou na pedra quando o próximo homem entrou no lugar do jarl, alongando seu corpo ensanguentado, alcançando os braços acima da cabeça. Ela o teve de bom grado, deitada imóvel enquanto ele alinhava seu pênis e empurrava dentro dela. Seus golpes foram mais medidos, mais profundos, trazendo uma respiração rápida.

Eu não conseguia desviar o olhar, imaginando a pedra fria em minhas costas e o pau desse estranho entrando em meu sexo. Minha boca ficou seca com o pensamento de tomar o lugar de Bodil, de me render ao mesmo abandono carnal.

— Vão, mulheres — anunciou o jarl. — Encontrem os homens de sua escolha. Tome seu prazer e que sua união seja frutífera.

Ninguém hesitou, deixando de lado as tigelas, movendo-se rapidamente para reivindicar seus parceiros preferidos. Eu as observei se afastando, discretamente decididas, levando seus homens pelas árvores ou para os abrigos que erigimos.

— Venha — insistiu Astrid, puxando minha mão e examinando os homens ainda a serem tomados, ansiosos para fazer sua escolha. — Eu sei quem eu desejo. Quem escolherá, Elswyth?

Olhei novamente para Bodil, acenando para um terceiro amante se aproximar, abrindo a boca para levá-lo até lá enquanto o outro continuava seus movimentos lentos entre as pernas dela.

Lutei contra aquela sensação descendo sobre meu corpo. Tropeçando até a beira da clareira, ouvi Astrid chamar meu nome, mas, quando olhei para trás, meus olhos não encontraram os dela, mas os do jarl.

Sua boca se curvou em um sorriso preguiçoso, revelando as manchas de sangue entre os dentes.



Capítulo 17

Corri através da sombra e da luz, sentindo nada além da minha necessidade de escapar, de fugir do que não queria reconhecer em mim mesma, temendo tudo o que vi.

Emergindo da floresta para os penhascos abertos, engoli o ar fresco, soluçando de alívio por ter deixado para trás o estranho encantamento que ameaçava me dominar. Encostei meu rosto no solo fresco, eu dormi.



Ele visitou o meu sonho, e nós éramos dois lobos, saltando através das sombras. Um vento noturno surgiu entre as árvores e voltou a se soprar. Uma tempestade estava chegando, escurecendo mais o céu. O véu negro de nuvens se movia rapidamente, rasgando com as garras da lua crescente.

Quando acordei, ele estava lá, sob o céu escuro. A fera nele tinha me despertado e eu ainda podia sentir o sabor do trovão na minha língua. Algo em mim estava se mexendo, esperando para crescer.

— Chega de correr. — Ele tocou os dedos acima da gola de meu vestido, inclinando-se para mais perto. Captei a estranha fumaça que se agarrava a ele e o leve aroma de sexo. Sua respiração estava no meu pescoço e eu esperei o calor de seus lábios.

Ele não era o homem que eu amava, mas não era amor que eu procurava nele. Desejei a aspereza de um beijo dado a serviço do ciúme, raiva e luxúria.

Um beijo que me declararia ser uma mulher dona de si, escrava de ninguém.

Apesar do meu amor, Eirik havia me abandonado, além de já ter possuído tantas mulheres. Ele me deixou para cuidar de mim mesma e assim eu o faria, sem consideração por ele.

Os corvos estavam circulando, soando seu alarme, e antes que um relâmpago cortasse o céu, eu inclinei a cabeça para trás em sinal de rendição. Havia triunfo nos olhos de Gunnolf, pois ele estava prestes a tomar o que seu irmão pensava possuir. Ele colocou as mãos sobre minha garganta, levantando meu queixo com os polegares, me puxando para cima para encontrar sua boca, sua língua. Eu estava caindo e não havia como voltar atrás.

Suas mãos afastaram meu corpete, descobrindo o inchaço dos meus seios no ar fresco, antes de cobri-los com as palmas das mãos quentes, apertando meus mamilos. Interrompendo nosso beijo, ele caiu para tomar um deles entre os dentes, me devorando com sua chupada e sua língua provocante, até minha boceta apertar.

— Minha agora — ele rosnou, me deitando na grama e levantando minhas saias. Enrolei minhas pernas em torno dele, querendo-o dentro de mim, me fazendo esquecer que eu já amei Eirik.

Ele me fez choramingar, mergulhando no meu sexo molhado com os dedos antes de meter a coluna grossa de seu pau. O céu nos amaldiçoou com seu trovão quando retribui a aspereza de sua luxúria, mordendo seu lábio, rasgando sua pele com o arrastar das minhas unhas, beliscando a parte inferior de suas nádegas para incentivá-lo a usar mais força. Ele era selvagem e meticoloso, me tomando tão violentamente que eu gritei de dor, mas eu só tinha um pensamento: ele não podia parar.

Ele esmagou meus lábios nos dele quando gozou, pulsando grosso, suas mãos apertando meu corpo até a profundidade de seu impulso final.

Preso sob o peso dele, eu me apertava contra cada espasmo, e as primeiras gotas de chuva começaram a cair.



Capítulo 18

A fumaça do fogo sacrificial havia afetado meu julgamento. Eu não tinha entendido no que Ostara implicaria. Se Eirik tivesse pensado nisso, o que ele teria esperado? Ele não previu que o jarl pegaria o que queria e eu não teria poder para negá-lo? Com essas mentiras, tentei me defender.

Eu me mostrei infiel. Talvez as esposas da vila que me olhavam desconfiadas estivessem certas o tempo todo. Não merecia o respeito deles, pois tinha bem pouco por mim. Vagando de sala em sala, não conseguia descansar. Encontrei tarefas do lado de fora e permaneci no celeiro. Desejei que Gunnolf me seguisse, desejei que ele me queimasse novamente com seu desejo, que me fizesse esquecer de mim mesma. No entanto, quando ele teve motivos para passar por mim, eu me afastei.

Mal conseguia olhar Asta nos olhos, embora ela me tratasse como sempre. Tudo o que ela sabia ou imaginou, não deixou transparecer. Seu coração parecia muito mais leve que o meu, sem o fardo amargo de reprovação, embora seu corpo se tornasse cada vez mais fraco.

O bebê, agora grande e ansioso para vir ao mundo, parecia estar levando sua força vital para se alimentar. Quando suas dores começaram, preparei o quarto, trazendo água e roupa de cama, preparando a faca. Eu sabia o que deveria ser feito, tendo mais de uma vez ajudado minha avó a trazer uma nova vida ao mundo.

E, no entanto, nenhum bebê veio. Em vez disso, Asta apertava o estômago e a bílis miserável, a transpiração gritante em sua testa. — Pode ouvir, Elswyth? — sua mão agarrou meu pulso com uma força que ela não poderia ter. — Isso não me deixa descansar.

Molhei uma flanela para esfriar sua cabeça. — Não há ninguém aqui

para machucá-la — a acalmei, levando água aos seus lábios, mas meu conforto não era suficiente. Ela tremia e sacudia, arranhando tanto a pele que tive que prender as mãos em um pano, protegendo as unhas com as palmas das mãos.

Por fim, ficou quieta, mas seus olhos estavam artificialmente brilhantes, me seguindo pelo quarto, até que a tintura de espinheiro preto que lhe dei a fez dormir. Ela acordou ofegante, suada, se debatendo em sua cama, destruída no corpo e na mente

Gunnolf assistia de longe, temendo chegar perto, mas não querendo deixá-la por completo. O rosto dele ficou vazio, observando-a escapar. Ele não podia olhar para mim, nem eu para ele.

Meus sonhos foram repletos de Asta, andando sempre atrás de mim, através das sombras escuras da floresta, seus passos cada vez mais lentos, dificultados por sua barriga. Seus olhos estavam cheios não apenas de dor, mas de reprovação, como se soubesse que eu a ofendi e não pudesse perdoar.

Ao acordar, corri para seu lado, pronta para implorar perdão por minha ofensa, disposta a fazer o que ela ordenasse para corrigi-la. Exceto, é claro, que não poderia haver tal remédio. Não há como voltar atrás.

No quarto dia, Guðrún me sacudiu à primeira luz, pois Sylvi não podia se mover e sua pele apresentava uma erupção cutânea.

— Banhe-a em água fria e garanta que ela tome. — Instruí.

Quando a vila acordou, vimos que outras pessoas foram visitadas pela mesma sombra, como se ela tivesse voado pelos telhados à noite.

Svolvaen não suportara o suficiente? Eu já vi isso antes, ou algo parecido. A varíola havia tocado nossa vila em um verão da minha infância. Lembrei-me da minha avó fazendo casca de bétula, milefólio, flor de sabugueiro e rainha-dos-prados para aliviar a febre. Borragem também, que crescia entre espinhos, urtigas e troncos caídos, mais altos que a minha cintura, com folhas ásperas e enrugadas.

Faline observava enquanto eu colocava a mistura em bolsas, garrafas e jarros de viagem, mas não fez nenhum esforço para ajudar. Na maioria das vezes, ela e eu mal conversávamos, mas a memória compartilhada de nossa antiga casa me pressionava fortemente. Eu sabia que ela era parente e lamentava que não estivéssemos mais próximas.

— Se lembra de como a varíola chegou a nós, anos atrás? — perguntei.
— Minha avó nos tratou.

— Eu me lembro. — Faline pegou um dos jarros, abaixando o nariz com o aroma de seu conteúdo. — Sua tia tomou o lugar da minha mãe naquela época. Ela me disse que, se eu coçasse, as cicatrizes me desfigurariam e eu nunca encontraria um marido. — Ela colocou o remédio de volta na

mesa. — Fiz tudo o que me disseram, mas nunca houve marido, havia...

Ela e eu, ambas, fomos enganadas, de várias maneiras. Eu me achava acima dela ultimamente, condenando suas escolhas. Eu não provei ser melhor. Era pior, sendo hipócrita. Faline, pelo menos, não fingia.

— Me ajuda a carregar isso? — Perguntei — Lady Asta também precisa do meu serviço, e será mais rápido juntas.

Ela me olhou por um momento e depois levou a mão à bochecha. — Estou me sentindo um pouco fraca... e quente. Talvez eu deva voltar a dormir... — ela voltou depois de alguns passos. — Se tiver algum juízo, fará o mesmo. Deixe que eles cuidem dos seus.



Deitei no chão, ouvindo Asta respirando a noite toda. Enquanto a ouvia, sabia que ela vivia.

Ela não engolia nem peixe nem carne, apenas mingau e mel, enfiados entre os lábios com minha colher, embora mesmo isso seu estômago não mantivesse. contei a ela histórias da minha infância, das árvores que subia e da alegria de pular na água fria no calor do verão.

Acordando antes do amanhecer, ela sussurrou. — Cuide do meu bebê. — Acendi a lâmpada e sua chama tremeu fina. Suas bochechas estavam ruborizadas, embora seu rosto estivesse mais pálido do que nunca. — Você e Eirik.

Ela esqueceu o motivo de sua partida? Esqueceu que haveria um casamento, mas que não seria eu quem ficaria ao lado do noivo?

— Linda em seu vestido de noiva... — ela murmurou, em seu devaneio de um futuro que não poderia acontecer.

— E estará lá para ver isso. — Segui junto com o “faz de conta”, prometendo a ela tudo o que queria, trazendo sua caixa de joias quando pediu.

— Para vestir no dia em que se tornar sua noiva. — Ela se atrapalhou entre as bugigangas até que seus dedos puxaram dois broches, esculpidos em ossos e rodeados em prata. Um deles carregava um urso e um lobo, agarrando-se um ao outro na batalha, cercado por serpentes em círculo, o outro, um pássaro alto, com as asas e a cauda pendentes.

Ela os colocou no meu colo antes de descansar contra seus travesseiros, deixando-me cantar enquanto ela fechava os olhos.

O pavio queimava baixo, depois abaixava, até que a chama se apagou e eu fiquei no escuro, a mão de Asta gelada na minha.

Em algum lugar debaixo de suas costelas, o bebê não nascido apertou os punhos contra sua gaiola cheia de sangue, em golpes agitados de braço e pé. Sua batalha terminou antes de começar.



Capítulo 19

Apenas um outro ficou triste como eu, embora ele nunca tenha me mostrado suas lágrimas. Nunca duvidei que Gunnolf a amasse, embora talvez apenas da maneira que os homens fazem quando acreditam que uma mulher é nobre demais para eles, com ressentimento e adoração em igual medida. Ele acreditou que a bondade dela elevaria sua própria natureza? Era como eu me sentia, todos os dias, na presença dela. Em vez disso, nós dois a enganamos.

Asta nunca me tratou como uma estranha. Ela era irmã e mãe, mais do que Helka, cujas aventuras a levaram além da minha esfera. E como eu paguei essa gentileza? Eu caí tão facilmente na tentação, impulsionada tanto pela raiva, quanto pela luxúria.

Agora, ela estava perdida para mim em todos os sentidos, levada a algum domínio além dos vivos, onde certamente conheceria meus pecados. Minha auto aversão cresceu, pois não apenas trai sua confiança, como também não consegui salvá-la do tormento, arrastada lenta e dolorosamente até o fim mais amargo.

Os sintomas dela eram estranhos. Não exatamente os da varíola, embora tenha mostrado muitos dos sinais. Em vez disso, seu corpo se voltou contra si mesmo sem causa aparente.

Lavei-a e vesti-a para a cerimônia final, para o enterro que ela desejava. Um de seus broches, prendi ao seu roupão do branco mais puro. Me deu muito, e eu queria colocar algo que eu estimava em seu lugar de descanso. O outro prendi no meu ombro. Eu esperava que ela encontrasse paz, abraçando seus filhos na morte — seu filho e o bebê que não nascera dentro de seu corpo.

Gunnolf a carregou nos braços até a borda da floresta, para o buraco que

ele cavou ao lado das cinzas do filho. Ela pesava pouco, e ele era forte.

Foi uma cerimônia silenciosa, pois muitos na vila foram afetados pela varíola, mantendo-se em suas casas doentes, ou cuidando de outras pessoas. Gunnolf não disse nada enquanto colocava as joias mais ricas da esposa sobre o seu peito. Ele se agachou para sussurrar seu adeus, apenas no ouvido dela, depois pegou a pá, o rosto duro de tristeza, lançando a terra sobre o corpo. Estremeci ao vê-la cair, sentindo seu peso como se fosse eu quem estivesse deitada no chão frio, soterrada lentamente pela terra.

Mais tarde, os homens construíram um monte sobre a sepultura, um local de descanso adequado para o jarl se juntar a sua dama e seus bebês, quando chegasse a hora, Guðrún me disse.

Nos dias seguintes, eu assistia os doentes, misturando pomadas e tinturas. Houve muitas morte. A doença levou vários bebês mais jovens, fracos demais para chorar de fome.

Gunnolf não se aproximou, exceto para pedir poções mais fortes para dormir. Havia perigo em aumentar a potência da raiz da valeriana. Isso faria mais mal do que bem, eu avisei. Dores de cabeça e tonturas o atormentariam, por mais forte que fosse seu coração. Sua mente, angustiada, se rebelaria, perdendo a razão.

Ele deixou minhas recomendações de lado, sombras sob seus olhos me mostrando sua necessidade. Dei o que ele pediu, entendendo aquele desejo de encontrar o esquecimento, cada despertar trazendo a miséria da lembrança. Eu também queria fugir, não me reconhecer mais. Meu remorso estrangulado era mais do que eu podia suportar.

Sonhava com folhas podres e o gotejamento de água através da terra e da rocha, o solo frio na minha boca e com coisas rastejantes. Eu olhava para a escuridão, e ela deslizava para dentro de mim.



Capítulo 20

Sabia que falavam sobre mim, apesar de tudo o que fazia por eles. Não bastava tratar as feridas e cuidar da varíola. Ouvi os sussurros quando passei por suas casas, vi o estreitamento de seus olhos e cabeças virando para longe de mim.

Lady Asta estava sob meus cuidados e morreu. Eu era a culpada.

Visitando Astrid, parecia que nossa amizade havia esfriado. Nenhuma de nós falou da noite de Ostara. Não sabia o que dizer, envergonhada dos meus medos e da minha aparente rejeição ao ritual honrado. Deixando-a, vi Bodil sentada do lado de fora de sua própria porta, um pedaço de pano no colo, os dedos puxando a agulha. Ela levantou o queixo e encontrou meus olhos, seus lábios finos, sem sorrir.

De repente, desejei estar longe, ser apenas eu mesma, sem responder a ninguém. Meus pés me levaram através dos campos de novas cevadas, que ondulavam na brisa da tarde. As árvores já estavam arrastando longas sombras, as andorinhas mergulhando e girando contra um céu coberto de nuvens violetas.

Por mais que eu andasse, não havia como escapar dos meus pensamentos, de tudo o que havia acontecido e do que poderia estar por vir. Eu toquei o amuleto na minha garganta. Eirik prometeu voltar, venerou meu corpo enquanto fazia suas promessas de proteção e amor. Essas promessas tinham algum valor?

Com Asta fora e Eirik logo voltando com sua noiva, que lugar havia para mim? Eu estava destinada a executar as tarefas mais humildes, como Sylvi e Guðrún, sem esperança de um lar, marido, filhos? E então me lembrei de como eu fui com Gunnolf, voluntariamente, conscientemente, e fiquei

cheia de vergonha. Que tipo de mulher eu era? Se sofresse agora, não era mais do que o meu merecimento.

Com o crepúsculo caindo, voltei para a colina. Sylvi ainda estava sofrendo da varíola, banida por Gunnolf para a casa vazia de Helka durante sua recuperação, deixando Guðrún com mais trabalho do que ela conseguia dar conta. Era egoísta da minha parte ficar tanto tempo fora. Eu sabia que Faline ajudaria apenas com as tarefas mais fáceis.

Voltei pelo pasto sem uso, rodeando atrás das cabanas. Antes de dobrar a esquina, ouvi-os, sentados um pouco além, não muito longe da casa comprida. Ainda havia muito para aprender da língua de Svolvaen, mas eu pude entender os homens bem o suficiente.

— ...uma casa inteira de mulheres para confortá-lo agora...

— Não é à toa que parece que ele não dorme.

Eles riram disso.

— Vou tirar a morena das mãos dele quando ele estiver enjoado...

— A loira para mim — disse outro. — Se ela é boa o suficiente para Eirik, ela será boa o suficiente para chupar meu pau velho.

Meu rosto ficou quente, mas eu não podia afirmar que estava surpresa. Conhecia os homens muito bem, sabia como falavam das mulheres.

— Ele se cansou dela rapidamente, não? Agora não vai demorar muito para voltar, e com outra moça bonita para aquecer sua cama.

— Já era hora... embora precise ser mais do que bonita para impedir que a espada dele encontre outras bainhas.

Enquanto eles riam novamente, a bile subiu na minha garganta. Nada do que ouvia era mais do que eu já sabia, que eu era apenas uma das muitas amantes que entretinham Eirik por um curto período de tempo, antes de outra chamar sua atenção. Sem dúvida, ele disse a Bodil que a amava também... e a todas as outras.

Era impossível escapar da verdade. Não importava minha raiva e minha infidelidade, eu amava Eirik.



Fiquei acordada naquela noite e pensei no homem que me agradou de muitas maneiras, voltando o seu desejo para mim. A cama estava fria sem ele, apesar das peles generosamente empilhadas.

De quem era o corpo que estava esquentando o dele enquanto eu estava sozinha? Haveria alguma companheira, alguma escrava para agradá-lo, ou mais de uma. Talvez já estivesse casado e sua nova esposa estivesse ao seu lado, provando o que fora meu nos últimos tempos. Tais pensamentos eram infrutíferos, mas retornavam uma e outra vez.

A noite não tinha sido agradável. Parecia que fazia muito tempo desde que passamos horas contando histórias e cantando, os homens brincando e as mulheres provocando. Parecia impossível que essas paredes tivessem reunido o povo de Svölvaen tão recentemente, em festa pelo Yuletide.

O humor de Gunnolf se tornou cada vez mais cortante, encontrando falhas em cada prato servido a ele. Até seus homens favoritos da vila, convocados para lhe fazer companhia, jogar dados e contar notícias, eram incapazes de levantar seu ânimo. Ele os mandava embora, com palavras duras onde não havia necessidade.

Faline deixou cair um prato de pão, e por isso Gunnolf lhe deu um tapa, jogando-a no chão. Ele a levantou pelos cabelos, dizendo que ela era uma devassa inútil, que a expulsaria e proibiria qualquer casa de acolhê-la, que a amarraria a uma árvore na floresta e deixaria que os javalis e os lobos a encontrassem.

Seus olhos brilharam em ressentimento, mas ela manteve o silêncio. Ela apostou sua fortuna em Gunnolf da mesma maneira que eu fiz com Eirik, e o que nos esperava agora? Ela não derramou uma lágrima pela morte de nossa lady, talvez, tenha pensado que a morte de Asta seria sua chance. Apesar de todas as suas artimanhas, Faline não era mais sábia do que eu, agora ambas escravas dos caprichos do jarl.

Eu cochilei, finalmente, mas fui acordada por um rangido e um suspiro, um gemido, longo e baixo. Do lado de fora, pensei, algum animal com dor, um dos nossos animais. A parede atrás de mim ficava ao lado do estábulo e havia dois bezerros para nascer. O jovem rapaz que dormia com eles pediria ajuda, se necessário. Apurei o ouvido, mas não havia voz no vento.

E, no entanto, algo estava errado.

Vestindo minha capa, entrei no salão principal. O teto se estendia acima, um abismo atingindo a escuridão em que algum pássaro ou morcego estava preso, batendo nas vigas. As brasas ainda brilhavam na fogueira, mas não lançavam chamas, nem luz que fizessem sombras na escuridão.

Fiz uma pausa para ouvir, olhando para os cantos da sala. À minha esquerda, Guðrún estava roncando. Todo o resto estava quieto, exceto por um som como respiração, difícil, mas silencioso. Eu não conseguia discernir o que ou quem poderia ser, mas vinha de fora, tinha certeza

Abri a porta, tomando cuidado para evitar que ela rangesse. A

iluminação da lua parecia estranhamente brilhante depois da escuridão da casa comprida, o suficiente para me mostrar a encosta da colina e os contornos das casas mais abaixo.

Houve um grito de algum pássaro noturno, provavelmente uma coruja, que atraiu meus olhos para a borda da floresta. Ao luar, parecia mais perto, como se as árvores tivessem se arrastado para a frente enquanto dormíamos.

Mas não havia criatura, escondida e ferida, ali, nem algum animal carniceiro, cheirando restos. Nenhum som do estábulo.

Não havia nada além da brisa da noite, tremendo nas árvores distantes. Nada além de minha própria respiração e as batidas do meu coração.



Capítulo 21

Faline encheu o copo do jarl mais uma vez e se retirou para o canto da sala. Sua bochecha apresentava uma contusão, seus olhos escureceram acima, a sobrancelha cortada. Eu dei três pontos para fechar o corte, pelo qual ela agradeceu de má vontade.

Gunnolf bebia desde aquela manhã. Sabíamos como isso piorava seu humor. Era tão provável que se tornasse violento quanto melancólico. Eu assistia do compartimento da despensa, Sylvi e Guðrún ao meu lado.

Ele juntou os dados, sussurrando para eles antes do lançamento, mas o resultado foi o mesmo de todos os lances.

— Para o reino de Hel com isso! — Ele se afastou da mesa. — Há truques de Loki aqui, alguém substituiu os dados.

— Paz, meu jarl — acalmou um dos *karls*. — É apenas um jogo de amigos. Podemos jogar outro, se preferir.

— Droga com essa tolice e pegue suas armas — ordenou Gunnolf, cambaleando alguns passos para agarrar seu machado de lâminas duplas de onde estava pendurado, uma arma monstruosa, mais pesada do que muitos poderiam empunhar. — Faz muito tempo desde que praticamos nossas habilidades. Que tipo de homem somos se esquecermos como lutar?

— Meu jarl, agora não é a hora — insistiu outro dos homens. Ele se levantou cautelosamente da mesa, seu olhar sobre a lâmina na mão de Gunnolf. — Estamos bebendo e não podemos julgar como deveríamos. Não gostaríamos de machucar nossos irmãos.

— Um homem deve estar sempre pronto. — Gunnolf plantou os pés e levantou o machado acima da cabeça. — Eu não sou meu tio. Não sou fraco, como Hallgerd.

— Claro que não, meu jarl — respondeu um. — É o homem mais corajoso e mais forte. Com prazer, poliremos nossas espadas amanhã e estaremos ao seu lado lá fora, mas não hoje à noite.

Gunnolf balançou onde estava e rugiu de raiva, balançando o machado em um grande arco que ameaçava encontrar suas cabeças. Tropeçando sob seu peso, ele derrubou arma, enfiando-a com um baque poderoso na velha mesa manchada.

Todos haviam se afastado, saindo do alcance do jarl, olhando loucamente um para o outro, tão horrorizados quanto nós, mulheres.

— Eu vejo em seus corações. — Gunnolf cuspiu as palavras, puxando ferozmente a arma, xingando enquanto tentava libertá-la da madeira. — Não têm estômago para a batalha. São tão escorregadios quanto enguias, dando desculpas por seu medo!

Embora estivesse claramente embriagado, a declaração foi o maior dos insultos. A honra de um homem era tudo, não deveria ser desafiada, não deveria ser ridicularizada.

Havia um resmungo de descontentamento entre os karls, mas nenhum deles levantou a voz acima dos outros, com os olhos ainda no machado, que Gunnolf havia libertado e passava de uma mão para a outra, caminhando na direção dos homens que juraram servi-lo.

— Quando chamá-los para atacar Skálavík, quem pegará sua espada e a banhará em sangue inimigo? — Gunnolf quase perdeu o equilíbrio ao erguer a poderosa arma acima da cabeça, balançando-se no meio de seus *karls*. — Quando colocar a cabeça de Eldberg em uma estaca, o que estarão fazendo?

Os homens se dispersaram, alguns pulando para a porta, outros se esquivando do machado do jarl, pulando sobre a mesa para escapar de seu ataque inconsequente.

Fujam, doninhas — ele gritou atrás deles. — Saiam da minha frente. Não estão aptos a se chamarem homens, muito menos de Vikings de Svolvaen!

Enquanto o último corria em busca de segurança, ele bateu a porta com o ombro e jogou o machado no chão. Encontrando sua taça, ele a secou.

— Mais cerveja! — ele gritou, mas Faline não deu um passo à frente. Escondida no canto da sala, ela se encolheu. Eu não poderia culpá-la, pois queria apenas fazer o mesmo, escapar de sua atenção. Ele não estava em estado ter de companhia, seu comportamento era vergonhoso. No entanto, alguma compulsão me fez fazer o que ele havia solicitado.

— É a única corajosa o suficiente para me enfrentar? — Os olhos de Gunnolf eram duros como o aço.

Eu não disse nada, recusando-me a inclinar a cabeça ou desviar o olhar. Ele estava acostumado a obediência cega, mas resolvi não mostrar mansidão. Ele retornou meu olhar firme, o silêncio como uma parede entre nós, a tensão pesada no espaço que dividia seu corpo do meu. Por fim, ele estendeu a taça, indicando que eu a enchesse, e desejei que minha mão permanecesse firme, prometendo a mim mesma não lhe dar a satisfação de ver meu medo.

Seu silêncio era profundo, a cerveja transbordando nas pontas, escorrendo pela barba. Limpando a boca com a manga, ele fez uma careta, jogando a taça vazia no chão.

— O que um homem deve fazer, Elswyth, quando tudo nele é covarde?

— Está cansado, meu Lorde. Durma para ter o descanso que precisa.

— Descansar! — ele jogou a cabeça para trás e deu uma risada vazia. — O sono não traz descanso. — Uma sombra cruzou seu rosto. — Melhor ficar acordado e encontrar diversão.

Ele tirou o casaco e se jogou de volta em um dos bancos largos, apoiando a cabeça no braço, os olhos ainda em mim.

— Deseja diversão, Elswyth? Ou prefere soluçar em seu travesseiro, pensando no homem que a deixou?

Ele inclinou a cabeça, esperando minha resposta, mas nada falei.

— Acha que é o verdadeiro amor de Eirik? Que ele abandonará o dever e voltará para se casarem? Ainda está ansiosa por algum sinal? — Seu sorriso era torto, sem alegria. — Não percebeu que ele não se apressou em voltar.

Eu me afastei, não desejando que ele visse as lágrimas que haviam surgido, pois ele havia atingido seu alvo, pondo em palavras o que eu estava pronta demais para acreditar. A raiva brilhou em mim, na direção de Eirik e Gunnolf, embora estivesse mais zangada comigo mesma. Fui tola em acreditar que Eirik poderia me amar da maneira que eu desejava.

O jarl acariciou sua barba enquanto falava e uma nova maldade entrou em seus olhos. — Meu irmão e eu sempre compartilhamos tudo, Elswyth. Não vamos compartilhá-la?

— Eu já provei esse vinho, meu Lorde, e o achei sem doçura. — Baixei os olhos porque, apesar de tudo, senti o puxão do meu ventre e na boceta por ele. A luxúria que me consumiu em Ostara me trouxe vergonha e auto aversão, mas eu não havia esquecido a satisfação daquele terrível abandono, por mais fugaz que fosse.

— Doçura não é o que estou oferecendo. — A boca de Gunnolf se contorceu com um olhar de desdém.

Sob seu escrutínio, as roupas descolaram do meu corpo, a pele dos meus ossos, mostrando tudo o que eu queria esconder.

— O que quer? — Minha voz tremia.

— Eu vou te mostrar.

Ele se levantou do banco e estendeu a mão, apontando para o canto da sala e estalando os dedos, chamando não a mim, mas Faline.

Ela avançou, sabendo, suponho, que recusar traria consequências piores.

— Uma criatura obediente, quando ela quer ser. — Gunnolf virou o rosto para cima, examinando os ferimentos que tinha causado.

Ele beliscou a bochecha dela bruscamente, depois a girou, empurrando-a para inclinar-se sobre a mesa, mandando que levantasse as saias.

Ele deve ter batido nela recentemente, pois os vergões ainda estavam lívidos nas nádegas dela — azuis, sem qualquer sinal de amarelo. Ele soltou o cinto e puxou o couro, soltando-o das calças. — Mas, às vezes, o prazer está no desafio. — Ele olhou para mim por cima do ombro. — E luta...

Minha boca ficou seca, observando-o, esperando que ele levantasse o couro para sua pobre pele. Não havia qualquer amor entre Faline e eu, mas não queria vê-la sofrer.

— É uma vergonha para um homem machucar uma mulher, ou tomar seu corpo quando ela não deseja.

— Acha que este não tem desejo? — Gunnolf deu um tapa nas costas de Faline e eu estremei ao vê-la recuar. — Ela gosta de lutar, mas gosta de foder ainda mais... e ela é feita para foder. — Ele se demorou na última palavra e apertou o cinto com força entre as mãos, mas, em vez de levantar o braço para atingi-la com força, puxou as mãos desajeitadamente pelas costas, envolvendo o comprimento do cinto em volta dos pulsos.

Ele abaixou a boca até o machucado na bochecha arredondada e mordeu a carne selvagememente, evocando sua respiração aguda.

Ele chutou suas pernas para abri-las mais, entrando nela com os dedos, depois arreganhando seus grandes lábios.

— Viu isso? Feita para o meu prazer?

Não foi a primeira vez que vi a boceta de Faline inchada, esperando por um homem. Na última vez, Eirik estava se enterrando dentro dela, sobre a mesa de banquetes do salão do meu marido, aplaudido por todos os nórdicos presentes. Faline teve muitos naquela noite, mas seu prêmio era Eirik. Era ele que ela mais desejava.

Gunnolf deixou cair as calças, revelando uma ereção completa saindo do arbusto escuro da virilha, a cabeça molhada de excitação. Ele pegou na mão, acariciando a pele, um sorriso brincando nos lábios.

Eu esperava que ele metesse nela, para tomá-la brutalmente, forçando

sua penetração. Em vez disso, ele passou a cabeça lisa de seu pau pela fenda de Faline. Ele a provocou com meias investidas, esfregando a parte sensível de sua boceta. Ela levantou o traseiro para incentivar a entrada dele.

— Por favor... — eu a ouvi choramingar. — Por favor, meu Lorde.

Ele se alinhou, reivindicando com um movimento suave, empurrando fundo antes de voltar a entrar novamente.

Faline gemeu em resposta, sussurrando novamente, como se para si mesma. — Por favor...

Um calor começou a me queimar. O calor não apenas da raiva, mas do desejo, minha própria boceta inundada.

— Há mais de um lugar para foder uma mulher, é claro. — A voz de Gunnolf estava fria quando ele se retirou, escorregadio com seus sucos, levantando seu pênis para pressionar contra seu ânus. Faline deu um grito estrangulado, mas Gunnolf a manteve firme contra a mesa. Ela se contorceu apenas brevemente antes que ele passasse por sua resistência inicial.

Quando as nádegas se apertaram e relaxaram, ela soltou um gemido baixo, como de uma criatura presa em uma armadilha, mas sem vontade de escapar. Ele manteve o ritmo até o fim, culminando em suas convulsões finais de prazer.

Eu não me mexi de onde estava. Esperei, com o crescente conhecimento de que, quando ele se voltasse para mim, eu me submeteria.

Derramaria toda a minha amargura, por Eirik e Gunnolf também. Faria Gunnolf rugir, como seu irmão havia feito. Nem seria mais ou menos que o outro. Gunnolf era apenas um homem; eu o usaria para satisfazer minha necessidade. Gunnolf desejava dominar uma escrava, mas eu o dominaria, pegaria e o possuiria!

Desejava um homem dentro de mim novamente, mas também ansiava por me perder no ato. Consumiríamos um ao outro, com ira e fúria, ao invés de amor.

Ele se retirou do corpo de Faline, apresentando um pênis não mais totalmente rígido, mas ainda encorajado.

— É um animal — eu disse com voz estrangulada, pegando o jarro de cerveja próximo e lançando o conteúdo para encharcar sua virilha, sabendo que isso iria disparar sua paixão ainda mais.

Em um único passo, ele estava em cima de mim, suas mãos puxando meus ombros, rosnando sua ira e rindo baixo.

— Exatamente como deseja.

Ele puxou a frente do meu vestido, rompendo os fechos, depois tirou-o

por baixo, arrancando as roupas de mim enquanto eu estava de pé. Não fiz nada para desafiá-lo, minhas próprias mãos ajudando até que eu estava nua, deleitando-se com as mãos dele se movendo sobre meus seios, segurando minhas nádegas, apertando minha carne. Não me importei com o fato de Faline ver como eu me entregava a ele, nem que seus olhos ardessem de desgosto.

Apertei os grandes músculos de seus braços, me firmando contra a aspereza de sua boca, abrindo minhas pernas antes mesmo de ele me deitar sobre a mesa. Seu pau trouxe um gemido de prazer que não consegui esconder, minha boceta ansiosa por sua violência, minha pele faminta por seus dentes arranhando.

Ele me esmagou no peito enquanto ejaculava, com um grito para combinar com meu próprio gemido. As faíscas brilharam, quebraram e colidiram, deslumbrando-me com sua luz e me enviando, mais uma vez, para o fundo do abismo.



Capítulo 22

Gunnolf tornou-se brutal, áspero e faminto. Eu sabia que sua alma doía e não havia remédio para isso, sua raiva era outra versão minha. Saciamos nossa tristeza mútua e paixão selvagem. Cada machucado que ele me deu era uma marca dos meus muitos pecados, marcando a lenta morte do meu coração.

Seu temperamento continuou o mesmo, volátil e violento. Ele atacava antes de enterrar a cabeça no meu colo. Ele me falou dos primeiros dias de sua vida conjugal, e antes. Seu tio havia arranjado o casamento. Um contrato de aliança, é claro, não planejado por amor, mas por seu rico dote. No entanto, Gunnolf se maravilhava com a beleza de Asta, sua compostura, sua graça. Ela foi o prêmio dele.

Agora, ele lamentava tudo o que deveria ter dito e feito. — Ela carregou meu filho, mas não foi suficiente para mantê-la nesta vida. Ela morreu, Elswyth, porque não demonstrei meu amor? É isso que ela não pode perdoar? Sua beleza está enterrada e apodrecendo, mas está além da porta, além da cortina. Ela não descansa, nem me permite a paz.

Misturando o elixir de sono que ele exigia, eu disse apenas que deveria acalmá-lo. Mesmo assim, ele ficou inquieto, se debatendo em sonhos assombrados.

Dedos brancos como ossos, olhos ocos e perscrutadores, eu também a vi.

Cada momento de sono me levava para a floresta, pela qual eu corria, as árvores me levando em círculos, sem ter para onde escapar. Ela estava sempre lá, agora perto do meu ombro, depois mais atrás. Não era mais sua barriga que ela agarrava, mas um embrulho em seus braços, que ela empurrava em minha direção. Dentro havia o rosto cinzento de seu bebê embrulhado, sem fôlego ou

vida. Sua expressão continha a dor e a censura pelas quais eu me culpava, e também uma grande tristeza por tudo o que poderia ter sido e que agora estava perdido.

Eu não conseguia evitar o medo de que nunca estivesse dormindo, mas sim olhando através da escuridão, para o rosto dela.



O sol nascente trazia a promessa do verão e seu calor deveria ter animado meu coração, assim como o das crianças que corriam para fora, ansiosas para compensar os dias perdidos.

Fiz minha parte ajudando Svolvaen a se recuperar da varíola, aliviando coceiras furiosas na pele e febre debilitante, mas eu mal podia me alegrar. A morte de Asta e minha traição a ela continuaram sendo um tormento para mim.

Fui negligente de várias maneiras, procurando evitar o que era difícil. Recuei tanto em remorso e autopiedade que mal me reconhecia. Meu corpo permanecia saudável, apesar de tudo o que acontecia ao meu redor, mas eu não acreditava mais no meu propósito, nem em minhas habilidades. Eu não havia salvado Asta, nem havia encontrado uma cura para as feridas desfigurantes. Meus tratamentos eram apenas um alívio temporário.

Havia apenas uma pessoa a quem eu poderia recorrer, embora nossa amizade tivesse esfriado. Conversamos sim, mas brevemente, desde a noite de Ostar. Astrid me confiava sua angústia, eu me afastava da minha.

Ela parecia cansada, quando atendeu a porta. Apertando os lábios, ela me manteve no limiar, inclinando a cabeça, finalmente, mudando o bebê contorcido de um quadril para o outro.

— Sente-se, então. — Ela abaixou o pequeno no chão. — Sabe que é bem-vinda.

Eu merecia a aspereza em seu tom. Eu a negligenciei e à Ylva.

— Fresh saiu há uma hora. — Ela serviu um pouco de leite e me entregou um copo. — Ylva levou as cabras para o pasto, então somos apenas nós duas.

Tomei um gole do líquido cremoso, ainda quente, e sorri agradecendo.

— Esteve ocupada, eu ouvi. — Astrid pegou o banquinho à minha frente, ao lado da lareira. Ela estalou a língua. — Não é mais do que alguém

esperaria, é claro, compartilhando o mesmo teto com ele, e Eirik fora por muitas semanas.

Todos de Svolvaen provavelmente sabiam, havia pouco que pudesse ser escondido. Astrid olhou para mim atentamente, esperando que eu desabafasse. Não mantivemos segredos uma do outra, no passado.

Quando eu não respondi, ela se levantou para mexer o conteúdo de sua panela, suspensa sobre o fogo.

— Eu não pretendia... — Não consegui explicar. O que quer que estivesse acontecendo entre mim e Gunnolf, não sabia como descrevê-lo.

— A outra, aquela Faline, não é suficiente para ele, então tem que te ter também? — Astrid olhou intensamente para a descoloração no meu pescoço. — E as duas sentindo o peso da mão dele.

Gunnolf gostava de me conter ou apertar minha garganta quando ele me tomava. Apenas uma vez eu apaguei sob a pressão de seus polegares, despertando com a umidade de seu esperma riscando minhas coxas e o latejar de minha boceta.

Eu soltei meu cabelo em volta dos ombros, mas as marcas eram difíceis de esconder. Havia mais nos meus pulsos.

Astrid abaixou a voz. — O jarl não é mais o que era. Sempre rigoroso, sabíamos, mas honesto. Agora, os homens estão com medo. Também estão sofrendo nas mãos dele. Ontem, o filho do ferreiro levou uma surra do jarl, e por algo que um tapa na orelha teria resolvido. Ele disse aos homens que cultivassem apenas de manhã. Deveriam derrubar madeira o resto do dia, para estender fortificações até o porto. Ameaçou com açoite, se não fizerem isso.

Eu fiz uma careta ao ouvir isso. Gunnolf não falou nada a respeito.

Trazendo a concha à boca, Astrid provou um gole do caldo. — Ele precisa de outra esposa, é claro. Embora isso não pare um homem como ele... — ela baixou a voz. — Eles estão esperando o retorno de Eirik. É ele que os homens amam, ele que deveria ser jarl.

Eu me mexi desconfortavelmente. Tinha tentado afastar os pensamentos de Eirik, do estado do meu coração e do dele, me convenci de que parei de esperar sua volta.

Astrid se inclinou para frente. — Há algo mais. — Ela hesitou, olhando rapidamente, embora não houvesse ninguém para ouvir, apenas o bebê. — Algo não está certo.

Ela abriu a boca para falar, depois desviou o olhar, ocupando-se do atijador, alimentando as chamas embaixo da panela.

— O que é Astrid?

— Não tenho certeza se acredito. Não deveria ter dito...

Ela correu para a despensa, retornando com uma braçada de legumes. Levando-os à mesa para cortar, a faca tremia em sua mão.

— Não é mais doença?

— Não. Nada desse tipo. — Ela franziu a testa, mantendo os olhos baixos, cortando a carne esbranquiçada de um nabo. — Nenhuma doença que possa ser curada...

— O que está dizendo?

— Há sussurros, mas eu nunca ouvi isso pessoalmente... Foi errado da minha parte dizer.

Eu pulei, contornando a mesa para ficar ao lado dela, estendendo o braço. — Eu preciso saber, Astrid!

Apesar do calor do dia e do fogo aceso, um calafrio caiu sobre mim.

— Algo que afete Gunnolf? Que me afete?

— Talvez sim...

Meu coração deu um pulo.

— Ela nunca foi forte, mas ainda assim... não esperávamos. Estávamos esperando o bebê nascer. Mesmo que ela tenha perdido o primeiro, nós pensamos que tudo ficaria bem desta vez. Asta não era uma de nós, mas todos a respeitávamos, até a amávamos.

Os olhos de Astrid dispararam contra os meus, suas palavras saindo, urgentes. — Não fez isso, não é Elswyth? Nunca a machucaria...

— Não. — Minha voz arranhou minha garganta. — Eu nunca a machucaria.

Astrid balançou a cabeça. — Então não pode ser sua culpa. Ela voltou, mas não é por sua causa.

A sala ficou menor naquele instante, as paredes se aproximando. — Voltou?

Astrid deixou cair a faca. — Quando há algo errado, uma mágoa que a pessoa não pode perdoar, uma traição, alguma coisa errada... quando ela não consegue ir.

Agarrei a borda da mesa, mordendo meu lábio. Eu não confiava em mim para falar.

— Isso é o que dizem. Deve ser algo terrível, não acha, para trazê-la de volta? Para seu espírito inquieto reviver seu corpo e fazê-lo andar de novo?

Reuni todas as minhas forças. Eu tinha que saber tudo. — E alguém a

viu... em Svolvaen?

— No topo da colina, perto da borda da floresta e...

— Deve me dizer, Astrid!

Ela se encolheu com a minha voz erguida.

— Ao redor da casa do jarl.

O quarto balançou. Não importava o que eu dissesse a mim mesma, eu não poderia escapar. Meus joelhos dobraram e eu caí no chão, dissolvendo-me na maré escura.



Capítulo 23

Suas vozes altas me despertaram, do outro lado da sala. Não consegui entender as palavras. E não tinha certeza do que queriam. Estava quente onde estava, na escuridão, mas não estava dormindo. Estava em um meio termo, também não estava acordada. Meus dedos encontraram a pele de cabra embaixo do meu corpo. Eu estava confortável. Se parassem de gritar, eu poderia ficar aqui e me esconder, sonolenta e segura.

Eu lembrei agora, tinha desmaiado, o chão duro sob a minha bochecha. Astrid estava me dizendo algo que eu mal podia acreditar, mas que sentia ser verdade. Os pecados do passado não foram esquecidos e Asta não jazia pacificamente em seu túmulo.

Quem senão eu era a culpada? Eu falhei em salvá-la, não agi com rapidez suficiente, havia esquecido algo. Eu a amava..., mas algum canto escuro do meu ser queria que ela morresse? Eu teria inveja? Eu queria ter filhos de Eirik, ser sua esposa, reivindicar o status que traria. Em vez disso, não tive escolha a não ser confiar na bondade dos outros.

Quanto ao jarl, eu não era uma donzela ingênua, minha virgindade não fora roubada. Sabia o que estava fazendo. Me tornei sua amante por vontade, dominada por uma loucura de auto aversão, alimentada por emoções que mal conseguia entender. Ele e eu éramos iguais de maneiras que não gostaria de reconhecer. Éramos capazes de fúria selvagem, atizados pela raiva do luto. Quaisquer que sejam as desculpas que conjurei, não pude escapar da minha culpa.

Alguém estava chorando, alguém gritando. Palavras se aproximando, mais alto.

— ... forças das trevas, na floresta. Assim como a avó. — Era uma voz

cheia de ódio. —... sai à noite, procurando por suas criaturas, colhendo plantas para seus feitiços.

Houve um murmúrio através da sala.

— ...enfeitiçou Eirik... o fez trazê-la aqui... jogou sua magia em meu pai antes disso... lançando seu encantamento agora em Gunnolf... ela quer o lugar de Asta... foi esposa do chefe uma vez e quer ser novamente.

— Acorde-a. — Quem falou estava rouco, sua voz de comando.

Mãos me levantaram, jogaram água em meu rosto. Eu evitava voltar, mas essas mãos eram insistentes. Alguém beliscou a pele no interior do meu cotovelo, assobiou no meu ouvido. — Acorde, bruxa!

Faline estava segurando algo na palma da mão, levantando-o para o meu rosto, os olhos de serpente iluminados. A boca dela era voluptuosa, enquanto soltava veneno.

— Encontrei o que carregava no bolso do avental! Um cogumelo mortal e falta um pedaço!

Eu balancei minha cabeça em confusão. Eu não tinha nada no bolso. O cogumelo havia sido perdido semanas atrás, antes da noite de Ostara. Não conseguia me lembrar da última vez que o vi.

— O que disse? — Era a voz de Gunnolf, cheia de dor. — Esse foi o seu plano o tempo todo? Matar quem ficasse em seu caminho? Para seduzir qualquer homem que possa te beneficiar mais? Que travessura planejou?

O que eu tinha feito? Parecia muito o que eu escolhi, há muito tempo, quando andei na floresta com Helka. A borda vermelha abaixo da parte mais carnuda era inconfundível. O trouxe comigo, do outro lado do mar, um símbolo de vingança não utilizada. Poderia ter matado uma série de guerreiros com este pequeno cogumelo. Alguma parte caiu na comida de Asta? Eu a envenenei? Lembrei-me dos sintomas dela, as dores de estômago, náusea, vômito biliar e a coceira na pele. Não a varíola, mas a falha gradual e angustiante de seu corpo.

O horror disso me acordou, rasgou meu peito fazendo com que eu mal pudesse respirar, torcendo meu intestino como as próprias garras do diabo. O cogumelo era meu.

— A culpa está na cara dela! — Faline cuspiu as palavras — Veja! Eu a desafio a negar!

— É verdade — declarou Gunnolf. — Eu vejo agora. Somente uma consciência cheia de vergonha poderia parecer assim.

— Não... — minha língua estava grossa na minha boca. Contra o que eu poderia protestar? Não queria posição e poder? Não tinha inveja? Guardava segredos? E quem, senão eu, cuidara de Asta?

— Assassina! — Faline sibilou quando me levaram embora.



Capítulo 24

Muitos se reuniram, observando os homens do jarl me levarem ao porto, minhas mãos atadas. Os transgressores eram espancados, mas e os assassinos? E as bruxas?

Me prenderam ao posto de açoitamento, mas não na posição de açoitar. Eu olhava para frente, minhas costas pressionadas na madeira velha.

— Se é inocente, explique suas ações. Garantiu-me que cuidaria bem da minha esposa e se proclamou uma curandeira.

Estava acostumada a ver Gunnolf de muitos modos, agora eu via a resignação fria de seu coração. Ele desejava que outro assumisse a culpa, aliviasse seu remorso. Não importava que eu não tivesse sido a única a servir sua dama.

— A morte de minha querida Asta foi alcançada por sua mão desonesta? Era seu desejo oculto pegar o que era dela? Nega que traiu a confiança dela?

— Sabe que sou inocente. — Tentei desviar o olhar dos muitos que me olhavam, para me concentrar apenas no jarl. — Adorava Lady Asta e fiz tudo ao meu alcance para cuidar dela e do bebê.

Tentei prender Gunnolf com meus olhos, convencê-lo de minha sinceridade, mas ele se virou.

Vasculhando a multidão, procurei algum sinal de apoio. Não cuidara de seus filhos, tratara sua doença? Por isso, não ganhei a confiança deles? Eu mal os reconhecia agora, suas bocas endurecidas. Mulheres e homens, prontos para se voltar contra mim. Eu podia ouvir os resmungos: “...*não é do nosso tipo... se acha esperta demais*”.

— Tentei apenas ajudar, nunca prejudicar. — Minha voz suplicante soou

final. O sol já estava baixo, mas o suor escorria pelas minhas costas. Minha boca estava com gosto azedo. — Se eu pudesse trazê-la de volta, eu faria...

Pensei que poderia escapar daqueles que não me entendiam, que tinha encontrado uma nova vida, entre novas pessoas. Eu me enganei, pois permaneci tão estranha como sempre, não confiável, suspeita de fazer o mal.

E então vi Torhilde, avançando, chamando meu nome, e Astrid seguida por Ylva, carregando o pequeno.

— O que estão fazendo? — Astrid girou para desafiar a multidão. — Elswyth nunca machucaria ninguém! Esqueceram o que ela fez por nós?

A voz de Torhilde tremia enquanto falava, mas ela plantou os pés firmemente ao lado de Astrid. — Elswyth me mostrou compaixão quando meus vizinhos não a tinham. Apenas Astrid me abrigou, apenas Elswyth ousou olhar para minhas feridas.

— Ela não arriscou sua própria saúde para entrar em suas casas, tratá-los? — Astrid implorou.

Afastando a gola de seu vestido, Torhilde revelou a vermelhidão sem graça de uma ferida ainda sensível, parcialmente cicatrizada. — Quantos de têm isso em seus corpos? Elswyth não cuidou de suas doenças?

Um soluço subiu na minha garganta. Eu conhecia a profanação sentida por quem sofria, conhecia a mancha que Torhilde carregava. Como ela era corajosa e leal a mim. O que quer que acontecesse, me alegrava saber que não estava sozinha.

A jovem mulher que avançou usava os cabelos soltos, uma cascata de castanhos avermelhados.

— Suas feridas ainda não estão recuperadas, Torhilde. Ainda a desfiguram, ainda não confia nessa mulher, esperando que ela as cure? — O olhar que Bodil me deu era arrogante, seus olhos cheios de inimizade. — Talvez a tenha onde ela quer, dependendo dela para curá-la, alimentando-se de sua gratidão. — Falou com satisfação, como se tivesse esperado muito tempo para manchar meu nome com as mais baixas acusações. — Quantos outros estão iguais, escondendo o que os envergonha, dependente dessa intrusa, esperando sua cura? Ela não tem sangue nobre nem reivindica um status superior, mas tem a todos como escravos.

— Ela é uma bruxa! — Faline zombou. — Provavelmente causou suas feridas. Não a deixe enganá-los. Ela se importa apenas com ela mesma.

Outro assumiu o clamor. — Causou as feridas e a varíola também!

Eu olhei novamente para Gunnolf. Ele daria crédito a essas calúnias, com base apenas na palavra de Faline e na vingança da ex amante de Eirik? Não houve suavização em sua expressão, mas também não houve

malignidade. Seus pensamentos eram impenetráveis.

— Não confio em nenhuma dessas mulheres estrangeiras — disse Bodil — mas essa de cabelos escuros conhece bem a outra. Se ela nos avisa sobre as más intenções dessa mulher, acredito nela.

Faline me lançou um olhar triunfante, mal conseguindo esconder sua alegria. Correndo para frente, ela enfiou o rosto perto do meu ouvido. — Não há Eirik para salvá-la agora, mas não se preocupe. Vou mantê-lo aquecido em seu lugar, quando ele voltar... tenho paixão suficiente para os dois irmãos.

De repente ficou claro para mim. Outra sentou-se com Asta, na noite de Ostara. Logo depois disso, ela começou as câibras que convulsionavam seu corpo. O cogumelo havia sido perdido não muito tempo antes. Faline o encontrou, certamente, reconheceu sua natureza ou adivinhou por que eu a mantive.

Eu fui cega. Se eu tivesse visto o que estava acontecendo, poderia ter salvado Asta?

— Foi você! — Resmunguei, meus lábios secaram de medo. — Foi você! — Mas o crescente clamor da multidão afogou minhas palavras.

— Basta — Gunnolf levantou a mão. — O que não podemos saber, os deuses decidirão. Amarre-a nas estacas no final do píer. Se ela sobreviver à maré alta, serão eles que a salvarão.

— Não! — Eu lutei contra os braços que me carregavam através da multidão que se separava. Vi o rosto ferido de Astrid, as bochechas molhadas de lágrimas.

As estacas seriam cobertas dentro de algumas horas. Eu ficaria no escuro, ofegando enquanto a água gelada caía sobre minha boca e depois meu nariz. Não haveria ninguém para me salvar e eu não teria como sobreviver.



Capítulo 25

O sol deixou o céu e a fina lua se levantou. Minha esperança afundou enquanto esperava sob as pequenas estrelas deslizando frias através da escuridão. A água fazia um progresso traiçoeiro, para o meu peito, meus ombros.

Eu me perguntava se alguém seria corajoso o suficiente para seguir sua consciência, mover-se sorrateiramente pelo povoado, desatar a corda cruel que envolvia desajeitadamente minha cintura e me puxar para a área do píer.

Alguns haviam ficado para me ver abaixar no abraço frio do fiorde, para gritar insultos a partir da segurança da costa. Ninguém desejava chegar muito perto. Afinal de contas, eu era uma bruxa, não era?

Até Gunnolf mantinha distância. O que quer que fossemos um para o outro, o que quer que tenhamos compartilhado, não havia sido construído sobre o amor.

O amuleto de Eirik ainda estava aninhado na minha garganta. Se eu o visse novamente, na próxima vida, juraria meu amor e meu arrependimento. Raiva e ressentimento causavam um prazer amargo. Não estava fadada ao casamento nem à segurança da devoção.

A maré estava quase totalmente cheia e ninguém tinha aparecido para me libertar. As águas se estendiam deste lugar, atravessando daquela vastidão até a terra do meu nascimento, e eu estava solitária, na sombra da noite cinzenta.

Orei ao meu antigo Deus e depois a Freya, Frigg e Fjorgyn, as deusas do sexo feminino. Se elas não tivessem ouvidos para o meu sofrimento, ninguém teria.

Elas puniriam Faline como eu estava sendo punida? Cada um de nós

tinha nossos pecados. Ela agiu por ciúme, por desejar o que estava fora de seu alcance. Seu rancor havia sido cultivado por muito tempo, guardado até que sua vingança pudesse ser satisfeita. Mesmo em sua maldade, tinha pena dela, pois ela não encontrava satisfação.

As nuvens se sobrepuseram à lua, obscurecendo o pouco de luz que se deveria ter. Estava quieto, como se Svolvaen tivesse derretido ao longe. Eu estava sozinha com a maré e o chapinhar das ondas contra os barcos de pesca, balançando suavemente em seus ancoradouros de ambos os lados do cais. Pensei no que Astrid havia me dito - que o espírito inquieto do Asta caminhava. Ninguém desejava estar do lado de fora, mesmo para assistir ao último suspiro de uma bruxa, pois a água lhe ceifava a vida.

Se Asta desejava vingança, estava feito, pois minha vida agora podia ser medida por respirações ofegantes. Inclinei meu queixo e fechei os olhos enquanto as ondas negras acariciavam meus lábios, uma última carícia em minha pele.

E então, algo varreu minha perna, o deslizar suave de um peixe ou uma alga marinha. Deslizou sedoso contra o meu braço, roçando levemente meus pulsos, onde a corda os amarrava, e passou pela minha cintura. Meu corpo escorregou sob a água quando os laços se soltaram e eu provei o mar salgado. Chutar minhas pernas me trouxe à superfície, ofegando por ar, com meu coração batendo forte.

Eu não sabia quem, ou o quê, interveio. Alguma criatura enviada pelos deuses ou por suas próprias mãos divinas tentando me salvar. Não conseguia pensar, apenas me alegrava com a chance de viver!

Minhas saias estavam pesadas enquanto eu nadava, meus ombros rígidos e meu corpo gelado, mas a força de vontade me levou adiante, em direção à costa. O empurrão das ondas ajudou-me a chegar às águas rasas até meus joelhos encontrarem a areia. Eu me arrastei para além do movimento da água, feliz por sentir as pedras duras debaixo de mim e ao arrepio pelo ar da noite.

Mal havia um suspiro de vento, o mundo estava quieto, exceto pelas ondas que arrebentavam e pelo canto de uma coruja distante. Estava exausta até os ossos, mas meu coração batia de alegria, pois estava viva.

Não poderia permanecer assim por muito tempo. Uma coisa era certa, deveria agir. Poderia me apresentar a Gunnolf e a todos os Svolvaen como tendo escapado do alcance da maré. Os deuses me salvaram, provando minha inocência. No entanto, temia a maldade de Faline e Bodil. Elas não descansariam até que o rancor fosse saciado e não tinham dificuldade em encontrar ouvidos. As sementes da dúvida foram semeadas, mesmo entre aqueles que compartilharam minha amizade.

Precisava de tempo para planejar e um local de segurança para fazer

isso. Meu primeiro pensamento foi em Astrid. Nela, eu podia confiar. Ao lado de Torhilde, ela falou por mim quando muitos estavam prontos para acreditar no mal. Ela me esconderia se eu pedisse, mas isso eu não faria. Como eu poderia colocá-la em tal posição?

No alto da cascata estava o pequeno barco de Helka, aquele em que ela me levou para navegar pelo fiorde. Há quanto tempo foi aquele dia, quando eu me emocionava ao acelerar com o vento e compartilhava seu prazer pelo sucesso de nossa pesca. Lembrei-me dela me mostrando a caverna, seu próprio lugar especial, onde a borda corria plana e profunda.

Podia controlar o barco sozinha, com os remos e não a vela? O crescente esbelto da lua estava a meu favor, rompendo apenas momentaneamente através da nuvem. Provavelmente ninguém me veria. Eu não podia demorar. Os pescadores chegariam em breve, para iniciar o dia de trabalho.

As pedras se mexeram sob os meus pés, barulhentas para o meu ouvido e mais ruidosas ainda quando caíram diante do barco. Puxei-o pela corda, descendo a ladeira até a beira da água. Todas as partes do meu corpo doíam, mas fiz progressos bruscos. Finalmente, eu estava saindo, segurando a borda do barco, tonta de alívio ao sentir que flutuava livremente.

Minhas saias encharcadas bateram no convés quando entrei. Bati meu joelho com força na beira do assento da popa, amaldiçoando um bom juramento para controlar minhas lágrimas. A vela foi desviada, mas os remos ainda estavam lá dentro, e eu não perdi tempo em encaixá-los nas travas. Quanto mais cedo eu deixasse a praia para trás, mais segura me sentiria. Mais tarde haveria tempo para descansar e pensar. Por enquanto, precisava conduzir o barco pela água, me afastando de Svolvaen e do perigo. Foi uma luta romper as ondas, inclinar a embarcação no ângulo certo, mas logo estava recebendo mais golpes, deixando o barco deslizar para a frente, com os grandes penhascos subindo dos dois lados.

Fiquei abalada, cansada e ansiosa, mas uma parte antiga de mim estava despertando, a menina que subia nas árvores mais altas e nadava nas lagoas da floresta, que caçava coelhos e fazia seu próprio destino. Para sobreviver, precisava ser corajosa e engenhosa.

A lua apareceu novamente, iluminando o contorno dos penhascos. Eu estava mais adiantada do que imaginava, movendo-me paralelamente à escarpa. Enfiando os remos, procurei uma abertura, larga e baixa, e irregular de ambos os lados — a caverna de Helka. Mergulhei os remos novamente, tomando cuidado para não me aproximar. Talvez eu tenha ido longe demais. Eu poderia facilmente ter perdido o que procurava, na fraca luz prateada.

E então eu vi - a abertura característica no penhasco e a estreita passagem pela qual eu tinha que passar. Mais um pouco e eu estaria nivelada, contando com meus remos para me guiar, arriscando o pequeno barco de

madeira sobre as rochas salientes.

Senti a ondulação subir quando me aproximei, a onda ascendente empurrando para a entrada, levantando o barco e atirando-me em direção à pedra implacável. Estiquei meu remo, tentando me afastar, mas a força das ondas era muito violenta. Havia um balanço à medida que a proa se aproximava, um raspão alarmante e uma trituração das tábuas encurvadas. Eu me apoiei com um único remo, apenas para vê-lo rachar e estalar. Sem pensar, fiz o mesmo com minhas mãos, gritando enquanto minhas palmas raspavam em cima de lapas. O barco balançou sob mim, girando para raspar as rochas opostas. Eu chorei enquanto o casco rangia, esperando por uma rachadura de ruptura que me afundaria. A água estava sobre meus tornozelos, o barco inclinando-se. Agarrando o remo restante, empurrei novamente da rocha e, com todas as minhas forças, movendo desesperadamente sua lâmina de um lado do barco para o outro, impulsionei-me em direção ao abrigo da caverna.



Capítulo 26

Mesmo quando o sol se pôs alto no dia seguinte, continuou frio dentro da caverna. Fui atraída para a borda mais distante em busca de calor, de algum toque da luz do dia. Observando o recuar e avançar das ondas, me abriguei invisível. Apenas uma pessoa poderia adivinhar que eu estava aqui, e por ela eu esperei. Helka saberia o que dizer, o que fazer. Ela, eu tinha certeza, ficaria do meu lado.

O que poderia fazer além de esperar? O barco foi muito danificado, afundando embaixo de mim enquanto eu saía. Com a luz fina do amanhecer, descobri que havia desaparecido completamente. Apenas o remo lascado permanecia, seus fragmentos flutuando fora de alcance.

Encontrei as provisões de Helka: bolsas de couro com água, queijo e presunto defumado. O interior frio da caverna os preservou bem e o gosto deles, encheu minha boca não apenas com sabor, mas também com sua solidez, com o prazer de comer. Eu mastiguei lentamente, passando cada pedaço sobre a minha língua. Não sabia quanto tempo precisaria durar. Mesmo comendo com moderação, diminuíram rapidamente.

Deitada de barriga para baixo, peguei da água uma lasca de remo estilizado, pensando em usá-la para prender as ramas como os pássaros faziam com seus bicos, mas a madeira já estava macia demais para ser útil. Eventualmente, encontrei uma concha, o invólucro fundido de um molusco morto há muito tempo, o interior liso. Era uma ferramenta melhor, me oferecendo várias conchas minúsculas, mas aquelas criaturas macias se agarravam tenazmente às rochas. Em desespero, eu golpeei até meus nós dos dedos sangrarem.

Raspando algas macias, grudadas nas rochas, minhas unhas abriram.

Pressionei minha boca onde meus dedos estavam ineptos, puxando com meus dentes, ansiosos por qualquer alimento. Cada gole me deixava com mais sede, minha boca encharcada de salmoura, seca em meio a tanta água. Eu estava mergulhada no mar, a água ardendo penetrando não apenas minhas roupas, mas minha pele e meus olhos, seu toque era um tormento para meus lábios rachados.

Lambi das paredes úmidas, minha língua crua contra a formação bruta da pedra, procurando descanso do sal, precisando de água doce. O tempo escoava tão lentamente quanto aquele fino gotejamento do qual eu dependia. Escorreu na longa escuridão e durante o dia silencioso, em queda como aquelas contas de umidade sobre a rocha.

Olhei para as gaivotas voando além da entrada da caverna, imaginando como seria seu sabor, imaginando a satisfação de sua carne na minha barriga. Nenhuma chegou perto. Parecia mais provável que limpassem meus ossos do que eu os delas.

Noites passaram no abraço da caverna. Eu me enrolava na dor da fome, tremendo, escondendo meu rosto na dobra do cotovelo, envolta em suor, apesar do frio. O mundo havia se reduzido a esse lugar úmido de pedra e mar, rocha, água e frio dentro dos meus ossos.

Somente no sono havia alívio. Nos meus sonhos, juntei-me aos meninos com quem brinquei na minha infância, nadando no lago da floresta, engolindo grandes bocados de água doce e fresca. Corremos e pulamos das rochas mais altas do rochedo, caindo profundamente antes de chutar para emergir, ofegando e rindo.

Vi minha avó me dando um beijo de boa noite, minha tia e a mãe que eu mal conheci. Em breve eu as encontraria novamente? E Eirik. Sonhei com seu beijo suave e com seus braços fortes ao meu redor.

Eu também sonhava com sepultamento e trevas sombrias, e acordava para ver que era a realidade. Meu peito, apertado, sufocava o ar dos meus pulmões, pesado demais para respirar.

À fraca luz do dia, acordei com uma dor ameaçadora e agourenta em minha mão esquerda. Senti o aperto do medo e me obriguei a olhar. Tinha infecção, como eu já vi tantas vezes. Minha febre não era apenas do frio, mas dos ferimentos que eu havia evitado todos esses meses, cuidando de outras pessoas na vila. Do outro lado da palma da minha mão, a ferida estava roxa, o centro começando a formar bolhas, latejando profundamente sob a pele, parecendo se espalhar além dos limites da lesão.

Quanto tempo se passou? Quanto tempo levaria até Helka chegar? Ela e Eirik foram detidos por Jarl Ósvífur ou foram atacados por um clã rival em sua jornada de volta de Bjorgyn? A ausência deles era muito mais longa do que o esperado, mesmo antes de eu me refugiar na caverna. Agarrei o amuleto

de Eirik e invoquei os deuses. Não queria morrer, mas ficar aqui seria o meu fim.

Eu já fui uma nadadora forte no passado. Não deveria tentar? Nade para a costa, encontre outro lugar para se esconder. Com os membros pesados e a cabeça leve, sentei-me no ponto mais distante da borda, esperei uma pausa entre as ondas e me mergulhei no mar.



Capítulo 27

Fechei meus olhos pelo brilho ao redor e chutei com força. Vivendo naquele espaço subterrâneo apertado, me acostumei com a escuridão e o confinamento de suas paredes. O céu agora parecia enorme e o sol deslumbrante. Sabia que devia passar pelas rochas perigosas. Só então teria uma chance.

Quase imediatamente, a ondulação me levantou alto e depois mergulhou fundo, a água salgada entrou no meu nariz e garganta. Eu me esforcei e engasguei enquanto a corrente me varria para o lado. Raspando meu cotovelo, eu girei, estendendo minhas mãos para me deter. Prendi a respiração de dor, mas continuei lutando para avançar, quase afundando antes de ser içada para cima em uma onda crescente e empurrada para além do granito recortado.

Senti a diferença assim que passei e fiquei cheia de otimismo. Se eu pudesse agora flutuar, poderia bater os pés em meu caminho para a praia. No entanto, quando comecei a nadar, parecia não progredir. O pensamento veio a mim em uma avalanche de desespero. Quão tola eu fui! Nunca chegaria à praia, pois a maré estava saindo, me arrastando com ela. Seria arrastada para fora do fiorde, para o mar aberto.

No meu pânico, chutei com mais força. Talvez eu pudesse voltar para as rochas, me arrastar braçada a braçada, retornando à caverna. Essa esperança foi em vão, a corrente era forte. Eu já estava chegando ao nível da próxima abertura no penhasco, um buraco menor, sem borda visível, mas também sem pedras. Eu poderia me refugiar lá e esperar a maré virar. Reunindo o último suspiro da minha vontade, eu me debati na água. Virando meu corpo, me aproximei do penhasco e me preparei. Sabendo com que facilidade as ondas podiam me esmagar contra o granito inflexível, me joguei na caverna.



Entrei na caverna verde, a água calma. Ela se estendia por um longo caminho, terminando em uma elevação alta o suficiente para eu me sentar, talvez para deitar. As algas cresciam espessas nas paredes, abanando como cabelos onde tocavam a salmoura. Agarrei um grupo, puxando como uma âncora, para me levantar do mar.

Se eu tivesse forças, poderia ter chorado, mas meu desespero silencioso se alojou na minha garganta. Fechei a mão esquerda com força, não desejando ver o que sabia que crescia ali. Minha cabeça latejava pela febre e meus membros tremiam. Eu não conseguia pensar em nada além de descansar, dormir, me enrolar como um animal que reconhecia estar doente.



Ela veio até mim em meus sonhos. Estava deitada em um prado luxuriante, as flores altas ao meu redor e o sol quente, meus olhos fechados ao seu brilho. Eu a ouvi cantar e depois senti seu vestido roçando em minha perna, do tornozelo ao joelho. Não havia o que temer, pois ela estava comigo. Abri os olhos e vi o seu rosto, mais adorável do que nunca.

Acordei e minha perna estava na água, longos fios de verde varrendo minha pele. Foi apenas um devaneio fantasioso, mas me senti reconfortada e renovada pela aparência de Asta. E havia algo familiar na sensação na minha perna. Foi o mesmo que eu senti há alguns dias, quando estava presa ao píer?

Outra coisa me tirou do sono. Não o toque, mas um som, pois havia um barulho acelerado, o estrondo baixo de uma tempestade e, mais perto, o som de água gotejando.

A luz estava fraca, pois era a primeira do dia, mas o suficiente para me mostrar a chuva no mar e uma névoa baixa.

Meu corpo não tinha vontade de se mover. Arranhada, dolorida e febril, minha inclinação era fechar os olhos mais uma vez. Havia muito tempo desde que comi, muito tempo desde que estava quente ou seca. A vontade de lutar me deixou.

A maré estaria virando, mas isso não me serviria de nada. Minhas pernas estavam com chumbo e meu corpo machucado; nadar parecia

impossível. Endireitar meu braço trouxe uma punhalada de dor. A abrasão no meu cotovelo tinha crostas e depois se partiu. A ferida na minha palma esquerda doía e coçava. Eu a abri parcialmente e encolhi. Ainda agarrei algumas algas, rasgadas enquanto me arrastava da água, seus fios finos emplastados até a lesão. Eu a examinaria mais tarde, quando tivesse energia para isso. Havia irritações incômodas em outros lugares do meu corpo sobre as quais eu me recusava a me aprofundar. Eu não queria olhar, para que serviria?

Deitei quieta, ouvindo um gotejamento e respingo constantes. Helka havia me dito que os penhascos estavam cheios de abismos e rachaduras, fendas pelas quais a água passava. Talvez se pudesse encontrar a fonte, haveria água fresca para beber, ou o suficiente para molhar minha boca, pelo menos. Virando a cabeça, vi a fissura e uma pequena faixa de luz. Seria grande o suficiente para eu me espremer?

Eu gemi quando fiquei em pé, minhas costas e membros protestando, cabeça cambaleando, mas era bom levantar. Se me permitisse dormir, a tentação seria nunca mais acordar.

A primeira seção da abertura foi a mais difícil de penetrar, os ossos do meu quadril friccionando asperamente. Se eu tivesse tentado fazê-lo há uma semana, minha carne teria sido muito cheia. Havia uma curva, obrigando-me a me curvar e depois rastejar. Eu me ajoelhei e me torci, ouvindo o gotejar da água, dizendo a mim mesma que seria apenas um pouco mais adiante. Se o túnel não chegasse a nada, proibindo-me a passagem final, seria mais do que eu poderia suportar.

Por fim, havia uma abertura na rocha e eu sai em uma caverna estreita. Senti uma mudança no ar, só um pouco mais quente, mas certamente o local era mais iluminado. O que eu procurava estava fluindo pela parede, formando uma piscina clara embaixo. Mergulhei meus lábios, bebendo avidamente até meu estômago doer. Estiquei o pescoço para olhar para cima, quase ri de alívio, pois havia luz do sol e um cheiro mais fresco, além de um buraco na rocha, para os penhascos acima. Os deuses responderam minhas orações, mostrando o caminho.

A parede de pedra tinha pontos de apoio e lugares que minhas mãos podiam agarrar, não poderiam estar envoltas em algas, escorrendo água. Se eu escorregasse, meus ossos encontrariam seu descanso aqui, escondidos no coração da rocha.

Meu braço esquerdo estava com dor e meu direito cortado. Poderia ser mais complicada essa escalada? Eu ainda estava com febre, minha testa quente e minhas mãos úmidas. Eu me preparava para abrir meus dedos, sabendo que deveria inspecionar minha palma. Algas pressionaram a carne macia, impedindo-me de ver o progresso da lesão. Eu levantei os fios, aliviando a dor. Estava quente, mas não havia pus. O tamanho da bolha tinha

diminuído sem coloração amarela, sem aparência de infecção agressiva. Apesar de rosado e inchado, parecia estar se curando. Eu flexionei minha mão e empalideci um pouco, mas o desconforto era suportável.

Não apenas as forças divinas olhavam por mim, mas também a natureza, oferecendo-me uma recompensa. Descansei minha cabeça contra a rocha e dei meus agradecimentos silenciosos. Não era isso que eu estava procurando, todos esses longos meses? Investiguei muitas das algas marinhas ao longo da costa de Svolvaen, mas nunca encontrei essa variedade fina. Os deuses me levaram até aqui. Esse seria o remédio para quem me mostrou amor e para quem duvidava de mim.

Seria fácil voltar mais tarde, com outros moradores, para trazer um barco e enchê-lo o suficiente para tratar todas as pessoas em Svolvaen várias vezes, mas como eu poderia reaparecer na aldeia de mãos vazias? A acusação de ser uma bruxa estragaria o milagre da minha sobrevivência aos olhos deles. Se eu levasse a cura que precisavam, talvez os convencesse de minhas verdadeiras intenções.

Nenhuma alga crescia neste pequeno espaço onde o eu estava. Resmunguei meu desconforto enquanto rastejava de volta pela fissura, mas fui impulsionada pelo pensamento em Astrid, Ylva, Torhilda e seus filhos. Eu pegaria o que precisava e escalaria novamente para sair deste lugar. Eu curaria as feridas pela qual os outros me culpavam e, no processo, me salvaria.

Arrumei meu avental, criando uma bolsa na frente e atrás, para encher com as algas que cresciam abundantemente nas paredes. Com o tormento da fome me incomodando, empurrei um pouco na minha boca, me fazendo mastigar os fios finos. Eu precisaria da força que pudesse reunir para subir.

Um outro tanto eu torci, prendendo em volta da minha mão. Minha mente e coração estavam focados.



Capítulo 28

Se a inclinação fosse mais íngreme, nunca teria conseguido, mas o túnel proporcionava bordas nas quais eu descansava, apoiando os pés no lado oposto, permitindo que descansasse minha testa quente contra a rocha fria. Várias vezes, bati a cabeça e açoitei o ar com maldições, mas uma determinação interior me empurrava. Eu vim tão longe e não iria falhar.

Não importa o que estivesse reservado, realizaria esse último ato. Ylva seria libertada das feridas que afetavam sua jovem beleza, e Torhilde também.

O sol já passara do auge quando meu rosto encontrou seu calor, a paisagem banhada em suave esplendor. Pressionando minha bochecha na grama úmida, minhas lágrimas brotaram. Estava perdida para o amor, tinha sido sepultada, mas emergi na luz novamente.

Após o silêncio da passagem subterrânea, fiquei maravilhada com o zumbido do mundo. Abelhas pairando e mergulhando, gafanhotos no trevo e o estrondo dos pássaros. A brisa carregava o som de cada folha farfalhante. A grama estava como eu nunca a tinha visto, cada lâmina definida. Um abutre rodeou, navegando selvagem sobre as falésias, observando tudo em detalhes, como eu agora. Olhei para ele desafiadoramente, sentindo minha vitalidade retornando. Teria que procurar sua carne em outro lugar.

Cerrei minha mandíbula e respirei profundamente. Por mais tentador que fosse ficar no sol da tarde, deixar secar minhas roupas e reviver meu corpo dolorido, precisava me esconder. Somente depois do anoitecer me arrastaria descendo a colina, contornando as cabanas, procurando refúgio na casa de Astrid.

A última vez que entrei na sombra das árvores, os morangos silvestres mal começavam a florescer, agora, as frutas estavam maduras, manchando

meus dedos trêmulos enquanto eu punha sua doçura na minha boca. Por baixo, o musgo era macio, uma cama esperando por minha cabeça. Encontrei o esquecimento do sono, sabendo que em breve estaria com quem eu gostava.



Era noite quando meus olhos se abriram novamente. Meu corpo estava rígido, mas minha palma não estava mais quente e dura. Minha cabeça estava mais clara depois de dias, e a pele fria. Comer as algas curou a febre do meu sangue? Fiquei maravilhada com suas propriedades. Embebida em água fervente, poderia fazer uma beberagem eficaz.

Um pássaro se mexeu nos arbustos, causando uma agitação de mariposas, suas asas frágeis passando rapidamente por minha bochecha. Eu pensei ter ouvido um suspiro. Engoli em seco contra o gosto amargo da minha boca, a pontada no fundo da minha garganta. Havia alguém aqui? Meu pescoço formigou com o pensamento.

Não havia passos na vegetação rasteira, nem estalos de galhos. Olhando mais fundo através da escuridão aveludada, não vi nada, mas permanecia a convicção de que alguém respirava às minhas costas.

Uma onda de sentimentos me venceu — Asta? — Quão fina minha voz soou. Um junco tremulou nesta grande floresta. Cruzando meus braços, senti o amuleto no meu pescoço. Minha mão roçou o broche, ainda preso no alto do meu avental. O broche de Asta, o que ela me deu.

Eu sonhei com ela, na caverna, senti seu toque. Eu temia a raiva do seu espírito, mas nunca foi assim.

— Me perdoe, Asta. — Minha voz ainda tremia.

Ao longe, uma coruja piou e voou, com os alvos de sua caça definidos. Também estava na hora de eu partir, para me juntar aos que me mostraram amizade.



Capítulo 29

Na minha segunda batida, Ylva abriu a porta.

— Quem é? — A voz de Astrid era sussurrada.

Ylva ficou boquiaberta, tanto com minha aparência selvagem, suponho, como por eu ainda estar viva. Entrei, pois não tinha muito tempo. Fiquei na floresta e depois rastejei pela grama alta do prado, antes de me aproximar da casa por trás.

Embora o crepúsculo tivesse caído, parecia haver uma reunião perto da casa comprida e eu não gostaria de ser vista.

— Em nome de Freya! — Astrid saltou do banquinho. — Elswyth! — Em dois saltos, ela me abraçou, me puxando com força.

Minhas lágrimas brotaram, porque ficara muito sozinha no frio e no escuro. Quase esqueci como era ser acolhida nos braços de uma amiga.

— Não fale — ela insistiu, me olhando de cima a baixo. — Ylva, traga água quente e minha túnica verde... e um pouco de caldo e pão.

— Eu nunca a vi assim! — Ela deu um meio sorriso. — Vamos tirá-la dessas roupas e depois ajudamos a se limpar e aquecer.

Eu deixei seus dedos ágeis desapertar as tiras do meu avental, então segurei sua mão.

— Foi recolhida novamente... da costa, pelo seu cheiro — ela cutucou os longos fios de algas marinhas enrolados na dobra da minha saia.

Tive que mostrar-lhe antes que ela fosse mais longe, embora eu estivesse relutante em admitir que não tinha sido capaz de evitar a doença. Naquele momento, compreendi uma fração da vergonha que Ylva havia

suportado, e todos os outros que haviam sofrido com o flagelo.

Desdobrando minha palma, peguei os fios de algas que se agarravam, empurrando-os para Astrid ver. Desde aquela manhã, ela havia melhorado, voltando quase à sua cor natural, a bolha mal se elevava.

Ela assentiu baixinho. — Foi uma maravilha que você tenha ficado tanto tempo sem sucumbir à doença. Começou agora, não é mesmo?

Acenei com a cabeça, sufocando as lágrimas que ameaçavam borbulhar. — Estava muito pior, e também tive a febre. — Era um alívio para mim o fato de estar me curando. Mas era mais do que isso. As algas iriam mudar tantas vidas. Minha própria recuperação era prova disso.

— Em breve, se sentirá como sempre foi, quando tiver se alimentado, não parecerá tão ruim. Pode me contar tudo quando estiver pronta.

Fiz o melhor que pude para não vacilar, enquanto ela passava a túnica úmida sobre minha cabeça. Meus ombros estavam arranhados da árdua subida, meus braços ainda estavam doridos. Astrid foi com tato enquanto passava a faixa quente sobre minha pele, tão ternamente. Havia outras manchas de pele, sobre minhas costas, que pareciam um pouco vermelhas, ela me disse, mas nenhuma tinha bolhas como minha palma. Presumi que foi a ingestão das algas que ajudou, evitando que elas entrassem em erupção total.

Astrid me acalmou enquanto trabalhava, banhando-me delicadamente onde eu estava mais machucada até que a sujeira dos dias passados foi lavada. Ela queria até colocar o caldo nos meus lábios, mas eu insisti em fazer isso por mim mesma. Tinha muitos legumes e carne, e com cada porção eu sentia minha força retornando.

— Sabia que não poderia estar morta. — Astrid ficou nas minhas costas para pentear meu cabelo. — Embora tenha que dizer, que não pareça muito longe disso! — Molhou a madeira de ripas do pente, fazendo o possível para não puxar.

— Eu remei o barco — comecei.

— Eu sei disso. — Astrid colocou a mão em meu ombro. — Fui até o porto antes do amanhecer, antes mesmo dos pescadores. Não conseguia vê-la no píer. Então, percebi que havia sumido, o barco. Me disse que Helka te levou para navegar e eu lembrei. Ninguém mais ousaria pegá-lo.

Uma onda de medo tomou conta de mim, pois se Astrid sabia, todos sabiam. Por que não foram me procurar? Gunnolf não teria comandado isso? Ela deve ter me sentido enrijecer. — Não há necessidade de se preocupar. Alguns não a veem como um mal. — Pegando o pente novamente, ela continuou liberando os emaranhados.

— Anders sugeriu que disséssemos que o filho dele viu que desapareceu e pegou o barco de Helka, para ver se seu corpo estava à deriva. Todo mundo

conhece a teimosia de Halbert. Sempre foi um travesso. Halbert concordou imediatamente, dizendo aos amigos que havia perdido o barco nas rochas, navegando muito perto dos penhascos e depois nadou de volta. Alguns levantaram uma sobranceira, mas um pedaço do casco chegou em terra pouco tempo depois.

Minha garganta se apertou novamente. O ferreiro, Anders e Halbert. Eles eram leais a Eirik.

— E quanto aos outros? Ainda dizem que sou uma bruxa? — Astrid suspirou. — Alguns fazem isso. Alguns não. Alguns dizem que os deuses a levaram como punição, outros dizem que te salvaram. Falaram por um tempo sobre isso...

— E agora?

Puxando os dedos pelos meus cabelos, ela separou os comprimentos, preparando-se para trançá-los. — Ninguém sabe o que passa na mente do jarl, mas ele não é o mesmo. Estão dizendo que ele está em desgraça com os deuses, que não é o homem que era e não é digno de nos liderar. — Astrid se inclinou para mais perto do meu ouvido.

— Ele proibiu qualquer pessoa de falar sobre... — ela hesitou, abaixando a voz — o *draug*.

Não era uma palavra que eu tinha ouvido antes, mas um calafrio passou por mim. Eu me virei, buscando o rosto de Astrid.

— O espírito inquieto em forma humana. Já falei sobre isso, Elswyth.

Sim, ela tinha falado e a história havia me assombrado. Depois de tudo o que aconteceu, tinha minhas próprias histórias para contar, mas elas esperariam, agora não era a hora.

Astrid começou a passar mechas do meu cabelo por cima e por baixo, seus dedos trabalhando metodicamente enquanto ela falava, seguindo o ritmo de trança que exigia pouco pensamento. — Outros a viram, no topo da colina. Ninguém deseja aventurar-se depois do anoitecer.

— Ninguém? — eu fiz uma careta. — Pensei ter visto pessoas na casa comprida.

— Sim, hoje é diferente! — Astrid exclamou, então suas mãos congelaram e houve um silêncio abrupto. — Perdoe-me, Elswyth. Pensei que era por isso que tinha saído do esconderijo. Porque viu. Porque sabia.

Meu coração pulou naquele momento. Estava ciente dos dedos dela retomando a arrumação dos meus cabelos, formando rapidamente uma trança central e as menores dos lados da cabeça.

Somente quando terminou, protegendo tudo com uma tira de linho, ela voltou a olhar nos meus olhos, oferecendo-me a verdade, embora soubesse

que isso me machucaria. — Eirik e Helka voltaram para Svolveaen, com visitantes poderosos. Fala-se em casamento.

Eu sofri e rezei, desesperei e acreditei novamente, que que Eirik voltaria. Ele voltou, mas não para mim. Se sua noiva estivesse com ele, minhas esperanças eram inúteis. No entanto, tentei desviar meus pensamentos de Eirik. Qualquer que fosse o desejo secreto que abriguei, foi minha descoberta que me levou de volta a Svolveaen. O desespero só me atrapalharia.

Aponte para o meu avental, jogado ao chão, longos fios de verde derramando e indiquei minha palma novamente.

— Eu tive que voltar, para te mostrar. É o remédio que precisávamos. É da caverna em que me abrigava. As algas ajudarão. Eu sei que sim!

As mãos de Astrid voaram para sua boca. — Encontrou uma cura! — Com um soluço, ela jogou os braços em volta de mim.

Por cima do ombro de Astrid, vi que Ylva estava olhando para nós. Como sempre, ela estava sentada a certa distância, mas ouvira tudo. Eu nunca a conheci sem sua doença. Talvez, uma vez, tenha sido falante e despreocupada. Nesse caso, ela logo voltaria a ser. Minhas próprias esperanças de felicidade foram esmagadas, mas as dela ainda poderiam ser recuperadas. Eu pensaria em Eirik mais tarde. Por enquanto, tinha uma dívida de amizade para pagar.

Afastei Astrid de mim, sabendo que era hora de começarmos a trabalhar. Sofri muito, mas não foi em vão. Os deuses me mantiveram viva, me deram tempo para refletir e a vontade de recuperar minha coragem, de escapar de minha prisão sombria. Assim como Eirik estava cumprindo seu dever, eu cumpriria o meu.

— Faremos o tratamento juntas. Eu vou te mostrar.

Ylva deu sua ajuda, moendo o pilão na argamassa, liberando os sucos curativos das algas. A alga funcionava bem em seu estado natural, mas seria mais eficaz quando a preparássemos.

— Mergulhe suas tiras de linho no líquido e coloque-as sobre cada ferida — eu a orientei. — Mergulhe o resto das algas em água fervente. Faça uma tisana e beba. Vá depois levar para Torhilde e para os outros. Aja onde eu não puder.

Os olhos de Astrid brilhavam enquanto eu pegava emprestada sua capa com capuz, puxando-a em meu rosto para rastejar pra longe.

Eu a ouvi quando fechei a porta atrás de mim. — Eu sabia que voltaria.



Capítulo 30

Peguei o caminho por trás da via principal. Perto do cume da colina, a névoa estava baixa, emergindo entre as árvores escuras da floresta, envolvendo-as, mudando e movendo, como um mar fantasmagórico de onde surgiam os troncos antigos.

Não é de admirar que o pessoal de Svolvaen ficasse em casa, pois a paisagem tinha um tom sinistro. Daria para acreditar em qualquer coisa, ver qualquer coisa, em uma noite como essa. Eu também estava com medo, mas continuei. Estava determinada a inspecionar a noiva de Eirik com meus próprios olhos, a mulher que ele escolheu no meu lugar.

A luz brilhava em duas janelas baixas, onde o telhado da casa comprida encontrava suas paredes. As peles foram parcialmente presas para deixar entrar a brisa. Na entrada principal, vários homens estavam de guarda, com suas vozes baixas. Eles prefeririam estar dentro, sem dúvida, bebendo cerveja.

Havia uma outra abertura nos fundos da casa e foi para lá que me esgueirei. Entrando sob o sapé, me ajoelhei e levantei a cabeça, olhando para dentro.

O salão estava cheio, com os homens de Gunnolf e aqueles que cavalgaram com Eirik. Havia estranhos também, de Bjorgyn, eu imaginei.

Faline estava usando uma das vestes de Asta, amarela tecida com fios dourados. Tinha combinado bem com minha Lady. A pele de Faline parecia pálida contra o tom. Apesar de toda a elegância do vestido, ela não tinha lugar na mesa ao lado do jarl. Em vez disso, carregava um jarro, com a boca apertada enquanto enchia cada copo.

Gunnolf mal olhava para ela, nem conversava com os que o ladeavam. Em vez disso, seus olhos sombrios dispararam para os cantos da sala. Não me

deu prazer olhar para ele. Eu era outra mulher na época que fui sua amante.

Helka estava sentada logo depois de Gunnolf, mas sua atenção estava toda voltada ao homem à sua esquerda. Ele não era do tipo comum, era alto e esbelto. Seus braços eram bem musculosos, mas não da maneira dos homens de Svolveen. Sua atenção estava toda voltada às palavras dela e, quando ele se inclinou, ela fechou a mão em torno da dele.

Ela sempre manteve os homens à distância, esse não era igual. Ele era certamente atraente, com traços finos, mandíbula forte e movimentos leves. Formariam um belo par se era isso que ela desejava.

Eu procurei por Eirik. Ele parecia diferente agora que tinha uma noiva? Havia muitos homens com cabelos loiros soltos sobre os ombros, com olhos brilhando de bom humor, vestindo o mesmo tipo de colete de couro que Eirik preferia. Havia muitos homens dignos da atenção de uma mulher, mas eu não vi o mais corajoso e bonito de todos.

E então meu peito apertou. A jovem sentada ao lado de Gunnolf era uma versão feminina do homem à esquerda de Helka, os dois com a mesma aparência. Ainda não era madura, como uma mulher deveria ir ao seu leito conjugal, mas era uma promessa de beleza. Era certamente Freydis, filha de Jarl Ósvifur, a aliança concebida por nosso jarl.

O assento ao lado dela estava vazio, embora o lugar estivesse definido.

Helka se levantou, ficando atrás de Jarl Gunnolf, curvando-se ao ouvido. O que quer que ela tenha dito, sua expressão permaneceu distraída. Ele balançou a cabeça e acenou para ela se afastar, seus pensamentos aparentemente em algo além do que o cercava.

Ela franziu a testa, olhando inquieta pela sala antes de retomar seu lugar. Ainda de pé, ergueu a taça e tocou-a com a faca, chamando a atenção para o brinde.

— Bem vindos, a cada um e a todos, à casa de meu irmão, Jarl Gunnolf e a Svolveen, lar de homens corajosos e mulheres bonitas.

Eu me movi um pouco, não querendo perder nada, mas desejando também me manter escondida.

O aspecto alegre de Helka desapareceu por um momento. — Parece que meu irmão teve alguns assuntos urgentes a tratar, mas sei que falo por ele também quando digo que ficamos muito tempo ausentes de Svolveen, da casa de nossos antepassados, e lamentamos por isso. — Nesse momento, ela olhou calorosamente para o homem ao seu lado.

— Eu meio que me pergunto se não era o plano de Eirik ser arremessado de seu cavalo, pois nossa prolongada estada em Bjorgyn trouxe amizades que durarão. — Helka inclinou a cabeça em direção à jovem sorrindo timidamente ao lado de Gunnolf, e o homem à esquerda de Helka

bateu a xícara na dela.

Com os olhos iluminados, Helka levantou a voz para encher a sala. — Estamos ansiosos pela maior das celebrações, a união de nossos dois clãs através do casamento.

Com isso, houve um aplauso retumbante e batidas de pés. Afundei na grama abaixo da janela. Eu não precisaria ver mais. Já ouvi o suficiente para partir meu coração.

Eu nunca poderia voltar. O povo de Svolveaen não me queria, Eirik não precisava de mim. Mesmo que limpasse meu nome das acusações de bruxaria e envenenamento, nunca poderia servir a nova noiva de Eirik como tinha feito com Asta. Se Eirik acreditasse em minha inocência, ele poderia encontrar um homem disposto a me tornar sua esposa, mas como eu poderia viver sob esse jugo? Nunca amaria outro, nunca ficaria contente a menos que os braços que me segurassem fossem de Eirik.

Eu lutei tanto tempo para provar que era digna do respeito dos outros, lutei para sobreviver quando toda a esperança parecia perdida. O que adiantou tanta luta? Ajudei outras pessoas com minhas habilidades, mas não consegui curar meu coração.

Talvez a felicidade me esperasse apenas no próximo mundo. Pensei em entrar na floresta, deixar que os animais selvagens me encontrassem ou procurar a beira do penhasco para um fim rápido e sem mais sofrimento. Mas como eu poderia fazer uma coisa dessas? Eu vim longe demais para desistir. Eu não era mais forte que isso? Não merecia minha chance de felicidade?

Não apelaria para o caminho fácil. Minha história não terminaria aqui. Mas eu precisava sair de Svolveaen. Imaginei-me vagando de um lugar para outro como os skalds, oferecendo minhas artes de cura aos doentes, até encontrar aqueles que aceitariam que eu ficasse, onde encontraria uma lareira, uma casa e, eventualmente, um marido. Eu ainda era jovem.

Não poderia suportar muito tormento mais, e permanecer aqui seria a minha ruína.



A névoa da noite se desfazia e estava se movendo rápido, correndo para me encontrar enquanto eu subia a um terreno mais alto. Risos vinham da casa comprida, sons de gritos e palmas, embotados pela névoa flutuante.

Peguei o caminho da esquerda, longe da queda para o mar, mas a

neblina branca rapidamente obscureceu o caminho.

Mesmo na minha situação, relutava em dar um passo às cegas, pois uma fissura poderia surgir embaixo dos meus pés. Não gostaria de deslizar em uma fenda estreita, entalando dentro da rocha, ou quebrar meus ossos em cada borda pontuda de uma queda mais longa. Que piada de mau gosto seria eu encontrar o abismo que havia escalado tão recentemente.

Melhor rastejar, que meus dedos encontrariam alguma área perigosa. Por hábito, puxei a bainha do vestido de Astrid, para evitar que se sujasse. Sofri uma pontada de lembrança. Não me despedi, e esperava que ela me perdoasse. Desta vez, eu não voltaria.

Quão frio havia se tornado na névoa espessa, gotículas geladas passando sobre a minha pele e entrando nos meus ossos. Continuei ouvindo o estrondo distante das ondas, as palmas das mãos roçando samambaia e o ninho descartado de algum pássaro no topo da colina, estremeci quando meu joelho encontrou a borda afiada de uma pedra.

E então tudo esfriou, e eu fiquei envolta em silêncio.

Meus dedos tocaram algo muito gelado. Eu não estava sozinha. Meus olhos se prenderam ao pé esbelto diante de mim e à bainha de um manto branco, manchado de terra.

Eu não tinha forças para levantar minha cabeça, para olhar para a criatura que estava diante de mim. Um grito subiu em minha garganta, mas congelou tão seguramente quanto a respiração e o sangue dentro do meu corpo. Tentei falar seu nome, sabendo que era ela, mas minha voz me abandonou. Sufocando minhas lágrimas, recuei ainda mais, me afastando daquela que sempre tinha sido fiel a mim e a quem eu tinha retribuído tão mal.

Foi uma outra pessoa que quebrou o cobertor da névoa circundante, outro alguém que correu, sem prestar atenção, com sua voz estrangulada.

— Meu amor. Meu amor. Me perdoe.

A cabeça escura de Gunnolf se curvou para beijar o pé, e sua mão alcançou para levantá-lo. Na morte, como na vida, ela era bela, mas tão pálida, e seus olhos não mais azuis, mas negros, como o poço se revelava atrás dela. Como se tivesse ressuscitado da sepultura, seu cabelo coberto de folhas, sua bochecha e suas mãos cobertas de terra, ela era uma coisa sem o brilho da vida, mas que se movia e via.

Ele deu um passo para abraçá-la e depois um único grito. Consumido pela névoa, ele caiu, para o vazio abaixo.

Imediatamente, alguém passou rapidamente por mim, seu grito cheio tanto de medo quanto de raiva. Eu gritei em aviso, mas já era tarde demais. Talvez Faline tenha se atirado sobre a forma fantasmagórica, ou Asta a tenha alcançado para reivindicá-la. O resultado foi o mesmo. Presos num abraço

atormetado, eles caíram como um no abismo profundo.

Sombras pareciam varrer diante de mim, como a cobertura de nuvens na grama, flutuando antes do sol. Só que, quando meus olhos se fecharam e tornaram a abrir, não havia nuvens nem névoa. Em vez disso, a lua estava alta e brilhante, e as estrelas incontáveis.



Capítulo 31

Achama cintilou na lamparina, mostrando o rosto de Helka.

— Está acordada, graças aos deuses! — Ela levou uma taça aos meus lábios, inclinando-a para eu beber. — Eirik a encontrou, mas nenhum sinal de nosso irmão nem de Faline. — Ela afastou o cabelo dos meus olhos. — O que aconteceu, Elswyth?

Por onde eu poderia começar? Impossível contar a história toda. Isso faria sentido?

— Eu ouvi sobre a morte de Asta e a terrível acusação que te fizeram. Sei o que meu irmão fez. — Ela apertou minha mão, descansando acima das peles na cama. — Como escapou?

Eu não tinha resposta para isso. Os deuses me salvaram, pensei, ou talvez uma mão tivesse surgido do além-túmulo.

— Eu sabia que não poderia ter sido Halbert quem pegou o barco. Imaginei que devia ter ido à minha caverna.

Assenti, mas não consegui recontar o que havia acontecido. Estava tão cansada. Qual era a vantagem de ter sobrevivido aqueles dias? Eu não poderia ficar em paz?

— Está exausta. — Helka olhou para mim com angústia. — Perdoe-me, Elswyth. Deveria ter vindo te ver de manhã...

— Não importa. — Suspirei e apertei sua mão.

— Eirik quer vê-la.

A menção do nome dele fez meu estômago revirar, fez a respiração parar dentro do meu peito. Como eu poderia encará-lo? Ainda tinha minha

dignidade, ainda que pouca.

— Ele se recusou a acreditar que era qualquer coisa menos que inocente, Elswyth. Sylvi o procurou hoje. Ela tinha medo de falar, mas disse que viu Faline colocando algo de uma bolsa velha no *nattmal* de Asta. Ela sabia!

Deveria ter sido algum consolo, mas de que valia isso? Não consegui sentir raiva de Sylvi, nem alegria por mim mesma.

— Ficaram fora por tanto tempo — eu disse, finalmente.

— O cavalo de Eirik o derrubou quando estávamos entrando em Bjorgyn. A lesão não foi grave, mas eu insisti que a viagem seria impossível. Eu o mantive lá por mais tempo do que o necessário.

— Mas por que? — Isso eu não conseguia entender.

— Razões egoístas. — A bochecha de Helka ficou vermelha. — Leif... eu precisava descobrir se poderia haver mais entre nós... mais do que desejo. Elswyth, eu precisava de tempo para conhecê-lo e para ele me conhecer. O amor vem por caminhos estranhos. Eu sinto que ele estava esperando por mim, esse tempo todo. Ainda sofro pelo Vigrid, mas meu coração se abriu novamente.

— O homem que estava sentado ao seu lado?

Isso era alguma coisa, pelo menos. Eu poderia ficar feliz por Helka.

— O Viu? — Helka mostrou sua confusão. — Então, em sua perseguição que ele saiu? Gunnolf saltou da mesa e gritou que viu um rosto lá fora.

Talvez tivesse sido eu, talvez outra.

A voz de Helka era firme. — Elswyth, deve saber que Eirik estava ansioso por voltar. Os homens de Bjorgyn não têm sua valentia. Ele poderia ter deitado uma dúzia de mulheres, mas nenhuma lhe interessou. — Ela se inclinou para mais perto. — Eu o fiz ficar, e ele mal podia recusar, já que minha escolha lhe daria liberdade. — Nada fazia sentido para mim.

— Mas, Freydís?

— O que tem ela? — Helka abafou o riso. — Ela é muito bonita, mas dificilmente combinaria com Eirik. Mesmo que ele a quisesse, seu pai nunca teria permitido. Ele acredita que um homem deve demonstrar habilidade na equitação acima de tudo; cair de sua montaria antes mesmo de sermos apresentados a Jarl Ósvífur não caiu bem, e eu fiz tanto barulho pela lesão! O jarl declarou que nenhum noivo com chance de ficar manco seria digno de sua filha, não importa a força do braço na espada!

— Então o casamento...

— É meu, é claro! — Helka apertou minha mão novamente. — Com

Leif! Freydís é jovem, mas ela tem uma veia teimosa. Implorou para nos acompanhar, para ver as terras com as quais Bjorgyn estava se aliando. Seu pai não viu razão para impedi-la de aventurar-se. O tempo está frio e cavalga muito bem, como todos lá o fazem.

— E Eirik?

A cortina que separava o aposento do resto do grande salão se afastou e ele de repente estava de pé a minha frente, largo e forte, preenchendo o espaço com sua masculinidade.

Helka recuou quando Eirik me envolveu firmemente em seus braços, me segurando firme, minha bochecha pressionada contra o calor do seu peito e seu rosto descansando em minha cabeça. Meu corpo lembrava dele e meu coração doía com o conhecimento do que eu perdera.

— Minha Elswyth — ele murmurou. Quando me soltou, foi para puxar minha boca para cima, em um beijo tão profundo que eu esqueci tudo, menos meu amor por ele. — Eu pensei que estivesse perdida para mim. Todas aquelas semanas em que estive longe, entendi meu erro. Meus pensamentos estavam em ti, todos os dias, meu coração é seu, para sempre.

Eu queria falar, mas nenhuma palavra saía.

Ele empurrou para trás os fios do meu cabelo que haviam se soltado. — O que deve ter pensado e suportado! E tudo porque eu fui tolo demais para ver o que estava diante de mim. Se eu estivesse aqui, nunca teria permitido que te acusassem. — Suas sobrancelhas se uniram de raiva. — Pelos deuses! Como está viva eu não sei, mas agradeço a Odin por isso!

Ele segurou meu rosto entre as mãos, sua voz febril. — Quando me disseram como a trataram, queria derrubar Gunnolf onde ele estava! Apenas Helka impediu que eu pegasse minha espada.

Coloquei minha mão sobre a dele, procurando seu olhar enquanto ele continuava. — Eu te procurei... não consegui me sentar à mesa dele ontem à noite. Eu fiquei no estábulo enquanto comiam.

Havia tanta coisa que eu queria dizer. Acima de tudo, precisava contar a Eirik sobre meus erros e pedir perdão. Eu não era inocente. Ele me magoou enquanto seguia seu senso de dever, mas eu escolhi o caminho da raiva. Meu ressentimento e orgulho ferido me levaram apenas a mais dores.

Ele apertou seu abraço, como se nunca fosse me deixar ir, me abraçando com seu corpo e o ardor de seu amor. Sua voz sussurrando com emoção, rouca com saudade e com tudo o que não foi dito entre nós.

— Elswyth, eu a quero, para minha cama, para meu prazer e para o seu próprio, para gerar meus filhos como minha esposa, durante todo o tempo que nos for dado pelos deuses. O que quer que esteja no passado, devemos esquecer. Deste dia em diante, prometeremos amar um ao outro e isso será

tudo o que importa.

Em resposta, levantei meu rosto e recebi outro beijo. Porque o que os deuses decretaram que seria, e eu sabia que estaria sempre a salvo nos braços do homem que me amava acima de todas as outras



Epílogo

Seria um verão de casamentos, não apenas o meu com Eirik, e Helka para Leif. O de Ylva estava entre eles. Ela deu a mão não ao jovem que a rejeitou, mas a Halbert, o filho do ferreiro. Fiquei feliz com isso e por toda a felicidade que amadurecia, junto com as colheitas de Svolvaen. Estávamos nos curando, de várias maneiras.

Às vezes, pensava em Gunnolf e Faline, finalmente livres, de ambições e medos, ciúme e ressentimentos. Eu esperava que estivessem em paz, e Asta também.

Svolvaen ganhou um novo jarl, e os ombros de Eirik carregavam essa honra muito bem, apesar de lamentar a perda de seu irmão. Não importava as muitas queixas entre eles, eles estavam ligados pelo sangue.

Eu me envergonhei ao admitir minhas muitas loucuras para Eirik. Perdi todo o senso de mim mesma ao tentar destruir as últimas ruínas do meu amor e fiquei meio louca de remorso pela morte de Asta. Gunnolf e eu, ambos, permitimos que a pior parte de nós mesmos reinasse naquelas semanas terríveis.

Eirik ficou em silêncio enquanto eu falava. Eu temia que ele fosse incapaz de perdoar, mas ele se culpava mais do que eu.

A causa das feridas nunca foi descoberta, mas encontramos nossa cura. Levaria tempo, como eu havia previsto, para que eu ganhasse o respeito, combatesse a desconfiança. Ninguém me chamava de bruxa ou assassina. Não na minha cara, pelo menos. Conteí a minha história da melhor maneira possível, mas nem tudo o que havia ocorrido pôde ser explicado. O trabalho dos deuses e aqueles lugares além de nosso reino terrestre não são nossos para entendermos.

Todas as noites, Eirik acariciava meus cabelos até eu adormecer. Em seus braços, eu acreditava que não haveria pesadelos, pois, qualquer que fosse o futuro, enfrentaríamos juntos.

Viking



BESTA



1ª Edição



EMMANUELLE DE MAUPASSANT


teabhar
Ribeirão Preto/SP
2020



Glossário

Ir 'um-viking' — invadir, saquear

Alfablót — o festival da morte

Blót — sacrifício ritual

Dagmal — refeição matutina

Dökkalfar — os espíritos da escuridão

draug — os mortos que retornam, sem Descanso por algum ferimento que sofreram em vida

jarl — o líder da comunidade

Jörmungandr — a serpente que circula a Terra e, com um movimento de sua cauda, começará os eventos do *Ragnarok*

Jul — O festival de ano novo

Lithasblot — O festival da colheita

nattmal — refeição do começo da tarde/noite

Ostara — O festival da primavera

skald — um bardo/contador de histórias viajante

thrall — um escravo (frequentemente capturado durante ataques)

Valknut — O símbolo de Odin - três triângulos interligados com poder da vida sobre a morte



Capítulo 1

Eldberg

Maio de 960 AD

Acordou com o crepitar do fogo. Brilhando e faíscando, a palha estava acesa, brilhando através de um véu de fumaça acre.

O pé da cama estava em chamas. Ele se sentou para chutar as peles, respirar fundo para gritar, mas sua garganta se fechou com as cinzas sujas.

— Bretta! — Gritou seu nome, sacudindo-a, mas ela não respondeu. Abaixando-se a seu lado, a levantou-a em seus braços e, forçado a inalar, foi atingido pela tosse.

Pelos deuses! Tinham que sair.

Com os olhos ardendo, encontrou o chão.

O fogo estava se movendo rapidamente, as chamas lambendo as madeiras.

Eldberg enterrou o rosto no ombro de Bretta. Ela estava flácida, com a cabeça para trás.

Encontre a porta.

Ele deu vários passos, ignorando as brasas escaldantes sobre os pés descalços, desprezando o calor feroz. Nada importava senão escapar. Estava

quase lá quando algo atingiu sua cabeça.

Bretta rolou de seus braços quando ele caiu. Chamou o seu nome, ou pensou que sim.

Bretta! *Minha esposa. Meu amor. Mãe do nosso filho ainda por nascer.*

E então, embora a sala estivesse iluminada por chamas, havia apenas escuridão.



Capítulo 2

Eldberg

Maio de 960AD

Eldberg dormiu por três dias e noites, seu corpo ainda não estava pronto para acordar.

Quando o fez, foi para uma dor lancinante.

A lembrança daquela noite voltou com a força de todos os trovões de Thor, atingindo o medo no coração de Eldberg. Ele já sabia seu destino, mas não o aceitaria, até que a verdade fosse dita em voz alta.

Sweyn, o comandante de sua guarda de batalha, ficou de um lado, com o rosto severo, ladeado por Fiske, Rangvald, Hakon, Ivar, mas ninguém o olhava nos olhos — nem mesmo Thoryn, o mais firme de seus homens de armas.

Somente Sigrid — tia de Bretta — reuniu coragem, embora seus dedos tremessem.

— O teto do grande salão ficou em chamas. — Sua voz não se elevou acima de um sussurro. — Ivar e Thoryn lutaram contra elas para arrastá-lo para fora. — Sigrid respirou fundo. — Três vezes, Thoryn voltou por Bretta, mas a fumaça era muito densa, o calor muito feroz.

Ela mordeu o lábio. — Rangvald e Fiske o impediram de tentar

novamente. Minha Bretta! Ela é...

O peito de Eldberg se contraiu.

— Ela se foi, meu jarl.

Um calafrio passou por ele — um desespero repentino e terrível. Permaneceu imóvel, disposto a controlar seu desejo de uivar de angústia. A esposa dele! A mulher com quem casou por ordem do pai, um casamento contratado para vincular sua lealdade a Skálavík. A esposa por quem nunca esperava sentir amor. A esposa que o adorava, inexplicavelmente e sem reservas.

E a criança.

Suas mãos juntaram o pano sobre o qual estava deitado.

Seu filho. Seis meses no útero.

Eldberg engoliu a bile azeda e apertou o queixo. Com intensidade renovada, examinou os rostos diante dele. Afastando Sigrid, olhou para Thoryn.

A miséria do homem estava gravada profundamente, seus lábios secos e brancos. Thoryn era corajoso e leal; teria dado sua vida para salvar Bretta.

Eldberg virou-se para Sweyn. De todos os seus homens, ele era mais como ele, ambicioso e implacável, capaz de agir sem remorso ou piedade.

Roubado em criança por berserkers saqueadores, Eldberg havia sido escravizado até seu décimo quinto ano, quando sua altura, força e vontade implacável haviam conquistado um verdadeiro lugar entre eles. Conhecia apenas seus caminhos, onde brutalidade e selvageria eram recompensadas.

Como mercenário de Beornwold, pago para participar de suas viagens de incursão ao oeste, Eldberg lutou ao lado de Sweyn nesses quinze anos e viu seu ciúme, pois Eldberg era o favorito acima de todos os outros. O velho jarl o escolheu para se casar com Bretta, gerar a linhagem de Beornwold e tomar seu manto.

Sweyn obedecia sem nenhum senso de irmandade, mas porque isso o levou a comandar os outros, em nome de seu jarl.

Mantenha seus inimigos por perto, Beornwold havia lhe dito há muito tempo.

Eldberg fez uma careta. Ouviu bem essas palavras; dando autoridade a Sweyn, satisfazendo as necessidades que guiavam o outro homem, fazendo uso dela. Sweyn se tornou ganancioso? Desejou a morte de seu jarl e a de seu herdeiro, ainda por nascer?

Os Norn tinham retirado apenas um fio desse tear.

Uma névoa de fúria desceu, um véu vermelho que tirou sua cabeça

momentaneamente do travesseiro. Ansiava pelo punho da espada, enfiando as unhas nas palmas das mãos. Pelo lado esquerdo, envolto em unguento e ataduras, veio uma pontada de dor.

A convicção o tomou. Sweyn havia planejado tudo. Tinha tentado matá-lo e tomar seu lugar. Tinha assassinado Bretta!

— Como o fogo começou? — Eldberg manteve a voz nivelada, abordando Sweyn diretamente. Apesar de sua fúria, procuraria evidências com cuidado.

— Eu descobri, meu Jarl, e tenho o culpado algemado. — Ele gesticulou, dispensando Ivar e Fiske da sala. — Nós o capturamos na mesma noite de seu crime. Um espião de Svolvaen, enviado para matá-lo.

Reunindo suas forças, Eldberg se ergueu um pouco. — Me levante, Sweyn.

Como pedido, seu comandante o levantou sob os braços, colocando em uma posição sentada. A pontada de dor foi maior do que Eldberg havia previsto, mas cuidou de não deixar transparecer. Já sofrera muitas feridas. Isso não era diferente.

Sigrid correu para a frente para colocar travesseiros nas costas dele, com o rosto comprimido. Balançou a cabeça bruscamente, reconhecendo seus cuidados. Nela, pelo menos, podia confiar. Sigrid criou Bretta como sua e respeitou o amor entre sua sobrinha e o jarl.

O homem arrastado para a sala, curvado, era uma cabeça mais baixa do que as que estavam ao seu redor. Fiske e Ivar o apoiavam de ambos os lados, pois ele não conseguia ficar de pé. A cabeça e os membros pendiam frouxos, os pulsos e os tornozelos dobrados em ângulos não naturais. Os dois olhos estavam inchados e fechados dentro do rosto ensanguentado. Sua mandíbula pendia frouxa, quebrada.

— O homem foi espancado quase até a morte. — Eldberg encarou Sweyn com um olhar gelado.

— Eu o interroguei. Foi necessário.

Eldberg estreitou o olhar. — E agora ele não pode mais falar.

— Eu descobri tudo o que precisa saber, meu jarl. O sucessor de Hallgerd, Gunnolf de Svolvaen, o enviou. De um barco de pesca, nadou até a enseada do norte e subiu os penhascos de mãos nuas. Esperando até escurecer, entrou nas florestas, observando vários dias antes de agir.

— Não foi visto? Todo esse tempo?

Sweyn deu de ombros. — Ele é mais doninha que guerreiro, hábil em se esconder.

— E por quê? E o tratado? Quase trinta verões se passaram. Por que esse Gunnolf agiria de maneira tão tola? Svolvaen não é páreo para a nossa força.

— Responde a sua própria pergunta, Jarl. — Sweyn abaixou a cabeça. — Com medo do que já fomos e do que temos o poder de ser, Gunnolf enviou seu homem para coletar quais informações poderiam ser úteis. — Olhou para cima novamente. — E para nos ferir mortalmente, causando sua morte.

Eldberg se mexeu, estremecendo. — Puxe sua cabeça para trás. Quero vê-lo.

Sweyn agarrou o cabelo do homem pelo topo.

No calor da batalha, Eldberg não pensaria em cortar o membro ou a cabeça de um homem, mas o estado do prisioneiro o fez fazer uma careta. Incapaz de fechar a boca, baba ensanguentada pendia do queixo. Sua mandíbula e nariz provavelmente estavam quebrados, a carne ferida e crua.

Eldberg gostava de olhar nos olhos de um homem, para julgar pelo que via por dentro, mas a carne inchada o impedia de fazê-lo. Voltou o olhar para Sweyn, cujos próprios olhos cinza-granito continuavam impassíveis.

— Como foi feito?

Sweyn deu resposta sem hesitação. — Soube da posição da sua câmara na casa comprida. Carregava um arco e era capaz de disparar flechas flamejantes para onde teriam mais efeito. Quando nossos vigias viram as chamas, seu quarto já estava em perigo.

Eldberg foi assaltado, de repente, pela memória do funeral de Beornwold. Sweyn havia ensopado uma tira de linho em óleo de peixe e a enrolado na flecha, mergulhando a cabeça no caldeirão de fogo antes de apontar a pira para a nave do velho jarl. Sweyn não era apenas um adepto de espada e machado, mas um de seus arqueiros mais magistrais.

Eldberg olhou significativamente para Sweyn. — O vira-lata foi bem preparado. Tínhamos ele capaz de me responder, eu tenho muito a perguntar. — Se o seu homem de armas relatava a verdade, o assassino diante deles tinha sido astuto, corajoso e favorecido pelos deuses, pois os guardas sob o comando de Sweyn varriam o perímetro de Skálavík diariamente.

O comércio da cidade de metais e armas, feito a partir do minério escavado nas montanhas, tornou Skálavík rica. Quase não havia necessidade de invasão para trazer recompensa aos seus cofres. Muitos de toda a região vinham até eles. Seus guerreiros se empenhavam agora em proteger o comércio da cidade, garantindo sua segurança.

— E agora, meu jarl? — Sweyn molhou os lábios. — Alguns golpes do meu machado e podemos jogá-lo em partes aos porcos.

Um gorgolejo subiu da garganta do prisioneiro, e seus pés arranharam-se momentaneamente antes de cair novamente.

— É apropriado — declarou Eldberg. — Se um homem está disposto a infligir dor, deve esperar o mesmo. — Segurou o olhar de seu comandante, mas Sweyn não se encolheu.

Sinalizando seu desejo de se deitar novamente, Rangvald e Hakon avançaram. Eldberg empalideceu quando o ajudaram, mas não expressou seu desconforto. As queimaduras levariam tempo para cicatrizar, mas não eram nada comparadas às feridas que rasgavam seu coração. A dor se tornaria parte dele. Se concentraria nessa dor, sentiria e lembraria.

E o dia de acerto de contas chegaria.

Fechou os olhos, recostando-se. — Segure a cabeça do infeliz na fogueira e mantenha-a lá até que eu não ouça mais seus gritos.



Eldberg

Finalmente dormiu. Em seu sonho, abraçou-a mais perto. Sua pele era macia e suas mãos carinhosas, apesar de seus dedos estarem congelados.

Não vá embora. Eu preciso de você. Fique comigo. Bretta!

Mas seus braços não a seguravam.

Acordando, foi inundado de suor, sozinho, e seu peito tão aberto que mal conseguia respirar. Ela foi para sempre, seu único amor. Uma esposa e o filho que carregava. Um filho ou uma filha.

Queria uivar para Odin e Thor, jurar vingança por tudo o que foi tirado dele. Jogou a cabeça para trás, e deixou cair um choro triste. Deixe que os outros ouçam e tremam por conhecer sua angústia. Não encontraria descanso até que tivesse devorado seus inimigos. Deixe que conheçam a besta que era, e que o temam. Um homem desfigurado não apenas de corpo, mas de alma: A Besta de Skálavík.



Capítulo 3

Elswyth

30 de julho de 960AD

O fiorde estava cheio de luz cintilante e do chiado de filhotes de albatroz. Eirik puxou fundo os remos, o calor do verão como veias douradas em suas costas.

Seus ombros flexionaram enquanto remava, completamente nu, bronzeado, musculoso. As ondas lambiam suavemente.

Deixando o barco deslizar, levantou os remos dos suportes, guardando-os em segurança. Ele se mostrou colocando as mãos atrás da cabeça e descansando o olhar, onde eu tinha levantado meu vestido de linho verde para aproveitar o sol em minha pele.

— É lenta para se recuperar, esposa.

— Ainda não sou esposa. — Eu suprimi um sorriso. — Estou livre para fazer o que quiser até que os votos sejam proferidos.

— Deseja me desobedecer? — Os olhos de Eirik brilharam com malícia. — Se é o castigo que deseja, levante suas saias e eu ficarei feliz em avermelhar seu traseiro.

— E você, marido? — Puxei meu vestido mais alto e abri minhas pernas, oferecendo a vista que procurava. — Vou precisar puni-lo? Ou

abandonará sua maldade quando nos casarmos?

Em um único movimento, ele se ajoelhou diante de mim. — Só tenho olhos para você, esposa. — Ele piscou, deixando claro para onde dirigia sua admiração.

Envolvendo seus longos cabelos em volta dos meus dedos, puxei sua cabeça para trás. — Helka tem me ensinado a usar o arco. Me dê uma causa e precisará se proteger.

Ele fingiu refletir, e eu me empurrei com mais força, rindo, mas aliviei meu aperto quando suas mãos descansaram logo acima dos meus joelhos. Suas mãos estavam calejadas de manejar não apenas espada e machado, mas enxada e pá, de cultivar nos campos, mas eram quentes e seu toque gentil.

— Não precisa duvidar da minha fidelidade. — Selou sua promessa com um beijo na minha coxa. — Só haverá felicidade. — Ele continuou para cima, sua barba dourada pastando suave contra a minha pele. — E muitos filhos.

Sua voz era rouca quando levou a boca aos meus cachos. Sua língua me encontrou, a ponta balançando para frente e para trás, e eu gemi, sentindo minha umidade crescer. A dor familiar agitou-se na minha barriga. Eirik me mostrou o que era desejar e ser desejada em troca.

Seu coração era meu, ele disse. No entanto, eu segurei uma parte de mim, com medo de que visse o quanto eu precisava dele.

Não fazia muito tempo, deixou Svolvaen sob o comando de Gunnolf, para fazer um casamento de aliança. O dever era mais forte que o amor, ele me disse. Mesmo agora, na véspera do nosso casamento, eu não sabia se podia confiar no meu coração aos seus cuidados.

Também não sabia se podia confiar em mim mesma.

Na noite de Ostara, quando Gunnolf me seduziu, não recebi bem esse estranha sedução que me consumia? Acreditei ter sido traída, que Eirik nunca me amara, que ele voltaria casado. Pedaco por pedaco, eu morri, deixando Gunnolf reivindicar o que Eirik havia jogado tão descuidadamente, até que mal me lembrava de quem era. Não queria lembrar.

Empurrei os ombros de Eirik, subitamente com medo, insegura de mim mesma, mas ele agarrou minha cintura e me puxou firme em direção à sua boca.

— Eu te quero. — Ele enterrou a língua mais profundamente, alcançando onde seu pênis logo seguiria. — E isso, para sempre.

Lutei apenas brevemente, segurando-me com força na parte elevada do convés até que pudesse pensar apenas que ele não deveria parar. Sempre foi assim, desde os primeiros dias, quando ele chegou a Holtholm como invasor,

e eu não pude negá-lo.

Deslizei meus dedos por seus cabelos, cedendo à fome urgente de sua boca. Com uma dor ansiosa, eu o queria, mas ele levou seu tempo pois se excitava em me ver. Me provocou longa e lentamente, até que minha barriga se contraiu com dor doce e eu estremeci, cega pela luz brilhante.

Afrouxando os broches que seguravam meu vestido, puxei tudo o que vestia sobre minha cabeça, até ficar tão nua como ele, que se moveu para me cobrir.

Pressionou os lábios nas minhas pálpebras e na minha testa, e na dobra da minha garganta, afastou meu cabelo para acariciar atrás da minha orelha.

Enrosquei meus braços em seu pescoço, acolhendo seu peso e o longo deslizamento de sua penetração, perdida pela sensação de estar cheia e esticada.

— Tão apertada. Tão quente. — Ele enterrou o rosto no meu peito, chupando a cada impulso, depois roçando meu mamilo com os dentes, produzindo um prazer agudo.

Não conseguia ficar parada. Queria tudo dele. Acariciando suas nádegas, eu o puxei mais fundo, passando minhas pernas em torno das dele. — Eirik! — Eu respirei seu nome, ofegando por ar, tremendo, enquanto me abraçou com força. Um choque abrasador tomou conta de mim, quente e ardente. Levantei meus quadris para recebê-lo, chorando na profundidade de sua invasão final, arqueando quando jorrou sua semente, desejando tudo o que daria.



Esfreguei minha bochecha em seu peito, ouvindo o bater de água contra a lateral do barco enquanto estávamos deitados juntos.

Eirik me embalou. — É minha, Elswyth. — Seus lábios tocaram o topo da minha cabeça. Com ternura, eu acariciei meu cabelo. — Eu só desejo...

Me levantei, desejando saber o que o incomodava, mas ele balançou a cabeça.

— É tolice, pois ela está morta nesses trinta anos.

Sentando, coloquei minha mão sobre seu coração. Ele falou da mãe apenas uma vez, do sequestro dela quando Eirik tinha três anos de idade.

— Quer me contar?

Uma sombra cruzou seu rosto. — Não muda nada insistir no passado.

Tirei o cabelo dos olhos dele. — Mas isso pode aliviar seu coração e...

Ele pegou meu pulso e virou minha palma para encontrar seus lábios, segurando-o lá por vários momentos. — Deseja saber o que me dói, esposa, para que possa compartilhar no entendimento.

— Sim.

Eirik voltou minha mão ao peito, segurando-a ali com a sua. Respirou devagar, a testa franzida, reunindo seus pensamentos.

— Por muitos anos, não tinha conhecimento. Só mais tarde descobri o que ninguém queria me dizer. Meu avô, jarl na época, casou-se com Ingrid de Skálavík e nasceram dois filhos: primeiro Hallgerd, depois minha mãe, Agnetha. Quando Agnetha alcançou a idade do noivado, eles prometeram a ela Beornwold, sobrinho de Ingrid, Jarl de Skálavík.

Mordi o lábio, pois sabia que esse contrato nunca havia sido cumprido.

— Hallgerd virou jarl pela morte de seu pai e rejeitou o contrato, entregando Agnetha a seu amigo mais próximo, Wyborn.

— Uma união de amor?

Eirik assentiu. — Metade do dote que iria com Agnetha foi enviada a Beornwold como compensação, e parecia que o assunto estava resolvido. Minha mãe logo deu à luz Gunnolf, seguido por Helka e eu. Mais de seis anos se passaram.

Eu fiz uma careta, sabendo que as brigas de sangue começaram por ofensas muito menores. — Mas Beornwold não havia esquecido.

— Não, Beornwold nem esqueceu nem perdoou. Após a morte de minha avó, ele veio tomar Agnetha à força, dizendo que o que havia sido prometido não deveria ser retido.

— E Hallgerd derrotou os atacantes de Skálavík em retirada.

— Sim — disse Eirik — mas não antes de meu pai tombar e minha mãe ser levada por Beornwold. — Eu apertei minhas mãos. — Svolvaen esvaziou suas lojas e cofres para sua libertação, e um pacto foi assinado. O fabricante de barcos e seus dois filhos mais velhos foram a Skálavík para construir três navios de dragagem. Em troca, não haveria mais conflitos.

Engoli em seco, me perguntando se eu era corajosa o suficiente para pedir mais. — E ela falou do que passou durante o seu cativeiro?

Eirik não respondeu, apenas olhando para o fiorde. Por fim, disse — Quando Svolvaen enviou um resgate por sua libertação, Beornwold a enviou de volta, mas não era a mesma. Acordei uma manhã e ela se foi novamente. Todo mundo estava procurando. Foi no dia seguinte que um barco de pesca a

encontrou boiando lá fora.

— Oh, Eirik!

Eu me arrependi de ter perguntado.

A mãe dele havia tirado a vida, sofrendo pelo marido perdido, por ela e pela parte perdida de si mesma tomada por Beornwold. O mais triste foi que Eirik, Helka e Gunnolf haviam perdido os dois.

Eirik pegou minha túnica, passando por cima da minha cabeça, depois estendeu meu vestido verde, me ajudando a vestir antes de vestir suas próprias roupas. — Meu irmão cresceu achando Hallgerd fraco por ter assinado a trégua. Sempre falou em vingança pela morte de nossos pais, mas sabia que não tínhamos a força de Skálavík. Um ataque teria trazido o fim de tudo.

— E o que deseja, Eirik?

— Também ansiava por justiça, mas não vou pedir a outros que dêem suas vidas para aplacar minha tristeza. Todos vivemos com feridas do nosso passado. É mais sensato encontrar uma maneira de enxergar além deles. — Movendo-me para o outro extremo do barco, colocou os remos mais uma vez.

— Concluiremos as fortificações iniciadas por Gunnolf quando a colheita do verão for colhida, mas não pretendo brigar com Skálavík. Beornwold morreu há quatro temporadas e o sangue ruim acabou.

Não dissemos mais nada enquanto Eirik virou o barco. O céu ficou escuro, um crepúsculo suave antes das breves horas de escuridão.

Meu coração deveria estar cheio de alegria, mas havia um segredo alojado ali, mantido guardado nas últimas semanas. Não tinha certeza no começo, mas minha convicção estava crescendo e eu precisava contar a Eirik. Ele logo notaria por si mesmo, e deveria falar antes que chegasse a hora.

Por tanto tempo eu desejei um filho, e Freya me respondeu, mas meu passado se apegava ao meu ombro como a sombra mais escura.

Gunnolf morreu na noite em que Eirik retornou a Svolvaen, mas eu permaneci em seu poder, pois temia que o bebê que carregava não tivesse sido gerado pelo homem que amava.

Apenas mais algumas semanas, e eu direi a ele.

Mas dizer o quê?

Que seu próprio irmão, tendo me mantido em sua cama, plantou sua semente onde Eirik falhou? Que seu herdeiro podia nascer dessa luxúria, e não do amor entre nós?

Eirik jurou perdão por tudo o que havia passado naqueles dias incertos, mas perdoaria isso? Certamente melhor para mim fingir certeza e afirmar que a concepção ocorreu apenas após o retorno de Eirik. Poderia até ser verdade.

Queria um casamento construído sobre confiança e honestidade. Em vez disso, começaria com uma mentira.



Capítulo 4

Elswyth

31 de julho de 960AD

— Um brinde ao nosso jarl e à sua boa dama — berrou Olaf. Ele se elevou acima de nós, de pé sobre a mesa. — Que os deuses nos dêem esse tipo de esposas, inteligentes e engenhosas, e com a beleza superada apenas por Freya.

Eirik sorriu e inclinou a cabeça em agradecimento enquanto nossos convidados bebiam, e havia muito barulho de xícaras para serem recarregadas.

— Precisaré procurar na floresta para encontrar sua namorada, Olaf! — Anders gritou do outro lado do corredor. — Alguns ursos certamente estarão dispostos a abraçá-lo.

— Não há necessidade de ir tão longe — gargalhou Halbert. — O curral de ovelhas está do lado de fora. Meia dúzia de queridas para escolher, Olaf!

Os outros rugiram na risada, homens e mulheres, fazendo gestos irreverentes. Guðrún, caminhando entre eles com seu jarro de hidromel, foi jogada de um colo para o seguinte, até aterrissar no de Olaf, com muito aplauso e com rubor, pois todos sabiam que ela nutria sentimentos ternos por ele.

Não pude deixar de me sentir satisfeita. Desde a minha chegada a Svolveaen, lutei por aceitação e aprovação. Agora, vendo como fazia Eirik

feliz, seu povo me concedeu sua bênção. Fiz minha parte como anfitriã naquele dia, dando muitos beijos em bochechas.

Só Bodil, de pé, afastada, fez uma careta quando olhei para ela.

Pode manter sua aparência azeda, pensei. Pois agora estou casada e Eirik não a terá mais! Dei-lhe um sorriso inocente, mas continuou a me olhar furiosa, e me repreendi por ser mesquinha. Embora já tenha sido amante de Eirik, ele não mostrou nenhuma inclinação por ela desde que me trouxe para Svolvaen.

Resolvi aproveitar a alegria, que havia se mudado para o apoio dos cotovelos para a queda de braço. Com tanto hálito bêbado, os ataques rapidamente aumentaram, até que vários homens caíram no chão, com o rosto vermelho. Incumbiram Eirik de enfrentar todos. Os perdedores de cada luta recebiam uma punição leve, um chifre de cerveja trazido para beber em um longo gole, para mais aplausos.

Morava em Svolvaen um ano inteiro, mas ainda estava para me acostumar com a natureza barulhenta de tais reuniões. Com algum alívio, recuei, sendo um privilégio da noiva, para pedir a Sylvi que deixasse de lado o prato que ela carregava e me acompanhasse para pentear meu cabelo. Eu o deixara solto hoje como Eirik mais gostava, caindo por minha cintura.

Do outro lado da divisória de madeira da câmara de Eirik, veio o som de pés batendo e gritos de encorajamento. Fechei os olhos quando ela passou o osso esculpido no meu cabelo, deixando sua atenção me acalmar.

— Meus parabéns, minha senhora — Sylvi falou suavemente enquanto trabalhava. — E que os deuses lhe enviem suas bênções e toda a felicidade que uma noiva possa desejar.

Murmurei meus agradecimentos, mas não mais, pois sabia que se referia à obtenção de filhos. Ela já adivinhara, talvez, na minha condição, mas eu sabia que não diria nada. Sylvi sempre fora hábil em guardar segredos.

— Que linda está. O escarlate da noiva está se destacando em sua pele.

Sylvi tingiu a lâ, embebendo-a na casca do amieiro da montanha, e a cor se tornou vívida. Toquei sua mão em gratidão. — Sempre foi gentil, Sylvi, uma boa amiga.

Ela apertou meus dedos em troca, depois puxou o pente novamente. Recolheu meu cabelo dos meus ombros, tomando cuidado para não abrir os broches de cobre presos às alças do meu vestido. Inclinei minha cabeça para trás e distraidamente toquei o adorno no meu corpete. Não apenas qualquer broche, mas os pedaços de marfim que Asta me presenteou antes de sua morte.

Asta.

Ainda podia ver o rosto dela tão claramente.

Desde a noite em que Gunnolf e Faline caíram no abismo sobre os penhascos, cessaram os rumores sobre a caminhada espiritual de Asta, e fiquei feliz, pois esse outro reino não tinha lugar ali.

O corpo de Gunnolf havia chegado à praia depois de alguns dias, embora o de Faline nunca tivesse sido encontrado. Com a espada e o escudo no peito, enviamos o jarl para a próxima vida na pira de um navio em chamas.

Me perguntei se ele e Asta haviam encontrado a paz que não tiveram neste mundo. Houve muita morte e muita infelicidade, mas Eirik estava certo, começaríamos de novo.

Fizemos nossos votos naquela manhã, na margem do fiorde, ao lado de Helka e Leif, com todos os svolvaen testemunhando nosso casamento.

Helka logo retornaria a Bjorgyn com seu novo marido, para desfrutar de outros ritos diante do próprio povo de Leif, mas, até então, celebraríamos juntos.

O olhar de Eirik não vacilou quando fazia a promessa de me manter como um marido deveria, cuidando de mim, me alimentando e me vestindo, me protegendo e me dando filhos. A última que ele falou com um sorriso, que retornei quando meu coração tremia, consciente do bebê que já estava crescendo no meu ventre.

Com dois porcos e uma cabra oferecidos em sacrifício a Odin, os animais foram prontamente levados para assar. O banquete não pôde começar realmente até que a carne estivesse pronta. Mesmo assim, havia muita alegria nas mesas, cada uma com a abundância de nossa colheita no meio do verão, e todos os convidados recebiam um pão assado na forma de uma roda solar.

Embora Eirik desejasse nosso casamento sem demora, optamos por esperar um tempo aparentemente razoável e conduzir nossas festividades para coincidir com o *Lithasblot*, agradecendo a Urda pela generosidade com as terras de Svolvaen. O clima era agradável para amadurecer as plantações e, graças às algas que descobri nas cavernas do penhasco, curamos a doença que atormentava nosso povo. Estávamos fortes o suficiente novamente para cuidar dos campos. As primeiras frutas foram colhidas e o gado estava indo bem.

— Aqui. Tudo pronto, e é como uma capa de ouro, minha senhora. — Deixando de lado o pente, Sylvi se ajoelhou para recolocar meus chinelos. Também eram novos, feitos de couro mais macio e costurados para combinar com minhas roupas de noiva.

Parecia estranho, ainda, ter outros esperando por mim. Por tanto tempo, tinha sido pouco mais que uma escrava, primeiro como o brinquedo de Eirik, trazido das costas ocidentais da minha terra natal para seu prazer, e depois à mercê de seu irmão, Gunnolf, naqueles dias sombrios de ausência de Eirik.

Em nome, eu era "livre", mas havia poucas opções diante de mim.

Tivemos a sorte de ter Alvis, o rapaz que cuidava de nosso gado, para buscar água e lenha. Mas sempre ajudei Sylvi e Guðrún, pois havia muito trabalho a ser feito, limpar a lebre da panela, amassar pão, misturar leite com queijo e manteiga, fumar e salgar carne e peixe e trabalhar no tear. Com a colheita segura, estaremos ocupados fazendo as conservas nas próximas semanas. Não importa minha posição como esposa do jarl, jurei que esses deveres não mudariam, embora eu fosse poupada das tarefas mais onerosas.

Outro rugido de risada surgiu dentro do salão. Quando Sylvi olhou para cima, ela chamou minha atenção. Suspirei, um pouco cansada, sabendo que a folia continuaria por muito tempo. Houve muito o que preparar nas últimas semanas, para essa celebração, e nós duas estávamos exaustas.

No entanto, Sylvi apenas sorriu. — Faz muito tempo desde que houve alegria, minha senhora. Devemos deixá-los se divertir.

Ela estava certa, é claro, mas eu relutava em encarar novamente os gracejos e as tolices dos homens. A porta da casa comprida estava aberta esta noite e seria fácil para mim escapar por um tempo.

Cheia com tantos, a casa estava quente e meus braços estavam nus, mas Eirik me deu um presente de casamento, uma capa na altura do joelho de material finamente tecido, enfeitada com a pele de raposa que ele caçara no inverno passado, na cor castanho-avermelhada. Coloquei-o nos meus ombros, feliz por sair. Uma brisa estremecia as folhas da floresta.

Havia apenas algumas horas de escuridão, pois ainda era o auge do verão, mas a verdadeira noite estava sobre nós agora. Mais abaixo, havia a luz distante de tochas. Ainda hoje à noite, os vigias estavam em guarda, e eu os imaginei impacientes em seus postos, esperando ser aliviados, para que eles pudessem se juntar à festa.

Subi a colina, ansiosa para deixar para trás a celebração indisciplinada. Era meu hábito procurar o ar da noite, pois muitas vezes eu era perturbada por sonhos inquietos, que me atormentavam muito tarde. Talvez isso tenha explicado meu cansaço.

Respirei fundo, desejando me libertar dos meus medos. Eirik e eu estávamos casados, e nada poderia impedir nossa felicidade. Em breve, contaria sobre o bebê, e ele gostaria de acreditar que era dele.

No entanto, algo roeu dentro de mim. Eu não sabia o que os deuses do meu novo lar fariam da minha falsidade, mas o Deus onisciente da minha antiga vida não aprovaria. No meu coração, nem eu.

Olhei para o céu, como se procurasse a resposta lá, e as nuvens se abriram para me mostrar a lua. Cheia e baixa, enchia o céu com tanta luz que fiquei deslumbrada, mas apenas momentaneamente. Assim que o orbe se

revelou, uma sombra passou da qual um crânio parecia se formar, a mandíbula se abrindo em um sorriso malicioso. Queria desviar o olhar, mas a visão me deixou paralisada.

Nunca antes eu tinha visto uma coisa dessas, embora soubesse que o céu do verão trazia truques da mesma maneira que o inverno boreal.

No momento seguinte, pelo canto do olho, vi algum movimento ou ouvi passos, mas quem estava lá foi mais rápido que eu.

Uma mão de aço se fechou na minha garganta, enquanto outra apertou minha boca. Meu grito de protesto deu em nada e me fez apenas receber um tratamento mais duro, pois fui arrancada de onde estava, minhas costelas esmagadas quando fui arrastada, meus braços presos e meus pés roçando a grama.

É apenas uma brincadeira! Um dos homens de Eirik vem me levar de volta.

Exceto que não poderia ser, para quem quer que fosse, seu tratamento comigo era muito duro. Não fez nenhuma tentativa de falar, nem de me devolver ao chão, e não estávamos indo em direção à casa comprida, mas para longe, para os lados da floresta.

Eu bati, socando sua perna e depois arranhando com minhas unhas. Libertando um braço, puxei meu cotovelo com força em sua coxa, depois novamente. Com uma maldição, me virou de pé, e eu torci para arranhar seu rosto, mas apenas arranhei o couro duro que envolvia seu peito. Seus dedos ainda estavam pressionados na minha boca, e eu os mordi, apenas para ter minha cabeça empurrada violentamente para trás para meu mal.

Por fim, ele falou e com uma calma mortal. — Tente isso de novo e vou quebrar seu pescoço. — Seus olhos estavam frios, seu rosto que eu nunca tinha visto antes, uma face sem emoção.

E então eu vi as chamas.

Meu sequestrador me afastou um pouco, mas pude ver claramente que a palha da casa comprida estava acesa. A lua estava clara mais uma vez e a cena bem iluminada.

Havia talvez trinta homens, alguns ainda jogando suas tochas no telhado e pela porta.

Isso tinha acontecido tão rápido. Eu saí e não vi ninguém, mas deveriam estar escondidos atrás das casas, agachados nas sombras.

A noite se encheu de gritos e gritos desesperados. Vários surgiram da porta da casa comprida. Não estavam em condições de se defender, desarmados, desorientados, tão atordoados quanto eu. Seus atacantes os deixaram errar, cambaleando com os olhos cegos, mas suas armas já estavam

desembainhadas.

Não!

Meu próprio grito de advertência foi abafado pela mão que me segurava, dedos cravando em minhas bochechas.

Mais do nosso povo surgiu pela porta, caindo no chão, ofegando.

Eirik!

Eu o vi e Helka também, tossindo através da fumaça. A bainha do vestido de Helka estava em chamas. Eirik a jogou na grama e a rolou, batendo para parar as chamas. Não viu o homem que se aproximava, que estava em pé sobre ele com uma espada levantada. Na elegância de seu casamento, ninguém duvidava do status de meu marido.

Ele era o Jarl de Svolvaen.

Houve barulho de estalos quando turfa no teto se iluminou e grandes pedaços da cobertura externa caíram no espaço abaixo.

Não havia necessidade de luar agora. As tochas encharcadas de óleo lançadas sobre nossa casa haviam feito um trabalho rápido. O céu inteiro parecia queimar.

Em meio ao brilho horrível, vi o homem pairar sobre Eirik, mais alto que os que o cercavam. As chamas iluminaram seu rosto.

O terror atingiu meu coração. Sob aquele brilho âmbar, sua pele estava vermelha e enrugada, emoldurada por uma juba de cabelos que brilhavam em cobre, e seus olhos estavam escuros de ódio. Com as duas mãos, ele ergueu a lâmina e mergulhou-a para baixo, perfurando o corpo de Eirik.

Eu gritei tão alto, que nem a mão de ferro no meu rosto conseguiu silenciar meu grito.

Eirik!

Sem ver o atacante, sem chance de se defender, ele foi derrubado. O bruto colocou o pé nas costas de Eirik, levantando-se para retirar sua espada, depois o chutou para que os olhos de Eirik vissem as estrelas.

Se aqueles olhos ainda eram capazes de ver, eu não sabia, pois não havia movimento e meu coração congelou.

Não! Não pode ser. Não está morto!

Eirik!

Deve se levantar!

O soluço que subiu na minha garganta me sufocou.

Eu devo ir até ele. Ajudem-no.

Lutei novamente, sabendo que tinha que me libertar. Embora meus braços estivessem presos, chutei de volta a canela do meu sequestrador.

— *Bikkja!* — Ele cuspiu a maldição e me puxou, afastando-me apenas para me dar um tapa forte na bochecha.

O mundo girou e senti o ombro do bruto na minha barriga.

— Eirik. — Tentei levantar a cabeça, fazê-lo me ouvir, mas não havia fôlego nos meus pulmões. Não via nada através das minhas lágrimas.

Estávamos nos afastando do assentamento, contornando a borda das árvores, descendo em direção ao prado, depois cortando galhos que puxavam meus cabelos. Ainda assim, seguimos em frente até ouvir o rio.

Deitada de novo, descobri que meus joelhos não me seguravam.

Eu não conseguia pensar, não conseguia me mexer. Nada fazia sentido.

Se me deixassem, me enrolaria embaixo das árvores e fecharia os olhos. Talvez não fosse real. Se fosse dormir, não iria acordar mais tarde e descobrir que tudo tinha sido um sonho horrível?

Mas não deveria ser deixada. Havia quatro pequenos barcos sentados na água cintilante. Ao nosso redor, outros estavam deslizando pela margem e pulando a bordo.

Fui jogada com muita força e caí de costas. Nós deslizamos juntos sobre folhas meio podres antes de ser jogada sobre a lateral do último navio e empurrada para dentro da área coberta.

Foi assim que vieram, invisíveis, mas de onde? E com tanta discrição.

Com qual propósito? Para me capturar? Não fazia sentido.

Destruir Svolvaen? Não prejudicamos ninguém.

Saquear nossos armazéns? Não pegaram nada.

Olhei para os rostos ao meu redor - homens como aqueles que estavam se banquetear em nosso salão. Homens com sangue nas mãos. Fediam a fumaça.

O barco estava quase cheio e os mais próximos me examinaram. Um, cujos olhos eram mais gentis que o resto, inclinou a cabeça em minha direção. — O que é isso, irmão? Disseram-nos para não levar ninguém. Vai quebrar o seu braço ou o seu pescoço.

— Não é da sua conta, Thoryn. — Meu captor zombou. — Além disso, existem regras diferentes para mim. Eu faço o que quero.

O outro homem franziu o cenho.

— Pronto. Feito. — O grito veio da frente.

Aquele que estava sentado ao meu lado puxou uma corda de debaixo do assento, e observei silenciosamente enquanto ele amarrava minhas mãos.

— Diga uma palavra ou me dê algum problema, e eu acabo com você. — Ele apertou o nó final, depois sorriu, mostrando dois dentes faltando. — Posso fazer isso de qualquer maneira, mas não pensarei duas vezes se não ficar de boca fechada.

Quando partimos, olhei para trás, esperando ver Eirik, querendo acreditar que estivesse ileso e que tinha conseguido, de alguma forma, seguir-nos.

Mas ele não estava lá.

Não havia ninguém nas árvores acima de nós.

A brisa carregava apenas gritos distantes.



Capítulo 5

Elswyth

31 de julho de 960AD

Os barcos eram rasos e estreitos, e os homens remavam com cuidado. Em um lugar, onde a via navegável se curvava, ficaram presos na lama e tiveram que usar todos os remos para voltar a se mover.

Vi apenas a forma escura dos outros barcos à frente, e os homens agachados diante de mim, remando firmemente para casa. Passamos por prados até que as planícies se tornassem colinas, e o rio serpenteou por um vale arborizado.

Estava sozinha e aqueles que amava estavam mortos. O povo de Svolveen não era meu de nascimento, mas havia se tornado minha família. Tremendo, agarrei as bordas da minha capa, puxando-a para fechar o melhor que pude. Minhas mãos estavam bastante dormentes com a corda.

Meus olhos ficaram pesados pelo som constante dos respingos dos remos, mas não havia espaço para deitar ou qualquer lugar macio para descansar minha cabeça. No entanto, cochilei e acordei quando passamos por uma rocha, subindo abruptamente, o rio mais estreito do que nunca. Dos seixos e fendas cresciam árvores pendentes, cujos galhos frequentemente roçavam a cabeça dos homens. A cada vez, eles acalmavam os remos e abaixavam os ombros para que o barco deslizasse silenciosamente sob a

folhagem.

No alto, a lua havia desaparecido em um céu violeta. Fomos seguidos, mas não pelos olhos humanos. Um bando de lobos saltava sobre os penhascos acima, olhando para nós. Felizmente, havia outras presas. Somente o inverno os levava à caça imprudente.

O sol nasceu implacável e meus lábios ficaram secos. Meu sequestrador bebeu de sua bolsa e a encheu novamente do rio, mas me afastou quando indiquei minha sede. Apenas Thoryn me ofereceu água, que eu engoli agradecida até que o outro homem a pegou.

Por fim, o abismo se abriu de um lado e a floresta desceu ao nosso encontro, trazendo o som do canto dos pássaros e o farfalhar de pequenas criaturas se movendo sob as samambaias. Os homens mal haviam trocado uma palavra em toda a nossa jornada, mas pareciam ficar mais relaxados quando as árvores se tornaram escassas, sorrindo um para o outro, felizes, eu supunha, por não estar longe de suas camas.

Embora minhas mãos estivessem atadas, parecia não ser suficiente. Próximo ao nosso destino, meu sequestrador amarrou uma segunda corda, que ele passou no meu pescoço. Cansada até os ossos, não lutei. O pouco de luta que restava dentro de mim eu conservaria para quando precisasse.

Fiquei surpresa ao ver a linha das árvores dando lugar a picos irregulares. Montanhas ferozes pairavam acima. Quando os primeiros barcos jogaram suas cordas em terra, os homens desembarcaram sem demora. Um era mais alto que o resto, os ombros mais largos e o cabelo flamejante, vermelho e selvagem, caindo pelos ombros. Ele gritou para dois que estavam esperando no píer e, quando se virou, uma nova onda de enjoo me envolveu. O lado esquerdo do rosto estava enrugado com cicatrizes grosseiras. Era o homem que matou Eirik.

Instintivamente, eu me abaixei, não desejando que me visse, pois nada de bom poderia resultar em chamar a atenção de alguém tão brutal.

Meu sequestrador esperou até que todos os outros deixassem nosso barco antes de me levantar na plataforma, depois puxou a corda amarrada no meu pescoço, me levando para cima. Mal conseguia acompanhar, tropeçando para trás, mas ele parecia satisfeito por deixar os outros nos ultrapassarem.

Não foi até chegarmos ao cume do prado que cheirei o ar salgado e vi o fiorde lá embaixo, uma faixa de prata reluzente com montanhas dominando o outro lado. O assentamento era muito maior que Svolvaen, com prédios espalhados por toda a largura do porto. A maioria dos homens se afastou, descendo para aquelas habitações, até que apenas eu e meu captor, subíamos ainda, longe da agitação principal da cidade, as encostas florestais à nossa esquerda.

À nossa frente havia uma herdade, um edifício grande o suficiente, imaginei, para abrigar várias centenas de pessoas e, de palha nova, os juncos ainda não desgastados pelo tempo. Havia currais e árvores para o gado; um cavalo estava sendo levado de seu estábulo; alguém estava pendurando peixe no fumeiro; e as mulheres estavam produzindo manteiga nos laticínios. De um prédio vinha o cheiro característico de peles curtidas, ricas e terrosas e levemente adocicadas. De outro, o martelo de um ferreiro soava limpo.

Pareceu-me uma maravilha que, enquanto o coração de Svolvaen tivesse sido destruído, e o meu com ele, aqui, a vida continuasse normalmente.

Esperava que nos aproximássemos da casa comprida, pois eu seria apenas uma escrava, trazida para servir. Se tivesse sorte, seria permitido que comesse e bebesse algo, pelo menos, antes de receber o trabalho a fazer.

— Lá não. — Vendo a direção em que eu olhei, puxou com mais força a corda, esfolando meu pescoço enquanto me guiava para frente, mais para cima da colina.

Havia outra cabana, no alto do promontório, separada. Aproximando-me, vi que tinha uma visão não apenas do fiorde e da cidade, mas também das montanhas distantes e das águas abertas ao norte, pontilhadas de pequenas ilhas. Era um ponto de observação, com uma tocha um grande poste, pronta para ser acesa em aviso.

Três homens estavam sentados, com as armas colocadas ao lado, concentrados em algum jogo. Olharam para cima quando nos aproximamos.

— O que é isso, Sweyn? — chamou um. — Entretenimento? — Ele sorriu, puxando sua barba.

Sweyn apenas grunhiu e deu um chute na porta. Hesitei, mas a corda estava firme em meu pescoço. Empurrou maliciosamente, me carregando porta a dentro, e engoli um soluço. Minhas pernas ameaçaram desabar debaixo de mim e meu pescoço era machucado. Estava com fome, com sede, assustada e doente.

A luz da porta aberta revelava um banco ao lado e um baú grande, roupas de cama empilhadas em um canto. Sweyn puxou a corda, mão sobre mão, até não haver distância entre nós.

Seu rosto tinha uma expressão de crueldade encantada quando ele alcançou meu peito, apertando bruscamente, apertando meu mamilo. — Roupas finas para uma bela dama. — Ele se aproximou. — E também é fina bem por baixo delas, eu diria.

Tentei me afastar para longe, mas a corda em volta do meu pescoço tornava isso impossível. Fiquei muito quieta, consciente do seu suor e da acidez do seu hálito.

Ele enfiou a mão dentro da gola larga do meu vestido, dedos calejados

grosseiros sobre a minha pele macia, tomando posse do que agora pensava ser dele. Pegou meu peito na palma da mão, amassando a carne, depois encontrou a ponta do meu mamilo e o beliscou.

Fiz o meu melhor para permanecer sem expressão, recusando-me a mostrar meu medo. Em vez disso, falei com toda a força que pude. — Por que veio para Svolvaen? Por que me levou?

— Porque eu pude. O que isso importa? — Com um sorriso malicioso, ele retirou a mão e estalou— Tire. Quero-a nua quando estivermos fodendo.

— Eu não vou.

Segurando meu rosto, ele o virou para cima. — Vamos levar isso lá para fora. Não será tão orgulhosa quando tiver três segurando-a. Sou um homem generoso. Depois de preenchê-la, eles poderão se revezar. Então veremos se vale a pena mantê-la viva.

— Não! — A palavra surgiu estrangulada, e ele riu, os olhos brilhando com alegria maliciosa.

Estava sozinha, sem ninguém para me ajudar. Ninguém se importava se eu vivia ou morria, e eu queria viver. Não apenas pelo filho que eu carregava, mas por mim.

Se pudesse correr rápido o suficiente, passando pelos homens do lado de fora, chegaria à herdade. Lá, alguém teria pena de mim. Ficaria à mercê deles, mas as mulheres da casa não deixariam que me usassem como prostituta. Disse isso a mim mesma, convocando que força restava dentro de mim. Sabendo que só tinha uma chance, levantei o joelho.

Sweyn deve ter percebido minha intenção, pois recuou enquanto eu agia, conseguindo me virar pela metade, de modo que eu o peguei apenas parcialmente na virilha, mas foi o suficiente para fazê-lo dobrar. Amaldiçoando, me soltou e cambaleou para trás.

Com o coração martelando, corri. Ele estaria apenas alguns passos atrás, e eu sentiria o punho dele pelo que fiz. Cegamente, corri para a porta, levantando minha bainha para evitar cair. Mas devo ter julgado mal, pois a porta ficou escura e colidi com uma parede dura. Uma parede em pé três cabeças acima de mim, usando um peitoral de couro com um machado pendurado no cinto. Uma parede de puro músculo, cujas mãos agarraram meus ombros para me impedir de cair.

Minha cabeça caiu para trás e perdi todo o poder de me mover.

Era o demônio, seu cabelo selvagem uma crina de fogo. O lado do rosto estava marcado. Seu olho esquerdo mal havia se curado. As queimaduras eram recentes, mas, há muito tempo, uma lâmina cortou profundamente sua bochecha, deixando um corte na barba.

Sem pestanejar, olhou para mim e eu fui atraída por seus olhos. Mesmo naquela penumbra, vi como eles eram incomuns, verde e dourado. Havia poder naqueles olhos, como se pudesse exigir alguma coisa, e outros obedeceriam.

Testemunhei sua surpresa pela maneira como o encarei, e seu aperto aumentou, como se não tivesse certeza de que eu era real. Sua voz subiu profundamente de seu peito, rouca, como se fosse difícil para o som emergir de sua garganta.

— Eu ordenei que não houvesse prisioneiros.

Eu não conseguia ver o bruto de onde estava fugindo, mas ouvi o barulho de seus pés.

— Os deuses a jogaram facilmente no meu caminho, Jarl. Eles queriam que eu a levasse.

Em resposta, o demônio vermelho tocou o broche de marfim no corpete do meu vestido. Examinou a corda sobre meus pulsos e o laço grosso pendurado no meu pescoço. — Tome tantas escravas de cama quanto seu pênis precisa, Sweyn, mas não essa mulher.

Meu coração batia estranhamente. Deveria ser salva, afinal?

E então meu sangue se transformou em gelo, pois aqueles olhos, tão intensos, estavam sobre os meus novamente.

— Sou eu quem a possuirei, pois tenho uma dívida a cobrar.



Capítulo 6

Elswyth

1 de agosto de 960AD

Recebi uma caneca de soro de leite coalhado, que engoli avidamente e um pedaço de pão. Com minha fome apaziguada, minha vontade foi restaurada.

Mais de uma vez, enfrentei a morte, mas ainda estava aqui. Se os deuses tinham um plano para mim, eu estava pronta para ouvi-lo. Por alguma razão, fui levada para as mãos desse assassino; o homem que matou meu marido, que deve ter encomendado a queima de nossa casa comprida.

A lembrança disso me encheu de desejo de esvaziar meu estômago, mas eu precisava ser mais forte do que isso. A tristeza que me enchia já estava se transformando em raiva, uma emoção mais útil para aproveitar, pois poderia me manter viva.

O jarl ordenou que eu fosse lavada e fui levada para a casa de banhos. Os escravos não olharam para o mestre quando lhes deu suas ordens, nem queriam olhar para mim, a princípio.

A cabana era grande o suficiente para abrigar uma família, mas continha uma grande banheira de madeira, montada como um barril. Nunca tinha visto isso, nem a maneira como foi enchida. Acima da fogueira, o caldeirão estava suspenso por correntes, pendurado em uma haste de metal, e um longo bico emergia de seu lado.

Aquelas que me trouxeram para dentro tiveram que empurrar a metade inferior do caldeirão para que caísse água na banheira.

Devem ter sido necessários oito caldeirões para deixar a água ao seu nível atual. O banho não tinha sido planejado para mim, disso tinha certeza. Havia uma mesa ao lado da banheira, sobre a qual havia roupas de cama e sabão.

As duas mulheres me ajudaram a me despir e subir os degraus, segurando minhas mãos enquanto eu me afundava na água fumegante. Gradualmente, ficaram mais corajosas, e eu as vi olhar uma para a outra e voltar para mim. Viram o leve arredondamento da minha barriga, a curva distinta, baixa. Eirik pensou que eu estava apenas comendo bem, mas podia ver que elas sabiam melhor.

Deveria ganhar a confiança delas. Talvez saibam uma maneira de eu escapar.

Ou, se eu permanecer e viver o tempo suficiente para ver o nascimento do bebê, poderão encontrar um local seguro para a criança ser criada. Não queria pensar nisso. Não conseguia pensar nisso, pois tal coisa parecia muito distante e muito triste com tudo o que havia acontecido nos últimos dias e noites.

Mas precisava delas, então sorri enquanto esfregavam minhas costas e inclinei minha cabeça para lavarem meu cabelo. Murmurei meus agradecimentos e perguntei seus nomes e de onde vieram. Apenas deram de ombros com isso. As duas nasceram aqui, Thirka e Ragerta, e sempre foram escravas.

O nome deste lugar? Skálavík.

Lutei contra o meu medo quando ouvi.

Apenas dois dias atrás, Eirik me contou sua história, sobre os atos sombrios de Beornwold de Skálavík. Mas esse jarl, o demônio, não era Beornwold.

Eu forcei minha memória. Meses atrás, ouvia Gunnolf planejar a aliança que fortaleceria Svolvaen. Eirik sugerira casamento entre Helka e o novo jarl de Skálavík. Ela protestou veementemente, mas Gunnolf descartou a ideia de qualquer maneira, pois o jarl era recém-casado, ele disse.

Isso era alguma coisa! Se puder falar com a noiva dele, certamente sentirá pena de mim, pois perdi muito. Qualquer pessoa com um coração sentiria minha dor. Perguntaria sobre ela, quando tivesse a chance. Mas primeiro, queria conhecer mais do meu inimigo, do homem que havia destruído tudo o que amava.

— A Besta, eles o chamam de Aifur — disse Ragerta. — Embora o nome de nascimento dele seja assustador o suficiente.

— A montanha de fogo, é isso que significa, Eldberg. — Thirka baixou a voz, como se dissesse que o conjuraria na sala.

— E o que fez para ganhar essa reputação? — Virei o sabão em minhas mãos, fingindo uma indiferença que não sentia.

Ragerta olhou para a porta. — Dizem que foi levado pelos berserkers quando menino e criado entre eles como escravo, mas que sua bravura lhe rendeu sua liberdade e lutou entre eles por um tempo.

— Já ouviu falar daqueles homens que são mais parecidos com bestas? — adicionou Thirka. — Usam apenas a pele de ursos ou lobos e vivem como eles, na floresta.

— Podem até pular fogo sem serem prejudicados. — Os olhos de Ragerta estavam arregalados.

— Ele afirma que pode fazer isso?

— Não. Nunca fala dessa vida. — Ragerta se mexeu inquieta, seus olhos se afastando. — Apenas uma vez ouvi um homem mencionar isso, um comerciante, anos atrás, antes de Eldberg se tornar jarl. Fez uma piada, sobre ir para a floresta não para caçar animais selvagens, mas para acasalar com eles.

— O que aconteceu? — Parte de mim não queria saber, mas ainda ouvia.

— Era como se estivesse possuído. — Sua voz ficou mais baixa. — Seu rosto ficou quente e inchado, e começou a tremer por toda parte, tão grande era a sua raiva, como se quisesse se transformar em uma verdadeira fera diante de nós.

— E os dentes dele! — Thirka chiou. — Arreganhrou os dentes como se quisesse morder.

— E o comerciante?

— Nunca vi ninguém mais assustado. Ele congelou, encolhido, depois recuperou a razão e fugiu. Eldberg o seguiu para fora. Thirka empurrou o punho contra a boca, incapaz de continuar.

Olhei para Ragerta, incentivando-a a terminar a história.

Mordeu o lábio, acrescentando rapidamente. — Quando voltou, estava segurando algo pequeno, que jogou para os cães.

Engoli de volta um gosto repentino de bile. Era uma coisa horrível profanar um corpo.

— O barco dele se tornou o de Eldberg, é claro — disse Thirka.

No momento seguinte, senti uma corrente de ar nas costas e as duas mulheres se encolheram, seus rostos transformados pelo medo, um medo

terrível.



Abraçando meus joelhos no meu peito, fiquei muito quieta. Embora não pudesse vê-lo, ouvi o peso de seus passos e senti sua presença atrás de mim.

Thirka e Ragerta se apressaram para partir, nos deixando a sós.

— Levante-se. — Aquela voz rouca novamente, as palavras ditas abruptamente, esperando ser obedecida.

Não respondi, nem me movi.

Foram necessários apenas dois passos para ele me alcançar, colocando a mão na minha nuca, e meu coração pulou no meu peito. Não era apenas um estranho tocando minha pele nua, mas o homem que assisti matar meu marido, um homem que eu tinha todos os motivos para odiar.

Estava com muito medo de olhar para ele, nem desejei obedecer, mas o que deveria fazer? Poderia argumentar com um homem assim?

Antes que tivesse a chance de decidir, a pressão na minha nuca aumentou. Lentamente, ele me levantou. A realização me fez espalhar água, depois cuspir em choque. Meus pés tropeçavam para se manter enquanto minhas mãos voavam para onde ele me segurava, mas não havia como combater sua força. A água escorria dos meus cabelos e descia pelo meu corpo.

Somente quando me colocou em pé, me soltou, me virando para encará-lo. Minha humilhação foi imediata, e eu trouxe minhas mãos para me cobrir, embora o gesto fosse ridículo. Agarrou-me pelo queixo, me virando para a luz do fogo.

— Vai olhar para mim.

Abaixei meus olhos por vergonha, mas ergui naquela hora.

A sala estava quente com vapor, mas eu tremi.

Como antes, me estudou intensamente, não meu corpo, mas minha boca, nariz e olhos. Sua sobancelha ficou tensa em concentração. — Se parece com alguém... — Sua voz sumiu. — Impossível, é claro, pois não é uma mulher de Skálavík, nem mesmo uma mulher de Svoldvaen.

— É verdade — afirmei claramente, determinada a não ser intimidada. — Eu venho de Holtholm, muito a oeste, e ainda estaria lá se Eirik e seus homens não tivessem procurado refúgio conosco durante uma tempestade. Fui

de bom grado a Svolvaen, não como escrava de Eirik, mas como uma mulher livre. — Segurei meu queixo um pouco mais alto. — Ontem, ele me fez sua esposa. — Conforme disse isso, a lembrança do que aconteceu veio como um flash.

Ele não disse nada.

— É seu hábito sequestrar mulheres de seus aliados e queimar suas aldeias? Que tipo de homem é?

Eu me afastei de suas mãos. Ele não tinha o direito de me tocar.

— Eu vi! Não deu a Eirik a chance de ficar de pé. Ele nem sabia quem o estava atacando.

— Não era meu plano sequestrá-la. Isso foi algo de Sweyn, sozinho, e acredito que não sabia quem era, apenas uma mulher que gostou. Mas os deuses a trouxeram para minhas mãos, assim como trouxeram a boa sorte de encontrar todos os Svolvaen reunidos em um só lugar, e seu marido de madrugada aos meus pés. Eu o desejei morto, e ele está. Lamento apenas que sua morte tenha sido rápida demais. Quanto aos aliados, não reconheço nenhum tratado!

Recuei horrorizada, porque nunca ouvi um homem falar sem honra. — Era meu marido. O homem que amei!

O lado direito de sua boca se curvou em um sorriso de escárnio. — Era escrava dele, submissa, e de seu irmão, ao que parece, quando este Eirik a abandonou.

Sua declaração me chocou em silêncio. Baixando a cabeça, senti a vergonha daqueles dias sombrios. — Eirik me amou e voltou. Não queria outra mulher. — Tropecei na minha explicação, sabendo que nada poderia desculpar as escolhas que fiz. — Eu acreditava que havia sido abandonada, mas estava errada.

Teria que viver com meus pecados e, ainda assim, arrancaram meu coração. Talvez fosse infiel, minha vontade de sobreviver mais forte que minha fidelidade. Mesmo me tornando a noiva de Eirik, não consegui falar honestamente, sem confessar meu medo de que o filho que eu carregava fosse de Gunnolf.

No entanto, por tudo isso, precisava da honestidade desse homem. Precisava saber por que atacou Svolvaen. Embora desejasse cuspir na cara dele, me acalmei.

Enrolando meus braços com mais força sobre meu corpo, enquadrei minha pergunta com cuidado. — Quebrou nosso tratado de paz. Por que razão?

A resposta de Eldberg foi puro gelo. — Vê meu rosto, isso foi causado

pelo assassino que seu jarl enviou a Skálavík.

Eu não entendia — Eirik desejou paz. Ele nunca teria...

Eldberg me interrompeu antes que eu pudesse dizer mais. — E, ainda, minha esposa e meu filho ainda não nascido estão mortos por sua ordem de seu jarl, de Gunnolf.

A esposa e o filho dele? Mortos?

Nos últimos dias, uma loucura estranha tomou conta do nosso antigo jarl. Ele não confiava em ninguém. Foi violento e cruel, mesmo para aqueles que desejavam servi-lo. Poderia ter ordenado alguma ação terrível?

Mas Eirik não sentia culpa pela ação de seu irmão.

Comecei a explicar, mas Eldberg se lançou em minha direção.

— Não muda nada! — A cada palavra, ele me sacudiu. — Seu marido não fez nada para conter o mal do irmão e por isso mereceu a morte. Seu sangue roubou o que eu mais considerava, e retribuí em espécie. O fim dele foi rápido, mas o seu castigo se desenrolará à minha vontade.

Eu chorei, porque ele estava me esmagando dolorosamente.

— Agora não é mais que minha escrava e servirá na minha cama, disposta ou não, até que me chame de seu mestre, abandonando qualquer lealdade que deu ao jarl de Svolvaen.

— Nunca! — Eu levantei minha mão para golpeá-lo, mas ele pegou meu pulso e torceu meu braço. Gritei, lutando.

Meu instinto foi escapar de seu domínio, fugir, embora não houvesse lugar para eu ir. Estava nua e sem amigos, e mais sozinha que nunca. Mas poderia me submeter como pedia? Cada batida do meu coração protestou. Deveria ser humilhada e mantida com medo, sabendo que qualquer dissidência traria pior punição.

Ofeguei através das minhas lágrimas. — Eu imploro sua misericórdia. Saiba que imploro não apenas por mim, mas pela criança que carregou. É inocente e não deve ser punida.

Soltando-me, deu um passo para trás e, desta vez, foi o meu corpo que recebeu sua avaliação pelo brilho da luz do fogo: meus seios, depois minha barriga, permanecendo na área entre minhas pernas e descendo por seu comprimento.

Com um sorriso zombador, segurou meu peito, medindo seu peso e suavidade, roçando meu mamilo com a impressão grosseira de seu polegar. A outra mão, deitou no meu ventre. Seu toque foi gentil, mas eu estremeci. Lágrimas de vergonha picaram meus olhos enquanto ficava impotente.

Eu resisti muito, casada com um marido porco em Holtholm, submissa,

mesmo nas mãos de Eirik nos primeiros dias, atormentada nos longos meses de sua ausência, quando Gunnolf se tornara meu amante. Não poderia suportar isso também?

Havia um brilho escuro nos olhos de Eldberg quando abaixou a mão, roçando os cachos da minha fenda. Seu dedo me separou e estremeceu. Lentamente, empurrou um dedo para dentro. Eu me virei, não desejando que visse meu rosto, mas ele rosnou, me comandando com aquele som selvagem para encontrar seus olhos. Estavam cheios de sombras.

Empalantes, impiedosos, continham algo muito mais consumidor do que luxúria.

Um vazio.

Sua voz era um sussurro cruel, mesmo quando enrolou o dedo dentro da minha carne. — Talvez na primavera a leve a Kaupang ou Hedeby e venda no mercado de escravos. Algum velho rico a compraria, e a criança, ou um dos bordéis da classe alta. Poderia encontrar um comerciante de um dos haréns do leste; eles valorizam uma tez pálida e cabelos como os seus.

Não pude conter um grito estrangulado.

Ele não poderia!

Mas é claro que poderia. O que lhe importava?

Retirando suas mãos, ele as trouxe para minhas bochechas, me ordenando novamente a olhar em seus olhos. — Ou em pagamento pelo meu filho assassinado, não devo matar esse bebê quando nascer?

Deus me ajude, e Freya também.

Poderia viver comigo mesmo se me tornasse sua prostituta voluntariamente? Se permitisse ou não, ele faria o que queria. Não era melhor aceitar o que eu não pude lutar contra? Permanecer viva? Se eu o agradasse, poderia ganhar favores? Talvez até a minha liberdade?

A luta me deixou. Por enquanto, diria o que fosse necessário. Faria o que pediu. Eu suportaria.

— Juro pela vida da criança que levo, o servirei. Serei sua escrava e me submeterei a tudo o que mandar. — Eu me obriguei a segurar seu olhar de aço.

Houve um último lampejo em seus olhos antes que sorrisse, e senti uma onda de enjoo. Não sabia com o que havia concordado.



Capítulo 7

Eldberg

1 de agosto de 960AD

— Seja rápido com isso. — Eldberg jogou um pano para ela. Apertou o linho no peito enquanto se secava, tentando cobrir sua nudez.

Um pouco tarde para isso. Estava tentando não chorar.

Ele a viu sair da água. Quase o fez gargalhar, clemência por ela carregar um filho. O fato apenas despertou sua raiva de um lugar mais profundo.

Três meses se passaram, e a dor estava gravada para sempre em sua alma. Sentia isso constantemente. A escuridão. O desespero.

Viveu com apenas um propósito agora.

Vingança.

Incendiou Svolvaen e amaldiçoou todos eles a Hel enquanto gritavam. Viu os homens responsáveis pela morte de Bretta pagarem por isso com suas vidas. Foi vitorioso sobre seus inimigos. E ainda o veneno fluía por suas veias.

Elswyth estava prendendo os broches em seus ombros, dedos elegantes trabalhando o alfinete. Aquele vestido! Muito parecido com o de Bretta no dia em que se casaram.

Algo nela o deixava desconfortável. Esse era o truque de Loki? Alguns

acreditariam que era o trabalho dos deuses. O humor deles pode ser mais cruel que o de qualquer homem.

Sweyn deve ter visto a semelhança. Foi por isso que ele a capturou, certamente. O mesmo cabelo sedoso, caindo espesso sobre os ombros, a mesma inclinação para cima dos olhos, a mesma curva recuada para o lábio superior. Mais do que isso, o jeito que ela mexia as mãos e inclinava a cabeça.

Era um eco da sua esposa perdida. Quando a encontrou na casa de vigia, vendo-a naquela penumbra, só por um momento, pensou que fosse Bretta encontrada novamente, não morta, afinal das contas.

A realidade disso trouxe um golpe, como se já não tivesse sofrido o suficiente. Não sua esposa, mas a de seu inimigo, entregue em suas mãos.

Ah, sim. Odin havia lhe apresentado a oportunidade de um tipo diferente de vingança. As possibilidades eram quase esmagadoras.

Ela também sabia disso.

O bem mais precioso de seu inimigo à sua mercê, tornando-se sua escrava de boa vontade. Poderia destruí-la em uma única noite, se quisesse ou em uma única hora. Mas havia caminhos mais agradáveis até o fim que ele procurava.

Se o jarl de Svoldvaen visse essa cena do Valhalla, o que ele veria? Sua amada açoitada e estuprada?

Não.

Havia uma maneira melhor.

Pedaço por pedaço, ele a reduziria, até que se submetesse a como nunca fizera ao marido. Temendo o pior tratamento, ficaria grata pelo que recebeu e ele ofereceria não apenas o tormento da dor prevista, mas também o prazer.

Estava de pé no vestido de noiva usado para seu inimigo, esperando-o, Eldberg, para comandá-la. Com o tempo, a faria ansiar e implorar. A faria implorar por ele. Ele a faria trair o que pensava que acreditava.

Essa seria sua verdadeira vingança.



O ar estava denso com o cheiro de javali assado, um banquete para os homens que retornam, em recompensa por uma missão bem cumprida. Eldberg os deixou ver seu prêmio, guiando-a pela corda que Sweyn amarrava em seu pescoço, embora deixasse suas mãos livres.

Caminhou firmemente atrás dele, com os pés firmes e a cabeça erguida, embora baixasse os olhos. Um silêncio se fez no meio da folia, enquanto observavam o jarl obrigar sua aquisição ao longo da casa comprida. Sweyn assistiu o mais próximo de todos.

A divisão era apenas uma cortina. Ela estaria ciente disso, sabendo que aqueles do outro lado seriam capazes de ouvir tudo o que se passava entre eles. Saberia também que os homens dele imaginariam o que estaria fazendo com ela?

Uma nova mulher sempre era interessante. Uma nova escrava sempre uma possibilidade e uma tentação. Deixaria claro que era dele, que, por enquanto, proibia que qualquer um a tocasse. Mas ela não saberia disso. Que tema e sintia a misericórdia dele ao mesmo tempo.

Fora de vista, o barulho do banquete continuou, risadas e comentários obscenos além da divisão que separava sua câmara do resto do corredor.

Eldberg pretendia começar imediatamente. Como ela passasse suas primeiras horas daria o tom para o que estava por vir.

Poderia deixá-la passar a noite no chão, os tornozelos e pulsos amarrados, o laço apertado em volta do pescoço, presa a um gancho na parede. O pensamento de vê-la assim provocou um choque em sua virilha, mas havia outras maneiras de fazê-la sofrer, não como uma cachorra espancada e acorrentada.

Quando pediu que retirasse suas roupas, não houve discussão. Eldberg tirou um pedaço de seda jade de seu baú. Estava entre as melhores roupas que trocou em sua última viagem a Hedeby. Seda que comprou como presente para Bretta, que ela nunca teve a chance de costurar em um vestido, guardado na câmara de Sigrid.

Fez um gesto para Elswyth para que ela colocasse suas roupas sobre o baú. Pegaria mais tarde, para que soubesse que não tinha nada com o que se cobrir.

Esse privilégio teria que ser conquistado.

Colocou os braços em volta dos seios, como se quisesse se confortar, mas não fez nada para cobrir entre as pernas. Fez questão de olhar para aquela parte dela enquanto rasgava a seda em tiras. As fibras cederam facilmente, rasgando a trama, a destruição de algo que tinha sido bonito.

Fez um gesto com a cabeça novamente para ela deitar na cama, esticar os braços e as pernas, expor-se, para que nada estivesse oculto.

A palma da mão dele encontrou a dela brevemente enquanto dava seu primeiro nó. Suas mãos, pequenas e graciosas, cerraram os punhos. Olhou-o com os olhos arregalados, incrédula e depois renunciou quando a amarrou com a seda, cada pulso, cada tornozelo, e depois olhou para as vigas.

Como estava pálida. Seus cabelos grudavam na pele, mechas sobre cada seio. Seus mamilos, grandes discos de rosa, fizeram sua boca secar. Se pegasse os botões de rosa entre os dentes, lambesse e chupasse, gemeria da mesma maneira que Bretta fizera? Ela avançaria, precisando que ele levasse sua suavidade mais fundo em sua boca, precisando que a possuísse?

Não. Ele sabia a resposta para isso.

Como cativa, não podia fazer nada para impedi-lo de tomar seu corpo, mas podia reter sua mente. Para que sua vingança fosse completa, ele também queria isso.

Havia muitas maneiras pelas quais ele poderia subjugá-la, mas, por enquanto, daria a ela algo em que pensar.

— Olhe para mim. — Ele se inclinou perto o suficiente para que ela sentisse a respiração dele no rosto, perto o suficiente para que o gibão de couro roçasse seu seio. Estaria ciente de seu peso, saberia que poderia esmagá-la simplesmente deslocando seu corpo sobre o dela.

Ainda assim, olhou para as madeiras, mas ele guiou o queixo para baixo, até que ela permitiu que seus olhos se encontrassem. Falou suavemente, deixando cada palavra se desenrolar. — Um dia, em breve, me dará tudo.

Mostrando a última tira de seda, ele a envolveu com os nós dos dedos, apertando-a com força, depois colocou a tira sobre os olhos dela.

Ela apertou os lábios, sem dizer nada enquanto ele segurava. Somente quando colocou as mãos sobre as costelas dela, ela respondeu com um suspiro trêmulo. O pulso dela acelerou. Ela tremeu.

O que ela estava imaginando?

Que ele iria fodê-la?

Nesta posição, deitada aberta, ela poderia ter certeza disso.

E se ele lhe dissesse outra coisa?

Que mandaria seus homens, dedos gordurosos com carne, bocas ansiosas sobre ela, erguendo os quadris para encontrar seus impulsos, um por um, até que ele decidisse que o castigo dela era suficiente.

Sim, ela acreditaria nisso.

Seu peito subiu e caiu, e engoliu em seco, a preocupação em seus lábios. Ela se mexeu, testando os laços. Não eram tão firmes que não conseguisse se mexer. Um pé flexionado. Esticou os dedos e depois os fechou.

Ele não disse nada, sabendo que diria a si mesma muito mais.



Eldberg havia oferecido sacrifícios diários aos deuses, e olhavam favoravelmente para ele. As cicatrizes permaneceriam, mas manteve todos os dedos na mão esquerda. O resto foi superficial. Mesmo onde seus cabelos e barba estavam chamuscados, havia um crescimento.

Ainda assim, a dor o testou, pinicadas estranhas onde o tecido tocava, um sinal de sua cura. Somente os olhos daquele lado realmente o incomodavam. Os cílios se foram substituídos por pele com bolhas. Alguma visão permaneceu, mas, com o olho semicerrado, era difícil avaliar a distância. Quando ele se cansava, até suas próprias mãos se recusaram a entrar em foco.

Se os outros sabiam, ninguém havia falado sobre isso, e se Sweyn ou qualquer outro pensava em usurpá-lo, esperaram demais para agir de acordo com essa ambição. Os mais próximos de Eldberg serviram com medo, mas também com respeito. Quem dentre eles se atreveria a afirmar-se seu rival, apto a ocupar seu lugar?

Não esperavam que ele pegasse suas armas. Ainda não. Nem esperavam que liderasse o ataque a Svolvaen. Ele se esforçou para fazer as duas coisas, para mostrar que era tenaz, um homem cuja força vital queimava mais forte do que as chamas enviadas para consumi-lo.

Naquela noite, Eldberg foi atormentado por faíscas de dor em seu lado. Em resposta, bebeu mais hidromel do que se sentaria bem no estômago e deixou a festa continuar por mais tempo do que ele pretendia.

Fiske e Hakon tentaram atraí-lo para uma conversa, evitando qualquer pergunta sobre a mulher, embora a curiosidade fosse evidente.

Sweyn não disse nada, sentado à parte, incapaz de esconder sua carranca.

Eldberg deixou passar. O homem tinha o direito de alimentar seu descontentamento, desde que não demonstrasse desrespeito total.

Foi uma provação sentar-se tanto tempo, sabendo que ela estava deitada em seu quarto, mas a espera faria o trabalho dele por ele. Somente quando a maioria dos homens desmaiou nos bancos compridos, ele voltou.

O pavio tinha queimado baixo, mas a luz era suficiente para ele ver seu corpo esbelto, pálido como a luz da lua, esticado sobre as peles de ovelha, ocupando a cama em que ele teria se jogado se estivesse sozinho.

Atiçada pelo som de seus passos, ela torceu contra a seda que continha,

esforçando-se para identificar quem estava na câmara.

Ficou ao seu lado, deixando-a sentir sua presença. Ela conheceria o cheiro do corpo dele e o ritmo com que respirava.

Ela levantou a cabeça e ele pensou por um momento que diria alguma coisa, mas recostou-se novamente.

Seu pênis ficou duro. Seu corpo lembrava a satisfação de entrar em uma mulher.

Nas horas que se passaram, teve tempo de planejar. Do baú, puxou a menor das colunas de mármore e o cinto que a acompanhava. As tiras de couro eram duras, novas. Outro presente para Bretta, um que ela nunca viu. Ele esfregou o polegar sobre a pedra.

Uma coisa estranha, pensou, mas o comerciante que o vendeu o dispositivo garantiu que as mulheres nobres do sul do Mediterrâneo as usavam. Havia cinco peças de mármore, cada uma ligeiramente mais larga e mais longa que a anterior, cinzelada e depois polida. Apenas o bastão final tinha alguma semelhança com seu próprio órgão, mas o comerciante havia explicado o pensamento por trás da progressão.

Algo sobre isso o despertou, a idéia de assistir Bretta tocar a coisa contra aquela parte dela que foi projetada para seu prazer. Observando-a empurrar a pedra fria dentro de seu calor, movendo-a para dentro e para fora e pensando o tempo todo o que realmente queria.

Que o desejava, Eldberg nunca duvidou. Serviu a Beornwold por mais de dez anos antes do velho acertar o contrato. Naquela época, Eldberg viu Bretta crescer de criança para mulher, e viu como ela o admirava. Timidamente, a princípio, pois ela era inocente. Mais tarde, com uma intensidade que falava da paixão que traria para a cama do marido.

Ele esperou, não se casando, tornando-se indispensável para o velho. Não havia ninguém mais forte, ninguém mais formidável, ninguém mais capaz de assumir o comando de Skálavík. Depois que Beornwold percebeu isso, o acordo foi direto.

E Bretta, tão bonita, tão ansiosa e apaixonada, era dele.

Eldberg fez uma careta. Sempre, voltava a isso, para o que tinha sido dele e o que havia sido tirado dele.

Movendo-se para a cama, levou a mão diretamente a ela, a palma da mão contra cachos macios, os dedos pressionados na abertura do sexo dela.

Ela sacudiu, tentando evitar o seu toque. Sua barriga, suavemente arredondada, movia-se rapidamente com a respiração. Contra a ponta gorda do polegar, a pele dela estava fria.

Mas não é assim para a carne entre as pernas. Lá estava quente.

Como seria para ela ficar aqui, exposta, todo esse tempo?

Sem dúvida, seus ombros estavam doendo, embora ele a tivesse amarrado e dado folga suficiente para permitir que ela flexionasse os cotovelos.

O que ela mais temia?

Uma mudança sutil localizou seu inchaço.

Assim, ele deu prazer a Bretta, com os dedos e a língua. Havia uma maneira de estimular uma mulher, assim como havia um homem.

Mergulhando lá dentro, pegou aquele creme e esfregou levemente a parte que seria incapaz de controlar. Ela se afastou, mas seus quadris empurraram para frente, encontrando a carícia novamente.

A cativa dele.

Ele jogou o jogo pacientemente, deixando-a resistir com protestos murmurados, afastando-se e depois avançando em sua direção até que a umidade cobria não apenas os dedos, mas as coxas dela.

Algo dentro dele se apertou.

Abrindo-a com uma mão, ele tocou a barra de mármore contra sua suavidade.

— O que é isso?

— É com o que concordou, escrava. Nada mais.

Com um único empurrão, deslizou a coluna dentro dela.

— Eu não quero isso — Ela moveu os quadris, depois se abateu, tentando expulsar a coisa que a enchia.

— Uma maneira ingrata de se comportar quando recebe um presente.

Quando ela se levantou novamente, tentando sacudir a vara, Eldberg enfiou o cinto de couro embaixo das costas. Seus dedos não eram tão ágeis quanto antes, e o pavio tinha quase queimado, mas não precisava de sua visão para prender a correia em volta da cintura dela.

— O que está fazendo?

No escuro, enfiou a vara no suporte de couro e colocou as correias sobre o abdômen inferior, amarrando-as na frente do cinto. Estes, puxou com força, de modo que o eixo de mármore foi completamente puxado para dentro de seu corpo, mantido firmemente no lugar.

— Eu não quero isso! — ela sussurrou de novo e se debateu, depois emitiu outro som de raiva e ficou imóvel. — Quando me movo...

Satisfeito, puxou uma das peles de ovelha da cama e a jogou no chão.
Ela teria a noite toda para ferver.

De manhã, aliviaria o desconforto dela, pelo menos por um tempo.

— Tire isso — disse ela calmamente. — Por favor.

Ele sorriu.

— Já está implorando?



Capítulo 8

Elswyth

1 de agosto de 960 dC

Eu imaginei todas as maneiras que poderia matá-lo. Uma lâmina no coração ou um corte em seu pescoço. Talvez um machado no crânio ou um veneno de ação rápida. Até espancá-lo até a morte com a coisa que deixou dentro de mim.

Quando inclinei meus quadris, senti uma dor de desejo em meu sexo. Foi provocador e humilhante de uma maneira que não pude expressar em palavras.

E quanto tempo ficaria amarrada?

As restrições só se irritaram quando lutei, então fiquei quieta e tentei desviar meus pensamentos.

Concordei em obedecê-lo pelo bem do bebê que carregava e também pelo meu bem, já que não queria morrer, mas meu sangue ferveu.

Eu me vingaria, não apenas por mim, mas por Eirik e todos os de Svolvaen.

Era um bruto horrível, que matou o homem que eu amava e, o que quer que pensasse, nunca pertenceria a ele.

Em sua loucura, Gunnolf havia condenado Svolvaen a seu destino cruel,

e todos nós pagamos o preço. Eldberg havia sido injustiçado, mas não fomos os culpados, e não havia justiça na retribuição que trouxe sobre nós.

A fera se deitara no chão, o cheiro de hidromel forte em seu hálito. Enquanto eu estava acordada, ele roncou.

Por fim, devo ter cochilado, pois acordei com a penumbra do amanhecer filtrando através do buraco de fumaça nas vigas, e o homem que eu detestava em pé acima de mim, segurando a faixa que cobria meus olhos.

— Eu preciso mijar. — Não fiz nenhum esforço para esconder minha carranca. — E beber um pouco — acrescentou com menos brusquidão. Não estava em posição de mostrar meu temperamento.

Ele tinha sido valente e brutal no dia anterior, mas parecia deprimido esta manhã, com o rosto cinzento. Não disse nada e se moveu como se estivesse desconfortável.

Uma cabeça ruim, eu esperava, de muita bebida. Talvez suas costas estivessem rígidas por causa da noite no chão.

Desatou o cinto e amarras de minha cintura primeiro, puxando sua mão pela minha barriga, deixando seus dedos roçarem meus cachos úmidos antes de puxar o que havia me atormentado. Não pude deixar de ofegar quando saiu do meu corpo.

Graças aos deuses!

Alívio e mais alguma coisa.

Estava um pouco dolorida por ter ficado preenchida, mas também muito molhada. Tendo mantido a coisa dentro de mim por tanto tempo, parecia estranho que ela se fosse.

Com a libertação de meus pulsos, meu impulso foi arranhar o rosto dele, mas eu não era uma tola. Seja qual for o estado em que estava, continuava mais forte do que eu. Se quisesse infligir dor, teria que esperar até que conhecesse melhor este lugar e ter um aliado para me ajudar a escapar.

Mesmo com todos os quatro membros livres, não conseguia me corrigir. O tempo de imobilidade me deixou rígida, minhas mãos e pés cheios de alfinetadas. Esfreguei meus pulsos, balancei-os, girei meus ombros e depois meus tornozelos. Tudo doeu.

Com um grunhido, Eldberg me levantou para sentar e pegou um penico no canto.

Mais humilhação!

Uma prisioneira neste quarto, amarrada à cama, empalada e fazendo xixi em uma panela.

Cerrei os dentes, me colocando na beira da cama. Cautelosamente,

agachei-me sobre a tigela.

— Vire-se, não consigo! — Lancei-lhe um olhar sombrio.

Ele resmungou novamente e chamou Ragerta. Deveria estar esperando, pois apareceu rapidamente.

— Comida e cerveja para nós dois. — Ele passou a mão pelos cabelos desgrenhados. — Água quente e um pano.

Quando me empurrou de volta para a cama, pegou o penico e passou para ela.

— Se livre disso.

Ela olhou para mim, não mostrando nenhuma surpresa com o meu estado nu. Claro que não faria. Todo mundo sabia do meu propósito na câmara do jarl.

Já havia vozes e movimentos na parte principal do salão.

Malditos sejam, pensei. Eram os homens que queimaram Svolvaen. Os homens que me levaram para este lugar. Esperava que a comida rica que haviam comido na noite anterior tornasse o intestino líquido. Esperava que se sentissem tão mal quanto Eldberg.

Enroscando meus pés embaixo de mim e meus braços em volta do meu corpo, encolhi-me no canto. Graças à estação do ano, não senti muito frio, mas desejei me cobrir e recuperar alguma dignidade.

Ele se sentou pesadamente na beira do colchão, com a cabeça nas mãos, e eu pensei novamente em dar um golpe em seu crânio. Mas eu não tinha arma, nada de peso suficiente. O arnês e aquela coisa de pedra estavam sobre o tronco, fora de alcance.

No retorno de Ragerta, pegou a caneca dela e bebeu, limpando a boca e acenando para que ela a enchesse novamente. Sentindo sede, fiz o mesmo.

Havia mingau, exatamente como o grøt que Sylvi costumava fazer, adoçado com mel. Comi faminta, raspando com a colher.

— Não precisa me amarrar novamente — arrisquei. — Tem o meu juramento de que cumprirei nosso trato.

Eldberg olhou por cima do ombro, enxugou a boca novamente e jogou a tigela para longe.

— Farei o que quiser. — Deixe-o pensar assim! Encarei as costas dele, mas, ajoelhando-me para frente, toquei seu cabelo, gentilmente erguendo-o acima da orelha esquerda, revelando as cicatrizes que corriam pelo pescoço.

Ele se moveu mais rápido do que eu imaginava capaz, segurando meu pulso, torcendo-o para longe.

Gritei, mas ele apenas se afastou com mais força, me deixando deitada na cama novamente, seu peso caindo sobre mim.

— Não consigo respirar!

A outra mão dele veio à minha garganta. — Nem pense em me seduzir com mentiras, escrava. — Sua coxa ficou entre as minhas. — Vou saber quando realmente deseja me agradar. — Soltando seu aperto no meu pescoço, abaixou a mão, apertando meu mamilo com força, me fazendo ofegar com o quão repentino foi.

— Quando chegar a hora, me levará ao seu corpo e implorará por minha semente. Vai foder de todas as maneiras que uma mulher pode tomar um homem, e a víbora em você se esforçará para obter mais. Vai me montar até sua boceta doer e ainda assim implorar.

Preso embaixo dele, fervei. Nunca imploraria.

Ele estava ficando excitado. Através de suas roupas, estava duro contra o meu estômago. Estava muito consciente da minha nudez, elos de couro e correntes contra o meu peito e a minha barriga, sarja de lã entre as pernas.

Antes que tivesse a chance de responder, ele me virou de costas. Com minha bochecha pressionada contra as cobertas, encarei a parede.

— Foda-se! — Eu não pude evitar. O homem era um animal. Mais uma vez, estava amarrando meu pulso, enrolando a seda e atando-a, me puxando para frente para prender a faixa na cabeceira da cama.

Não pude fazer nada para impedi-lo de amarrar a outra mão.

— Por favor. — Eu não poderia deixá-lo fazer isso de novo. — Não precisa...

— Quieta, escrava. Ele separou minhas pernas.

Embora nenhum dos elos fosse esticado e as peles de carneiro fossem macias para repousar, não pude suportar a ideia de ser obrigada a permanecer imóvel novamente.

— Não faça isso.

E então senti o pano úmido, puxado suavemente pela parte interna da coxa. Quente e depois frio, dos dois lados. Eldberg mergulhou-o na água novamente e depois espremeu o excesso. Segurou o pano no meu sexo e depois afastou minhas nádegas, puxando-o pelo vinco, pressionando meu ânus.

Um medo trêmulo estava tomando conta de mim, que ele iria entrar por lá. Eu senti o tamanho dele quando pressionou o meu estômago.

Colocou de lado o pano e descansou a palma da mão no meu traseiro.

— Não vai me machucar. — Minha voz soou tão pequena.

A cama rangeu e ouvi a tampa do baú abrir. Tive um vislumbre do que retirou. Outra das colunas de pedra, embora maior e esculpida de maneira diferente - sua cabeça mais bulbosa, o eixo ligeiramente curvado e cravejado de pedras salientes.

— Não! — Eu protestei, lutando contra minhas lágrimas.

— Concordeu com tudo. — Ele sentou novamente e me separou.

Não pude oferecer resistência e esperei um impulso cruel ao máximo, mas entrou suave dentro de mim. Com cada pedra deslizando no meu interior, não pude deixar de ofegar.

— Bastardo! — Eu sussurrei, mas ele não disse nada, apenas mantendo a coisa parada. Minha vontade não contava para nada.

Depois de alguns momentos, o retirou, bem devagar, até que me deixou completamente. Seria uma tortura mais lenta, e uma que o divertisse, independentemente da sua má noite de sono. Esfregou a cabeça arredondada onde eu estava inchada, cutucando, provocando, antes de me penetrar novamente, hesitante, com todo o seu comprimento.

Mantive meus olhos na parede e mordi meu lábio.

Logo terminaria. Em breve.

Em seguida, torceu, de modo que tocou de novas maneiras, e moveu a outra mão para baixo da minha barriga, a palma quente. Respirei fundo quando estendeu o polegar para pressionar contra o meu lugar mais sensível.

Era incapaz de me mover ou resistir enquanto ele simulava o ato entre um homem e uma mulher, usando o cabo de pedra para deslizar em mim, para frente e para trás, e a ponta do polegar para me provocar.

Eu me estiquei na cama, mas ele me levantou na palma da mão para que seu empalamento se tornasse mais profundo. Enterrei meu rosto na pele de ovelha, recusando-me a me ouvir gemer. Apesar de tudo que eu sentia, meu ódio e humilhação, raiva e nojo, eu sabia o que ele estava me convencendo. Um calor ardente ultrapassava todo pensamento. Dor e prazer penetrante estavam aumentando. Quando quebrou, a onda me fez cair, rasgando um grito que rasgou minha garganta e me fez lutar contra os laços que me seguravam.

A voz de Eldberg estava quase cansada. — Já é minha, escrava.



Ele me deixou amarrada o dia todo, mas sem o cinto, sem a invasão de seu

brinquedo. Duas vezes, Ragerta veio segurar um copo nos meus lábios, me ajudando a beber. Para minhas outras necessidades, deslizou o pote debaixo de mim.

Meu peito estava apertado com a recusa de chorar.

Cruzei um limiar, traída por meu corpo. Embora os segredos do meu coração fossem meus, Eldberg havia conquistado uma pequena parte de mim e com tanta facilidade.

Ouvi os sons de trabalho do salão, conversas abafadas e a voz de uma mulher dando ordens. Do lado de fora, havia o som de vacas e o balido de ovelhas. Houve marteladas, batidas de manteiga batendo, asas batendo e gritos repentinos.

Ragerta me trouxe o *nattmal* de caldo de legumes, colocando-o na minha boca com rápida eficiência. Perguntei-lhe se Eldberg já havia feito isso antes e o que havia acontecido, mas ela simplesmente balançou a cabeça sem responder, como se estivesse preocupada com quem poderia ouvi-la.

Depois, fiquei deitada em silêncio, sabendo que ele viria em breve.

Quando o fez, o quarto estava completamente escuro e acendeu o pavio em um prato de óleo, como na primeira noite.

Não chegou perto de mim no começo, e permaneci virada enquanto se despiu. Não queria olhar para ele enquanto tirava a roupa, embora não tivesse dúvida de que seus olhos estavam em mim. Ouvi o tilintar de suas armas e a queda suave de sua túnica e perneiras no chão. Muito tempo se passou antes que dissesse — Deseja que te toque?

Mantive meu rosto virado. — Concordei em atendê-lo, mas sou sua prostituta involuntária. O que quer que aconteça é seu desejo, não meu.

Foi uma resposta insolente e mal aconselhada, mas ele não falou em ameaça de punição. Em vez disso, desamarrou a faixa em torno de um dos meus tornozelos e esfregou a pele, suas mãos calejadas firmes na massagem, restaurando o fluxo de sangue.

Subindo na cama, removeu a restrição da minha outra perna e me acariciou da mesma maneira.

Um nó se formou na minha garganta, mas não agradei. Qualquer bondade que me mostrava foi para seus próprios fins.

Sendo parcialmente livre, deveria ter me sentido mais capaz de me defender, mas não havia verdade nisso. Apenas ganhou poder para me posicionar de outras maneiras. Minhas mãos ainda estavam atadas, afinal.

Resolvi não fazer nada para ajudá-lo.

Foda-me, e será como se eu fosse um cadáver.

Sua perna roçou a minha enquanto ele passava as mãos pelas minhas panturrilhas e coxas, mantendo minhas pernas ao redor dele, até que apertou meus quadris.

Inclinando-se para a frente, levou os lábios à minha nádega, seu hálito tão quente quanto a língua.

— Não sente nada? — Ele roçou-me com os dentes, passando de uma bochecha para a outra, devorando minha carne com a boca aberta, chupando e mordendo, embora sem força suficiente para me machucar, o tempo todo segurando meus quadris firmemente.

Eu me contorcei, mas fiquei em silêncio.

Movendo uma mão para as minhas costas, usou a outra para sondar minha umidade. — Deseja isso. — Ele pressionou com o polegar, circulando, provocando. — Me quer dentro de você.

Minha cabeça zumbia com fúria enquanto me contorcia sob sua carícia, ainda não dando resposta.

Ele riu baixo. — O que está pensando, esperando por mim?

— Que quer me torturar — sibilei — para me punir por algo que sou inocente.

— Puni-la. — Ele retirou a mão. — É isso que deseja?

— Não! Isso não é o que disse!

Ele se levantou da cama e ouvi a tampa do baú abrir.

Não ousei olhar, mas ouvi som viajar pelo ar. A dor foi imediata, uma picada ardente no sulco das minhas nádegas inferiores.

— É isso que quer, escrava?

— Não! — Eu chorei, com medo de que ele me atacasse novamente.

Tentei juntar minhas pernas, mas a mão dele me invadiu. Três dedos deslizaram facilmente para dentro.

Contra a minha vontade, líquido veio das profundezas da carne que ele tocava.

— Nega esse prazer, mas em breve pensará apenas no homem que a domina agora.

Chutando meus pés, tentei me afastar. — Se tiver prazer, será obra minha, não sua.

Afastando-se novamente, ele me golpeou duas vezes com o bastão, na curva mais carnuda do meu traseiro.

O gemido dos meus lábios veio espontaneamente. Eu o detestava, mas

havia um puxão dentro de mim. Meu corpo se abriu para ele, apesar da rebelião da minha mente.

Estava sozinha e assustada, dolorida, zangada e excitada. Dizer o que queria ouvir tornaria tudo mais fácil, mas eu ainda não conseguia me render.

— Não desejo isso — soluzei, enterrando meu rosto nas cobertas.

Esperei que me punisse novamente, mas senti sua mão alisando meu cabelo.

Sem falar, desamarrou as últimas faixas. Enquanto me enrolava, passou o braço pelo meu corpo, me puxando para o calor do seu peito.

Estava ciente de sua nudez, de sua excitação pressionada na fenda das minhas nádegas, mas não fez nenhum movimento para forçar sua penetração, nem perguntou novamente o que eu queria dele. Fiquei tensa, consciente dele atrás de mim, sua respiração se tornando a de um homem que dormia.

Cansada, fechei os olhos.

Eu não me conhecia mais, nem entendia o homem que me mantinha em cativeiro.



Capítulo 9

Elswyth

3 de agosto de 960 DC

Ragerta me acordou, ajudou-me a sentar, colocando uma tigela de grøt em minhas mãos.

— Onde ele está? — Eu não o senti se levantar da cama. Se estivesse por perto, me amarraria de novo, agora que estava acordada?

— No porto. Há um novo barco de comércio lá — ela sussurrou. — Mas não vai demorar. — Ela indicou o balde parado. — Tenho água para que se lave. Me disse para ajudá-la rapidamente.

— Ragerta. — Coloquei minha mão em seu braço, querendo dizer alguma coisa, querendo explicar minha vergonha, fazê-la entender que estava aqui contra minha vontade. Claro que era desnecessário. O que importava? Era a escrava de cama de seu mestre, e não havia nada para desculpar ou julgar.

— Obrigada — disse simplesmente.

A água estava quente e bem-vinda, não tão refrescante quanto uma tina na sala de banho, mas eu dificilmente poderia esperar esse privilégio, a menos que fosse desejo de Eldberg que eu fosse levada para lá.

— Ele disse que deveria cuidar de você. — Ragerta deu um sorriso de

desculpas.

Não havia nada a fazer a não ser esperar seu retorno. Ele teria qualquer prazer que o divertisse, suponho, então iria embora mais uma vez. Poderia tentar convencê-lo novamente de que não precisava me amarrar, que eu seria obediente.

Essa era minha maior esperança, não era? Só se fosse livre poderia ter esperança de escapar. Ainda não, talvez, mas assim que tiver um plano.

Mas o que significa conformidade? Aceitação resignada? Não.

Submeter não era suficiente.

Ele desejava mais do que isso, me curvar à sua vontade, fazer com que me contorcesse e implorasse, e negasse o amor que nutria por Eirik.

Ainda não poderia me forçar a fazer isso, mas deve haver outro caminho.

Não seria passiva como uma escrava.

Eu convidaria sua paixão, mas em meus próprios termos.



Ragerta estava certa; não demorou a voltar. Entrando na câmara, imediatamente dominou tudo ao seu redor. Ragerta saiu correndo, deixando-nos sozinhos.

Pensei cuidadosamente em como me apresentaria e o que diria. Já tinha perdido quase dois dias e duas noites. Quanto mais cedo eu o fizesse acreditar que era flexível, mais cedo poderia escapar.

Abaixei-me sobre as peles de ovelha, levantando os braços e separando as pernas, simulando a posição em que me amarrou.

Seu olhar estava totalmente sobre o meu corpo enquanto fazia isso, e senti uma nova energia encher a sala, como se não houvesse nada além da minha nudez e seu desejo de possuir o que via.

— Me espere, escravo. — Era mais uma afirmação do que uma pergunta, mas eu balancei a cabeça, separando minhas pernas um pouco mais e virando um joelho para fora, para que pudesse ver o que lhe oferecia.

Nenhum de nós falou enquanto ele desamarrou o couro em sua cintura, de onde pendiam sua adaga de lâmina curta e seu machado. Puxou a túnica rudemente sobre a cabeça e puxou o cordão da calça, chutando-a para longe.

Com a luz do sol do meio da manhã filtrando-se pela abertura central no telhado da maloca, era capaz de vê-lo como nunca antes.

As queimaduras que marcavam seu rosto percorriam toda a extensão de seu corpo, mas apenas do lado esquerdo, pelo pescoço, passando por um ombro e descendo pelos músculos do braço.

Eram vergões feios e salientes quebrando os contornos de sua tinta corporal, cicatrizes marcando o plano rígido de seu peito e as cristas de seu estômago, alcançando a dobra profunda de seu abdômen e continuando pela coxa, até o pé.

Sua excitação já era proeminente, saltando do cabelo ruivo em sua virilha. A visão fez minha respiração ficar presa na garganta.

Aproximando-se, pegou minha mão e me guiou para circundá-lo.

Esfregando minha palma em sua espessura, disse: — Agora, vê o que vou enfiar dentro de você.

Minha punição e sua vingança. Minha boca ficou seca de repente. *Ficará feliz quando isso for feito?*

Com sua mão sobre a minha, acariciou para cima a partir da raiz, apertando com força de modo que meus dedos quase foram esmagados sob os dele. Não foi preciso mais nada para ficar rígido como ferro, uma gota de umidade brilhando na ponta.

Ele deu um golpe final e me soltou. — Outro dia a ensinarei a me levar à boca. Por agora, desejo descobrir completamente o que possuo.

Inclinando-se para perto, sua voz era rouca e suave. — Não segure nada. — Ele acenou com a cabeça para a cortina que nos separava da câmara maior. — Deixe todos ouvirem que sou seu mestre, que não é mais uma mulher de Svolaen, mas minha.

Tocando meu quadril, me rolou para frente. Minhas nádegas ainda estavam sensíveis dos três golpes que sofri.

Ele se ajoelhou para recuperar seu cinto de couro e eu congelei de horror. Era isso o que significava, ser possuído pela Besta? Pretendia me açoitar com o couro grosso que carregava suas armas?

Talvez tenha ouvido meu suspiro, pois ergueu os olhos.

Segurando a alça na mão, ele me observou com curiosidade. — Isso te excita? — Considerei minhas nádegas e depois o cinto. — Aprecia o prazer apenas quando temperado com a dor? — Ele pareceu pensar sobre isso, esfregando o couro entre os dedos.

— Devo primeiro lhe dar prazer e então veremos.

Pegou uma pequena bolsa e um frasco de dentro.

Uma poção? Eu me perguntei. Ouvi dizer que existiam essas coisas, aquela sensação e paixão intensificadas. Apenas uma vez eu experimentei tal coisa, respirando a fumaça sagrada das celebrações Ostara de Svolvaen. Não era eu mesma naquela noite, minhas inibições diminuíram, até que dei boas-vindas a uma união que nunca deveria ter sido.

Eldberg voltou para a cama, sentando-se acima de mim.

Quando abriu a garrafa, trouxe um cheiro forte, gengibre e sálvia? Não tinha certeza. Esses podem ser bebidos quando preparados como uma tintura.

— Nero! — ele murmurou — e sândalo. Paguei um bom preço esta manhã. Vê, escrava, o que faço para conseguir o que desejo de você.

Não fazia sentido. Ele só tinha que se colocar entre minhas pernas e o ato estaria feito.

Suas mãos, embora calejadas, ficaram lisas e escorregadias, acariciando meus ombros, puxando meus braços para os lados. Seus polegares viajaram para baixo, até que encontrou as covinhas na parte inferior das minhas costas. Lá, agarrou minha cintura, e sua excitação roçou em mim.

Amassando, esfregou a curva dos meus quadris e a plenitude das minhas bochechas, seus dedos trabalhando na parte mais carnuda, movendo-se para a dobra onde encontraram minhas coxas. Novamente, voltou para minhas nádegas, o óleo perfumado auxiliando seus movimentos. Trabalhou para frente e para trás, seus dedos mergulhando mais abaixo, deslizando na fenda do meu traseiro, roçando meus cachos, me encorajando a aceitar suas carícias.

O tempo todo fechei os olhos e tentei imaginar que era Eirik quem me tocava, mas não consegui me enganar. Essas mãos não eram de Eirik.

Eldberg se abaixou nas minhas costas, seu pau aninhado onde suas mãos acariciaram, entre minhas nádegas. Sua coxa empurrou insistentemente entre minhas pernas, obrigando-me a abrir mais.

Ele estava respirando com dificuldade, esfregando, então cutucando onde queria entrar.

Não! Não posso! Eu tinha levado um homem dentro de mim antes, mas Eldberg era maior do que qualquer amante do meu passado, e temia o que ele era capaz, que pudesse me usar com muita violência. De repente, tive medo de tomá-lo. O que eu estava fazendo! No auge do desejo, ele iria me despedaçar.

Ele se mexeu, puxando minhas pernas entre as suas, de modo que montou totalmente em meus quadris. Naquele momento, virei-me rapidamente e o óleo escorregadio permitiu que escorregasse de costas.

Nesta posição, pelo menos, teria uma chance melhor de desviá-lo.

— Meu Lorde. — Eu estava ciente da minha voz tremendo. — Eu imploro — Inclinei minha cabeça para trás, me obrigando a olhar para ele,

dizendo as palavras que sabia que queria ouvir. — Deve me possuir por todos os lugares.

Alcançando seus dedos, eu os trouxe para o meu peito. — Mas primeiro, me acaricie aqui. — Molhei meus lábios. — Gaste sua semente aqui, se quiser, ou na minha barriga. Deixe-me esfrega-lo na minha pele, para que possa sentir o seu cheiro.

Sua expressão era inescrutável, seus olhos semicerrados. Sua ereção descansou no meu estômago, uma haste dura pressionando onde não havia entrada.

Recuando, ele se sentou sobre as pernas, sua excitação acima de mim.

Agarrando minhas pernas, as trouxe de cada lado das suas. Alcançando abaixo, ele levantou meus quadris, de modo que meu sexo descansasse em seus testículos.

Só então derramou mais óleo nas palmas das mãos.

Seus dedos, leves e firmes, percorreram minha barriga, circulando, movendo-se cada vez mais alto, até que segurou meus seios em suas mãos, cobrindo e revelando, segurando seu peso, depois soltando. Esfregando meus mamilos até doerem.

Mesmo com meu medo, não queria que parasse. Sob o ritmo de sua carícia, uma estranha langor tomou conta de mim e um calor baixo em meu ventre.

E, o tempo todo, eu estava ciente de sua masculinidade, a cabeça escura e inchada, o eixo, com veias grossas.

Por fim, trouxe sua boca onde suas mãos tinham acariciado, mordendo suavemente, roçando com os dentes, então sugando forte, de forma que eu arqueei em sua fome. Sua boca estava quente como fogo na minha pele, sua barba roçando suavemente, me fazendo gemer, mesmo enquanto sentia repulsa.

Quando nossos olhos se encontraram novamente, os seus brilharam sombriamente e ele tocou meus lábios com a língua.

Não posso! Essa intimidade é para amantes, não para o que existe entre nós. Não sou mais do que um corpo para o seu prazer e para a vingança perversa que pensa fazer.

Eu me virei, mas ele enfiou os dedos no meu cabelo. Estava indefesa novamente, minha garganta exposta.

Sua boca era insistente, beijando meu pescoço e minha mandíbula, depois voltando aos meus lábios.

Ele mudou, trazendo sua excitação para o meu núcleo.

Sabia que esse momento chegaria, mas lutei, apenas para que ele capturasse meus pulsos e os arrastasse acima da minha cabeça, palma com palma.

No momento seguinte, entrou em mim, tomando posse com um único golpe. Eu gritei, embora mais em choque do que de dor. Minha própria excitação traidora o ajudou.

Ele se segurou dentro de mim, o cabelo macio de seu peito pressionando meus seios, sua respiração suave na minha bochecha. Pensei ter levado tudo, mas ele pressionou novamente e percebi que ainda não estava no limite.

Mordi meu lábio para não gemer. Ele ia tão profundo.

Recuando, parou antes de seu segundo impulso. Veio mais facilmente, assim como o seguinte e o seguinte.

Baixou a boca para o meu mamilo, puxando a ponta para seu calor úmido. Uma vez lá, não o soltou, consumindo e exigindo, puxando com mais força, enviando uma chama ardente ao meu útero.

Enquanto ele resistia e estremecia, suas feições se contorceram.

Com as últimas pulsações de seu prazer, ficou quieto, e a expressão em seu rosto era deplorável. Vi ali um eco de tudo o que sentia, desespero e dor, e um abismo de terrível solidão.

Eirik estava morto e eu era uma escrava de cama deste homem, assim como fui da cama de Gunnolf. Conhecia esse caminho e o vazio dolorido e sem alma que viria.



Capítulo 10

Elswyth

4 de agosto de 960 DC

Na manhã seguinte, não foi Ragerta quem me trouxe comida. A mulher que afastou a cortina não era escrava.

— Levante-se. Deixe-me vê-la. — Reconheci sua voz, uma que eu ouvi muitas vezes desde que fui trazida para o quarto de Eldberg. De alguma forma, ela era a amante aqui, embora não fosse sua esposa, eu sabia.

O quarto cheirava a acasalamento, espesso com suor e o cheiro de sexo. Franzindo o cenho, ela apertou os lábios e as rugas que isso trouxe à boca tornaram aparente sua idade. Seu cabelo, preso em uma trança grossa, era de um tom semelhante ao meu, apenas um pouco mais claro nas têmporas. Tinha a expressão de quem viu muito da amargura da vida. Estava gravado em seu rosto. Talvez o meu fosse o mesmo, ou logo seria.

Levantei-me da cama, puxando meu cabelo sobre meus seios e apertando minhas mãos para cobrir meu sexo. Essa parte de mim estava dolorida, pois Eldberg tinha me tomado mais duas vezes durante a noite.

Não hesitou em examinar minha nudez, depois meu rosto, olhando fixamente para cada característica, como se houvesse algum quebra-cabeça que desejasse decifrar. Encontrou meus olhos, e algo brilhou nos dela.

— Não desejo estar aqui — disse baixinho. — E não permaneço de boa vontade.

A mulher acenou com a mão em despedida. — Se dependesse de mim, seria jogado do penhasco e esse seria o seu fim.

Sua boca se apertou novamente e ela franziu a testa. — Como não é minha decisão, se tornará útil. Não apenas aqui — ela olhou brevemente para a cama — Mas de outras maneiras.

Meu coração deu um salto repentino. Deveria escapar desse confinamento? Fazer isso seria o primeiro passo para encontrar uma maneira de deixar este lugar.

— Pode tecer, suponho? Sabe preparar carne, como fazer pão e mingau?

— Sim, todas essas coisas. — Eu concordei.

— Então se vista, encontraremos seu trabalho. — De um saco ao lado dela, ela jogou um pacote de tecido. — É muito bom para uma escrava, mas ele insiste que o use.

Era minha própria camiseta de baixo e vestido, costurados para o dia do meu casamento. Segurando-os contra o peito, senti uma pontada forte.

Fazer com que usasse o vestido enquanto servia em sua casa era uma piada cruel. No entanto, estava feliz, pois era meu, e usá-lo manteria em mente tudo o que havia perdido. Isso me daria forças para fugir e me vingar do homem que infligiu tanto sofrimento.

A mulher não havia devolvido minha capa. Que, com sua gola de pele macia, imaginei que tenha guardado para si mesma.

— Não deve sair de casa e, se nos causar problemas, ele vai amarrá-la novamente. Talvez prefira isso, ser usada para prostituição e nada do trabalho real. — Ela fungou com desgosto óbvio.

— Não, eu só desejo...

— Não fale a menos que eu faça uma pergunta!

O olhar que me deu me garantiu que deveria evitar provocar seu temperamento.

— E mantenha uma língua civilizada! Conheça o seu lugar e me chame de senhora.

Com isso, ela saiu.

Balancei o vestido. Ainda havia lama na batinha, mas seca, seria fácil escovar. Verificando seu bolso fundo, meus dedos se fecharam sobre o que coloquei lá quando me despi na casa de banho: o amuleto que Eirik me deu, o martelo, Mjólnir, a arma mágica de Thor.

Todos aqueles meses passados, Eirik partiu com Helka em sua missão para Bjorgyn e colocou-o em meu pescoço, prometendo voltar. Passou-se mais tempo do que qualquer um de nós havia previsto, mas sempre usei o pingente e ele manteve sua palavra.

Eu ousaria usar de novo?

Não tinha mais o poder de trazê-lo de volta para mim. Nada poderia fazer isso. E Eldberg provavelmente tiraria de mim se visse.

Melhor deixar onde estava.

Estavam todos juntos agora, Eirik, Gunnolf e Asta.

Helka também e Astrid? Estavam assistindo daquele outro reino? Isso não conseguia pensar. Já que estava viva, minhas preocupações estavam neste mundo.

Entrando no salão principal da casa grande, fiquei surpresa novamente com seu tamanho, o dobro do nosso em Svolvaen.

A porta principal estava escancarada e a luz do sol entrava também pelo buraco no telhado, diretamente acima da fogueira.

Na área da cozinha, Thirka estava arrancando a pele de uma lebre.

Na outra extremidade, lãs estavam empilhadas, prontas para o tingimento. Ragerta estava tecendo lã cardada em fios, enquanto a mulher que tinha vindo até mim estava em seu tear.

Fixando-me com um olhar, sacudiu a cabeça em direção a uma calha de madeira perto do fogo, uma enorme lareira delimitada por pedras que chegam aos meus joelhos. Três painéis de ferro fervilhavam sobre suas chamas, uma cheia de água e as outras duas com guisado - todas suspensas por correntes, enganchadas no alto das vigas do teto. Uma grade de barras de ferro cobria uma extremidade, para assar carne.

— Quando terminar de divagar, há pão para amassar.

Ajoelhei-me junto ao cocho e comecei a dobrar as pontas da massa. Nunca tinha visto tanto, o suficiente para fazer cinquenta pães ou mais. Logo, meus braços e costas doíam de tanto curvar. Sentei-me nos calcanhares por um momento, endireitando-me e rolando meus ombros.

— Cadela preguiçosa! Eu não disse que podia parar! — a senhora gritou alto o suficiente para que todos ouvissem. — Continue assim ou vou levar a bétula para você.

Já conheci mulheres como ela, do tipo que gosta de intimidar quem não consegue se defender.

— Vá e ajude-a, Ragerta, ou estaremos esperando até meia-noite. — Ela fez uma careta.

Correndo para se juntar a mim, Ragerta se ajoelhou ao lado. — Aqui, vou pegar uma ponta da massa e você a outra. Levante o mais alto que puder, dobre para dentro e empurre com força para o meio. Não vai demorar muito para Sigrid puni-la, então não dê um motivo.

Era muito mais fácil juntas, e trabalhamos em silêncio, cientes dos olhos duros nos observando, até que eu não pude evitar.

— Quem é ela? — Eu sussurrei.

— Sigrid? — Ragerta girou a massa e nós a levantamos novamente. Mantendo a cabeça baixa, ela falou no cocho — a irmã do velho chefe.

— Irmã de Beornwold? — Eu olhei por cima do ombro. Parte da trama parecia estar se desgastando no tear e ela tentava torcer novas fibras no fio vertical. — E é a senhora aqui?

— Sempre foi. É uma megera, nunca está feliz, mas ficou pior desde que Bretta morreu.

Bretta. Esposa de Eldberg. Não pela primeira vez, eu me perguntei sobre ela.

— Como ela era, essa Bretta?

Ragerta parou de amassar, mas não respondeu.

Pegou um dos remos de cabo longo ao lado da calha.

— Pedacos do tamanho de um punho — ela orientou. — Puxe-os para fora e role-os na palma da mão. Sigrid gosta ligeiramente achatados.

Demonstrando, ela colocou um no remo. — Quando tivermos pães, vamos colocá-los sobre as brasas.

Novamente nós trabalhamos.

Do lado de fora vinha o som de gado mugindo, passando na frente da casa grande, sendo conduzido para o pasto.

— Ele a amava?

As sobranceiras de Ragerta se ergueram. — Todos nós amávamos Bretta.

Como Asta, pensei. Todos nós amávamos a esposa de Jarl Gunnolf.

— Mas que tipo de casamento foi esse?

Ragerta olhou para mim e senti minhas bochechas ficarem vermelhas. Não sabia por que estava perguntando.

— Arranjado, é claro. Beornwold não tinha filhos e precisava de um herdeiro.

Eldberg juntou-se a ele inicialmente como soldado pago, nas viagens do

jarl para invadir as terras ocidentais. Quando Beornwold viu sua força, o adotou e o casou com Bretta. Sua descendência certamente continuaria na linha.

— Exceto por ela ter morrido.

Ragerta franziu a testa. — Foi uma coisa terrível. Horrível. — Ela pareceu pensar por um momento, então afastou a imagem. — Sigrid foi sua mãe desde o início. Um parto ruim, sabe...

Eu sabia. Vi minha cota de bebês e mães morrerem. Inconscientemente, minha mão foi para minha barriga. E se isso acontecer comigo? Quem cuidaria dessa criança?

Perguntei apressadamente, não querendo perder minha chance. — Há alguém por quem tem sentimentos, Ragerta? Alguém que ama?

— Por Freya! Que coisa para se perguntar! — Ragerta parecia confusa. — Há um ou dois que deixei me levar para fora, e alguns com quem tive que me deitar, independentemente da minha escolha. Não sou tola o suficiente para pensar que isso importa. Não sou nada para eles, nem eles para mim.

Não sabia o que dizer. Era uma coisa triste para qualquer mulher admitir, mesmo uma como Ragerta, que passaria seus dias como escrava.

— Agora, pergunte a Thirka e poderá ouvir uma resposta diferente. — Ragerta deu um sorriso malicioso. — Thoryn tem sido doce com ela neste meio ano, e ele é melhor do que a maioria.

Estávamos quase chegando ao fim da massa e a última das vacas havia passado pela porta.

Mas nada vai sair disso — resmunguei. — Não, a menos que Eldberg a liberte.

— Verdade. Nenhuma escrava pode se casar com um homem livre, então ela vai ficar... — Estando os pães todos nas brasas, Ragerta fez crescer. — Pois Eldberg nunca libertou ninguém em sua posse. Aqueles que o desapontam ou irritam, vende no mercado de escravos, ou dá um fim mais rápido.

Com esse pensamento em minha mente, a sala de repente ficou mais sombria, o sol escureceu. Olhando para cima, vi o jarl parado na soleira, sua largura e altura recortadas em silhueta escura contra a luz.

Estava ciente de que a sala estava ficando em silêncio, de Thirka ter parado de trabalhar, e Sigrid também; Ragerta ficou boquiaberta.

— Venha. — Com um movimento de cabeça, indicou que deveria entrar em seu quarto.

Tirou suas próprias roupas, depois as minhas. Jogando-me na cama, me

amarrou como da primeira vez, mas com muito mais força, e se deitou de costas. Estava presa embaixo de seu corpo, com seu pau aninhado entre minhas nádegas, suas próprias pernas estendidas para tocar o comprimento das minhas.

Estendeu a mão para pegar meus seios em suas mãos, amassando-os como eu fiz com o pão, apertando sua maciez em suas palmas. Beijou minha coluna, mas estava muito impaciente para gastar mais tempo me preparando.

— Conte-me. — Sua excitação cutucou onde ele tentou me reivindicar na noite anterior.

— Estou pronta para o senhor, meu lorde.

Não era verdade nem mentira. Meu medo era potente, mas quando amarrou as faixas nos meus tornozelos e pulsos, uma dor quente começou na minha barriga, a cobra se desenrolando mais uma vez, sibilando seu próprio desejo.

— E o que devo fazer com você?

— Entre em mim, meu jarl. — Eu fechei meus olhos. Contra minha vontade, era sua posse e me submeteria a tudo o que fosse necessário.

Desceu uma das mãos pela minha barriga, depois abaixou, até a parte inchada de mim. Enquanto eu gemia, sua voz, sempre tão áspera, estava rouca de desejo. — Me agrada, escrava.

Empurrando dentro de mim, seus dedos pressionaram a minha área delicada, levantando-me para encontrar seu ritmo.

— Diga-me — disse ele novamente.

— Por favor. — Com meu corpo sacudido pela força dele, era difícil falar. — Por favor. — Isso era o que ele queria, que eu implorasse.

— Mais?

— Sim. — Minha voz estava estrangulada, mas não podia negar. Estava inchada e molhada. — Sua semente. Derrame dentro de mim, Meu Lorde.

Escorregadio, recuou e com seu próximo golpe, empurrou em meu lugar mais apertado.

Queridos deuses! Meu instinto foi de apertar contra a intrusão, mas seus dedos mergulharam e acariciaram, e a cobra dentro de mim se contorceu em ondas ondulantes, sua língua lambendo quente. Quando entrou, atacou com o veneno da dor e do prazer combinados.

— Meu Lorde — eu sussurrei. — Meu Lorde.



Capítulo 11

Eldberg

4 de agosto de 960 DC

Eldberg arrancou a última tira de carne, gordurosa entre os dedos, depois trouxe a boca para sugar o suco do osso.

Estava faminto. Com fome o suficiente para comer outro prato inteiro de comida. Faminto por outra coisa também, embora tenha consumido aquela iguaria em particular durante a maior parte da tarde.

Observou enquanto ela se dirigia a cada convidado, todos sentados em duas longas mesas colocadas ao longo do corredor, de cada lado da lareira central. Para comemorar o sucesso na queima de Svolvaen, todos eram bem-vindos. Seus homens nunca relutaram em compartilhar a abundância da mesa de seu jarl. Várias noites de folia foram planejadas.

Enquanto Elswyth enchia as canecas com hidromel, os olhos de todos os homens estavam sobre ela. Ela manteve os seus abaixados, sem dúvida ansiosa para passar despercebida. Como se isso fosse possível!

O corpete esguio do vestido e a costura baixa no decote a colocaram bem em exibição, deixando todos verem sua maturidade. Seios de deixar até a deusa Freya com inveja! Sedoso ao toque, cheio e pesado. Mamilos de um rosa pálido, grandes e macios como os de uma menina, até que endureciam sob sua língua, desejando ser sugados.

Saciou seu pênis bem o suficiente, mas estava duro novamente, pensando em sua rigidez e calor, pensando em como era se mover dentro dela. Tinha sido satisfatório observar sua luta, tentar negá-lo, mas preferia vê-la dócil, submetendo-se a atos que considerava vergonhosos, mas incapaz de controlar sua resposta.

Ela olhou para ele e a viu tremer.

Bom! Tomou um longo gole, esvaziando a caneca e erguendo-a. Deixe-a vir até ali.

Eldberg observou o balanço de seus quadris enquanto ela caminhava, quadris feitos para um homem se agarrar. Era uma bela parte da feminilidade, embora se comportasse mais como uma virgem, como se nunca tivesse sido tocada antes, como se o ato de transar fosse uma grande surpresa, e as maneiras como a tomou até então desconhecidas. Não parecia provável que fosse verdade, mas despertou nele uma mistura de relutância e paixão.

Só quando ela ficou ao lado dele, olhou para cima, seus lábios se separando enquanto o olhava no rosto. Aqueles lábios! Um pouco inchados. Um pouco machucados.

Ela não queria beijá-lo, mas se recusou a deixá-la escapar impune. Uma escrava obedecia a seu mestre. Não tinha o direito de evitar nada.

Quando estendeu a jarra para reabastecer sua caneca, ele colocou a mão em volta da cintura dela e o seu cheiro subiu para ele: mel e almíscar. Ela se contorceu, quase se afastando, mas a puxou para mais perto.

A curva de seu seio estava diante de seu rosto. Como seria fácil liberar aquela generosidade e saboreá-la novamente. Pelos deuses, estava duro como ferro! Queria levantar a saia dela e puxá-la para seu colo bem aqui.

— Eldberg! — A voz de Sigrid, estridente ao lado dele, se intrometeu. — Ouviu o que disse?

Distraído, relaxou seu aperto na cintura de Elswyth, e ela perfeitamente escapou.

— O que é, Sigrid? Precisa me importunar enquanto eu como? — Eldberg fez uma careta.

Nenhum outro ousava falar com ele como Sigrid. Não pela primeira vez, se repreendeu por permitir. Seus modos astutos o faziam querer torcer o seu pescoço, mas tinha uma dívida com ela. Era um homem que nunca se esquecia de uma injúria e nunca perdoava um insulto, mas também não ignorava o serviço dos lais.

Todos aqueles anos Beornwold ficou sem uma esposa, ela tinha sido a senhora deste salão, cuidando da casa. Além disso, criou sua filha, amando Bretta como uma verdadeira mãe. Só ela, de qualquer pessoa em

Skálavík, sabia a dor que Eldberg sofrera. Sem falar nisso, ela entendeu.

Ele não tinha esquecido, também, que cuidou dele durante sua recuperação. O curandeiro havia fornecido unguentos, mas Sigrid os administrou e, durante as primeiras semanas, quando o sono era impossível sem a vinda dos pesadelos, se sentou ao lado dele.

Ela merecia certo respeito e status, e não a expulsaria de casa, embora frequentemente o levasse ao limite de seu temperamento.

Sigrid baixou a voz, mas suas palavras não foram menos mordazes. — Está ficando tolo, sobrinho? Deixando essa vadia domá-lo? Tem feito pouco além de andar atrás dela desde o seu retorno.

— Se alguma coisa precisa ser domada, gostaria que fosse sua língua — retrucou Eldberg. — Cuidado, senhora, para que não estique o pescoço muito em direção à minha lâmina.

— Ha! — Sigrid tomou um gole de sua caneca. — Isso é mais parecido com o jarl que servimos! Um homem pronto para agir quando alguém abaixo dele passa do ponto. — Ela colocou a mão em seu braço. — Cuidado, sobrinho, ou vai fazer Skálavík rir de sua loucura, um jarl que abandona seus deveres em busca de uma vadia!

Eldberg removeu a mão de Sigrid e a fixou com um olhar de aço. — Se precisar de seu conselho, saberá. Até então, é melhor sentarmos em silêncio.

Sigrid balançou a cabeça, ignorando o aviso, embora baixasse a voz. — Verá a verdade quando ela te encarar. Até então, cometa seus erros.

Rangendo os dentes, Eldberg acenou para um dos outros escravos, apunhalando um pedaço de carneiro do prato.

— E o que é, boa tia, isso é claro para todos, exceto para mim!

Sigrid se aproximou mais. — Ela é uma devassa. Não serve para nada além de abrir as pernas.

— Essa é toda a reclamação que tem dela? — Eldberg engasgou de tanto rir. — Um homem deve derramar sua semente, o que te importa de quem é a garganta ou boceta que eu uso para esse propósito? Ela é minha escrava na cama, nada mais.

Sigrid se mexeu na cadeira. — Concordou que ela ajudaria como os outros fazem.

— Isso ela pode, quando não tenho nenhum uso imediato para ela abaixo de mim. Se ela está em falta, então ensine-a, mas não resmungue para mim, Sigrid.

Pegando uma maçã da tigela, cortou em quatro com a faca. — Contanto que lhe agrade, é uma razão boa o suficiente para ficar. Não direi mais nada

sobre isso.

— Odin seja louvado! — Eldberg foi esvaziar sua caneca, mas descobriu que estava seca. Onde estava Elswyth? Queria levar uma jarra de hidromel e ela para seu quarto.

— Só uma coisa...

Eldberg olhou ferozmente e depois suspirou. — Muito bem, Sigrid, fale e pronto, mas nada mais.

— Observe-a bem, meu jarl, pois temo que use seus truques para prender um homem. Há algo de bruxa nela. Deve ter notado que se parece com... — A mão dela veio novamente para o braço dele. — Talvez eu seja a tola, mas seria o jeito de uma feiticeira tornar sua aparência familiar e se infiltrar sob sua pele. — A voz de Sigrid tremeu. — Não quero brigar, apenas para mostrar minha preocupação.

— Suas palavras são enigmas para mim, Sigrid. — Eldberg esfregou a testa. — Mas não teremos mais disputas. Que isso seja um fim. — Eldberg olhou para ela, para sua pequena feiticeira, parada na outra extremidade do corredor, ao lado do quarto de Sigrid.

Levou a mão à testa, parecendo cansada. Havia um desânimo resignado nela.

Talvez a tenha trabalhado muito duro em sua cama.

Posso fazer com ela o que quiser. É minha cativa. Minha escrava. Minha vingança.

Mas era outra coisa também. Havia um elemento de verdade no aviso de Sigrid, pois não era uma espécie de feitiço quando um homem não conseguia tirar os olhos de uma mulher?

Ela estava se curvando para encher a xícara de Sweyn, seus longos cabelos trançados soltos e dourados caindo sobre seu ombro.

A atenção de Eldberg voltou-se para o comandante de sua guarda de batalha. Ele agarrou a ponta da trança de Elswyth e a puxou para baixo, sussurrando em seu ouvido. Algum comentário obsceno, provavelmente, porque ela ficou vermelha e se afastou.

As escravas da casa de Eldberg estavam lá para serem pegas, se seus homens de armas tivessem desejo abatê-las. Nunca os negou esse privilégio, embora a maioria tivesse suas próprias escravas e uma esposa além disso.

Mas Elswyth não era como as outras.

Era dele.

Outros podiam olhar para ela, mas ela era apenas para sua cama.

Teria uma conversa com Sweyn. Ninguém deveria tocá-la. Mostraria sua

lâmina para qualquer cão que o desobedecesse. Eldberg avançou. Ele seria claro e afastaria aquele olhar malicioso, cobiçoso.

Havia dado apenas cinco passos quando ouviu o grito de Thoryn do outro lado do corredor. — Thirka!

Houve um grito e comoção quando o prato da serva atingiu a mesa, derramando comida. Suas saias estavam em chamas. Ela gritou de novo, correndo para frente e para trás, batendo no fogo com as mãos.

Eldberg saltou para frente, jogando-a no chão, rolando-a para frente e para trás. No entanto, o fogo lambia e a mulher gritou.

— Use isto! Cubra-a! — Elswyth jogou uma trouxa de pano a seus pés.

Com as chamas sufocadas, os gritos de terror de Thirka transformaram-se em soluços. Gemendo, olhou para cima com os olhos arregalados. Thoryn saltou sobre a mesa. Ajoelhando-se ao lado dela, pegou a mão de Thirka, com o rosto cinza. — Ela deu um passo para trás, chegando muito perto das brasas.

— Tão cansada. — Thirka estava resmungando. — Só preciso deitar.

— Está tudo bem — sussurrou Thoryn. — Vou cuidar de você. — Ele a pegou.

— Com sua licença, jarl, vou levá-la para minha cabana.

Como eu perdi isso? — pensou Eldberg. Thoryn estava apaixonado pela garota. Sob seu próprio nariz, e ele não percebeu.

— Posso fazer uma pomada para as queimaduras. — Elswyth estava ao lado deles, levantando a bainha da saia de Thirka. Ela estremeceu com o que viu.

— Temos mel — disse Ragerta. Ela torceu as mãos. — E há calêndula no jardim de ervas.

— Reúna-os rapidamente e confrei, se tiver. — Ela pensou por um momento. — Se tem raiz de valeriana, vamos colocar em infusão para ela beber e triturar as outras como pomada.

Ela se virou para Thoryn. — Deve espalhar bem nos pés e panturrilhas, nas mãos também. Deite Thirka no chão e descubra as pernas. Vai precisar de alguns lençóis para envolvê-la, depois de aplicar a pomada.

Eldberg olhou para Elswyth maravilhado. Os olhos baixos e seu olhar desamparado se foram. Uma faísca se acendeu dentro dela, dando-lhe um novo propósito.

Thoryn engoliu em seco. — Boa senhora, meu agradecimento, mas...

Ele olhou para Eldberg. — Eu poderia ter a ajuda dela. Não sei se consigo... — A voz de Thoryn vacilou.

Encostou a testa na de Thirka. — Ela está queimada.

Queimada.

Eldberg sabia o que era ser tocado pelo fogo. Os curandeiros fizeram suas pomadas, com ervas não apenas de Skálavík, mas também comercializadas em terras distantes. Aloe, não foi, que espalharam sobre ele. Aloés refrescantes e calmantes. Um pequeno pote permaneceu, que ainda usava no olho.

— Sigrid!

Ela não havia saído de seu lugar na mesa principal.

— A pomada para os meus olhos. Vá buscar.

Cortando um pedaço de sua maçã, ela o pegou entre os dentes. — É caro e não haverá mais até o retorno do comerciante. Tem certeza, meu jarl, que deseja usá-lo nesta escrava?

Eldberg cerrou os punhos. — Pegue, Sigrid.

Ele olhou de seu amigo para Elswyth. — Vá, Thoryn, e leve-a com você. Ragerta trará o que precisa. Há lua suficiente para ela ver. Encontrará as plantas e levará tudo para sua cabana.

Elswyth hesitou, como se não acreditasse, depois correu atrás de Thoryn.

Só depois que saíram Sigrid veio correndo até ele, com o rosto contorcido de raiva.

— Aquela vadia! Ela se atreveu a entrar em meu quarto e a pegou! Minha nova capa!

Era raro para Eldberg rir, mas agora sentia que isso crescia. O pano em que envolveram Thirka era do mesmo vermelho do vestido de Elswyth.



Capítulo 12

Elswyth

4 de agosto de 960AD

Thirka teve sorte, o raciocínio rápido de Eldberg a salvou de ferimentos maiores. Ela se curaria, se suas feridas fossem mantidas limpas. Haveria cicatrizes, mas voltaria a andar. As queimaduras em suas mãos eram superficiais, as palmas já estavam acostumadas a trabalhar perto do calor do fogo.

Ragerta e eu trabalhamos rapidamente para preparar o unguento de mel, confrei e calêndula, espalhando-o bem e envolvendo-o com tiras de linho. Usamos aloe onde as queimaduras pareciam mais graves, a parte de trás dos joelhos de Thirka e a parte inferior da coxa. Para aliviar seu desconforto, nós amassamos raiz de valeriana, mergulhando em água quente. Isso, deveria beber a cada hora do dia. Encontraria casca de salgueiro quando houvesse mais tempo, pois era o melhor remédio para subjugar a dor e era fácil de mastigar. Talvez a floresta tivesse hamamélis também. Assim que Thirka começasse a curar, isso ajudaria no processo.

— Tem o meu agradecimento. —Thoryn agarrou-nos pela mão quando alcançamos a casa grande. — Se posso recompensá-las, então me digam a maneira, e será feito.

O céu noturno já estava clareando, o fiorde cintilando sob um sol baixo

e forte. O ar estava fresco, graças a uma brisa que soprava do mar, e tudo silenciou. Os residentes de Skálavík dormiriam mais uma hora, embora houvesse movimento no porto. Os pescadores se levantaram cedo, avançando sob aquelas montanhas sombreadas de violeta.

Todos nós precisávamos dormir, mas a luz da manhã era linda demais para se afastar e não tinha vontade de me juntar àquele que me esperava. Ragerta e eu paramos, observando Thoryn recuar.

— A mãe dele morreu no início da primavera. Estava morando sozinho —disse Ragerta com tristeza.

— Ele não tem servos? — Eu notei o toque de uma mulher nas cobertas de tecido de sua cama e paredes, mas o caldeirão estava vazio, e sua túnica parecia ter passado muitos dias sem ser lavada.

Ragerta deu um pequeno sorriso. — Ele a vendeu. Thirka disse que prometeu não ter outra mulher em casa até que pudesse se juntar a ela.

— Bem, ela está sob seu teto, agora. — Dei uma cutucada em Ragerta. —Talvez seja onde vai ficar.

— Se o jarl permitir. — Ela bocejou. — Foi uma noite estranha, e diria que os deuses tiveram uma participação nisso. Muitas são as histórias de amantes unidos após dolorosas provações. O acidente de Thirka pode aproximá-los.

Sim, se a Besta tem um coração e deixá-la ir, pensei. Tinha visto pouco até agora, mas também não esperava que agisse como agiu, arriscando-se por alguém tão insignificante aos seus olhos.

As duas sentinelas que percorriam o perímetro da casa grande fizeram seu circuito e pararam diante de nós agora.

— Melhor ir para a cama — disse um. — A senhora vai sacudi-la antes que o galo cante duas vezes.

— A menos que prefira ficar conosco? — O outro deu uma piscadela. — Vamos deitá-la bem, mas não posso jurar que vá dormir.

— Uma oferta atraente, tenho certeza. — Ragerta revirou os olhos. — Mas arranco o meu próprio dedo em vez de uma cutucada sua. Será mais limpo, de qualquer forma!

Os guardas riram e deram um tapa amigável no traseiro de Ragerta quando nos viramos para entrar.

Por um breve momento, me perguntei se poderia ter corrido naqueles momentos em que estivemos sozinhas. Ragerta não teria me impedido.

Não seja ridícula. Não teria chegado às árvores.

Mas minha hora vai chegar.

Melhor ser paciente.

Assista e aprenda, e descubra o melhor caminho.

Eu terei apenas uma chance.

Dentro do corredor, Kellick, o rapaz que cortava lenha e fazia outras tarefas, empilhou as valetadeiras e os copos de um lado, mas não foram lavados. Esse trabalho pode ficar para mim, além de muitos outros, agora que Thirka não pôde ajudar. Sigrid ficava feliz em trabalhar em seu tear, mas não imaginei que assumisse o trabalho sujo da casa.

Embora estivesse cansada, a perspectiva me agradou. Quanto mais era necessária para outras tarefas, menos tempo poderia passar na cama de Eldberg e mais eu aprenderia sobre este lugar para onde vim.

Parei na cortina. Estava acordado? A cama rangeu e ouvi um suspiro e um ronco grunhido. Saberia se não me juntasse a ele? Poderia dormir em um banco no corredor, como os outros escravos. Mas, ele saberia quando acordasse, e isso serviria de alguma forma para despertar sua raiva.

Vestindo minha camisa, tomei meu lugar ao seu lado. Ele suspirou novamente e se virou, seu braço vindo sobre mim, me puxando para perto.

Enrijei ao seu toque, mas ele ainda estava dormindo e sonhando - com algo que o perturbou, ao que parecia, porque gritou, embora não alto o suficiente para acordar.

Sacudiu-se e murmurou, então se enrolou de volta para mim mais uma vez. E fiquei deitada ouvindo, enquanto os seus murmúrios se transformavam em palavras que compreendia: “Não” e “Encontre-a”.

Ele me puxou com mais força para a curva de seu corpo e seus lábios encontraram meu pescoço.

— Meu amor, meu amor...

E com sua carícia, repetiu o nome da mulher com quem sonhava.

Bretta.



Nas semanas que se seguiram, Thoryn ia à casa grande todas as manhãs, acompanhando-me até sua casa para atender Thirka. Sob seus cuidados, ela floresceu, curando-se mais rapidamente do que eu esperava.

Ele ofereceu a Eldberg o dobro do valor dela e deveriam se casar assim

que Thirka pudesse ficar de pé sem ajuda.

O jarl não falou sobre isso, apenas comprou dois escravos para substituí-la, um casal de sangue nórdico e mais velhos, escravizados durante uma invasão ao norte. Embora Sigrid mantivesse Ragerta e eu ocupadas, o trabalho ficou mais fácil, com mais ombros para suportar o fardo.

O humor de Eldberg era variado, às vezes com raiva, outras, atencioso. Houve dias em que me manteve em sua cama, observando enquanto fazia minha tensão aumentar, me levando para a liberação, fazendo-me estremecer de paixão que não pude conter.

Esforcei-me por fechar minha mente contra tudo que me envergonhava, aceitando que uma escrava não tinha o privilégio de escolha. O que mais me envergonhou foi meu desejo de ser consolada e acariciada. Queria desafiá-lo, mas lutei contra o impulso de estender a mão. Uma estranha intimidade havia crescido entre nós, e era como se dois homens diferentes residissem dentro dele.

Apesar desses pensamentos, não esqueci que era sua cativa e ele meu mestre, enquanto isso o divertisse. Quando esse tempo acabasse, não sabia o que viria. Poderia se livrar de mim da maneira que quisesse, vendendo-me em algum mercado distante, para quem pagasse o melhor preço. Vender meu filho também, se sobrevivesse.

A necessidade de escapar permanecia comigo, embora não soubesse como realizaria tal plano. Arrumar-me em algum navio mercante provavelmente me levaria de um perigo a outro. Tentar cruzar as montanhas seria uma loucura. O rio que me trouxe a Skálavík passava pela orla do povoado apenas para fluir para o fiorde. Poderia seguir o caminho da água que me trouxe a este lugar, mas não sabia se restava algo de Svolvaen.

Se meus velhos amigos tivessem sobrevivido, achavam que estava morta ou que havia conspirado com Skálavík para provocar os acontecimentos daquela noite terrível? Doe-me pensar nisso. As amizades que fiz eram preciosas para mim, duramente conquistadas como foram.

Astrid. Ylva. Torhilde. Helka... E Eirik. Era tolice minha esperar que ainda pudessem viver? Não tinha visto a casa comprida pegar fogo e ouvido os gritos de quem estava dentro? Não tinha testemunhado Eldberg ficar sobre Eirik e mergulhar sua lâmina em seu corpo?

Muitas vezes vi Eirik em meus sonhos, de forma tão vívida, seus ombros alinhados para a batalha, sua espada erguida em desafio.

Alcançar Bjørgen seria minha melhor chance. Jarl Ósvífur me concederia proteção, certamente, honrando minha posição como viúva de Eirik. Talvez, Helka e Leif tenham sobrevivido ao ataque, e eu os encontraria seguros lá, embora dificilmente parecesse possível ter esperança. Se

estivessem vivos, não teriam vindo e barganhado pela minha libertação?

Ainda assim, precisava acreditar que havia um lugar para mim, em algum lugar além de Skálavík.



Absinto para cólicas estomacais, milfólio para estancar o sangramento, bardana para aliviar dores nos ossos e matricária para amenizar uma dor de cabeça. Toquei cada planta enquanto as contava para mim mesmo, depois quebrei um caule de lavanda, esfregando-o entre os dedos. Lavanda para dormir. Reconheci muitos outros artemísia, chicória, camomila, angélica, mil-folhas e banana.

Tinha cultivado as mesmas plantas em Svolvaen, usando-as em tantas combinações quando estava em busca de uma cura para a doença que nos atormentava. Mal eu sabia, então, que a resposta estava nas cavernas do fiorde, onde uma alga marinha em particular crescia espessa nas paredes.

O jardim de ervas tinha sido de Bretta e tinha crescido negligenciado, urtigas crescendo entre as fileiras de plantas. Não que as folhas de urtiga não fossem úteis, mas não podiam inundar tudo ao seu redor.

Sigrid não deveria ter permitido que crescesse demais, mas não era minha função corrigi-la. Em vez disso, resolvi arrumar um pouco a cada dia.

Esta manhã, estava procurando erva-doce e tomilho. Com confrei e calêndula, fariam um bom bálsamo para a pálpebra de Elberg, que ainda chorava e parecia não querer curar.

Além do pequeno jardim, onde a grama crescia, avistei as flores brancas e espumosas da salsinha gigante. Agora havia uma fonte de retribuição! Uma gota de seiva de sua haste em cada olho queimaria sua visão inteiramente, mas me ocorreu que agora eu nunca iria querer infligir tal coisa a ele.

Com o passar do tempo, o desejo de me vingar havia desaparecido. Poderia facilmente ter escondido uma faca e cortado sua garganta enquanto ele dormia, mas perdi o gosto por tal vingança.

Quando fugisse, jurei, não teria sangue nas mãos.

Ainda assim, pulei ao sentir o toque de Eldberg em meu ombro.

— Misturando suas poções, escrava? — Ele arrancou o tomilho dos meus dedos, levando-o ao nariz.

— Para o senhor, meu lorde. — Segurei tudo o que reuni. — Me

permitiu ajudar Thirka, e vou ajudá-lo também, se permitir.

— Acha meu ferimento desagradável? — A velha dureza estava em sua voz. — Não sou bonito o suficiente para você? — Ele me agarrou pelos ombros. — Isso é facilmente remediado, pois posso me faltar de você sem que nenhum de nós veja o rosto do outro.

— Não, Meu Lorde. Se ofende facilmente. Pensei apenas em aliviar o desconforto desta ferida que está há tanto tempo cicatrizando.

Ele se soltou e uma sombra passou por seu rosto, um lampejo fugaz de remorso, pensei, por ter falado asperamente.

Não era sua maneira de retirar as palavras faladas ou pedir desculpas, pois era o jarl e não havia necessidade de se explicar, mas me puxou contra o peito.

— Vim procurá-la com uma missão própria, e isso servirá a ambos os propósitos, se quiser tentar me curar. O comerciante que nos vendeu o aloés há alguns meses voltou e seu navio carrega outros remédios. Seria bom criar uma caixa de remédios. Thoryn me falou de sua habilidade e, tendo conhecimento, deve me ajudar a escolher, pois confio em seu julgamento, assim como em qualquer curandeiro em Skálavík.

Era um grande elogio, o primeiro que ouvi de seus lábios, mas sabia que não devia parecer muito satisfeita ou dar qualquer valor a isso.

Em vez disso, inclinei a cabeça para trás, oferecendo meus lábios, que tomou com avidez, ousado e exigente, envolvendo-me em seus braços enquanto reclamava minha boca completamente.

Foi o suficiente, aquele beijo, para despertar sua masculinidade e, quando parou, estava respirando pesadamente. Tirando a túnica, a colocou sobre a fileira de camomila em que estávamos e me guiou para colocar-me sobre ela.

— Não pode querer dizer... não aqui! — Protestei, mas ele já havia afrouxado o fecho da calça e sua mão estava por baixo da minha saia.

— Sou o jarl e é meu desejo. Quanto à sua modéstia, não se preocupe, pois as plantas estão crescidas o suficiente para nos esconder.

E não houve discussão depois disso, pois ele reivindicou outro beijo e se moveu entre minhas pernas, sua carne quente na minha.



Foi com alguma leveza de coração que caminhei ao lado de Eldberg até o porto. Nunca tive permissão para ir além da cabana de Thoryn, e só então em sua companhia. Outras vezes, estive sob o olhar atento de Sigrid ou da guarda da casa comprida.

Como Svolvaen, o coração de Skálavík estava em seu porto, mas era mais do que um lugar de pesca. À medida que descíamos o promontório, Eldberg me disse que os mercadores costumavam nos visitar, negociando por ossos de baleia e óleo de baleia de Skálavík, peles e arenque, machados e pontas de flechas e lâminas de todos os tipos. A forja era trabalhada por seis homens fortes, cuja habilidade atraía muitos em busca de armas finas. O metal saiu da própria rocha acima do assentamento, com muitos para extrair para fundição.

Em troca, Skálavík comprava contas de âmbar das terras bálticas, pedrasabão, sal, sedas, outros tecidos finos e grãos também. A terra aqui não se prestava ao cultivo de tais safras, e muita cevada era necessária para pão e cerveja.

O lugar estava agitado, as pessoas se acotovelando para examinar os muitos produtos à venda. O cheiro da fumaça da fogueira misturava-se aos odores pungentes de peixe e gado, enquanto os compradores regateavam ruidosamente. Passamos por barracas de carne, nozes e queijos, os frequentadores do mercado se afastando quando Eldberg se aproximou, abrindo caminho para seu jarl e me olhando com curiosidade que não escondiam. Tinha tirado a camomila do meu cabelo e me alisado o melhor que pude, mas senti minha aparência miserável, pois o vestido que usava estava no meu corpo quase três semanas sem lavar, já que eu não tinha outro para substituir.

Nosso destino era um navio ancorado na baía, de onde um pequeno barco a remo havia sido enviado, esperando por nós no final do cais. Eldberg saltou direto e segurou minha mão para me ajudar a embarcar.

— Este capitão prefere permanecer na água com sua carga, por seu valor especial. — Ele acenou com a cabeça para o homem parado no convés, observando nossa abordagem. — É bastante adequado para mim, pois oferece mais privacidade para nossas transações.

Uma escada de corda foi lançada ao lado, permitindo-nos subir, de mão em mão.

Fiquei surpreso com o tamanho do navio e sua organização. O convés era amplo e quase limpo, exceto por rolos de corda bem enrolados. As velas estavam bem amarradas, permitindo que o navio ficasse perfeitamente imóvel na âncora.

— *Selamlar, Yusuf.* — Eldberg inclinou levemente a cabeça antes de tocar a testa e o coração.

— *Bariş seninle olsun, arkadaşım* — o homem respondeu, oferecendo o mesmo gesto de boas-vindas em troca.

O capitão sorriu, seus olhos piscando rapidamente sobre mim antes de voltar para Eldberg. Atrás dele estavam oito membros de sua tripulação, cada um tão castanho quanto o capitão, com as pernas firmemente plantadas e os olhos fixos em nós. Embora parecessem à vontade, cada um usava uma arma no cinto.

— E que a paz esteja com você, meu amigo. — Eldberg avançou para apertar a mão do outro.

— Tem algo especial para trocar hoje, certo? Um tesouro com olhos como joias e pele de marfim.

Uma onda de frio passou por mim, ouvindo aquelas palavras faladas com dificuldade na língua nórdica. Olhei com medo para Eldberg. Afinal, era esse o momento em que cumpriria sua ameaça? Nesse caso, então não havia tola maior do que eu, pois comecei a acreditar que Eldberg lamentaria me perder, quando chegasse o dia em que escapasse.

— Ha! — Eldberg respondeu com diversão clara, o canto de sua boca se contraindo. — Ela é minha para vender, mas se eu fosse capaz de me separar dela, eu pediria safiras grandes o suficiente para combinar com aqueles olhos, Yusuf.

— Me perdoe. — O capitão baixou a cabeça. — Simplesmente presumi...

A grande resposta de Eldberg foi quase tão desconcertante quanto minha crença de que poderia me vender. Falou, verdadeiramente, como se fosse preciosa para ele.

— Neste caso, tenho sedas e pulseiras de ouro, trazidas de Constantinopla. É para isso que veio, sim, para adornar este brinquedo querido e torná-la adequada para o seu harém?

— Não muda nada, Yusuf! — vociferou Eldberg, claramente gostando do jogo, embora meu próprio temperamento doesse ao ouvi-los falar assim de mim.

— Pode me tentar com suas bugigangas mais tarde, embora garanta que não tem nada a oferecer que se compare à tentação da pele dela nua. Não precisa de roupas finas para ficar bonita para mim. Eu a manteria nua dia e noite, se não fosse necessário me arrastar para atender a outros assuntos ocasionalmente. — Eldberg encontrou meus olhos, e os dele ainda estavam rindo, não se importando com a raiva que brilhava nos meus.

— Mas, é claro, o estado natural de uma mulher é sempre o mais desejável — respondeu o capitão, e vi um toque de lascívia quando mirou em mim novamente, sem dúvida me imaginando sem a capa do meu vestido.

Eldberg pigarreou e se recompôs, perguntando mais seriamente — São os remédios que vim buscar, Yusuf. Como aqueles que negociou antes, quando não pude cumprimentá-lo e Thoryn veio em meu lugar. — Ele virou o rosto, indicando as queimaduras que haviam cicatrizado. — O aloés foi eficaz e compraríamos mais, junto com amostras de outros ingredientes que recomenda. Se eles se mostrarem potentes, compraremos volumes maiores na próxima vez que navegar até nós.

— Vejo que não é apenas afortunado em sua companhia, mas sábio, Jarl Eldberg. — O capitão tocou seu coração. — E será um prazer fornecer tudo o que precisa.

Virando-se, deu instruções em sua própria língua, enviando dois de seus homens para o convés. Voltaram com um baú.

Abrindo-o, Yusuf pegou um pote de cerâmica selado com cera. — Uma moeda de prata para uma ânfora de alôe, meu amigo. Para o resto, prepararei um pequeno frasco de cada especiaria de meu estoque pessoal e explicarei suas propriedades. Por isso, de boa-fé, não cobro, mas voltarei com as marés vivas e volumes maiores, dos quais pode comprar o quanto quiser. Se isso lhe agrada, eu trocaria pelas peles que colher neste inverno. Suas raposas estão particularmente bem, e tenho compradores que as esperam no leste.

Eldberg concordou e prosseguiram com o negócio, Yusuf decantando pequenas quantidades de poções e pós coloridos, dando seu nome e aplicação: cúrcuma e gengibre, para neutralizar dores no corpo e ajudar na digestão, óleo de cravo para o alívio da dor de dente, e canela para facilitar a respiração. Eram vinte ou mais, cada um com seu próprio remédio, que guardei na memória.

— E isso, meu amigo, tenho certeza de que não tem utilidade para isso. — O capitão sacudiu uma pequena bola, fazendo-a chocalhar. — Aumenta a capacidade do homem e mantém sua força, para a criação de muitos filhos. — Ele deu um pequeno sorriso. — Embora não precise, colocarei esta noz-moscada com seus outros medicamentos, no caso de um dos homens sob seu comando desejar testar sua potência.

Apertando as mãos, Eldberg agradeceu por sua meticulosidade e abriu a bolsa em seu cinto, contando as moedas necessárias. Quando terminou, segurou mais cinco.

— O que mais tem para mim então, Yusuf? Mostre-me o seu melhor. Algo adequado para ser usado pela minha rainha de ouro.

Fiquei vermelha ao ouvi-lo me chamar assim, pois a brincadeira foi às

minhas custas. Seja lá o que ele me nomeasse, ainda era sua escrava, sem qualquer direito de recusar a ele ou seu presente.

O capitão pensou por um momento antes de dar instruções novamente, enviando outro de seus homens para buscar o que pediu.

Havia três rolos de tecido, cada um com comprimento suficiente para fazer um vestido. O primeiro era de um rico brocado verde, o seguinte em ouro pálido, entrelaçado com prata, e o último uma seda de azul cintilante, seus matizes semelhantes aos do fiorde.

Além disso, Yusuf produziu um bracelete intrincadamente moldado em prata e cravejado de pérolas, com broches para combinar.

Fiquei sem palavras, pois nem mesmo o tecido do meu vestido de noiva era tão bom, e nunca usei nenhum adorno de valor, exceto o broche de marfim que Asta me deu.

Eldberg balançou a cabeça. — Tem um bom olho, Yusuf. Empacote tudo e nós o deixaremos. Desejo-lhe uma boa viagem e aguardo o seu regresso.

— *Veda arkadaşım*. Adeus, meu amigo.

Enquanto remamos de volta ao cais, Eldberg se inclinou para a frente, apoiando os antebraços nos joelhos. — Ficará muito elegante, minha Elswyth, mas eu quis dizer o que disse.

— E o que foi, Meu Lorde? — Eu olhei para a água, não confiando em mim mesma para encontrar a intensidade de seu olhar.

— Não importa o quão bom seja o seu vestido, sempre a preferirei fora dele.



Capítulo 13

Eldberg

31 de outubro de 960 DC

Os moleiros, gaivotas e andorinhas-do-mar haviam voado, deixando o vento gemer sua perda através dos penhascos que pairavam acima de Skálavík.

Eldberg ergueu o rosto para o pulso ondulante de luz trêmula, verde cintilante, silencioso. Mesmo com os olhos fechados, o brilho permaneceu, ondulando e quebrando, tão vívido quanto a memória de seu rosto.

Em sua mente, ele a alcançou.

Me vê, Bretta?

Reuniram-se para marcar o rito de Alfablót, para homenagear as almas dos mortos e os espíritos das trevas, o Dökkalfar. Invisíveis para os vivos, misteriosos e em seu estado mais poderoso durante as longas noites, tais forças residiam na montanha acima de Skálavík. Esta noite, receberiam seu sacrifício, e todos os homens se lembrariam de sua fragilidade na escuridão do desconhecido.

Sweyn conduziu o jovem touro dentro do círculo sagrado, uma pedra para cada homem de Skálavík e cada homem atrás de uma pedra.

— Convocamos nossos ancestrais do sexo masculino para nos proteger,

para falar por nós pela escuridão. — A voz de Eldberg soou, dirigindo-se a todos ao seu redor. — Oferecemos este blót, esta libação, e imploramos misericórdia durante o longo frio do inverno, para que possamos viver para ver o sol voltar.

Erguendo o machado, Eldberg girou-o três vezes sobre a cabeça antes de enterrá-lo com um baque surdo no crânio do bezerro. Foi uma morte limpa, a criatura caindo no chão com a lâmina ainda alojada no osso. Não deu nenhum berro, apenas um puxão repentino e um olhar arregalado.

Plantando o pé firmemente contra o ombro do animal, Eldberg largou a arma e gesticulou para Sweyn. Com uma tigela rasa colocada ao lado do pescoço da criatura, seu homem jurado se ajoelhou e mergulhou sua adaga profundamente, trazendo um jorro de sangue.

Quando o recipiente estava cheio, o ergueu e Eldberg mergulhou o polegar no líquido, marcando a testa de seu comandante e depois a sua. Enquanto a força vital do touro embebia o solo sob seus pés, Eldberg levou o prato aos lábios e bebeu.

— Comprometidos com a lealdade, permaneceremos, irmão para irmão, até entrarmos naquele outro reino.

— Até entrarmos naquele outro reino. — A resposta percorreu o círculo com a passagem da tigela, todos bebendo e recebendo a marca de seu jarl.

Tendo completado sua jornada, o prato voltou ao centro do círculo, e cada homem acenou com a cabeça sobriamente para seu vizinho. Haveria festa mais tarde, com a carne do animal assada e uma porção trazida de volta a este lugar com uma caneca de hidromel. Por enquanto, partiriam em silêncio, carregando a carcaça da besta entre eles.

O vento estava aumentando e Eldberg podia sentir o cheiro de nuvens de tempestade se formando.

— Gostaria de lhe falar, meu jarl. — Sweyn tocou seu braço, puxando-o de lado. — Pois há mais a temer do que as forças do mundo oculto.

Eldberg examinou seu comandante. — Deseja me avisar, Sweyn?

O outro endireitou os ombros.

— Aquela vadia, ela o enfeitiçou. — Ele umedeceu os lábios, hesitando. — E quanto mais redonda sua barriga cresce, mais ela o tem sob seu feitiço.

— Está corajoso, esta noite, Sweyn. — Eldberg o encarou com um olhar severo. — Acha que pode me dizer que escrava merece o calor da minha cama?

O olhar de Sweyn se desviou. — Ela governa não só sua cama, Meu Lorde. As roupas que usa são mais finas que as de Sigrid e ela não desempenha mais as funções de escrava. Existem duas senhoras agora, pois os

outros escravos a seguem com mais disposição do que sua verdadeira dama.

— Se for verdade, então isso diz mais da carência de Sigríð do que de Elswyth. Quanto aos deveres dela, cabe a mim decidir.

— Perdoe-me, Meu Lorde — Sweyn se atreveu a erguer o olhar — mas os homens estão dizendo que permite que esta mulher, uma inimiga de Skálavík, torça ao seu comando, para que negligencie suas visitas ao porto e às minas. — Ele engoliu em seco. — Entregue-a aos homens da guarda e estará livre novamente, Meu Lorde.

Eldberg sentiu o gosto de cinzas na língua. Nenhum homem tinha o direito de falar com ele assim. Nenhum homem deveria ousar.

Fechou a mão em volta do pescoço de Sweyn. — Pensa em me julgar? — Eldberg apertou com mais força. — Foi longe demais, Sweyn. — Lentamente, levantou o homem em suas mãos, tirando seus pés do chão. — Ela acalmou a inquietação da minha dor e suas habilidades trouxeram cura aos meus olhos; por isso eu a favoreço, mas sou seu mestre.

— Seu olho, Meu Lorde! — Ele balbuciou, chutando os pés. — Ela mandou meu irmão para as cavernas do fiorde, fazendo Thoryn trazer de volta todas as algas que pôde encontrar. Ela queria uma. É o que ela usava no cataplasma, um tipo que só cresce no escuro, escondido. — Sweyn ofegou por ar. — Os feitiços dela não usam os medicamentos que comprou do Mikklagard Turk. Ela não é melhor do que a velha que vive na montanha, mergulhando em coisas que nenhum homem deveria saber.

Eldberg deixou Sweyn cair, seus lábios se curvando em desgosto.

— Está dispensado de seu posto de comandante da guarda. A partir de amanhã, se reportará à mina.

Sweyn rastejou para trás, segurando a garganta. — Aquele lugar! Não! — Ele olhou para Eldberg com a boca aberta, incrédulo. — Tenho servido fielmente. Fiz tudo o que ordenou. — Ele balançou sua cabeça. — Não mereço isso.

— Serviu a si mesmo. — Eldberg tocou o cabo da adaga embainhada em sua cintura. — Eu o liberto de seu vínculo. É um homem livre. Vá para onde quiser. Se a mina não combina com você, encontre sua fortuna em outro lugar.

Sweyn se levantou com dificuldade, os olhos escuros de ódio. Tentou pegar a lâmina em seu próprio cinto, mas Eldberg foi rápido demais. Sua arma cortou a parte de trás do pulso de Sweyn antes que pudesse sacar.

Tropeçando para trás, Sweyn gritou, segurando o ferimento sob o braço.

— Eu tenho sua resposta. — Eldberg limpou o sangue de sua adaga. — Saiba que o deixo viver apenas em sinal de seu serviço anterior. Amanhã, vai

embora. Não me importo para onde vai. Se te ver de novo, minha lâmina abrirá sua garganta.

Sweyn cuspiu no chão. — Maldito seja a boca de Hel, e aquela vadia!

Eldberg deu um único passo à frente. Foi o suficiente. Sweyn correu, descendo o promontório e se afastando, em direção à casa grande.

A chuva estava caindo. Ele deveria entrar, juntar-se aos seus homens, mas um desejo mais forte o chamava, sob a sombra da montanha.

Queria ver a mulher sábia, Hildr. Foi uma noite auspiciosa, Alfablót. A noite dos mortos.

Que melhor hora para consultar essas forças invisíveis? Para procurar a vidente que existia entre as almas sombrias da montanha e o mundo dos homens.

Havia visitado sua caverna apenas uma vez. Quando Beornwold tomou Eldberg pela primeira vez como seu comandante, oferecendo-lhe um lar permanente, insistiu em que Hildr lançasse as runas.

Ela falou em enigmas, é claro. Ele estava impaciente, querendo saber o que via. Aqueles olhos sombreados de branco o haviam enervado; cegos, mas vendo algo que outros não podiam. Ela tocou o lado esquerdo dele e puxou a mão. Muito quente, ela disse. Então, cobrindo o olho com a palma da mão, murmurou algo sobre a marca de Odin.

Parecera um absurdo na época.

Ele sabia melhor agora.

Eldberg puxou sua pele de lobo para mais perto e virou o rosto para a montanha.



Sua memória não havia falhado. Embora a entrada fosse coberta por vinhas, o pedaço de chão na frente apresentava sinais de pés; aqueles da velha e aqueles que a visitaram.

Houve um bater de asas e uma coruja voou baixo, parando na árvore ao lado da entrada, voltando seu olhar que piscava lentamente para ele.

Lá dentro, a caverna era como se lembrava. Galhos e pedras empilhados, runas arranhadas nas paredes e havia os rudimentos da vida, cobertores embrulhados, uma panela, facas e um machado.

O cheiro de seu fogo, galhos de pinheiro e musgo, era forte, mas a caverna estava fria, apesar das chamas intensas, trazidas para o alto por uma corrente de ar de cima. A fumaça subiu, puxada por uma fenda na rocha superior. Água pingou em algum lugar nas costas.

Hildr ergueu a cabeça, farejando o ar, seus olhos turvos se voltaram em sua direção. Ela era mais osso do que carne, tendões envoltos em trapos.

— Estava esperando-o. — Ela fez um gesto com a mão. — Sente. Beba comigo. — Havia duas xícaras.

Eldberg levou o nariz cautelosamente à bebida; fungos e galhos. Ele fez uma careta e a ouviu rir.

— Nada para envenená-lo, apenas para ajudar. — Ela deu um gole em sua própria xícara. — Ainda vai viver muito, mas não veio perguntar isso, não é?

— Não. — Eldberg colocou um pouco do líquido na boca, obrigando-se a segurá-lo ali, ignorando a amargura.

As runas estavam dispostas ao lado dela: fragmentos de osso, alguns esculpido, bicos e garras, uma pena de coruja. Ela os tocou levemente com as pontas dos dedos. — Mas tem uma pergunta.

— Possivelmente.

— Então diga à escuridão. — Sua voz, antes tão frágil quanto a asa de uma mariposa, era insistente. Ela o alcançou, pegando sua mão, colocando-a perto das runas. — Imagine tudo em sua mente. Eles vão ouvir.

Ele prendeu os fragmentos entre as duas palmas, sacudindo-os como fizera da primeira vez, depois jogando tudo no chão. Espalharam-se, caindo aleatoriamente. Olhou, procurando algum padrão, mas não havia nenhum. Mesmo assim, a vidente se curvou para frente, seus dedos tremendo sobre as peças, sentindo onde cada uma havia se acomodado.

— Sim — sua voz sussurrou. — Vi isso antes mesmo de sua chegada.

— O que? — Eldberg teve que se conter para não a sacudir. — O que vê?

— Duas garras estão se tocando. Existe conflito. No seu passado, nestes dias está vivendo, e mais por vir. O bico está para cima, afiado, perigoso, a ameaça de ferir. A vida está em jogo. Alguém lhe deseja o mal. Existe inveja. Existe traição.

Eldberg sibilou. — Isso eu sei sem que me diga. O que mais, velha?

Revelando mais gengiva do que dente, Hildr sorriu. — O que deseja não lhe trará felicidade.

Eldberg fechou os olhos, repentinamente cansado. Sua jornada foi

perdida. Ela não lhe disse nada de valor.

— Não deseja ouvir, mas deve aprender. — Com cuidado, ela recolheu as runas, colocando-as como antes, cada uma em seu lugar designado. — É a aranha na teia e na mosca. Cada movimento determina o que virá. Muito está escrito, mas existem muitos caminhos. Deve escolher.

Eldberg suspirou. Tinha ouvido o suficiente.

Só quando se levantou, ela rastejou para frente, agarrando com os dedos, enganchando-se nos laços cruzados que prendiam o pelo em volta da perna dele.

— Deixe os mortos descansar. — Sua voz rouca. — E olhe para os vivos.

Sua cabeça se ergueu, seus olhos olhando além dele.

— Na floresta! Encontre-a!



Capítulo 14

sweyn

31 de outubro de 960AD

O corredor estava cheio, pessoas descansando nos bancos compridos, brincando e rindo. Uma competição de queda de braço havia começado nas mesas centrais. Pedacos de carne já estavam chamuscando nas assadeiras, o animal tinha sido imediatamente abatido. O rico aroma de ensopado se espalhava pela fumaça do fogo.

Sweyn se esgueirou até onde a moça supervisionava a abertura de um novo barril de hidromel. Puxou sua manga. — O jarl pediu por você. Ele está esperando.

Ela parecia não o ouvir por causa da alegria ao redor, então ele sacudiu a cabeça, pronunciando a palavra com clareza. — Lado de fora.

Elswyth franziu a testa. — Ele não vem? Estão todos esperando por ele.

Sweyn olhou em volta. Até onde podia ver, ninguém estava esperando por nada, exceto mais hidromel.

—Deve vir comigo. — Sweyn colocou a mão sob o cotovelo dela, guiando-a para fora do local.

Cautelosamente, o deixou levá-la adiante.

Do outro lado da sala, Sigrid chamou sua atenção e fechou a cara.

Ficava mais azeda a cada dia, deslocada e descontente. Antes de Sweyn levar Elswyth até a porta, Sigrid os interceptou.

— Ela tem coisas para fazer aqui. Nós todos temos. Para onde está indo? — Sigrid latiu sua pergunta, agarrando Elswyth pelo outro braço.

— Ordens de Jarl. — Sweyn encolheu os ombros. — Deve se juntar a ele no promontório. Alguma parte do ritual que quer que participe, favorecida como ela é. — Ele deu um sorriso doentio, sabendo que o pedido irritaria Sigrid.

— Mais do mesmo! E quando precisamos de toda a ajuda! — Sigrid cuspiu sua réplica. — Vá em frente, então. — Seus lábios se ergueram em um sorriso de escárnio, apertando o cotovelo da garota o suficiente para fazê-la estremecer. — Talvez seja o seu sangue que ele quer, minha querida, um blót mais poderoso para os da escuridão.

— Nada disso, tenho certeza. — Sweyn amaldiçoou Sigrid por sua língua cruel. Ele tinha visto o jarl entrando nas árvores em vez de segui-lo, mas não sabia quanto tempo demoraria até que Eldberg se juntasse a eles. Para que seu plano funcionasse, Sweyn precisava que Elswyth viesse rapidamente.

— Eu mal estou vestida... — Ela indicou seu vestido, uma peça frágil de seda azul brilhante, usado sobre um simples vestido branco. Era mais adequado para os meses de verão passados, mas ficava quente no salão quando tantos se reuniam. Os homens teriam o peito nu antes que a noite terminasse.

— Não vamos demorar. — Sweyn a puxou novamente. — Não o deixe esperando.

Sigrid fez uma última carranca enquanto levava Elswyth para fora.

Definitivamente, havia um tempo mais frio soprando, com rajadas de chuva caindo persistentemente. A guarda de dois passou em sua caminhada pelo perímetro, ombros curvados contra o vento, e Sweyn os chamou. — Devem entrar e pegar uma taça de hidromel. O jarl lhes trata bem. Saia assim que beber, lembre-se!

Não precisaram ouvir duas vezes.

Sweyn respirou com mais facilidade. Só precisava levá-la até a linha das árvores e eles estariam fora de vista.

— Minha capa! — Elswyth tentou recuar. — Eu vou buscar.

Sweyn praguejou novamente. — Não. Não está frio o suficiente para isso, e aquela coisa está queimada. Seria uma pena que usasse para o que o jarl tem em mente.

Ela pareceu considerar. Thoryn havia devolvido a capa dias após o

acidente de Thirka, e Sigríð tinha torcido o nariz, o interior agora enegrecido pelas chamas. Eldberg havia prometido a Sigríð uma nova capa de pele assim que a temporada de caça começasse, e o mesmo para Elswyth, para desgosto da mais velha.

Sweyn podia ver a garota pensando. Ela o estava usando na noite em que Sweyn a sequestrou. Pareceu subitamente ficar ciente de quão forte ele segurava seu braço, quão persistentemente a estava arrastando para longe da porta.

— Pare! Eu não quero ir. Isso não está certo. Não acredito em você!

Em um único movimento, Sweyn golpeou a testa dela com a sua. Ela se encolheu imediatamente e, com um último olhar sobre ela, colocou-a no ombro. Mesmo com sua barriga arredondada, era um peso fácil de levantar.

Contornou a borda da casa grande e foi para a borda da floresta.



Sweyn carregou-a tão profundamente nas árvores quanto ousou. Muito perto e seriam vistos; longe demais, e perderia um tempo precioso.

Pelos dentes de Fenrir, odiava aquela escória furiosa. Deveria ter morrido no incêndio, e tudo teria funcionado de forma diferente. Sweyn manteve as coisas funcionando enquanto aquele bastardo ingrato estava à beira da morte. Quem mais senão ele teria se tornado jarl no lugar de Eldberg? Mesmo aquela miserável cadela da Sigríð teria dado sua bênção.

Agora, se quisesse manter a cabeça no pescoço, teria que fugir. Eldberg havia se recuperado de ferimentos que teriam matado um homem comum, e permanecia o mais forte entre eles. Ninguém poderia enfrentá-lo em um único combate e esperar vencer.

Mas daria a Eldberg algo para que se lembrasse dele - tudo voltaria ao normal. Ninguém tratava Sweyn assim e se safava com isso.

Quanto a esta aqui!

Sweyn ajoelhou-se sobre Elswyth, agarrando seu rosto com uma mão. Ela estava voltando lentamente, ainda não totalmente consciente.

Trazê-la para Skálavík foi um erro.

Era verdade que distraiu Eldberg naquelas primeiras semanas, um benefício inesperado, considerando todas as coisas, mas sua influência o mudou de maneiras que Sweyn não poderia ter previsto.

O temperamento de Eldberg sempre fora selvagem. Juntamente com sua força de guerreiro e habilidade com a espada, o tornava invencível. Durante seu casamento com Bretta, uma mudança foi aparente. Estava determinado a ver Skálavík prosperar como um porto comercial. Seu legado, Eldberg o chamara, seu desejo de que um dia rivalizassem com Hedeby como um lugar para os mercadores se reunirem. Em vez de saquear outras terras para obter riquezas, a riqueza fluiria para Skálavík por meio do comércio.

A morte de Bretta, e do filho ainda não nascido de Eldberg, quase quebrou o jarl, sua dor o reduzindo ao bárbaro que ele fora tantos anos atrás. Sweyn esfregou as mãos alegremente ao ver isso, pois isso facilitou o caminho para suas próprias ambições. Eldberg havia sobrevivido ao incêndio, mas ele provocaria sua morte, de uma forma ou de outra.

Nos meses anteriores, Elswyth havia acalmado o animal selvagem, domesticando-o mais uma vez. Isso gerou muita conversa, e não em críticas à prostituta Svolvaen. Longe de negligenciar seus deveres como jarl, Eldberg os abraçou com maior vigor, expandindo a produção da mina e o número de homens treinados no forjamento de armas. Enquanto isso, sua guarda do porto garantiu o bom funcionamento do mercado e a segurança de todos os navios que entravam no fiorde de Skálavík.

Mesmo que Eldberg não tivesse percebido, Sweyn podia ver o que estava por vir. O jarl libertaria Elswyth como fez com Thirka, assim que desse à luz, talvez antes. Então se casaria com a moça e geraria seu próprio herdeiro.

As ambições de Sweyn para si mesmo foram frustradas, mas havia uma parte do futuro de Eldberg que Sweyn poderia arruinar. Com alguma sorte, a descoberta enviaria seu jarl de volta ao abismo de onde ele havia escalado.

As pálpebras de Elswyth tremeram quando Sweyn segurou seu pescoço. Esmagaria sua garganta rápida e facilmente, e então iria embora.

Mas, olhando para ela, lembrou-se do motivo de tê-la levado em primeiro lugar. O vestido frágil que estava usando ficou úmido com a chuva. Agarrou-se a seus seios, ainda mais voluptuoso em sua condição madura. O ar frio apertou seus mamilos. Ele deixou cair uma mão para apertar sua carne. Entre o indicador e o polegar, beliscou a ponta, e ela choramingou, embora não se mexesse totalmente.

Foi o suficiente para enviar uma onda de calor à sua virilha.

Por Thor e Odin e todos os deuses, ela queria o pau de Skálavík e, antes que quebrasse seu lindo pescoço, o daria a ela.

Com avidez, levantou as saias dela, afastando suas pernas com o joelho.

Era uma escrava capturada e a foderia como uma.

Agarrando seus quadris, mergulhou os dedos em sua bainha. Estava

pronta o suficiente para a metida. Não haveria nada para impedi-lo de entrar ao máximo.

Seu cabelo caiu solto sobre sua cabeça, seda dourada sobre as folhas meio podres e musgo. Seus lábios, carnudos e suaves, o convidaram. Tudo o que Eldberg havia desfrutado seria dele.

Avançou sobre ela, saqueando sua boca enquanto sua excitação cutucava sua umidade.

Tarde demais ele percebeu sua loucura.

Enquanto os dentes dela apertavam sua língua, a boca de Sweyn se encheu de sangue.



Elswyth

Despertei com a dor na testa, com a incapacidade de respirar, com o peso dele sobre mim. O instinto me fez morder a coisa sondadora na minha boca, e seu berro quebrou para me acordar.

Ele saltou, praguejando, e o levantamento de seu peso permitiu que eu me afastasse dele.

Sweyn!

Engolindo em seco, gritei, mas ele estava em cima de mim imediatamente. Uma forte bofetada me jogou nas folhas. Saltou sobre mim então, segurando meus dois braços firmemente no chão.

— Faça isso de novo e vou quebrar seu pescoço.

Com os olhos cheios de lágrimas, vi a fúria nos dele. Ofegante, forcei minhas palavras. — Me machuque e Eldberg vai matá-lo por isso.

— Estarei muito longe. — Seu rosnado era o de uma criatura selvagem.

— E quando encontrarem meu corpo? Eldberg saberá que foi você, Sweyn.

— Ele pode. — Um brilho perverso iluminou seus olhos. — Ou as feras vão acabar com você, e não haverá nenhuma evidência. Ele vai pensar que fugiu.

Engoli meu medo.

Era verdade. É o que todos pensariam.

Tive que mantê-lo falando. Eldberg pode estar aqui. Ele pode ter me ouvido gritar. Eu só precisava de tempo.

— O que eu fiz, Sweyn? — Falei baixinho. — O que o faz me odiar? Porque estamos aqui?

— Por quê? — Sweyn atirou a palavra de volta para mim. — Se acha tão especial? É ele que quero machucar!

Eu não entendi. Minha cabeça latejava. Tinha batido quando caí? Nada fazia sentido. Sweyn tinha autoridade, status e respeito. Por que estava fazendo isso?

Deixei minha voz calma. — Não vai me machucar, Sweyn. Sabe que não está certo. Vai matar o bebê assim como eu. O que os deuses dizem sobre isso? O que dizem os ancestrais? Não fecham esta noite? Não estão assistindo?

— Cale-se! — Sweyn apoiou-se mais fortemente nos meus braços e gritei de dor. — Não sabe nada sobre isso. Não pertence a este lugar. Não é nada!

De todas as coisas que poderia ter dito, esta cortou profundamente.

Passei uma vida inteira sem pertencer.

Mas eu não era nada.

Olhei em seu rosto, reunindo todas as minhas forças para falar claramente. — Tentaram me matar em Svolvaen, mas não conseguiram. Amarraram-me ao cais, mas eu escapei. Morava nas cavernas e escalei os penhascos. Acredita que uma mulher comum poderia fazer isso? Se não fosse nada, acha que ainda estaria viva?

Os olhos de Sweyn se estreitaram.

Estava inseguro, eu senti.

Alguns acreditaram que era uma feiticeira. Não tinha magia. Não teci feitiços. Mas tinha outro poder. O de uma mulher que se recusou a ser intimidada. Não importa o que acontecesse, me conhecia. Cometi erros e paguei por eles, mas era uma sobrevivente.

Se pudesse fazer Sweyn me temer, ainda poderia viver.

— Juro pelo meu próprio deus e por todos aqueles que governam aqui, me machuquem e vou amaldiçoá-lo. Cada pestilência eu o irei visitar, até que deseje estar morto e nunca ter posto os olhos em mim!

Ele soltou meus braços, recostando-se.

Estava com medo.

De algum lugar nos arbustos, ouviu-se um farfalhar. Duvidava que Sweyn tivesse notado antes, mas sua atenção disparou, ouvidos aguçados.

— Vá rápido enquanto tem a chance. Vá, Sweyn! Deixe-me aqui com os animais da floresta, se quiser, mas corra enquanto pode.

— Pensa em me enganar com tal absurdo? — Ele franziu a testa.

Em algum lugar, bem longe, uma coruja piou.

— Que assim seja.

Congelei quando puxou a faca da bainha. Depois de tudo que disse, ainda tiraria minha vida? Assisti com horror quando pegou a lâmina na bainha do meu vestido, rasgando uma longa tira, depois outra.

O primeiro usou para amarrar meus tornozelos. No segundo, envolveu meus pulsos, colocado atrás das minhas costas.

— Se as criaturas a pegarem, não será culpa minha. Está nas mãos dos deuses agora. Deixe que a salvem.

Temia que ele estivesse certo.

Meu destino estava em quem me encontraria primeiro, Eldberg ou os predadores que vagavam por este lugar escuro.



Capítulo 15

Elswyth

31 de outubro de 960 DC

Não importa o quanto girasse, meus dedos não alcançariam o tecido que prendia meus pulsos. Recusei-me a ceder. Não sabia em que direção Skálavík estava, mas acreditava que alguma força me guiava. Eu tinha fê nesse poder orientador.

Puxando meus pés para baixo, consegui ficar de pé, mas as amarras em volta dos meus tornozelos estavam muito apertadas. Perdi o equilíbrio, caindo para a frente nas folhas úmidas. Tentei de novo, e de novo, mas só consegui raspar os braços e o rosto nas amoreiras.

Quantas vezes imaginei escapar, tinha pensado em qual caminho poderia tomar através da orla da floresta e descer para os prados, encontrando o rio e seguindo-o de volta para Svolvaen.

Eu me perguntava como poderia escapar de ser pega.

Agora, precisava ser encontrada.

Precisava que Eldberg viesse atrás de mim antes que as feras cheirassem meu sangue.

Rolando para colocar minhas costas contra uma árvore, sentei-me fria e tremendo, olhando através da escuridão. Quantos olhos estavam me

observando? Escutava a respiração das criaturas da floresta, imaginando movimento onde não havia nenhum.

Devia gritar? Se Eldberg estivesse por perto, isso o ajudaria a me encontrar, mas e aquelas outras bestas? Se eu as chamasse também?

Fechei minha mente para o que mais poderia estar à espreita, entidades para as quais não tinha nome. Havia esbarrado com as coisas desconhecidas do outro mundo antes, quando o espírito inquieto de Asta atravessou o véu.

Enrolando-se pequena como uma criança, enterrei meu nariz até os joelhos, tão bem quanto minha barriga permitia.

O tempo passou, as sombras ficaram mais escuras, e então tive certeza de ouvir gravetos quebrando.

Algo estava nos arbustos.

Olhei em volta. Havia um galho que pudesse agarrar para me defender? Nada estava perto. Em qualquer caso, minhas mãos estavam amarradas.

Seja o que for, deixe que não me veja. Faça passar.

Sentei-me muito quieta, respirando superficialmente. Meu pulso disparou na minha garganta.

Quando a coisa explodiu na vegetação rasteira, eu gritei. Asas batendo, rangendo, girando para longe, algum tipo de faisão. Uma criatura tão assustada quanto eu.

Um soluço ficou preso na minha garganta, me fazendo rir e chorar.

Apenas um pássaro, nada para me machucar.

Através da escuridão, algo estava olhando para mim, a menos de vinte passos de distância. Olhei com mais atenção e vi olhos brilhantes. Eu vi um lampejo de presa. Um javali! Aqueles suínos de cerdas ásperas tinham temperamento cruel. Uma única gota de sangue coagulado poderia rasgar um homem em dois.

— Vá embora! — Eu gritei novamente.

Eu rosnei. Eu assobiei. Lati como um cachorro.

Ainda assim, a criatura me assistia. Ouvi seu grunhido e ele emergiu da samambaia, balançando a cabeça, bufando, preparando-se para atacar. Deu uma patada no chão, jogando folhas e pedaços de musgo.

Eu gritei, recuando contra a árvore. Minha hora havia chegado.

Mas houve outro som, um passo suave?

A besta ergueu o focinho, contraindo as narinas, sentindo alguma outra presença. Não conseguia ver e não tive coragem de me virar.

Um lobo? Ou mais de um?

Brigariam para decidir de quem eu seria a minha refeição?

E então uma voz baixa e firme, me comandou. — Fique quieta.

Rapidamente, eu vi a lâmina brilhante. Eldberg atirou seu machado de verdade, cravando-o no pescoço do javali. A criatura se debateu e gritou, o sangue jorrando. Em fúria, abaixou a cabeça e correu para encontrar seu atacante, mas a adaga de Eldberg estava pronta. Quando estava quase em cima dele, afundou-o no focinho do javali.

A besta caiu imediatamente. Rolou para o lado, puxando o ar, e Eldberg agiu rapidamente, dando o golpe final para acabar com a dor da criatura.

Fechei meus olhos, não querendo ver mais, meu coração ainda disparado. Percebi que Eldberg estava me libertando, primeiro meus pés e depois minhas mãos.

Sua palma estava na minha testa, então seus lábios e seus braços me envolveram. Mole e entorpecida, cedi à exaustão.



Desejei que a cama parasse de se inclinar para frente e para trás. Timidamente, toquei minha testa. O que tinha acontecido? Os eventos da noite não pareciam reais, embora minhas dores e hematomas me dissessem o contrário.

Foram meus gritos que trouxeram Eldberg ao meu lugar exato. De Sweyn não havia sinal. O vigia do porto informou que ele pegou um pequeno barco de pesca e deixou o fiorde há não muito tempo. O navio poderia carregá-lo de alguma forma, se ele evitasse naufragar nas rochas costeiras.

Eldberg ajudou-me a tirar minhas roupas imundas, esfregou meu cabelo para secar e envolveu-me em sua cama quente. Puxou as peles até meus ombros, mas ainda assim estava com frio.

Ragerta trouxe soro de leite quente e me ofereceu uma bebida, embora devagar. Ele caminhava pela câmara e cruzou os braços. Sua voz era severa. — Prometa-me que nunca vai embora.

Estava muito cansada para discutir, mas também não queria contar-lhe uma mentira.

— Sabe que eu não fiz. Sweyn me levou.

Ele acenou com a mão com desdém. — Claro, já que dificilmente teria planejado amarrar suas próprias mãos e pés. Eu peço porque desejo que diga.

Veio se sentar ao meu lado, pegando minha mão. — Poderia ter morrido.

Era verdade. Rezei para que Eldberg viesse, e ele fez isso, mas eu nunca poderia prometer abandonar a esperança de minha liberdade.

Em vez disso, perguntei: — Por que se arriscou por mim?

— Porque é minha e um homem protege o que é dele.

Não tive forças para lhe dizer novamente que não era dele. Já havia exaurido esse raciocínio há muito tempo. Uma paz incômoda havia caído entre nós, sua brutalidade inicial havia se esgotado, e estava em dívida com muitas coisas.

Ragerta trouxe um pouco do aloe. Virando minha mão, Eldberg mergulhou na panela e tocou o bálsamo calmante nos vergões do meu pulso.

— Ainda não prometeu.

— Eu... — As palavras ficaram presas na minha garganta. Se dissesse isso, que resistência sobraria?

— Elswyth. — Sua voz era atraente. Ele olhou para minha mão descansando na sua, então ergueu os olhos, prendendo-me em seu olhar, de uma escuridão líquida. — Seus lábios estão tremendo. — Ele falou baixinho, inclinando-se, até que sua boca estivesse perto da minha.

— Não... — eu disse, sabendo que era mentira.

— Está febril de necessidade por mim, como eu por você.

Queria me afastar de seu beijo, fechar meus olhos contra ele, mas não consegui. Eu não estava mais lutando.

Seus lábios eram suaves nos meus, persuadindo-me com puxões e cutucadas suaves, até que minha boca estivesse totalmente aberta e sua língua deslizou sobre a minha. Perdi-me no desejo de ser acariciada com ternura.

Disse a mim mesmo para não pensar mais; para deixar de lado o que era antes, para deixar de lado o passado. Haveria apenas agora, e os beijos de um homem que era forte e vulnerável. Não éramos iguais? Egoísta. Cruel. Ele me machucava. Ainda assim, precisava ser amado. Era meu inimigo e ele era eu mesma.

E, no entanto, fui compelida a falar o que pensava. Quebrei o beijo, dizendo: — Faça sua promessa, me libertar da escravidão, para que meu filho nasça livre.

— Não precisa temer nada.

Queria que fosse verdade, ter certeza de que seus sentimentos por mim eram mais fortes do que seu desejo de vingança. Eldberg havia destruído tudo de que eu gostava. Isso não poderia ser facilmente perdoado, mas queria

deixar de lado essa raiva. Ela me consumiu por muito tempo.

Ele pegou minhas duas mãos. — Desejo estar inteiro novamente e tomá-la como esposa.

Sua expressão, sempre tão zombeteira, não era mais. Eu o testemunhei em todos os estados de espírito, mas nunca neste, tão intenso, tão certo.

Ele virou minha palma, levando-a aos lábios. — Se te escravizar, será por meio do amor.

As palavras foram suficientes e empurrei as peles para baixo, levando-me até ele. — Toque-me, Meu Lorde. — Foi uma exigência, mas feita com suavidade.

Gentilmente, ele obedeceu, passando os dedos pelos meus seios, por toda a minha barriga arredondada, dura com o bebê, até passar os dedos entre meus cachos, deslizando o dedo onde sabia que eu estaria molhada.

Nenhum outro comando foi necessário. Ele se trouxe nu para mim e eu abracei o corpo que eu conhecia tão bem, a curva apertada de suas nádegas e coxas poderosamente musculosas, os contornos firmes de suas costas.

Enquanto ele se movia dentro de mim, a expressão em seus olhos acalmou minha respiração, pois era como se estivesse procurando por minha alma, sedento por mais do que o esquecimento de uma rendição estremecida.

Era um desejo que nos assombrava.



Capítulo 16

Eirik

1 de novembro de 960AD

Ele percebeu vozes e barulho em algum lugar, longe. Tudo estava escuro, pois não estava pronto para abrir os olhos, mas esticou a ponta dos dedos, esfregando a trama do pano sobre o qual estava deitado.

Tentou se mexer um pouco, estendendo a mão para Elswyth, mas seus braços estavam pesados e não obedeciam, como se apenas sua mente tivesse acordado e não seu corpo. Ainda não.

Se pudesse se mover, a encontraria. Ela estaria lá, ao lado dele. Queria beijá-la. A esposa dele. Para atraí-la para perto, seus dedos se enredaram em seu cabelo dourado.

— Elswyth. — Seus lábios se moveram para formar a palavra, mas sua boca estava seca demais para fazer o som. Tentou novamente, sem sucesso.

Alguém apertou sua mão e uma voz feminina perguntou: — Está acordado?

Claro que estava. Podia ouvi-la. Helka.

Ele devolveu a pressão do toque de sua irmã.

— Graças aos deuses!

Sua mão recebeu um aperto mais forte e foi levantada para a bochecha de sua irmã. Ela estava chorando? O que importava?

Um homem podia dormir até tarde no dia seguinte ao casamento, com certeza. Não conseguia se lembrar de como foi para a cama, mas não era a primeira vez que outro o carregava. Se um homem não podia ficar bêbado no dia em que se casava com a mulher que amava, quando poderia?

Embora sua garganta estivesse seca, sua cabeça estava livre da dor que geralmente acompanhava o excesso de hidromel.

— Beba isso.

Uma xícara tocou seus lábios, molhando-os, e Eirik engoliu em seco, agradecido. Ele queria abrir os olhos, mas era tão difícil.

— O que lembra? — Os lábios de Helka pressionaram sua testa.

Eirik lutou para lembrar. A festa de casamento e Elswyth linda em seu vestido carmesim, seu diadema não de ouro batido, mas de flores do prado. E o salão repleto de gloriosos ramos de flores. Noiva e noivo, eles desfilaram, em seguida, foram carregados de uma extremidade do corredor para a outra, passando por cima das cabeças de seus convidados. Todos aplaudiram ruidosamente.

Houve jogos, charadas e lutas, e carne suficiente para encher a barriga de um homem três vezes.

Mais tarde, Elswyth, dominada pelo calor da sala, foi tomar um pouco de ar, e Olaf o desafiou para uma disputa de bebida. Dez chifres foram secados. — Suba na mesa — disse Olaf. — Quem chegar primeiro ao fim, sem cair, será o vencedor.

Mas ele ouviu um grito. Em seguida, gritando.

Fogo!

Olhou para cima. O telhado estalava, o âmbar lambia entre as vigas, comendo a turfa, seca pelo bom tempo. Pedacos estavam caindo.

O coração de Eirik saltou de pânico.

Havia chamas!

Ele apertou a mão de Helka com força e respirou fundo, enchendo os pulmões de ar.

— F-fogo! — Ele forçou a palavra. — Fogo! — Ele engoliu mais ar. — Helka! Fogo!

Precisava acordar adequadamente e abrir os olhos. Precisava avisá-los. Colocá-los todos em segurança. Seus ombros levantaram uma pequena fração, mas era como se um grande peso o estivesse pressionando para trás. Lutou para se sentar e uma dor terrível percorreu suas costelas.

— Shh, acalme-se. — A mão de Helka tocou seu peito. — Estamos todos seguros. O fogo está apagado agora.

Ela fez uma pausa momentânea. — O que mais, Eirik? Do que mais se lembra?

Ele saltou da mesa. Tochas acesas voaram pela porta, mas ainda assim as pessoas empurraram, tropeçando, chamando umas às outras, correndo para escapar.

Helka estava por perto, tossindo através da fumaça. Agarrando-a, correu para frente e saíram, mas a bainha de seu vestido estava acesa. Para abafar as chamas, a empurrou para o chão.

Deveria estar escuro, mas o fogo iluminou tudo com seu brilho. Onde estava Elswyth? Ela estava segura?

E então ele viu. Entre a fumaça e os gritos e a correria de corpos, havia outros. Em pé, observando. Um grito de comando e um brilho de aço.

Instintivamente, suas mãos alcançaram a espada, mas não havia bainha em seu cinto. Apenas sua adaga cerimonial pendurada ali.

Mal teve tempo de agarrar o cabo de joias quando foi perfurado pela dor. Viu a lâmina atravessada. O sangue borbulhou em sua boca; a adaga escorregou de sua mão. E então ele estava de costas, o chão estranhamente macio, e uma figura apareceu acima.

Alguém chamou seu nome.

O céu violeta ficou mais escuro e os gritos ao redor dele desmaiaram, até que houve apenas o ruído irregular de sua respiração.

A voz distante não existia mais.

E a luz também se apagou.



Helka

— Eirik! — Helka beliscou suas bochechas.

Levou mais de três fases da lua para seu irmão acordar. Ela não permitiria que escapasse de novo tão cedo.

Nos primeiros dias, pensou que estava perdido. O ferimento foi muito

grave; como poderia se recuperar? Mas seu irmão era forte. Mais do que qualquer outro homem que ela conhecia.

As Norns criaram um destino cruel para Svolvaen naquela noite, mas a lâmina que o perfurou apenas cortou seu pulmão, penetrando sob suas costelas. Ele derramou muito sangue e lutou contra a febre, mas havia passado, a ferida estava se curando bem, embora tivesse permanecido inconsciente.

Nunca perdeu a esperança de que voltasse para ela, insistindo em cuidar dele em sua própria cabana. Apoiando-o, colocou pequenas quantidades de caldo entre seus lábios, massageando sua garganta para fazê-lo engolir.

Por fim, um olho se abriu.

— Elswyth. — Desta vez, ele falou o nome dela claramente.

Helka gesticulou para Leif parado perto da porta, sinalizando para ir buscar os outros.

Eirik precisava saber. Tinha que contar a ele. — Svolvaen foi atacado. — Engoliu em seco. — Leif escapou com outros pela abertura nos fundos da casa grande.

— Estou feliz com isso..., mas Elswyth?

— Procuramos em todos os lugares para onde possa ter corrido, em todos os lugares que poderia ter se escondido.

— Não a encontrou? — O rosto de Eirik estava pálido.

Ela pegou as mãos dele. — Os dois guardas que estavam de vigia tiveram suas gargantas cortadas. — Ela respirou fundo. — Ambos tinham “Skálavík” riscado em suas testas.

Eirik começou lutando novamente para se sentar, apenas para cair de costas nos travesseiros. Seu rosto se contorceu de dor. — Ela foi levada, como nossa mãe foi.

— Nenhuma mensagem foi recebida para o resgate dela, mas estou convencida de que está certo.

— Devemos enviar um emissário, garantir a segurança dela, — a voz de Eirik estava implorando.

— Queria fazer isso, mas havia tantos feridos. Anders se ofereceu, mas não pude dispensá-lo. Eu precisava de todos.

— Todo esse tempo... — Eirik olhou para cima.

Nenhum dos dois falou.

Se Elswyth estivesse viva, o que teria sofrido? Se ela voltasse, como sua mãe, estaria quebrada de uma forma que não poderia ser consertada? A Besta

de Skálavík ganhou seu nome não por causa da gentil hospitalidade.

— Só preciso de alguns dias para me levantar, depois vou pegar um barco. Vou trazê-la de volta, e se Eldberg a machucou, vai pagar com a vida.

Helka acenou com a cabeça. Por enquanto, o acalmaria. Ela e Leif já haviam feito planos. Não podiam ignorar o ato de agressão de Skálavík. Leif cavalgaria para Bjørgen e retornaria com guerreiros suficientes para tripular os barcos de Svolvaen. Mostrariam a Skálavík que não estavam sem aliados.

— Elswyth é forte — Helka disse o que ela sabia que Eirik precisava ouvir. — Ela vai resistir.

Eirik voltou seu olhar para as vigas. Era demais para ele, Helka sabia. Teve muitas semanas para aceitar o que havia acontecido; semanas em que ela e Leif ajudaram os sobreviventes de Svolvaen a se unirem. As crianças mais novas, pelo menos, não tinham estado no salão naquela noite. E seus atacantes ignoraram os armazéns de Svolvaen, que poderiam facilmente ter destruído.

— Há algo mais. — Embora Eirik parecesse miserável, Helka queria que soubesse o máximo possível. — Gunnolf enviou alguém para Skálavík, enquanto estávamos em Bjørgen. Temos uma testemunha. Ele chegou ontem, alegando que nosso homem incendiou o salão do Jarl por ordem de Gunnolf. Muitos morreram, incluindo a esposa de Jarl Eldberg.

Eirik se voltou para ela alarmado. — Mesmo assim... — O significado não foi perdido por ele.

Helka acenou com a cabeça. — E havia apenas um objetivo no ataque a Svolvaen.

— Vingança. — A expressão de Eirik estava congelada. Ele lambeu os lábios e Helka ofereceu-lhe a água novamente. — Quem é esta testemunha?

Helka se virou para a porta. Leif estava esperando, o estranho atrás dele, flanqueado por Olaf e Anders.

Helka assentiu bruscamente. — O nome dele é Sweyn e ele tem suas próprias contas a acertar.



Capítulo 17

Elswyth

1 de dezembro de 960AD

Conforme o manto do inverno caiu, as montanhas se transformaram em gelo e o mundo abaixo se amontoou contra os ventos amargos. O sol havia se afastado tanto que parecia ter sumido para sempre. As longas noites estavam sobre nós.

Os armazéns de Skálavík estavam ricamente carregadas com sua própria colheita e uma abundância comercializada. Eldberg e seus homens fizeram muitas viagens de caça, fornecendo-nos peles para serem trocadas quando os mercadores voltassem, e com caça, que defumamos e salgamos.

Dentro da minha barriga, inchada e arredondada, o bebê socou punhos e pés inquietos, e pensei em como teria colocado a mão de Eirik para sentir seus movimentos. Em vez disso, era Eldberg quem via a vida crescer dentro de mim.

Ele fez um berço, finalmente esculpido e feito de pedra, embora demorasse mais três luas antes de segurarmos a criança.

Não queria esperar, mas precisava de tempo para deixar de lado minhas memórias e concordamos que o ano novo veria nosso casamento. Naquele dia, ganharia minha liberdade e ficaria ao lado de Eldberg como sua igual. Ainda chorava, mas queria acreditar que Eldberg havia mudado, que poderia olhar

para o que estava por vir, em vez de para trás.

Quando a temporada de Jul começou, a casa comprida acolheu a todos. Pensei no ano que passou, em como decoramos o salão de Svolvaen, em Helka equilibrada sobre os ombros de Eirik, prendendo os ramos festivos sob os quais nosso povo se divertia. Era outra vida.

Em Skálavík, também, os homens juntaram visco e grinaldas verdes, envolvendo as vigas, e o local se tornou um local de alegria e jogos, banquetes e bebidas. Nós, mulheres, participamos, pois as escravas não poderiam ter preparado tudo sozinhas, e foi um prazer trabalhar lado a lado para encher as travessas que cada uma de nós gostaria. Muitos relutaram, a princípio, em me aceitar como outra coisa senão o que eu tinha sido, mas viram o status que Eldberg me proporcionou e acharam sensato, suponho, mostrar rostos mais amigáveis. Logo seria a esposa de seu jarl, compartilhar a amargura de Sigrid não lhes traria nenhum favor.

Ivar começou a contar uma história diferente dos deuses a cada dia, da travessura de Loki e da astúcia de Odin. Ele era um bom skald, reunindo muitos à sua volta enquanto assumia cada voz, usando gestos e canções para ilustrar seus contos. Não importava que as histórias já fossem familiares. O tempo passava rápido.

Estava começando a história da Caçada Selvagem, contando sobre o exército de mortos cavalcando pela noite, liderado em sua perseguição pelo poderoso Sleipnir, o corcel de oito pernas de Odin.

Do outro lado da sala, onde ajudei Ragerta a temperar os pedaços de carne, captei os olhos de Eldberg. Ele estava conversando com Rangvald, mas me deu seu sorriso lento. Conhecia bem aquele olhar, ele queria me levar de volta para sua cama e fazer nosso próprio entretenimento.

Lançando seu olhar brevemente sobre a sala, se levantou e entrou em nosso quarto.

Enxugando minhas mãos, fiz menção de me juntar a ele, mas não dei mais do que alguns passos quando vi que Rangvald seguia nosso conde.

Era uma coisa estranha, pois Eldberg raramente convocava seus homens para reuniões privadas. A curiosidade se agitou dentro de mim e me perguntei se planejavam juntos os rituais do Jóláblót, quando nosso casamento seria celebrado.

Juntando-me aos que estavam pelos cantos, ouvindo a história de Ivar, coloquei-me perto da divisão entre a câmara do nosso jarl e o salão principal. Eu mal conseguia entender suas palavras, pois eles falavam baixo. Mas com meu dedo pressionado em um ouvido e o outro direcionado para a cortina, percebi pedaços de sua conversa.

Ouvi menção do nome de Ivar, que foi enviado para algum lugar e

recentemente retornou, e estava viajando como um skald.

Fiz uma careta para isso. Não fazia sentido. Ivar trabalhava como carpinteiro e tinha família em Skálavík. Ele era um dos homens de Eldberg. Apesar de sua esperteza com as palavras, por que ele desejaria vagar por outros povoados?

Rangvald falou: — Ivar havia se disfarçado, encurvado e encapuzado. Ele ficou apenas uma noite; tinha sido suficiente ver o que precisavam.

O que era isso?

As próximas palavras que ouvi trouxeram um punho gelado ao meu peito.

Svolvaen.

Ivar tinha estado em Svolvaen?

Eu me inclinei para frente. O que Ivar estava fazendo?

— Ele está lá — sussurrou Rangvald — ... com um propósito ... conquistar com mentiras ... conduzi-los até aqui.

Eldberg praguejou. — Eles têm aliados?

— A irmã se casou com um homem Bjørgen.

Helka! Eles devem significar Helka.

Ela estava viva?

— Estaremos prontos. Ninguém pode se aproximar sem ser visto... dobre os guardas no rio e no porto... alerte o vigia no promontório.

Pensaram que Svolvaen iria atacar? Impossível! Helka nunca seria tão temerária, a menos que ela ignorasse a força de Skálavík.

Rangvald novamente. — O jarl...

Sua voz baixou. Eu não pude ouvir.

O que dizer do jarl?

Eirik estava morto. Outro havia tomado seu lugar. Olaf, talvez? Ele tinha sobrevivido? Ou Anders?

— Acordou... muito tempo...

Acordou?

Eldberg falou. —... venha para sua própria matança... Bloodeagle...

Apertei minhas unhas em minhas palmas.

Helka me contou sobre o Bloodeagle, que Gunnolf uma vez infligiu isso a alguém que se recusou a reconhecê-lo como jarl, tendo-o acusado de assassinar Hallgerd.

O homem havia sido contido de bruços, tendo a forma de uma águia com asas estendidas cortadas em suas costas. Suas costelas foram decepadas da espinha com um machado, uma por uma.

Eu enjoei com o pensamento disso.

E foi pior. Pois os ossos e a pele de ambos os lados haviam sido puxados para fora, seguidos por seus pulmões. Abram-se como asas, disse Helka, tremendo enquanto ele ofegava seu último suspiro.

Nenhum homem merecia tal morte.

— ... o sangue deve satisfazer o sangue.

— Sim, meu jarl.

Os pés se aproximaram da cortina. A voz de Rangvald era clara. — Este Eirik deve pagar a dívida de Svolvaen.

Agarrei a cortina para me impedir de cair.

Não podia ser!

Eirik, vivo?



Capítulo 18

Elswyth

1 de dezembro de 960 DC

Por tantos meses, pensei que Eirik estava morto. Sofri, gastei minha raiva e, finalmente, aceitei. Acreditava que tinha morrido e barganhei com Eldberg, para salvar a mim e ao meu filho ainda não nascido.

Poderia me permitir acreditar em Eirik vivo? Suponha que Ivar estivesse errado. Se meu marido sobreviveu, quem mais sobreviveu àquela noite de chamas e ruína?

Viriam atrás de mim, como Eldberg parecia pensar, ou eles acreditariam que eu tinha ido de bom grado, uma traidora de meu povo? Havia alguns em Svolveen que nunca confiaram em mim. Eles envenenariam a orelha de Eirik?

Ele me perdoou por ter aceitado Gunnolf como meu amante. Entendeu que eu me achava abandonada. Quão pouca fé eu tinha, mas Eirik não tinha malícia, culpava a si mesmo. Fui eu quem duvidou, nunca ele. Mesmo no dia do nosso casamento, mantive meus segredos, falhei em compartilhar meu medo de que a criança que carregava fosse de seu irmão.

E agora? Se nos reuníssemos, ele poderia aceitar o que eu me tornei aqui em Skálavík? Ele poderia perdoar essa traição e perdoar?

Se nos encontrássemos novamente, jurei que não guardaria nada. Só

isso, certamente, ganharia sua confiança. Só então poderíamos ser reconciliados como marido e mulher.

E Eldberg?

Eu o temi e me enfureci. Eu o odiei.

Mas também o amava, porque algo nos conectava. Quando olhei em seus olhos, reconheci sua dor.

E os sentimentos dele por mim?

Ele professou amor, mas eu não era mais do que uma posse? Um símbolo de sua vitória sobre aqueles que o destruiriam?

Não adiantaria implorar a ele para abandonar sua sede de vingança. Eu disse a ele muitas vezes que Gunnolf, de mente doentia, deve ter enviado o homem responsável pela morte de Bretta; que Eirik buscava apenas a paz e Svolvaen não instigou agressão.

Pelo menos, isso tinha sido verdade antes. Se Eirik sobreviveu, como relatou Ivar, e viesse atrás de mim, o que aconteceria? Os guerreiros de Skálavík estariam vigilantes. Tinham a vantagem. Mesmo com os homens de Bjørgen atrás dele, poderia Eirik esperar subjugar Skálavík?

Eu temia que estivesse caindo em uma armadilha.

De alguma forma, tive que avisar ele e todos os Svolvaen. Se pudesse encontrar o caminho de volta, quanto derramamento de sangue seria evitado, por Svolvaen e Skálavík.

Esperar era uma tortura, mas eu sabia que minha única esperança de fugir viria enquanto Eldberg dormisse. Eu me vestiria o mais aquecida que pudesse, um vestido de lã sobre minhas duas roupas íntimas, minha capa com peles de raposa que Eldberg tinha me dado recentemente e coberturas para pés e pernas que costurei com as mesmas.

Ao longo da noite, muitas vezes enchi novamente a xícara de Elberg, precisando ter certeza de que não iria acordar quando eu me levantasse e garanti que sua bandeja estivesse carregada. Com a barriga cheia de hidromel e alimentos, ele dormiria profundamente.

Não deu nenhuma indicação do que havia falado com Rangvald. Se não tivesse ouvido, não teria percebido, embora sentisse seus olhos em mim mais do que o normal.

— Venha, Elswyth, me beije. — Ele me puxou para seu colo e não se importou com quem testemunhou enquanto me abraçava.

Até Sigrid parecia aceitar seus planos, um tanto aliviada pelos presentes que ele lhe dera. Hoje à noite, ela usava uma estola de pele sobre o vestido. Ocorreu-me que ela nunca se casou, cuidando primeiro da casa de seu irmão e

agora de Eldberg. Ela nunca quis um homem para ela mesma? Uma família?

Ela cuidou de Bretta, é claro.

Eldberg sussurrou palavras carinhosas em meu ouvido. — Não demorará muito até que os deuses abençoem nosso casamento, e devo chamá-la não apenas a mulher que amo, mas também esposa. — Embora eu tivesse barriga grande, seus braços ainda me envolviam. Trancou os dedos na depressão da minha cintura e esfregou a boca no meu pescoço.

— O resto será esquecido. Haverá apenas a nossa promessa, abandonando todas as outras.

Se não soubesse tudo o que sabia, teria pensado que ele era meramente amoroso, mas ouvi o tom duplo de suas palavras, pois acreditava em Eirik vivo, sem intenção de me dizer. Ele se casaria comigo sem me oferecer o conhecimento que traria escolha.

Apesar de suas belas palavras, ainda era uma prisioneira, pois não teria permissão para voltar para Svolveen. Não haveria dúvida disso.

— Sim, Meu Lorde. — Toquei as marcas recém-cicatrizadas ao redor de seu olho esquerdo e as que cobriam sua bochecha. — E nós dois perdoremos, pois nada de bom vem de feridas torcidas, nem pode o amor crescer quando abrigamos o engano.

Seus lábios se contraíram, mas ele não disse nada, apenas levando minha palma aos lábios.

Doeu-me oferecer uma mentira, mas era nada menos do que merecia, e tentei não pensar na traição que Eldberg sentiria quando descobrisse que eu havia partido.

Se Eirik viesse para Skálavík, Eldberg terminaria o que havia começado e mataria o homem que amava. Isso eu não permitiria, não enquanto tivesse forças para evitá-lo.

À medida que a ficava mais tarde e as cabeças dos nossos convidados assentiam em seus peitos, levantei-me para falar com Thirka. Agora a esposa de Thoryn, ela parecia radiante, embora tivesse se sentado timidamente ao lado dele durante o banquete. Tendo servido na casa comprida tantos anos, devia parecer estranho estar lá a não ser como uma escrava. Eu me perguntei se sua mente viajou para a noite em que o fogo saltou ao seu redor e quase lhe custou tudo.

— Está feliz, Thirka? — Eu apertei a mão dela. — Thoryn é um marido atencioso e a cura continua bem?

— Oh sim, minha senhora. — Ela sorriu de verdade. — Muito graças a você. — Ela suspirou. — Nunca pensei em ser tão feliz.

— Me dá prazer ouvir isso. — Eu a puxei para mais longe da mesa,

acenando para aqueles que estavam sentados em cada lado.

— Deseja o mesmo contentamento para mim, eu acho. — Eu a segurei, garantindo que ela ficasse perto.

— Claro. — Ela parecia incerta. — E será assim, espero, agora que o jarl vai se casar com você. Não é fácil, mas... — Sua voz sumiu.

O que ela poderia dizer sobre esse assunto? Eu tinha sido sua escrava e ainda era, mas agora ele queria me chamar de esposa. Thirka sabia a verdade disso tão bem quanto eu.

— E me ajudaria, Thirka, se houvesse alguma pequena coisa que eu pedisse? — Baixei a voz, pois ninguém mais podia ouvir o que eu queria dizer a ela, pelo menos não ainda.

— De qualquer maneira que eu puder. — Ela devolveu a pressão dos meus dedos.

Meu coração aqueceu. Eu não queria colocá-la em perigo, pois mesmo Thoryn seria incapaz de evitar que Eldberg punisse Thirka se o jarl a considerasse cúmplice da minha fuga. Mas ela diria tudo o que pedisse, e de boa vontade.

— Antes de me comprometer com nosso jarl, há um ritual de limpeza que quero realizar. Preciso ir sozinha e lavar meus pés no rio.

Thirka parecia ansiosa. — Mas está muito frio, minha senhora. — Ela olhou para minha barriga arredondada. — E...

— Não há nada com que se preocupar. — Tentei parecer reconfortante. — É assim que fazíamos as coisas em Holtholm, onde eu morava antes. É muito ... revigorante! E estou com calor o tempo todo com o bebê crescendo. Vou me abrigar bem e são apenas meus pés. Entrarei e sairei rapidamente.

— Quer que te acompanhe? — Perguntou Thirka.

— É muito gentil. — Suspirei. — Mas o ritual tem que ser conduzido sozinho, há outros elementos nele. — Eu pensei em meus pés, inventando os detalhes rapidamente. O plano não funcionaria se Thirka quisesse me acompanhar.

— Há palavras a serem ditas, e irei me dirigir ao meu antigo deus, bem como àqueles que todos reverenciamos aqui em Skálavík.

— Oh! — Thirka ficou surpresa, repentinamente desconfortável. — E o que o jarl disse?

— É para isso que preciso da sua ajuda. — Eu olhei em volta. Ninguém parecia estar prestando atenção em nós. — Ele é muito protetor e com a geada tão forte, não quer que eu vá.

— Ele vai tentar impedi-la.

— Exatamente. — Eu inclinei minha cabeça. — Realizar o ritual é importante para mim, então vou deixar a casa comprida de manhã cedo e me encaminhar para o rio. Quando Eldberg acordar, vai se perguntar onde estou.

— Quer que diga a ele onde foi? — Thirka mordeu o lábio. Sem dúvida, a ideia de dizer qualquer coisa ao jarl a enchia de apreensão.

— Sim. Diga a ele, Thirka, assim como eu expliquei para você. Deixe-o saber que eu não a deixaria vir comigo. Diga que não queria que ele se preocupasse. — Eu engoli, me odiando pelo que estava prestes a dizer. — Que voltarei mais tarde, quando o ritual estiver completo.

Isso me daria mais tempo, esperava, antes que Eldberg viesse me procurar. Quando ele o fizesse, estaria avançada em meu caminho.



Capítulo 19

Elswyth

2 de dezembro de 960AD

A casa grande estava quente e poucos desejavam se aventurar lá fora. Por fim, nossos convidados adormeceram, deitados nos bancos. Eldberg me levou para a cama com uma intenção amorosa, mas bebeu demais para ser capaz, eu tinha cuidado disso. Ele dormiu profundamente, seus roncos tão altos quanto qualquer outro no corredor. O fogo se extinguiu em brasas brilhantes.

Eu abri a porta, ouvindo os guardas. Percorriam o perímetro da propriedade.

A lua mudou entre as nuvens que passavam e o chão brilhou branco, refletindo a luz que havia. Não demorou muito para eu ouvir vozes e pés batendo. Estavam reclamando de como estava frio. Eles se aproximaram, então se afastaram e eu saí.

Eu me achava bem abrigada, com mãos, cabeça e até mesmo meu rosto cobertos, mas a crueza da noite me atingiu. A neve estava caindo, embora levemente. Teria que continuar andando.

Fui para a borda da floresta. Lá, estaria escondida da vista. Se ficasse na sombra das árvores, poderia descer a encosta da colina. De lá, usaria o rio como meu guia, mas não ao longo de suas margens. Em vez disso, escalaria até onde a floresta abraçava os penhascos, mantendo a água à vista.

Em algum momento, eu precisaria descer, seguir o rio novamente, mas isso seria mais um dia de caminhada. Quanto tempo demoraria para chegar a Svolaen? De barco, a viagem durou quase toda a noite e as primeiras horas da manhã. A pé, imaginei três dias.

Eldberg iria me procurar, eu tinha poucas dúvidas, mas estaria algumas horas atrás e não haveria rastros. A neve cuidaria disso.

Eu prometi não fugir, mas o que essa promessa significava entre meu inimigo e eu? Ouvindo Eldberg falar tão cheio de ódio ainda, sua intenção de vingança implacável, como eu poderia permanecer?

Eu só precisava continuar andando. Tudo seria simples, contanto que evitasse cair no abismo, congelar até a morte, ou correr para os lobos.

Mesmo se fosse feita em pedaços por alguma criatura cheia de fome de inverno e encontrasse meu fim esta noite, saberia que tentei. Por muito tempo aceitei meu destino, pensando que Eirik estava morto. Agora, tinha um motivo para tentar o caminho de volta para Svolaen.

Escondida entre as árvores, alcancei a água, depois subi, através das encostas da floresta. Mantendo o som do rio à minha esquerda, continuei, minha capa bem enrolada para evitar as amoreiras.

No outono, a floresta estava cheia de sons. Agora, estava amortecido pela neve, exceto pelo vento que se movia muito acima, através dos galhos que rangiam e do barulho distante do rio, viajando pelo abismo abaixo. O dossel das árvores dava alguma proteção, mas os flocos ainda caíram, parando em meus cílios e nariz.

Um passo e depois outro, disse a mim mesmo, cada passo era um estalo suave.

Tirando a cobertura do meu rosto, concentrei-me em minha respiração, inspirando e expirando, observando a nuvem branca deixar minha boca.

Continuei me movendo, mas parei de ver meus pés, parei de ouvir. Tropeçando na raiz de uma árvore, caí de joelhos, as mãos plantadas no branco. Consciente, percebi que não conseguia mais ouvir água. Eu me deixei vagar cegamente. E por quanto tempo?

Era muito cedo para o céu clarear, e isso aconteceria por um curto período de tempo no meio do dia. Como, então, saberia em que direção andar? Eu posso apenas me levar mais para dentro da floresta.

Eu descansaria um pouco, não para dormir, mas para recuperar as forças. Assim que o céu clareasse, não seria capaz de ver mais claramente onde as árvores deram lugar ao abismo?

Tirei o odre de água que enfiei no bolso mais fundo e toquei em meus lábios, querendo engolir avidamente, mas o líquido estava muito frio contra

meus dentes.

Eu comi um pouco de pão. Não muito, mas o suficiente. Arranquei um pedaço e segurei na minha língua, amolecendo. Havia queijo também, o pedaço com metade do tamanho da minha palma. Mordendo-o, fechei os olhos, saboreando seu gosto.

Com minha capa embaixo de mim e o tecido enrolado perto do rosto, agachei-me contra um tronco caído, espanando a neve para revelar o musgo, e dobrei o cotovelo para colocar a cabeça.



Eu não pretendia dormir, mas acordei com o canto baixo de um pássaro próximo. Uma coruja em sua última caça noturna? O céu estava clareando, e eu estava certa, de um lado, as árvores pareciam mais densas, as sombras muito mais escuras. Para o outro, pareciam afinar, revelando a luz do dia. O desfiladeiro tinha que ser para esse lado.

Não havia tempo a perder, mas o gelo havia entrado em meus ossos. Com grande esforço, desdobrei os joelhos, empurrando o tronco para cima. A dor de ficar em pé me fez engasgar e me xinguei por ter ficado imóvel por tanto tempo. Se tivesse dormido mais, talvez nem tivesse acordado.

Qual coração teria parado primeiro? O meu, ou o do bebê dentro de mim, aninhado sem saber em carne quente?

Com passos vacilantes me arrastei para frente, sabendo que deveria continuar me movendo. Deveria agitar meu sangue para me aquecer e tornar meus membros úteis novamente.

Imaginei Eldberg subindo na sela e partindo a galope, procurando sinais do meu rastro, curvando-se com olhos penetrantes. Olhei para trás, meio esperando vê-lo, mas ainda estava sozinha.

Pense apenas no que deve fazer.

Logo, ouvi o barulho da água novamente, ficando mais alto conforme me aproximava. Chegando à beira das árvores, agarrei um galho e olhei para baixo. Lá estava ele, o rio, a luz do sol e um céu agora sem nuvens.

Meu progresso era lento, mas as sensações estavam voltando aos meus membros. Continuei lutando e, em pouco tempo, percebi que o chão estava se inclinando para baixo. As paredes escarpadas do abismo estavam recuando, dando lugar a contornos mais suaves, a floresta inclinando-se para encontrar a beira da água.

Eu poderia ter permanecido dentro das árvores, mas queria sentir o calor

do sol, o pouco que havia. Desceria para caminhar o mais próximo possível do rio. Continuando em frente, não haveria chance de me perder.

Cuidadosamente, continuei, segurando, de um galho para o próximo. Com o avançar, ficou muito mais íngreme e escorregadio, a profundidade congelada da neve em pó e as folhas se abrindo quando meu peso desceu. De repente, eu estava deslizando, escorregando por trás, derrapando mais rápido em direção à beira, onde a margem descia até a água. Com medo, eu abri meus braços, cavando em meus calcanhares, precisando agarrar algo para parar minha queda. Passando por samambaias e samambaias, minha capa saiu de cima de mim e minhas saias subiram. Estava agarrando punhados de nada que pudesse impedir minha queda e o rio estava correndo mais perto.

Então, houve um solavanco e gritei, parando tão repentinamente que perdi o fôlego. Minha capa ficou presa em um toco, deixando-me pendurada.

Eu fiquei lá por um momento, querendo chorar e rir. Estava sem fôlego e machucada e arranhei minhas mãos, mas estava ilesa. Só precisava me recompor. Deitada aqui, só fiquei com frio. Precisava me sentar, para desembaraçar minha capa.

O rio estava muito perto, a água correndo abaixo dos meus pés. Eu seria capaz de andar aqui com segurança o suficiente. Poderia até escorregar e seguir direto ao longo do rio. Não havia pedras e cascalho em ambos os lados, ao longo de alguns trechos de água, ao lado das águas rasas?

Rolando para o lado, olhei para trás em direção às profundezas da floresta e a encosta acima de mim, muito mais íngreme do que eu imaginava. Tive a sorte de não ter me machucado de verdade.

Eu me virei, apoiando-me nos cotovelos, e a capa ficou esticada, puxando meu pescoço. Eu me atrapalhei com os broches presos de cada lado e a tira de couro entre eles. Mas, quando a tira se soltou, comecei a cair de repente, olhando para minha capa, ainda presa ao tronco caído. Eu estava agarrando punhados de neve e matéria apodrecida, e então não havia nada embaixo de mim.

Ao atingir a água, mil agulhas de gelo me perfuraram.

Ofegante, vim à superfície, espirrando de susto, meus pés lutando para se apoiar no leito do rio. Parecia que meus pulmões iriam explodir de tão frios a água e o ar. Parecia que me congelava quando entrou em meu corpo.

A torrente gelada e impetuosa roubou-me o movimento, o pensamento. Isso me roubou o fôlego.

Eu tinha parado um pouco além da parte rasa, a água não mais profunda do que meu peito, mas a corrente era forte, varrendo de volta por onde vim. Com as pedras escorregadias por baixo, lutei para ficar de pé.

Chutar. Para. Conseguir. Sair!

Obriguei-me a olhar para a margem e disse a mim mesma para empurrar, para nadar, mas meus membros já estavam dormentes.

Em água mais quente, sem minha saia pesada, poderia ter conseguido, mas meu vestido ficou pesado. Escorregando de lado, afundei novamente, puxei, caindo na água agitada até que bati contra uma pedra na curva do rio e emergi sufocada.

Eu me agarrei, abrindo meus braços. Segurando a pedra contra o peito, tossi a água que engoli e chorei pela minha tolice, pois agora morreria, fraca demais para escapar do rio.

Se soltasse, tudo estaria acabado. O bebê que carregava nunca respiraria. Eu nunca veria Eirik novamente. Estava com medo de fazer isso, de ser varrida desta vida.

E então, acima do barulho em volta dos meus ouvidos, ouvi o relincho de um cavalo e a voz de um homem, severa no comando. Um garanhão estava em cima de mim, chutando respingos da parte rasa, seu cavaleiro envolto em peles grossas, e o rosto que olhou para baixo estava cheio de fúria, mal contida.

Guiando o cavalo para a trincheira mais profunda, Eldberg inclinou-se para me puxar para cima, segurando-me por baixo dos braços para me sentar na sela diante dele.

Sem dizer uma palavra, nos levou de volta à parte rasa e incitou o garanhão a um galope. Tremendo, coloquei minha cabeça em seu peito. Eu não tinha mais nada e minhas lágrimas caíram silenciosamente enquanto a água escorria de minhas roupas e cabelos encharcados.

Tinha acabado.



Eldberg

Desde antes do amanhecer, cavalgava rio acima, procurando sinais de sua passagem, onde ela talvez estivesse se escondendo ou onde poderia ter deixado o rio. Havia fendas ao longo de todo o abismo que podiam ser escaladas, levando para a floresta.

Thirka viera até ele, Thoryn ao seu lado, para explicar a ausência de Elswyth, e parecia acreditar no que lhe havia contado, que Elswyth havia se

levantado cedo para realizar um ritual de limpeza. Mas ele suspeitou imediatamente. Uma nevasca havia soprado durante a noite, e estava perto o suficiente da hora de dar à luz para fazer uma excursão tão temerária.

Se ela tivesse ouvido Rangvald ou Ivar conversando, ou o que havia acontecido entre ele e Rangvald, seria motivo suficiente para ir até Svolvaen.

Ainda assim, descobrir que ela havia partido o enfureceu. Ela veio a ele como uma escrava, e a usou com pouca misericórdia naqueles primeiros dias, mas não tinha mostrado a ela como seus sentimentos mudaram? Ele não a encheu de presentes e tornou sua vida mais fácil? Mais que isso. Concedeu a maior honra ao pedir-lhe para ser sua esposa, e jogou tudo na cara dele. Ela o abandonou e o traiu.

Agora, ele a carregava, molhada até os ossos e tremendo, para a casa de banhos. Ele deixou instruções com Ragerta para atizar o fogo e encher o barril. Rapidamente, tirou as roupas encharcadas de Elswyth, depois as suas.

Ela não ofereceu resistência quando a abaixou, mole em seus braços. Debaixo da água, ele tentou esfregar a vida de volta em seu corpo. Seus dentes continuaram batendo, mas ela olhava para ele, tocando seu peito.

Havia muito em sua expressão, embora não dissesse nada enquanto ele massageava o comprimento de seus membros, suas mãos e dedos, pés e dedos dos pés. Seus lábios estavam tingidos de azul. Ele viu novamente a semelhança, aqueles olhos olhando para ele... muito parecidos com...

Colocou-a na água, deixando a água cobrir a parte de trás de sua cabeça, seu cabelo espalhado. Quando ele a levantou novamente, notou sangue escorrendo, um corte que o calor havia aberto. Virando a cabeça dela, olhou atrás da orelha, onde tantas vezes beijou, logo acima da pequena verruga. Erguendo o cabelo dela, viu a ferida. Parecia pequena o suficiente para não precisar de costura.

Ele separou o cabelo de cada lado, verificando se não havia perdido mais nada.

Sob seus dedos, os sentiu antes de vê-los. Mais duas verrugas. Com um logo abaixo da linha do cabelo, elas formaram a forma familiar.

Seus dedos tremeram.

Como ele perdeu isso?

Como não viu?

Tantas vezes a semelhança o impressionou, mas ele a empurrou de sua mente. Agora ele entendia.

A mesma marca, dada no nascimento, usada por todos os membros da linha de Beornwold, um triângulo atrás da orelha. A de Beornwold tinha sido escura e proeminente. As de Sigrid estavam mais fracas. A de Bretta era a

mesma da pele de Elswyth, apenas, mas altas. A linha do cabelo de Elswyth cobriu as outras manchas, mas elas estiveram lá o tempo todo.

E aqueles olhos, tão parecidos com os de Bretta.

Quem era ela?



Capítulo 20

Elswyth

3 de dezembro de 960AD

Eldberg segurou meu rosto com as mãos.

Esperava que me repreendesse, no mínimo, para me repreender pela tolice. Mas sua raiva inicial havia se dissipado, substituída por uma intensidade de um tipo diferente, como se ele percebesse algo que não sabia antes e estivesse me vendo pela primeira vez.

Havia hesitação em sua voz rosnando. — Elswyth, preciso saber...

Nesse momento, a porta se abriu.

Thoryn estava na soleira. Do outro lado, houve gritos e uma onda de movimento. — Uma invasão, meu jarl! — Thoryn estava sem fôlego. — Foram vistos nas falésias mais altas, onde a floresta encontra a montanha. O guarda do promontório foi abatido! Ordenei aos homens que permanecessem no porto e ao longo do rio, caso fosse uma distração, mas estamos reunindo todos em armas para enfrentar os atacantes.

Eldberg havia saído da água, arrastando suas roupas. Embora seu machado e adaga curta estivessem pendurados em seu cinto, estava sem lâmina mais longa.

— Dê-me sua espada.

— Meu jarl? — Eu nunca tinha visto Thoryn hesitar em obedecer a Eldberg, mas a espada de um homem era uma extensão de seu braço. Com relutância, a desembainhou. Thoryn tinha o Valknut esculpido no punho: o símbolo de Odin: três triângulos entrelaçados com o poder da vida sobre a morte.

— Fique aqui, Thoryn. Proteja-a. Esconda-a na floresta, se necessário, mas ela não será levada.

Eldberg lançou um último olhar para mim e se foi.

Thoryn ficou carrancudo, evidentemente descontente. Olhando em volta, ele viu primeiro minhas roupas molhadas no chão e depois outro vestido, seco e limpo, dobrado para o lado. Ragerta deve ter deixado para mim.

Ele jogou a toalha. — Seja rápida, Elswyth. Vou guardar a porta enquanto se veste.

Senti como se pudesse deitar e dormir um dia e uma noite inteiros, mas trabalhei o mais rápido que pude. Meus dedos formigaram estranhamente, ainda parcialmente dormentes, e minhas mãos tremeram enquanto amarrava minhas botas. Estavam úmidos do rio, mas eu precisava estar pronta. A qualquer momento, Thoryn pode insistir em se mover, e não gostaria de andar descalça na neve.

Lá fora, os gritos ficaram mais altos. Eu reconheci o anel da lâmina atingindo a lâmina. Foi como Rangvald advertiu, os sobreviventes de Svolvaen chamaram seus aliados Bjørgen para ajudá-los? E com que propósito eles vieram? Se Eirik estivesse vivo, como Ivar dissera, ele estaria aqui? Mal podia me permitir acreditar, mas tinha esperança.

Thoryn tirou a faca do cinto, passando-a pelo cabo. — Pegue-a e esteja preparado para usá-la.

Eu só usei uma faca para preparar carne, nunca para matar ninguém. E por que eu faria agora? Os homens de Svolvaen me conheceriam e nunca me machucariam.

Mas e os guerreiros de Bjørgen? Eles nunca me viram antes.

Toquei sua ponta fina. — Sob as costelas, aqui. — Thoryn apontou. — Empurre com força, e vai direto. Ou atrás, se precisar, da mesma forma, nos órgãos moles.

Agarrou seu machado. — Preciso ver como a luta vai. Não vou te deixar, mas deve estar preparada.

Acenou para mim antes de soltar a trava. Trazendo seu rosto para perto, espiou pela abertura, mas, no mesmo instante, a porta se abriu.

Uma figura saltou para dentro da sala, a silhueta contra a luz fraca, seu

escudo bloqueando o golpe da lâmina de Thoryn. Os dois lutaram, seus machados travando enquanto se empurravam. Então, Thoryn gritou de surpresa. Ele caiu para trás, baixando o machado.

— Sweyn!

— Sim, irmãozinho. Sou eu! — Ele chutou a porta e seu olhar passou por mim.

Eu encolhi até a parede oposta, o cabo da navalha firme na minha palma, seu aço frio, achatado contra a parte de trás do meu pulso.

— Exatamente o que estava procurando.

Thoryn, incerto, olhou de Sweyn para mim e vice-versa. — Desapareceu sem uma palavra. Porque irmão? Não éramos dignos o suficiente, os homens que estiveram ao seu lado desde que seguramos nossas espadas de madeira pela primeira vez? Desejou tanto nos deixar?

Sweyn estreitou os olhos. — Me pergunta isso? Onde estava sua lealdade quando Beornwold morreu? Eu era seu favorito até a chegada de Eldberg. Ele teria me escolhido para tomar seu lugar, me escolhido para casar com Bretta. Era o segundo do nosso jarl antes que aquela escória furiosa ganhasse a confiança do velho, mas ninguém em Skálavík falou em favor da minha reivindicação. Onde estava sua irmandade então? Ou era seu próprio ciúme? Prefere ver uma regra estranha do que se curvar a mim?

Thoryn balançou a cabeça. — Tanta raiva, *bróðir*. Os deuses não nos mostram a loucura de parentes se voltando contra parentes?

— E esta. — Sweyn sacudiu a cabeça em minha direção. — Ela não é parente, mas isso não importa. Eldberg não conhece lealdade, e nem ela, uma prostituta que arruma a cama onde é mais macio.

Uma consciência nascente pareceu surgir em Thoryn. — Estava procurando por ela? Não achou que estava morta, Sweyn, desde que a deixou para isso?

— Eu precisava ter certeza. — Ele torceu o lábio. — Antes de cortar a garganta do último homem do vigia do promontório, descobri o que precisava saber, que a cadela ainda vivia.

Thoryn ergueu o machado novamente, mas seu rosto estava cheio de tristeza. — Nos traiu.

— Sim! E foi fácil! Aqueles idiotas Svolvaen acreditaram prontamente o suficiente que tentei ajudar sua preciosa Elswyth. — Seu rosto se contorceu em um sorriso zombeteiro. — Tão triste que nos separamos na floresta!

Sweyn jogou o escudo de lado, colocando as duas mãos no machado.

— Eu pensei apenas em encontrar abrigo lá, mas são mais fortes do que

imaginamos com seus amigos Björgen. Há um número suficiente para tomar Skálavík, e sou eu quem receberá o comando quando o fizerem.

Thoryn foi ágil, balançando seu machado em direção ao peito de Sweyn, mas seu irmão foi mais rápido, parando o golpe e enviando sua própria lâmina no braço de Thoryn.

Eu gritei quando Thoryn desabou. Ele caiu no chão, gemendo e segurando o ferimento.

Sweyn olhou para ele. — Foi minha barganha, irmão, conduzi-los até aqui, trazendo-os através do abismo nos penhascos. Deve se lembrar de como descobrimos a fenda que leva à caverna e do pacto que fizemos para manter tudo em segredo? Nosso lugar especial, que nenhum outro conhecia.

Puxando o braço contra o peito, Thoryn estremeceu. — Não é meu irmão, mas um espírito enviado para destruir o que construímos.

Sweyn o empurrou levemente com o pé. — Se estiver certo, então realmente não devo nada a Skálavík e devo tirar dele o que achar adequado.

Jogando a cabeça para trás, Thoryn fez uma careta. — E ajudou nosso inimigo o tempo todo, eu suponho, com aquele verme que colocou a casa comprida em chamas.

— Ah não! Que entendeu completamente errado. — A risada de Sweyn foi triste. — Encontrei o desgraçado vira-lata nos espionando, com certeza, na orla da floresta, mas fui eu quem atirei aquelas flechas. Uma viagem de caça gratificante, de fato, pois peguei um bode expiatório por meu delito e quebrei sua mandíbula antes de arrastá-lo para nosso jarl.

Ouvindo essas palavras, o aposento girou diante de mim. Todo esse tempo, Eldberg acreditava que o homem de Gunnolf era o responsável pelo incêndio que matou sua esposa. Com base nisso, atacou Svolvaen e culpou Eirik tanto quanto seu irmão. Mas Sweyn era a víbora, esperando para enviar seu veneno ao coração de Skálavík.

Thoryn fechou os olhos. — E agora, Sweyn? Deve me matar, pois não permitirei sua vilania, não enquanto viver.

— Sim, irmão, vai morrer, e a prostituta com você. Veja como ela estremece. — Sua voz estava cheia de desprezo. — Não haverá ninguém vivo para contradizer minha história.

Quando Sweyn se curvou para Thoryn, colocando as mãos em seu pescoço, aproveitei a única chance que tive. Atirando-me pela sala, mergulhei a faca com todas as minhas forças no lado de Sweyn.

Ele gritou de agonia, de raiva. Torcendo-se, tentou arrancar a faca, mas pulei para frente novamente, puxando a lâmina livre. Ele cambaleou para o lado, sem acreditar quando o sangue jorrou do ferimento.

Eu olhei para Thoryn. Estava pálido, mas seus lábios se moveram, me incentivando a agir.

De joelhos, Sweyn estava Tateando em busca do machado que havia deixado cair. Fortalecendo-me, pulei sobre ele e dirigi a faca para a carne novamente, através de seu pescoço.

Com um grito de horror, recuei, vendo Sweyn cair. Desta vez, não houve grito, apenas o gorgolejo de um homem tentando desesperadamente respirar. Ele lutou brevemente antes de sua cabeça cair para trás, e não se moveu mais.

— Elswyth. — A voz de Thoryn rouca. — Ajude-me!

Sua túnica estava manchada de vermelho. Estava fraco, mas ainda consciente. Onde a lâmina havia entrado, o tecido foi rasgado e eu o rasguei ainda mais, para ver melhor o ferimento. Era profundo e o sangue subia escuro.

Agarrando as toalhas, enrolei uma, pressionando-a contra a carne aberta, ordenando a Thoryn que segurasse enquanto eu puxava o outro pano, amarrando bem apertado. Puxando Thoryn, coloquei-o com mais segurança no canto. Mesmo se ele desmaiasse, permaneceria de pé. Isso lhe daria mais tempo. Porém, se vivesse, seria a vontade dos deuses, pois não poderia fazer mais nada sem agulha e linha.

Para encontrá-los, precisava sair de onde estávamos.

Precisava chegar à casa comprida.



Capítulo 21

Elswyth

3 de dezembro de 960AD

Desde que Sweyn entrou, não prestei atenção à comoção lá fora. Agora, ouvia novamente o choque de metal e os gritos de homens mortos, não imediatamente do lado de fora, mas mais abaixo na colina. Estava com medo de confrontar o que estava além da porta, mas precisava ajudar Thoryn e a mim mesma.

Limpei a navalha na túnica de Sweyn e respirei fundo.

O frio era cruel depois do calor da casa de banho, e não tinha capa para meus ombros, mas havia pouco tempo para pensar em conforto, apenas em ação.

Homens feridos, mortos e moribundos, estavam entre mim e a casa comprida, mas nada para me impedir de alcançá-la. A neve, caindo suavemente, já estava cobrindo os corpos, o chão manchado de vermelho abaixo deles.

Em vinte passos, cheguei ao grande salão e parei para respirar, inclinando minha cabeça contra a moldura da porta aberta. De dentro vinha o som de móveis afastados.

Alguém estava lá, movendo-se pelo espaço.

Um guerreiro Bjørgen, ávido por espólios enquanto seus irmãos

lutavam? Ou um homem Svolve, que poderia me levar a Eirik?

Segurando a faca diante de mim, corri para dentro, pressionando minhas costas contra a parede.

Estavam na câmara mais distante.

— Pegue o que quiser. Não vou te impedir! — Foi Sigrid, assustada, descoberta em seu esconderijo. Ouviu-se o barulho de alguma coisa virada, depois um grito agudo. — Não me machuque, por favor!

Eu amaldiçoei. Por mais que não gostasse de Sigrid, não podia ficar parada e permitir que ela fosse machucada. Rapidamente, fiz meu caminho através do espaço, parando onde o tear de Sigrid estava pendurado. Embaixo havia vários sacos de lã, ainda a serem fiados, e quando parei, um tombou. Houve um guincho, depois um murmúrio baixo. Dois pares de olhos espiaram.

Ragerta e Thirka!

Vendo-me, se arrastaram para fora, agarrando minhas mãos, puxando-me para seus braços. Elas ficaram tão satisfeitas em me ver quanto eu a elas, mas não havia tempo a perder. Com meu dedo pressionado em meus lábios, apontei para as facas de cozinha.

— Eu não sei de nada! — Sigrid gritou atrás da cortina.

Empunhando nossas armas, puxamos o pano de lado.

No chão, seu agressor estava torcendo o braço de Sigrid atrás das costas. O torturador ergueu os olhos e, ao me ver, bufou de surpresa.

— Helka! — Larguei a faca e corri para ela.

No momento seguinte, Leif apareceu, prendendo Thirka e Ragerta pelo pescoço.

— Está tudo bem. — Fiz sinal às mulheres para baixarem as lâminas. — Somos amigas aqui.

— Viemos por, Elswyth, para levá-la para casa. — Helka se ergueu, seus olhos brilhando como fogo. — E para vingar aqueles que morreram em Svolve, as famílias que foram dilaceradas. Faremos Skálavík pagar!

— Não! — Eu não aguentava. Essa luta deve cessar antes que mais pessoas percam suas vidas. — Skálavík foi traída! — Pegando a mão de Sigrid, puxei-a para cima. Foi Sweyn. Enganou a todos. Ele ateou o fogo que matou Bretta!

A mão de Sigrid voou para a boca e seu rosto se enrugou, mas então ela se sacudiu. — Eu não acredito! Está pronta para seus truques astutos novamente!

Eu poderia tê-la sacudido por tamanha estupidez.

— Thoryn sabe. Ele ouviu Sweyn confessar.

Thoryn!

Virei-me para Thirka, dizendo-lhe que fosse ao balneário e levasse tudo o que fosse necessário. Ragerta ajudaria. Se pudessem estancar o sangramento, ele teria uma chance.

— Este Sweyn, que nos trouxe aqui — Helka me fez olhar para ela. — Ele nada disse sobre isso, apenas sobre suas queixas e que tentou ajudá-la.

Uma fúria quente e branca surgiu em minhas veias. — Ele queria me matar. Não tem honra ou verdade, servindo apenas a si mesmo. Tudo isso... — De repente, descobri que estava chorando. — Tudo. É o trabalho dele.

— Venha, Leif, vamos arrancar cada membro de seu corpo e arremessá-lo dos penhascos! — Pegando suas armas, Helka empurrou Sigrid.

— Ele já está morto, Helka. — Eu segurei a faca. — Por minha mão.

Helka parou imediatamente. Virando-se, ela ficou parada por um momento, apenas olhando para mim. Então, seu olhar caiu para minha barriga. Seus olhos se arregalaram e ela me apertou contra ela novamente.

Sempre lutando por sua vida, corajosa. — Ela enterrou o rosto no meu cabelo.

— Eirik? — Eu precisava saber. — Ele está vivo? Está aqui? — Meu coração disparou.

Eldberg estava possuído por um ódio que não toleraria outro resultado além da morte de Eirik. Se ele o encontrasse, o mataria, mesmo que isso trouxesse seu próprio fim.

Eu não podia negar que amava os dois, de maneiras diferentes.

Pensar que se feririam ou morreriam!

Eu não aguentava.

Ela assentiu. — Encontraremos uma maneira de parar com essa loucura.

Tirando a besta de suas costas, Helka a passou para mim. — Se lembra de como usar isso?



Eirik

Eirik agarrou sua espada, a arma que o havia servido em todos os tempos, seu Coração dos Mortos. Elevando sua oração a Thor e Odin, ele pediu força.

Havia apenas um homem que Eirik procurava.

Se Elswyth estivesse viva, apenas a morte desse homem a libertaria.

Tinha ouvido falar das crueldades de seu adversário e da força bruta que trouxe a aniquilação a seus inimigos.

Correndo para encontrar o inimigo que avançava, Eirik lançou sua lâmina no estômago de um homem. Seu machado cortou o pescoço de outro. Em meio a carne espetada e crânios rachados, ele estava ciente de seus irmãos guerreiros e dos guerreiros Bjørgen lutando ao lado, mas estava decidido em seu propósito.

Eldberg!

Que trouxe vingança a Svolvaen por um crime cometido apenas à porta de Gunnolf. Que matou homens e mulheres inocentes de sua má ação. Quem sequestrou sua esposa, degradando-a como sua escrava de cama!

Em meio à confusão de gritos, Eirik o viu, muito mais alto do que qualquer outra pessoa, sua cabeça sem proteção, seu cabelo uma massa selvagem de cobre e seu rosto com cicatrizes no lado esquerdo.

A multidão da batalha pareceu se separar quando Eirik olhou para o jarl de Skálavík e sua voz soou clara. — É hora de provar minha lâmina, Eldberg!

Aqueles ao redor deles recuaram, abrindo caminho para os dois cujo encontro moldaria tudo o que estava por vir. Através da luz fraca, cada um avaliou seu inimigo. Foi um encontro que demorou muito para acontecer.

— Ou tem coragem apenas para se esconder no meio da noite, sequestrando mulheres, como Beornwold antes de você.

Em resposta, Eldberg trovejou para frente, sua espada erguida totalmente acima de sua cabeça, caindo sobre seu inimigo. A fúria ferveu em seu terrível grito de guerra, a ira de um homem que sofreu dor e perda, e lutaria até a morte para exigir sua vingança.

Eldberg investiu e girou, desferindo um golpe que poderia ter derrubado Eirik antes que ele fizesse um único ataque, mas Eirik se jogou para o lado, rolando para longe. Pulando para cima, ergueu o escudo para evitar o próximo ataque. Foi rápido em chegar. A espada de Eldberg ressoou na borda de metal.

Eirik manteve os pés firmes, mas não conseguiu um único golpe em retaliação, mal se defendendo do ataque que Eldberg desceu sobre ele. Estava cansando, se esforçando para resistir ao ataque de seu adversário. Helka o avisou, sua força não voltara ao que era.

Apesar do ar gelado, o suor encharcou seu corpo, mas ele só precisava de um golpe certo, um movimento rápido, esfaqueando sob o braço levantado de Eldberg, na carne sensível e desprotegida.

Quando a arma de Eldberg caiu novamente, Eirik ergueu sua espada. Agora era a hora de atacar, entre os golpes de seu inimigo, mas Eldberg parecia antecipar seus movimentos.

Com um gemido, Eirik bloqueou o peso do aço em mergulho. Cambaleou, vacilando, depois caiu sobre um joelho.

A neve havia começado a cair novamente, flocos leves sobre a pele aquecida.

Em horror silencioso, Eirik testemunhou a espada de Eldberg entrar em seu ombro, cortando músculos, carne e ossos. A força quebrou a lâmina em duas, deixando-o empalado.

Elswyth, meu amor, onde está?

De longe, ouviu-se um grito.



Eldberg

Eldberg puxou a espada e jogou-a para longe, depois empurrou Eirik para o chão sob o pé com a bota. Puxando a túnica de seu inimigo, ele colocou as costas nuas e, de seu cinto, pegou seu machado. Prometeu Bloodeagle, e isso ele iria entregar. Primeiro, a pele seria arrancada, depois as costelas cortadas na espinha. Enquanto mergulhava as mãos no sangue desse homem, ele ofereceria a morte a Odin. Quanto aos pulmões, ele os queimaria e deixaria que a fumaça fosse transportada para Valhalla como prova de sua vitória.

De pé, ele ergueu o machado bem acima da cabeça e berrou seu triunfo.

Muitos daqueles que estavam lutando já haviam recuado, vendo o jarl de Svolvaen à mercê da Besta.

Eldberg olhou em volta, deleitando-se com sua conquista.

Que todos vejam e temam!

Ninguém pegaria o que era dele. Skálavík! Elswyth! E sua verdadeira vingança! Ele não teria nada negado.



Elswyth

Helka nunca os alcançaria a tempo. Tive de atirar e rezar para que minha mira fosse certa.

Somente quando a flecha perfurou seu ombro, Eldberg me viu. O machado caiu de suas mãos e seu rosto voltou-se totalmente para o meu. Mostrou primeiro descrença, depois tristeza agonizante, como se uma luz abrasadora tivesse se apagado.

Eu o traí.

Ele cambaleou, vacilou e caiu para a frente.



Capítulo 22

Elswyth

3 de dezembro de 960AD

Eu amei os dois.

Não sabia como isso poderia ser, mas era verdade.

Eldberg a princípio se recusou a olhar para mim, embora me permitisse limpar e curar o ferimento. Deixei minha escolha clara, pegando em armas contra ele. O ferimento que eu infligia poderia feri-lo para sempre.

— Amava sua esposa. Deve entender. — Sentei-me ao lado da cama que compartilhamos.

O que quer que Eldberg tenha imaginado que sentia por mim, não era amor. Um desejo de possuir ou ver em mim o que ele perdeu. Mas eu nunca seria Bretta, e ele não era Eirik. Queria que eu o amasse, como ele passou a ansiar por mim, mas isso nunca seria.

Eirik foi o marido que escolhi.

— Há muita coisa que não sabe. — Ele me olhou com cautela, como se fosse muito doloroso ou muito perigoso manter meu olhar.

— O corte atrás da orelha...

Eu toquei com cuidado. Ele havia cicatrizado, mas permaneceu sensível.

— Tem uma verruga... — Ele fez uma pausa. — Há mais duas, dentro do seu cabelo. Três ao todo.

— E daí? Muitos têm essas marcas na pele.

— Assim não.

Eldberg me disse então sobre sua convicção, que era da linha de Beornwold, que o bebê que carregava era neto de Beornwold, que Bretta era minha meia-irmã. Eu disse a ele há muito tempo como fui concebida, pelo estupro de minha mãe durante um ataque viking. Passaram-se mais de vinte anos antes de Eldberg se juntar ao serviço de Beornwold.

— Tantas vezes eu a vi em você. Pensamento positivo, acreditava, mas havia mais do que isso. Sigrid também viu, embora não quisesse aceitar.

Sempre soube que pertencia a outro lugar. Depois de tudo o que aconteceu, tudo que suporrei, para descobrir que Skálavík era aquele lugar! Que meu pai esteve aqui o tempo todo. E uma irmã...

Isso não mudou nada entre Eldberg e eu, mas forneceu um motivo mais forte para Svolvaen e Skálavík deixarem de lado sua rixa de sangue. Os clãs já estavam unidos, através de Ingrid de Skálavík, avó de Eirik. Agora, a criança que carreguei os uniriam novamente.

— Vai falar com Eirik. Vai concordar com uma trégua. — Conteí a Eldberg o que Sweyn havia se gabado, que era o responsável pelo incêndio, que sua ambição era mais forte do que a lealdade para consigo mesmo.

Gunnolf, meio louco como estava, não planejou o ataque.

Thoryn deu testemunho, tendo ouvido cada confissão suja dos lábios de Sweyn, e Eldberg acenou com a cabeça em aceitação, como se sempre tivesse sabido a verdade disso. Ele retaliou contra Svolvaen quando nenhuma culpa estava entre seu povo.

— Para o meu bem, por qualquer amor que tenha por mim, deixará de lado o passado?

Ele acenou com a cabeça, cansado. — Não apenas por sua causa, mas por Bretta. É apropriado que tenha se vingado daquele que tirou a vida dela. Nunca esquecerei, nem perdoarei, mas é uma porta que devo fechar ou perderei minha razão, e minha vontade de permanecer neste mundo.

Eu trouxe sua mão para minha bochecha.

Havia algo de bom nele; que eu acreditava de todo o meu coração.



Muitos ficaram feridos e muitos mortos. A casa comprida estava cheia de homens que precisavam de tratamento. Sigrid ajudava, com Ragerta e Thirka, embora não quisesse falar comigo.

Ela não me mostrou nada além de má vontade, me vendo como uma intrusa. Quando Eldberg contasse a ela o que sabia, talvez seus modos se suavizassem. Enquanto isso, eu estava contente com a amizade nascida de verdadeira bondade, que aqueles de coração mais gentil haviam oferecido gratuitamente.

Thoryn estava recuperando suas forças, e Eldberg também, embora nenhum dos dois empunhasse uma arma como antes.

Foi a cabeceira de Eirik que mantive nas semanas seguintes, Eldberg tendo concedido abrigo a todos os feridos de Svolvaen. Ele veio muito cedo para a batalha e mal tinha forças para suportar esta ferida recente, mas eu acreditava que se recuperaria. Meu indomável Eirik!

Um sinal foi lançado do topo do penhasco logo após a batalha, chamando os navios que aguardavam no fiorde. Leif e Helka navegaram sem demora, com aqueles aptos a pegar remos, devolvendo-os a Svolvaen e Björgen.

Nosso tratado foi firmado, para que Skálavík mantivesse sua independência, embora as forças de Björgen tivessem posto as de Skálavík de joelhos. Os navios de Svolvaen e Björgen seriam bem-vindos no porto e teriam preferência em todos os termos de troca. Em momentos de necessidade, prometemos que um ajudaria o outro.

Eu disse a Eirik sobre minha captura e a barganha que fiz com Eldberg para me manter viva. Em nome da paz que precisávamos, para o bem de Svolvaen, aceitou o que foi feito, embora tenha visto que isso consumia seu coração.

Quanto ao bebê crescendo dentro de mim, uma vez que sua surpresa passou, eu vi a incerteza que o oprimia.

— Há algo entre você e Eldberg? — ele perguntou. — Precisa me contar, Elswyth. Se houver amor... Seu rosto se contorceu, pois ele não conseguia expressar todos os seus temores. — E esta criança...

— Não, marido. — Eu trouxe meus lábios aos dele, deixando-o sentir meu amor através do meu beijo. — Só você tem meu coração, e o bebê está previsto para duas luas a partir de agora.

Imediatamente, a esperança substituiu o desespero, mas havia mais a ser dito. Eu tinha que contar tudo a ele. Não poderíamos construir um futuro com meias verdades. — Quase um ano atrás, foi embora, e muita coisa aconteceu que me trouxe tristeza.

— Me contou isso — respondeu Eirik. — Da crueldade de Gunnolf e suas exigências. Se tivesse vivido, eu o teria desafiado até a morte pela forma como a tratou. Do jeito que foi, os deuses fizeram sua própria justiça por sua traição.

Eu balancei minha cabeça, meus olhos ardendo. — Mas, a criança — Minha bravura me falhou. — E se...

Eirik espalhou seus dedos largamente sobre meu estômago. — Amarei a criança, quer carregue o sangue do meu irmão ou o meu próprio. — Ele esboçou um sorriso cansado. Vou ensinar o menino a ser um guerreiro valente, para que possa assumir o manto de Svolvaen.

— E se tivermos uma filha? — Eu levantei uma sobrancelha, afastando minhas lágrimas.

— Vou ensiná-la da mesma forma. Será como sua tia, Helka.

Pressionei minha mão sobre a dele, cheio de uma nova alegria. A vida estava crescendo dentro de mim. Uma criança que criaríamos juntos. Muito se perdeu: minha mãe e avó, e as crianças com quem cresci, minha primeira casa deixada para trás, minha senhora Asta, e muitos de Svolvaen.

A vida era frágil e a felicidade preciosa demais para ser jogada fora. Valia a pena lutar. Não sabia se poderíamos colocar de lado todo remorso, mas sabia que deveríamos tentar.

— Pode me perdoar, por tudo o que aconteceu? Acredita que sou digna de tomar meu lugar ao seu lado como sua esposa? — Quase tive medo de encontrar seu olhar, pois sabia que nada estaria escondido ali, mas ele olhou bem nos meus olhos.

— É mais forte do que qualquer mulher, até mesmo do que Helka! Pelo sangue de Odin, o que suportou! Tem a determinação de dez homens! Sempre foi forte, sendo como é. Sou eu que devo me esforçar para provar que sou digno de merecê-la.

Ele enterrou o rosto na minha barriga. — Agradeço aos deuses que ainda está viva e imploro que nada nos separe enquanto ainda caminhamos nesta terra. Não há paz para mim em um mundo sem você nele.

Nós nos beijamos então, ternamente e por muito tempo, lembrando a sensação dos lábios um do outro e a maravilha que era o nosso amor. Isso só ficaria mais forte, pois ambos havíamos aprendido o que importava, a crença, a confiança e o pertencimento.

Toquei a velha cicatriz que descia pela testa e bochecha de Eirik. Havia muitos mais, em seu torso e nas costas. Em mim mesma, a maioria estava escondida bem no fundo, mas eram tão reais quanto as de Eirik. Antes, poderia ter desejado que fossem embora, mas sabia melhor agora. As cicatrizes eram recordações de tudo o que vivemos. Eram lembretes do que

precisamos aprender se quisermos continuar e começar de novo.



Epílogo

2 de fevereiro de 961 DC

Agarrei a mão de Eirik, me preparando contra a crescente onda de dor.

— Economize suas forças, minha senhora. — Ragerta passou um pano frio na minha testa. — Ainda vai demorar.

Thirka acenou com a cabeça enquanto minhas feições relaxavam. — E o jarl, ele pode tomar um pouco de ar.

Eirik parecia abatido, mas disse: — Não vou embora.

Durante a noite, as duas mulheres molharam meus lábios com água e murmuraram orações por mim, mas minha fortaleza diminuiu, até que mal podia gritar contra os espasmos, minha respiração ficando superficial com a luz bruxuleante da lâmpada.

Estava quase amanhecendo quando Ragerta balançou meu ombro.

— Chegou a hora. Deve abaixar e empurrar a criança.

— Chega... Só dormir... — Queria fechar meus olhos novamente, mas Eirik esfregou minha mão entre as suas. Ele parecia tão pálido.

— Deve, Elswyth. Em breve teremos nosso filho e nossa vida começará uma nova temporada. Mas deve lutar!

Movendo-se para o topo da cama, trouxe meus ombros para descansar em seu peito.

— Juntos, faremos isso, esposa. Tem minha força e a sua própria.

Fizo que pediu, esforçando-me, grunhindo, forçando toda a minha

vontade na criança.

— A cabeça! — Thirka gritou. — De novo, Elswyth, e o bebê estará aqui!

Os braços de Eirik estavam firmes em mim. — Minha corajosa esposa, pode fazer isso!

Novamente me esforcei, forçando a dor para baixo, e fui retribuída com a sensação de uma grande mudança, de um peso movendo-se dentro de mim.

Engasguei e caí no abraço de Eirik, sua bochecha pressionada contra a minha.

Ragerta ergueu a criança para nós vermos, e houve um choro forte. — É perfeita, uma bela filha!

Ela colocou o bebê no meu peito e as lágrimas brotaram dos meus olhos. Durante toda a tristeza dessas temporadas passadas, tive a criança que tanto desejava, o tesouro mais precioso. Era a criação do meu corpo, milagrosa e pertencente a mim como nada mais havia feito.

Quando se aninhou em meu peito, Eirik pressionou sua boca em meu ouvido, sussurrando: — Eu tenho tudo. — Ele ergueu a mãozinha dela e eu vi o orgulho em seu rosto, vi que ele sentia isso também.

Seu cabelo era claro, como o meu. Como o de Eirik. Se ela era de Gunnolf, não havia nada em sua aparência para mostrar. Talvez nunca soubéssemos. Talvez isso nunca importasse.

Era minha e de Eirik e rezei para que ela soubesse, sempre, o que era ser amada.



Eldberg não merece seu próprio ‘feliz para sempre’?

Eu diria que sim... e estarei escrevendo isso para ele no próximo ano.

Tenho uma heroína planejada que é mais do que compatível.

Quer ser a primeira a saber quando será lançado?

Basta se inscrever pelo site da Emmanuelle para receber novidades em sua caixa de entrada.

www.emmanuelledemaupassant.com

Sobre o autora



Emmanuelle de Maupassant vive com o marido (fornecedor de chá e bolo de frutas) e seu terrier escocês (conhecedor de brinquedos estridentes e guloseimas com bacon).



https://my.sendinblue.com/users/subscribe/js_id/2pk5l/id/2

Informações Leabhar Books®

NOS ACOMPANHE E FIQUE
POR DENTRO DAS NOVIDADES



<https://www.leabharbooks.com/>



<https://www.facebook.com/leabharbooks/>



<https://www.instagram.com/leabharbooksbr/>



@LeabharE



<https://www.youtube.com/channel/UCOADJs8OeTIG89ycfsSfBQg>



<https://br.pinterest.com/leabharb/>

Quer receber marcador do livro gratuitamente? Envie o print da compra para o **E-mail Leabhar Books®**